

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ (CERES) – CAMPUS CAICÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ISABELA DE LORENA ZANIBONI

**SERTÃO E SERTANEJOS EM GUSTAVO BARROSO: O CONTROLE DE
ESPAÇOS E SUJEITOS**

Caicó/RN

2023

ISABELA DE LORENA ZANIBONI

SERTÃO E SERTANEJOS EM GUSTAVO BARROSO: O CONTROLE DE
ESPAÇOS E SUJEITOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História do Ceres do Centro de Ensino Superior do Seridó,
da Universidade Federal do Rio Grande de Norte, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
História, na área de concentração História dos Sertões.
Orientador: Prof^o. Dr^o. Evandro dos Santos

Caicó/RN

2023

ISABELA DE LORENA ZANIBONI

**SERTÃO E SERTANEJOS EM GUSTAVO BARROSO: O CONTROLE DE
ESPAÇOS E SUJEITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Ceres do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História na área de concentração História dos Sertões.

Aprovada em __ de _____ de 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Evandro dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

(Orientador)

Prof. Dra. Karina Anhezini de Araújo

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

(Avaliadora Externa)

Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

(Avaliador Interno)

Prof. Dra. Paula Rejane Fernandes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
(Suplente)

Prof. Dr. Bruno Balbino Aires da Costa
Instituto Federal Rio Grande do Norte (IFRN)
(Suplente Externo)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Prof. Maria Lúcia da Costa Bezerra - -CERES- - Caicó

Zaniboni, Isabela de Lorena.

Sertão e sertanejos em Gustavo Barroso: o controle de espaços e sujeitos / Isabela de Lorena Zaniboni. - Caicó, 2023. 201f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós-graduação em História. Caicó, RN, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Evandro dos Santos.

1. Cangaço - Dissertação. 2. História dos Sertões - Dissertação. 3. Construção do sujeito - Dissertação. 4. Historiografia - Dissertação. I. Santos, Evandro dos. II. Título.

RN/UF/BS CERES

CDU 930:316.7

Elaborado por Giulianne Monteiro Pereira Marques - CRB-15/714

AGRADECIMENTOS

A felicidade só é real quando compartilhada

(Christopher Johnson McCandless - Alex Supertramp.

Filme: Na Natureza Selvagem, 2007)

Este trabalho apenas foi possível pelo apoio e reconhecimento daqueles que conviveram comigo mesmo que já não estejam mais ao meu lado, pois foram fundamentais quando precisei e a eles todo o meu carinho pela paciência e esperança, a esses e aos que permanecem também me desculpo pelas ausências, pelos atrasos e por muitas vezes a irritabilidade em não saber se daria certo devido a tantas mudanças que deveria realizar e a tantos desafios que deveria enfrentar para fazer acontecer.

Sair do interior do estado de São Paulo para viver no interior do estado do Rio Grande do Norte vai muito além de coragem no viajar sozinha, mas sim na confiança daqueles que deixei por saberem que eu daria conta e aconteceu por eles, me mantive firme no estar sozinha e não conhecer ninguém por aqueles que conhecia e por aqueles a quem viria conhecer.

Primeiramente agradeço aos meus pais, Eliana e José Augusto, por confiarem em mim e acreditarem que eu teria força para terminar o que comecei, já que era algo que eu assumi em realizar. Muito além da força financeira, por me transmitirem a coragem de saber que estava tudo bem e que iria ficar porque vocês sempre estiveram do meu lado. Amo vocês.

Agradeço a minha orientadora na UNESP de Franca, Karina Anhezini de Araújo que desde o primeiro momento em que falei sobre o que gostaria de pesquisar, mesmo parecendo ser um assunto batido, não soltou a minha mão e se manteve ao meu lado. A senhora foi fundamental na minha formação como historiadora, sem exageros me ensinou a ler e a escrever como deveria, acalmou meu coração e me explicou sempre que tive dúvidas quantas vezes fossem necessárias. A senhora é, para mim, um exemplo do quanto podemos enquanto mulheres em um meio ainda tão machista e grosseiro, me respeitou e me apoiou quando decidi deixar a UNESP e tentar algo totalmente diferente, me instruiu e me orientou não apenas na formação acadêmica, mas no pensar em geral. Obrigada por tanto e por tudo.

Agradeço ao meu orientador da UFRN – Ceres, Evandro dos Santos que me acolheu com muita paciência e para além de orientador foi um amigo em momentos e lugares onde não conhecia ninguém. Agradeço a paciência, o incentivo e o

comprometimento não apenas com esta dissertação, mas também em relação aos meus receios quanto a me expor em aulas, me comprometer com apresentações e comigo como pessoa recém-chegada. O senhor me ensinou muito e sempre esteve disposto para conversar, entendendo que sou humana e que tenho minhas dificuldades pessoais, respeitou o meu processo e sou muito grata por tê-lo conhecido presencialmente.

Agradeço as amigas que mantive da faculdade Paloma Catelan e Marília Tofanetto onde pude expressar meus medos e receios perante a realização do trabalho e da viagem que fiz, já que estão passando pelos mesmos processos e dificuldades da realização da dissertação. Vocês são luzes na minha vida e carregarei a nossa amizade para sempre no meu coração. Vocês acreditaram em mim e eu acredito em vocês.

Aos meus amigos Gabriel Morais Xavier, Linea Inácio e Gabriel Titato que permaneceram ao meu lado, cada um em uma cidade, mas sempre em contato, ouvindo minhas conquistas e ficando felizes por cada passo dado para chegar até aqui. Dividir a conquista com vocês é uma felicidade imensa, pois sei que ficam felizes por mim, assim como fico felizes por vocês, obrigada por se manterem ao meu lado.

Agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa, pois não conseguiria ter a experiência presencial que tive caso não tivesse o financiamento.

Agradeço a equipe de trabalhadores e professores do Programa de Pós-Graduação em História do Ceres da UFRN que sempre foram solícitos quando precisei de qualquer informação ou ajuda, desde o dia em que entrei, até agora.

Tantas outras pessoas foram fundamentais nesse processo como a minha professora de História do ensino médio e fundamental Helena Zuppolini que foi a minha primeira referência do que eu gostaria de ser, do que gostaria de estudar. A senhora encantou todos os seus alunos e assim como sempre falo quando te vejo, você é grande parte do que eu escolhi ser hoje.

A fé nas pessoas e em Deus me ajudou a conciliar a distância, os medos, a solidão, a felicidade, as novas experiências e as oportunidades. Grande parte desse trabalho recai sobre a minha fé que me manteve forte diante da disciplina de fazer o que deveria ser feito, mas que também me proporcionou conhecer tantos lugares, tantas pessoas e tantos pontos de vista diversos.

Agradeço a todos que participaram direta e indiretamente desta realização.

RESUMO

O presente trabalho de dissertação busca identificar como o intelectual cearense Gustavo Barroso (1888-1959) a partir de uma análise de suas obras que datam de 1912 a 1930 constrói uma história dos sertões, do sertanejo, do cangaceiro e de si mesmo. Partindo das noções propostas por Michel de Certeau em sua *Operação Historiográfica* e por Michel Foucault em relação ao sujeito, busco com essa pesquisa entender como Barroso constrói o sujeito em sua escrita, de si ao outro e quem não é considerado sujeito em seu discurso. As fontes determinadas para a análise são: *Terra de Sol* (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (1917), *Alma Sertaneja* (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (1930). Obras que datam de espaços e tempos diversos, mostrando assim o desenvolvimento do pensamento de Gustavo Barroso sobre o tema e suas permanências em relação a um espaço e homem estáticos e inflexíveis, resistentes contra o externo e fadados a um destino. Características que diferem conforme o personagem do qual trata, delegando consciência a determinadas pessoas e outras não. A partir dessa análise, também procuro compreender como Barroso ajuda a construir uma imagem posterior ao seu discurso da região a que se dedica, fazendo com que discursos generalizados e naturalizados se mantenham ao outro daqueles ao qual fala, ou seja, ao Sul.

Palavras-chave: cangaço, sertões, sujeito, espaço, controle.

ABSTRACT

That dissertation paper seeks to identify how the intellectual cearense Gustavo Barroso (1888-1959) thought of a analysis of your books from 1912-1930 make a sertões, sertanejo, cangaceiro e himself history. Through ideas of writers Michel de Certeau with your thought of Operação Historiográfica and Michel Foucault about you thought about subject, I want with this work to understand how Gustavo Barroso do the subject in you write, of himself and the another and who is not considered subject. The books chosen for the work is: *Terra de Sol* (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (1917), *Alma Sertaneja* (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (1930). Books whit space ant time different. That show Gustavo Barroso development thought about the subject and yours space, men stabilitys, resistant Against the outer. Different features conform speaks the character, giving consciense for the specifics people. From this reflexion, I looking to understand too how Barroso helps to create pictures in your write of the area whos speaks, doing that generalized and naturalized speeches keeping for the anothers.

Keywords: cangaço, sertões, subject, space, control

Sumário

| | |
|---|-----|
| Introdução..... | 11 |
| 1 – Discurso sobre os sertões..... | 27 |
| 1.1 – Construção conjunta: a emergência de uma escrita nacional e dos sertões..... | 27 |
| 1.1.1– O sertão e a nação de Gustavo Barroso | 31 |
| 1.2 – Sertões vastos e uma discussão sobre história dos sertões: sertão não é um espaço homogêneo e nem sempre foi nordestino | 69 |
| 2 – Controle dos corpos (cangaço e explicações racistas para o conflito social) | 84 |
| 2.1 – A construção do homem | 84 |
| 2.1.1 – A construção do homem sertanejo..... | 85 |
| 2.1.2 – Religiosidade e cultura popular | 99 |
| 2.2 – O cangaceiro e suas justificativas | 106 |
| 2.3 – Controle dos corpos | 131 |
| 3 – Sujeitos Impossíveis: O sertanejo como objeto dos discursos de poder..... | 151 |
| 3.1 – Construção do sujeito: do autor ao outro..... | 152 |
| 3.2 – Criação de imagens e permanências | 177 |
| Considerações finais | 189 |
| REFERÊNCIAS | 195 |

Introdução

A presente pesquisa se concentra em estudar a escrita do intelectual cearense Gustavo Barroso (1888-1959) em cinco obras escolhidas como fonte: *Terra de Sol* (Natureza e Costumes do Norte) (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (Os Cangaceiros de Nordeste) (1917), *Alma Sertaneja* (Contos Trágicos e Sentimentais do Sertão) (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (Lampeão e outros cangaceiros) (1930). Nessa análise de escrita, partindo da noção de *operação historiográfica* de Michel de Certeau, compreendo o lugar social, a escrita e as práticas que Barroso utiliza, buscando analisar como ele constrói seu sertão, por meio de sua narrativa da história do cangaço, onde situa as populações sertanejas a partir do lugar de onde falam, em que posições coloca essas populações e, também, as formas de controle social que Barroso sugere para fazer com que essas pessoas entrem na civilização e ordem que vivia e almejava, ao mesmo tempo que revivia passados gloriosos de poder.

Destaco que tive acesso à fonte *Terra de Sol*, que teve sua primeira publicação no ano de 1912, apenas em sua segunda edição do ano de 1913, devido ter sido a única edição disponível que consegui encontrar por meio da biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) – UNESP campus de Franca. O livro *Praias e Várzeas* consegui acesso digital disponibilizada pelo site da Academia Cearense de Letras (ACL), na terceira publicação de 1979 que une os livros *Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja*. Em relação ao livro *Heróis e Bandidos* que teve sua primeira edição no ano de 1917, tive acesso também à segunda edição do ano de 1931, pela biblioteca da FCHS. A obra intitulada *Alma sertaneja* consegui em formato digital em sua primeira edição datada de 1923, assim como a obra *Almas de Lama e de Aço* de 1930 foi utilizada em sua primeira edição e também possui acesso digital.

A leitura das fontes proporciona, a partir da escrita do movimento do cangaço e do povo sertanejo, um entendimento dos ideais de nação e do que seria o popular em Barroso, tais quais suas crenças conservadoras, a importância das instituições da qual queria e depois fez parte, das teorias que o cercava e de como queria ser reconhecido. Assim, observo como importante destacar, como Barroso caracteriza e descreve esse meio e as ações dos sertanejos e dos cangaceiros, já que para o autor, o banditismo que surge é efeito e não causa das irregularidades e dificuldades. A partir desse movimento social que é o cangaço, elabora vias de controle social visando a população sertaneja, pondo-a como objeto do tempo e espaço. Utiliza também em sua escrita a construção de diálogos e da linguagem local, uma demonstração de identificação, de pertencimento no

assunto e também de diferenciação. Barroso disserta sobre aquilo que viveu e relembra, a memória e testemunho como autoridade sobre o que escreve, um homem nortista.

Barroso em seu livro de estreia no mundo literário, *Terra de Sol*¹ (2ª ed. 1913) utiliza seu pseudônimo João do Norte, obra publicada pela editora Benjamim de Aguiar, e publicado no Rio de Janeiro, dedica a obra à Félix Pacheco, Coelho Neto e Eurico Cruz. A obra é feita em cinco capítulos: I – O Meio, II – Os Animaes, III – O Homem, IV – A Arte e, V – A Lenda. Barroso carrega em suas obras um determinismo geográfico e acredita que o meio e o clima são um dos fundadores na formação do caráter humano, na sua ação e na sua educação, desta forma considero importante perpassar suas definições e caracterizações sobre o meio ao qual esse homem e esse bandido se formam. O terceiro capítulo é intitulado “O Homem”, o autor disserta sobre a população sertaneja que denomina em 3 tópicos: I – Typos Desaparecidos; II – Typos Anormaes (Cangaceiros e Curandeiros) e; III – Typos Normaes (sertanejos, fazendeiros e vaqueiros). Tal qual o primeiro capítulo, destaco que este é relevante pro desenvolvimento do estudo, desta forma, me desdobrarei mais atentamente sobre ele, em especial nos tópicos II e III. Pois, quando comparado com as outras obras analisadas, é possível ressaltar, em relação ao movimento do cangaço, uma diferença no posicionamento do autor e as possíveis causas de um sertão “em atraso”.

O livro *Praias e Várzeas* foi escrito originalmente em 1915, utilizo a terceira edição de 1979, que une os livros *Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja*, lançado pela editora José Olympo no Rio de Janeiro, que faz parte de uma iniciativa da ACL, juntamente com a Secretaria da Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará, e o Banco do Nordeste do Brasil chamada *Coleção Dolor Barreira*². Sua primeira edição foi pela editora Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro e Aillaud Bertrand em Lisboa. Abaixo de seu nome, novamente usa o pseudônimo de João do Norte e é dedicado ao seu amigo e primo Cel. Benjamim Liberato Barroso e a seu amigo Dr. Raimundo Pereira da Silva. É um livro organizado em contos, que se baseiam no folclore, nas superstições, nas credences populares e no sobrenatural que rodeiam o dia a dia dos homens e mulheres, além de perpassar sobre a vida simples, dependentes do meio e do tempo. Barroso coloca a influência da raça como fomentadora e influenciadora de toda ação humana. Desta obra

¹ Barroso caracteriza a obra como pertencente a uma modalidade: “sociologia sertaneja”. Livro este fruto da junção de vários artigos publicados em jornais. Ver mais em: MOREIRA, Afonsina. No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de doutorado. 2006.

² Disponível em forma online: <https://academiacearensedeletras.org.br/colecao-dolor-barreira/>.

pretendo destacar os contos que possam fornecer informações sobre o sertão e o sertanejo construído por Barroso, tal qual sua própria construção de escrita, seu saudosismo em relação ao que narra.

No que se refere ao livro *Heróis e Bandidos*, tendo sido sua primeira publicação no ano de 1917, analisaremos a segunda edição do ano de 1931, como anteriormente mencionado, o qual Barroso traz muito mais referências teóricas e de intelectuais em comparação ao seu livro de estreia *Terra de Sol*. Barroso se baseia em escritores e pensadores, tais quais: Taine, Henry Stendhal, Enrico Ferri, Charles Letourneau, Domingos Sarmiento, o filósofo Lucrecio, Audubon, Helbert Spencer, o estudioso em geografia Strabo, Jean-Charles Houzeau, professor Ximenes de Aragão, Theodor Waitz, Cesare Lombroso, o escritor francês Victor Hugo e os escritores brasileiros Euclides da Cunha e Pedro Baptista. Barroso dedica *Heróis e Bandidos* à Afranio Peixoto, livro este que foi publicado em suas duas edições pela editora Livraria Francisco Alves no Rio de Janeiro, destacando abaixo de seu nome, seu pseudônimo João do Norte e que faz parte da Academia Brasileira de Letras (ABL). Interessante observar que Barroso ingressa na ABL apenas em 1923, 6 anos após a primeira edição ser lançada do livro e em 1931, em sua segunda edição, já tendo ocupado lugar em várias instituições³, menciona fazer parte dessas instituições renomadas de saber, logo abaixo de seu nome na apresentação do livro.

Sobre a relevância das instituições no início do século XX, de acordo com Foucault no seu texto *A Ordem do Discurso* (1996), a construção de uma verdade se apoia nas instituições, tal qual o sistema de exclusão. Assim, as editoras, bibliotecas, faculdades, laboratórios tendem a regular indiretamente e diretamente os assuntos a serem divulgados. É mais importante que essas noções, como o saber é aplicado na sociedade é fundamental para nortear a construção dessa verdade, que quando vem apoiada por regimentos de instituições, tende-se a causar coerção em outras falas. Dessa forma, concordando que a construção de uma verdade se apoia e é apoiada por instituições de saber, acredito ser importante evidenciar a relevância das instituições no começo do século XX na legitimação do discurso e sua divulgação.

³ Barroso assume em 1922 a direção do Museu Histórico Nacional (MHN), é eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1923, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1931 e participa ativamente da Ação Integralista Brasileira (AIB) na década de 1930. Ver mais em: MOREIRA, Afonsina. No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de doutorado. 2006; CERQUEIRA, Erika. O passado que não deve passar: história e historiografia em Gustavo Barroso. Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP, Mariana, 2011.

Retomando a apresentação das fontes e da escrita a ser analisada, o livro *Heróis e Bandidos* é o qual Barroso mais se desdobra em relação aos cangaceiros, separado em dois capítulos: I – As Causas e II – Os Typos. Focarei mais em relação ao primeiro capítulo, onde o autor discorre sobre as causas do surgimento e a constância do cangaço no sertão já nordestino. No segundo capítulo, o autor escreve sobre diversos cangaceiros e famílias cangaceiras tentando achar comparativos e semelhanças entre eles, tentando encaixá-los nas definições, como criação de arquétipos⁴ de bandidos baseadas em Enrico Ferri.

Outra fonte analisada é a obra *Alma Sertaneja* publicado em 1923 pela editora Benjamim Costallat e Miccolis no Rio de Janeiro. Abaixo de seu nome, como nos outros livros, vem o pseudônimo de Barroso e seu demarcador social “(Da Academia Brasileira de Letras)”, dedicado à Luiz Murat. O livro é em formato de contos e por meio deles o autor perpassa as credices e os costumes populares do sertão nordestino. Essa fonte é interessante para observar como o intelectual coloca o sertanejo em sua escrita, identificando o lugar da mulher, assim como o homem humilde. No livro *Alma Sertaneja*, Barroso constrói seu retrato do sertão e do sertanejo, seus costumes, suas dificuldades, seus anseios e sua luta diária contra a natureza. Quando migram morrem, se ficam também morrem, não há saída para o sertanejo se não uma intervenção de outro de fora.

Em *Almas de Lama e de Aço* (Lampeão e outros Cangaceiros) uso para análise a 1ª edição publicada em 1930, a qual abaixo do nome de Gustavo Barroso vem a identificação de seu pseudônimo e da instituição da qual faz parte: da Academia Brasileira de Letras, publicada pela editora Cia. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos incorporada) – S. Paulo – Cayeiras – Rio e obra dedicada a: Edvard Carmilo. Traz autores literatos como o do príncipe Yussupov e de Cunninghame Graham e muitos outros cientificistas já citados em outros livros como Taine e Stendhal, além de se basear na imprensa, a qual muitos anos fez parte. No livro, Barroso aborda os cangaceiros como **efeito** e não **causa** do problema, ou seja, desdobra acerca dos problemas que geram os cangaceiros, sendo esses frutos do meio. Também discorre sobre a polícia e sobre a má governabilidade. Para corroborar e dar veracidade ao que traz em sua escrita Barroso

⁴ Esse termo se explica como um conjunto de imagens e ideias primordiais que se constroem no nosso imaginário ou são construídas por ele, para nos ajudar a definir histórias passadas, assim como algo que se torna um modelo inicial para as demais definições que se seguirão. Essa noção se desdobrará melhor no livro BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos: Os Cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed. 1931.

declara que todas as informações da obra há documentos que a tornam verdadeira e que provam o que escreve.

Das cinco obras escolhidas como fonte o que mais é comentado por Gustavo Barroso, depois da população sertaneja, é o cangaceiro e o banditismo no que o intelectual referencia como sertão. Meu problema de pesquisa é identificar o sujeito sertanejo na escrita barrosiana, dessa forma, busco compreender como se forma o homem sertanejo nessa escrita e quais as motivações que sofre ou que exerce. Como determinista⁵, Barroso disserta sobre a relevância do meio e do clima na formação humana, estando este homem fadado a ser bem-sucedido ou não, no que quer que faça a partir da análise de seu meio físico. Portanto, pretendo na dissertação perpassar seu estudo e interesse em relação ao sertão que narra, mostrando a partir da análise das fontes sua relação com esse meio e a importância deste na formação do homem sertanejo, visto que este não teria outra saída a não ser agir conforme o meio lhe proporcionasse agir. Rústico, inflexível, estável e mantenedor da tradição, o sertão, juntamente com suas especificidades, em especial as dificuldades, seria a causa da formação do homem sertanejo e do aparecimento do movimento do cangaço.

Acredito ser importante ressaltar sua escrita acerca do cangaço, pois sua explicação para o movimento, assim como a do homem sertanejo, envolve o meio, o clima e a miscigenação. O cangaceiro seria efeito dos problemas evidenciados pelo autor e não a causa deles, portanto evidencio sua escrita acerca do cangaço, pois a violência parece ser o resultado final da equação dos problemas, como se a mulher e o homem sertanejo(a) não tivessem outra saída do sofrimento imposto pela vida que não o crime. A violência parece ser o resultado mais rápido e óbvio obtido na reflexão do autor quando analisa a vida sertaneja, não que todos os homens e mulheres sertanejos viessem a se tornar cangaceiros ou afeitos a essa vida, mas tinham em si uma tendência para isso. É preciso reforçar também que na época de escrita das fontes analisadas (1912-1930) o cangaço é presente na vida dessa mulher e desse homem sertanejo, interferindo em suas vidas e assim, busco compreender qual era visão do próprio sertanejo, transcrito por Barroso, acerca do movimento do cangaço, a interferência que o movimento tinha em suas vidas e sua aceitação ou não do cangaço mostram como a sociedade sertaneja estava inclinada à um determinado tipo de violência e senso de justiça, fazendo com que o discurso também reforce imagens sobre a população sertaneja no geral. Quero evidenciar com a minha

⁵ Teorias raciais e cientificistas vigentes no final do século XIX e início do XX que marcam presença nos estudos humanos e sociais dessa mesma época.

dissertação, um caminho que reflita sobre a noção de descontinuidade evidenciado por Michel Foucault, ou seja, observar no texto disposto à análise, para além das generalizações impostas pelo autor, de noção de causa e efeito, e de uma consequência lógica.

Pretendo a partir da análise da construção desse homem sertanejo e do cangaceiro na escrita de Gustavo Barroso, identificar quem o intelectual evidencia como sujeito de sua própria história, ou ao menos, significativo para ser posto em sua escrita como sujeito, a quem Barroso identifica com nome próprio, faz uma biografia, a quem Barroso referencia como influente e qual a relação deste com a população e o meio. Posteriormente acredito ser possível identificar também, quem é legitimado como sujeito e protagonista de ações perante o público-alvo de Gustavo Barroso, ou seja, o Sul.

Como um estudo de uma escrita, parto do campo da História da Historiografia⁶, a qual é indispensável o conhecimento da realidade social que essa escrita abarca, especialmente em estudos que parecem limitar lugares e acontecimentos, para reinterpretar conhecimentos já consolidados. Mais do que entender a escrita da história, é possível que tornemos a historiografia um meio para também se fazer história (BALABAN, 2012). A área da História da Historiografia no Brasil, ganha maior destaque a partir do final do século XX e coloca novas questões ao estudo historiográfico.

De acordo com Manoel Luiz Salgado Guimarães, a historiografia é um campo de investigação histórica e deve ser entendida como pertencente a uma cultura histórica que tem em si vários outros modos de análise de produção de sentido e significado em relação ao passado. A nossa própria disciplina carrega sua história, baseada em tensões e memória, interrogar nosso passado como disciplina é tentar clarificar as operações que envolvem as escolhas feitas, reconstruir esses cenários de disputas faz com que compreendamos a escrita da história como um trabalho, como esforço humano de construção social (GUIMARÃES, M., 2005). Para o autor, depois de estudos como os de Michel de Certeau e Hayden White, há pontos significativos a se ressaltar para aquele que tem a historiografia como objeto de estudo: a escrita é desnaturalizada, ou seja, não é vista mais como sendo pura ou uma camada transparente do passado, mas sim, é vista como uma produção humana; há uma inversão do caminho historiográfico, ou seja, é realizada uma análise que vai do texto ao autor e não mais o contrário, o texto também

⁶ Considero pertinente explicar a área ao qual o estudo se insere, pois visto que o programa de PG – História dos Ceres da UFRN é relativamente recente, é importante consolidar essas discussões no intuito de contribuir para que a História dos Sertões se fortaleça no campo da História da historiografia.

forma o autor. É preciso observar que a cultura é central para compreensão das possibilidades de surgimento de um texto concomitantemente, o autor do texto ganha identidade a partir da forma que se expressa e; por último, a escrita viabiliza de forma inovadora a produção de fontes, fortalecendo a coletividade da lembrança (GUIMARÃES, M., 2005). Reanalisar a escrita da história não significa reparar erros e aprender com acertos, mas sim trazer novas possibilidades para esse fazer histórico. É importante ressaltar, que a escrita da história tem sua própria historicidade, ocupando um lugar no espaço e no tempo, sendo a escrita diversa e plural (GUIMARÃES, M., 1998).

Ao ter a produção do tempo histórico como sua maior identidade, a história da historiografia se libertaria de ser apenas uma auxiliar da história em geral. O campo vem contribuir para a destituição de discursos já dados, fazendo com que nos mantenhamos “abertos para a experiência e o pensar na história” (ARAÚJO, 2013, p. 41). Para além de descrever as formas de conhecimento do passado em seu próprio tempo, é preciso que a comunidade compreenda “as suas formas de produção e suas lógicas de transformação” (ARAÚJO, 2013, p. 43). Cada época deve ser julgada de acordo com seus próprios valores, cada produção também está sujeita a ser influenciada pelo seu contexto, o que não nos impede de olharmos criticamente para esse discurso de uma época posterior tendo a noção que o discurso fala por si mesmo e produz permanências no tempo.

Dessa forma, não apenas o objeto/evento é estudado, mas toda a história que os cerca, seus contextos e todas as formas que podem ser atingidos também entram na análise historiográfica. “Todo um novo campo de objetos tornou-se disponível e a história da historiografia teve seu prestígio sensivelmente ampliado” (ARAÚJO, 2006, p. 80). A imparcialidade do historiador e sua abstenção histórica é vencida, já que quando fazemos história temos que ter consciência da nossa própria historicidade. Assumindo a parcialidade da escrita, não elimina a historiografia de seu princípio que é “dizer do que aconteceu” (ARAÚJO, 2006, p. 88).

Em 1960 com a aproximação da história com outras ciências humanas, a universalidade do homem é debatida, ou seja, o sujeito histórico é revisto, assim como quem escreve sobre ele. A escrita histórica se torna debate em como ela pode influenciar na própria elaboração de um fato. O sujeito e o objeto histórico então se desnaturalizam fazendo com que deixem o plano metafísico e sejam considerados também construções históricas que estão à mercê do tempo que os induz (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

A invenção do objeto histórico é seu próprio passado e cabe ao historiador compreender as práticas desse passado que possibilitaram a formação desse objeto. “Os

documentos históricos são tomados como pistas através das quais se tenta rastrear o momento desta invenção, os interesses que estavam na raiz de dado acontecimento, os conflitos e as contradições que levaram a sua emergência” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 24). A história fabrica o sujeito e o objeto, mas o próprio sujeito e objeto inventam sua história. Durval Muniz de Albuquerque Júnior afirma que é inadmissível pensar que o fato se impõe ao historiador e que a história se faz por si mesma. É preciso que o historiador teça, por meio de sua lógica baseando-se nos documentos, a escrita da história. Ao produzir o objeto esse objeto define o sujeito.

O uso de autores diversos para explicar a área que me encaixo, entendendo que podem não concordar completamente em muitos pontos teóricos, faz sentido para compreensão da área que também implica a diversidade tanto do olhar ao texto quanto de seus objetos e passados. Não busco entrelaçá-los e relacioná-los, mas melhor elucidar a área ao qual me dedico e para melhor expô-la ao leitor, suas compreensões sobre a história fazem sentido e busquei expor suas definições que esclarecem a área e o seu objetivo na construção e análise histórica, pois oferecem a discussão sobre áreas que busco abordar no trabalho.

Gustavo Barroso é muito estudado por sua trajetória no integralismo, na política, e por ter atuado na direção do Museu Histórico Nacional (1922 – 1959), contudo o autor ao qual me referencio não é este. Segundo Foucault (2009), o nome do autor não é apenas um nome próprio, ele referencia sua obra. Quando falo de Barroso faço referências as obras que ele escreve e eu analiso e, não simplesmente um Barroso intelectual e cearense ou integralista. O nome do autor traz consigo uma relação de textos, opiniões que automaticamente o opõe a outros, ao referenciar um autor não remeto esse nome a pessoa que ele foi, a sua integridade, mas sim remeto aos textos que produziu, as suas características expressas no discurso, manifestando, mesmo que minimamente, seu modo de ser. “Ele (o nome do autor) manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura [...] A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade.” (FOUCAULT, 2009, p. 274 – parênteses meu). Partindo dessa noção, ao falar sobre Barroso o referencio como o autor das obras explicitadas como fonte e não um Barroso diretor do MHN e integralista como já muito reconhecido. Dessa forma, nesta dissertação não é sobre esse Barroso presente na imprensa, integralista e diretor de Museu que eu falo, mas sim do cearense recém-chegado ao Rio que quer se consagrar diante desse mundo intelectual. Algumas

referências sobre sua vida como deputado acredito ser importante a demonstrar, pois acontecem no mesmo tempo que a escrita das fontes e esses ideais estão presentes na escrita.

Essa pesquisa visa abordar e abrir caminhos para novos questionamentos, não se fechando em si mesma, menos ainda tem a pretensão de se colocar como única forma possível de abordar a forma de escrita do autor e, em específico o tema dessa pesquisa, sua abordagem sobre seu sertão, o cangaço e como enxerga o sujeito nesse contexto. “Afim, a história da história, no fundo, não passa de uma longa conclusão em aberto, em outras palavras, um convite a permanente reflexão” (GUIMARÃES, L., 2010, p. 32).

Tendo consciência e sendo relevante mostrar que parto dos questionamentos que o contemporâneo me transporta, acredito ser importante observar a escrita de um personagem muito falado no debate historiográfico do começo do século XX que é o homem branco e intelectual, ou seja, como a escrita desse intelectual que é conservador e se baseia em memórias, saudades de um tempo passado e que ocupa lugares de poder que legitimam suas concepções, tem a legitimidade para falar sobre o outro no que se refere a sua cultura e práticas, permitindo que haja uma reflexão sobre esses discursos e suas permanências. Discursos prontos e naturalizados sobre o outro, sobre lugares e origens que determinam a posição da pessoa como um possível sujeito ou apenas um objeto de estudo e sem autoridade sobre si. Discursos construídos que circulam a muito tempo, legitimados por diversas instituições de saber, que impõem ideias fixas e que devem ser desnaturalizados. Dessa forma, busco novas formas de abordar temáticas já aparentemente esgotadas, visto o contexto social e político do Brasil hoje, não procurando fatos encobertos, mas sim debruçar novos olhares para esses discursos impostos por Barroso e que muito contribuem para a construção de imagens do lugar ao qual fala para o lugar de onde fala, “a interpretação rearranja os fatos conforme as perspectivas orientadoras sobre o passado” (DIEHL, 2001, p. 42).

Muitas obras importantes já foram produzidas acerca da análise da escrita de Barroso, como as teses de doutorado de Elyaldo Gonçalves Dantas (2021) e Afonsina Maria Augusto Moreira (2006) e dissertações de mestrado como de Erika Moraes Cerqueira (2011) e Vinicius Ferreira Ribeiro (2021), entre outras. Destaco essas, pois são as que mais dialogo no decorrer da minha dissertação e as considero importante para evidenciar ainda mais meu problema de pesquisa que é os sertões. Gustavo Barroso foi estudado pelo seu viés integralista, saudosista, político e reconhecidamente diretor do Museu Histórico Nacional. Estudado também pela sua relação com o popular por meio

desse sertão que constrói e como valida esse sertão ao Sul pela política que realiza, onde está na época em que escreve as obras analisadas. *Terra de Sol, Heróis e Bandidos e Almas de Lama e de Aço* são as obras mais estudadas do autor quando o objetivo é demonstrar sua relação com sua origem e o que escrevia sobre o cangaço. Com essa dissertação, busco elucidar a construção do sertão na escrita de Gustavo Barroso, nas cinco fontes destacadas, em especial *Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja* que pouco são exploradas com o objetivo que proponho. Para além da construção do sertão e o interesse de Barroso para com o meio, busco identificar a importância que o cangaço carrega em sua escrita não apenas como formador de imagem do nascente Nordeste para o Sul, mas para a própria constituição do que se denomina sertanejo. Busco compreender como o homem sertanejo é instigado por elementos que provém de fora de si mesmo, nessa escrita, para se tornar o que quer que seja: cangaceiro ou um homem sem perspectiva. Nesse intuito, me diferenciando de outras obras produzidas acerca da escrita de Gustavo Barroso, busco identificar como o intelectual constrói o sujeito sertanejo ou não em sua escrita, quando lhe propõe voz e como essa voz é transcrita, quando lhe dá protagonismo em sua própria história e no meio ao qual vive. Para isso perpasso a preocupante e urgente escrita de uma nação, tendo o sertão como obstáculo e como Barroso constrói seu sertão.

O lugar do sujeito para Foucault, segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, tem formação histórica e social, determinado lugar que garante a existência de um sujeito se originou em um dado momento específico, criado a partir de práticas e discursos que o reivindicaram, também de certas decisões institucionais. A noção de sujeito reivindica uma determinada regularidade no agir, não por estar prescrito em determinadas regras, mas por estar em determinado código social, numa dada cultura, em um certo imaginário. “O sujeito é um lugar de prática e um lugar de fala, situado em um dado espaço e tempo específicos” (ALBUQUERQUER JÚNIOR., 2019, p. 272). O sujeito é relacional, ou seja, requer obediência a algo ou alguém, realiza certa ação. Sujeito como fabricação histórica, social e cultural. Se tornam resultado dos eventos e não seus iniciantes.

Gustavo Barroso se constrói como um autor nortista que escreve sobre um sertão que é seco, violento e produtor de ignorância por si mesmo, dando enfoque à criação de um espaço com imagens fixas. Contudo, colocar o cangaço e a violência como foco da dissertação seria contribuir para um discurso que vê a violência como essência e fundamento para a formação de determinados espaços. Essas imagens existem e fazem parte da construção da narrativa, principalmente por Barroso partir de um paradigma

determinista em relação a geografia e a raça, mas não é apenas isso. Busco evidenciar a problemática de memorar esse discurso e o quanto ele ainda é memorado atualmente. Segundo estudos de Foucault em sua obra *A Ordem do Discurso* (1996, p. 51-53), por mais que haja um contexto que carregue discussões e vários sujeitos façam parte delas, o discurso em si é algo descontínuo, pode se interligar, mas pode se excluir. Não há algo além da linguagem que una esses discursos, eles são permeados sim pelas instituições, bibliotecas e divulgadores do conhecimento em geral, mas sua fabricação é única. Assim, pretendo analisar nessa escrita que perpassa por essas características para entender o lugar que Barroso dedica ao sertanejo e porque em muitos momentos, ou em sua maioria, não é o de sujeito, assim como também constrói seu sertão verde.

Entendendo que o chamativo à região ao qual Barroso se identifica na época em que escreve as fontes que analiso (1912-1930) são: a seca, o cangaço e a ignorância, busco compreender em sua escrita suas passagens sobre o sertão verde; como constrói essa identificação com a região por meio do sentimento, mesmo que muitos não o considerem sertanejo, ele faz seu Norte; como constrói o cangaço como efeito e não causa dos problemas, partindo dessa formulação para formas de controle social; suas políticas públicas sugeridas que acarretam formas de subjugação do povo sertanejo e; como coloca a figura sertaneja apenas como passiva, sendo apenas receptora do outro.

Barroso diminui os acontecimentos, colocando as experiências do sujeito em causa e efeito e para analisar a discussão proposta que visa identificar a criação de sujeitos ou não em sua narrativa, busco uma reflexão que, em sua própria narrativa, os efeitos vão para além do óbvio esperado por Barroso e ele mesmo vai construindo uma consciência em determinados personagens, assim como os torna ativos. Para isso, concordo com o princípio da descontinuidade elaborado por Michel Foucault, onde os acontecimentos não seguem uma regra específica de causa e efeito entre eles, criando uma série de sentido e possibilidade, o acaso é também um produtor de acontecimentos. Acerca do princípio da descontinuidade entendendo que há efeitos sobre o discurso para que sejam produzidos, não podemos pensar que se retirarmos esses efeitos encontraremos um discurso ilimitado e contínuo. Discursos são práticas descontínuas, que se interligam, que se excluem e também por muitas vezes se ignoram (FOUCAULT, 1996). O discurso é um em si mesmo, a verdade está nele. Termos como: acontecimento, série, possibilidade e regularidade são usados por Foucault para análise, que identifica como opostos, respectivamente, à: criação, unidade, significação e originalidade.

A partir dos autores Rafael Vaz e Rodrigo Soler, “ao procurar uma história que não reproduzisse a identificação com o sujeito da razão ocidental, Foucault elaborou através de sua arqueogenealogia o que se poderia denominar de uma história do lado de fora” (VAZ, SOLER, 2021, p. 473). A esse olhar de fora, posicionar o olhar no lado externo, Foucault denomina como “pensamento exterior”. Esse pensamento do exterior, segundo Vaz e Soler, não procura na linguagem a identidade, mas procura o que não está inscrito na linguagem, abrindo passagem para novos pensamentos e resistências diversas. É um método que não busca a verdade última dos fatos ou do sujeito, mas que busca na linguagem as ordenações que concedem a essa verdade escrita lugares de poder, procura seus diferentes saberes e suas redes de associações que fornecem esse poder. Há uma valorização das individualidades nos casos históricos a partir dessa estratégia e uma compreensão não religiosa dos documentos. Não é uma estratégia abordada apenas a determinado objeto de estudo, mas uma postura política alerta ao sujeito na racionalidade moderna.

“O que interessa na pesquisa histórica é, em última análise, a conduta do homem dentro do âmbito das suas relações sociais” (DIEHL, 2001, p. 91), também, mas não apenas. As relações sociais interferem tanto no homem como este naquelas. Estando o documento fadado a usos, ele próprio se torna um objeto de estudo, um acontecimento. As narrativas, antes mesmo de serem produzidas, seguem acordos. Contudo a produção não expõe as regras ao qual foi submetido para surgir, há uma operação de recriação do documento, sendo ele mesmo um acontecimento em si. “Um acontecimento que é a própria emergência discursiva dos jogos de poder/saber, materializados na superfície dos textos documentais, os quais carregam consigo um imenso arquivo de enunciados” (VAZ, SOLER, 2021, p. 476). Documento e acontecimento como um, pois o acontecimento é fruto dos discursos. “A história em Foucault é um desvio contínuo em direção a um outro que não se sabe quem é, um outro fora de si e em si mesmo, no passado e no presente” (VAZ, SOLER, 2021, p. 477). A história em Foucault é das singularidades que se diferem, que não se encaixam nos discursos já prontos do regime de verdade ao qual são contemporâneos. Pratica a liberdade de colocar como possível uma outra história, fugindo da continuidade.

A partir dessa breve apresentação sobre as obras, o âmbito que a pesquisa ocupa e discussão sobre lugar do discurso e da linguagem, os objetivos a serem percorridos nos capítulos serão apresentados a seguir: o primeiro capítulo da minha dissertação tende a trazer questionamento sobre o *Discurso sobre os sertões*, separados em três subseções:

1.1 – Unidade da nação e o sertão como obstáculo nos primórdios da República, onde discutirei as noções de escrita sobre nação e como o sertão se insere nessas discussões, como ele seria a salvação da unidade nacional e vezes seu maior problema; *1.2 – Sertões vastos e uma discussão sobre história dos sertões: sertão não é um espaço homogêneo e nem sempre foi nordestino*, o qual trago uma discussão acerca de como o sertão, palavra que abrangia tantos espaços, se torna característico do sertão nordestino, assim como da importância de abordar novas formas de análise para não cairmos no mesmo discurso seco e violento e; *1.3 – Construção conjunta: a história individual de Barroso e seu sertão*, busco elucidar o interesse de Barroso nesse sertão nortista, suas afinidades de escrita, suas elaborações sobre o meio já que este seria o responsável pela criação e formação do sujeito.

Uma consideração importante a se fazer perante o capítulo 1 é que, minha análise parte das obras escolhidas como fonte, para assim identificar as reflexões que propus a fazer, contudo, entendendo o contexto social que o autor estava inscrito, há assuntos e demandas que o espaço permite que sejam criados, ou seja, o espaço e tempo que o autor estava inserido permite seus próprios questionamentos que possibilitam o autor a se interessar e escrever sobre, assim como a própria recepção da obra e sua aclamação mostram o quanto o assunto estava presente em seu tempo. Dessa forma, partindo da identificação do autor e da construção de seu tema com base nas próprias fontes, observo que seu tempo e espaço permitiram o interesse, a recepção e o clamor de determinados assuntos, por isso achei pertinente trazer as questões que estavam ocorrendo na época da construção das fontes, para não apenas identificar o espaço e o tempo que o autor se inseria, mas também para, junto com a análise das fontes, poder identificar sua construção como um intelectual que escreve e vem do Norte, que busca inserir o espaço do sertão em uma história nacional.

O segundo capítulo é intitulado como: *2 – Controle dos Corpos (cangaço e explicações racistas para o conflito social)*, divididos em 3 subseções, o primeiro: *A construção do Homem* que visa, por meio das fontes, identificar como Barroso constrói o homem sertanejo na sua narrativa as influências que sofre que o impedem de agir de outro modo, assim como a cultura popular presente na vida desse sertanejo, tal como a arte e a religiosidade que fomentam um agir; *2.2 – O cangaceiro e suas justificativas*: este momento abordo as fontes de forma cronológica sobre a construção do cangaço por Barroso, suas definições para o banditismo, suas explicações e soluções baseados nas teorias deterministas e raciais do período e anteriores, que usa para justificar seu

posicionamento. Assim como, fala sobre seus arquétipos e a identificação da diferenciação entre o sertanejo “comum” e o sertanejo cangaceiro e; 2.3 – *Controle dos corpos*: discorre sobre o controle dos corpos tanto do sertanejo “comum” quanto do cangaceiro visando integrar essa população de modo geral aos moldes civilizados dos grandes centros urbanos e litorâneos, assim como quais seriam essas formas de controle e como Barroso acusa as autoridades sertanejas de não serem aptas ao trabalho.

O terceiro capítulo 3 – *O sujeito impossível: o sertanejo como objeto dos discursos de poder*, que é dividido em outras 2 subseções: 3.1 – *Construção do sujeito: do autor ao outro*, onde busco identificar a construção de Barroso por meio de seu discurso de si mesmo como intelectual, por meio da legitimidade de seu discurso a partir da memória, do pertencimento e sua participação nas instituições de saberes e, como a partir disso faz a história do outro, tornando-o objeto ou sujeito de sua narrativa a partir da metodologia de Foucault e; 3.2 – *Criação de imagens e permanências*: abordo como Barroso ajuda a construir a imagem estática dos sertões nordestinos, baseado na violência, no calor e na aspereza tanto do meio quanto do homem. Como esses discursos perpetuam ainda hoje e a importância de identificarmos as representações que remetem a esses discursos estáticos.

As obras escolhidas como fonte percorrem um período de 1912 a 1930, ou seja, perpassam o espaço e tempo da Região Norte que depois oficialmente viria a ser denominada e reconhecida como Nordeste, como é explicada mais detalhadamente na subseção 1.1.2 dessa dissertação. O livro *Heróis e Bandidos* em sua segunda edição do ano de 1931 traz em seu subtítulo o nome da região como Nordeste: (*Os cangaceiros de Nordeste*) e na obra *Almas de Lama e de Aço* durante todo o texto a região é referenciada como Nordeste e não mais Norte como nas obras de anos anteriores. Dessa forma, a dissertação usa os dois termos, principalmente ao falar das obras com publicações depois da década de 1920, como sinônimos, pois assim é tratado nas fontes. Visando não cometer anacronismos, ou evitá-los ao máximo, acredito ser importante esse esclarecimento.

Essa dissertação faz parte de uma discussão mais ampla acerca da história dos sertões, sendo assim, a produção sobre essa temática se faz necessária também para além dos muros acadêmicos, visto que ainda hoje o discurso que acompanha o Nordeste é o mesmo que falar em seca, a não ser quando mencionado o litoral, que remete as características de paraíso. Viajar para o sertão é sinônimo de questionamentos diversos, tais quais os que tive na minha experiência. Questões como: o que há de interessante para além do litoral para conhecer? Com certeza muitos questionamentos e negativas, e

glorificações de que estava fazendo uma coisa corajosa, não apenas das pessoas do sudeste, mas também do interior do Rio Grande do Norte, onde tive a oportunidade de conviver. Percebi que o discurso de uma terra difícil, de muito calor e de complicações provém muito dos próprios habitantes do que hoje é considerado sertão do estado do Rio Grande do Norte, discurso presente no interior desse estado, como presente também no interior de São Paulo. Os sertões que tive a oportunidade de conhecer carregam tudo o que já li e o que me falavam pra causar arrependimento sobre vir: as casas de sapê, os animais, os cactos, o calor e algumas árvores secas. Mas muito além disso vi os prédios, os carros, os muros altos, as lojas, os restaurantes, as árvores verdes, chapadas, montanhas, pessoas instruídas, rodovias e muita chuva. Ambos os ambientes coexistem, sendo muito mais presente as urbes que o rural. A minha experiência não desmente nenhuma narrativa feita anteriormente, mas acrescenta. Vendo como essencial me por como autora do meu texto, acredito ser importante relatar a minha experiência como estudante e autora de uma História dos Sertões, não sendo diferente do que qualquer outra pessoa que escolha essa linha de pesquisa, por vim de um lugar diferente ou que necessariamente precisasse comprovar com meus próprios olhos e fazer um testemunho. Escolher essa linha de pesquisa é acreditar que há outros sertões possíveis e ajudar em sua divulgação, é tornar conhecido os sertões vastos e verdes, com suas cidades desenvolvidas e cheias de possibilidade.

O Mestrado em História dos Sertões visa a pluralidade, observado já em seu nome, dispensando uniformidades e totalizantes, mas observando a contemporaneidade e as diferenças. “Considerar que há vida a acontecer em lugares distantes, com tempos diversos, talvez seja um bom método de se devolver o humano aos nossos tempos” (SANTOS, 2020, p. 375). Como um ato político, o historiador deve escolher a fonte, o tema, e o que tratar a partir dessa fonte, ou seja, como um ato político ele deve escolher. O próprio arquivo/fonte é fruto de escolhas para que fosse produzido ou criado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019). Dessa forma, ter os sertões hoje como objeto de estudo é ter um ato político de vir contra os discursos tanto publicados nas mídias nacionais e hoje nas redes sociais que reafirmam um meio desértico, inflexível e sem nenhuma possibilidade, precisando de recursos de outros estados para sobreviver. É ser crítico quanto as manifestações culturais em defesa do Nordeste, proveniente muitas vezes dos próprios nordestinos, que reafirmam o estereótipo rural, seco e de macho valente. Pois, segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior os nordestinos, dessa forma, não são vítimas no âmbito político, também ajudam a construir uma

imagética, a partir do momento que se intitulam “nordestinos”. “Os próprios nordestinos constroem uma identidade que não é natural, nem essencial” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 17). Assumem uma postura ao mesmo tempo que são caracterizados pelo de fora com essa postura. E ainda, a historiadora Cláudia Vasconcelos destaca em seu estudo, que os nordestinos também ajudam na construção dessa imagem, já que o estereótipo que liga o homem nordestino ao rural não nasce apenas de um discurso do Sul, mas também é muito evocado pelo próprio Norte, claro que usados de forma diversas, mas que acabam construindo um mesmo discurso. O Norte se apresenta como forte, como resistente e formado pelo meio para sobreviver a qualquer coisa, em especial a seca e, também, como mantenedor da verdadeira brasilidade, por estar isolado dos grandes centros urbanos e das influências estrangeiras. “É, portanto, no discurso ambivalente das elites rejeitadas do Nordeste que, ao mesmo tempo, em que se exaltam, se deixam apresentar como pedintes, excluídos, marginais e miseráveis, vítimas da seca e da hostilidade da natureza” (VASCONCELOS, 2006, p. 08). Discursos que chegam até o final do século XX na escrita de Frederico Pernambucano de Mello que afirma ao falar da violência do ciclo do gado na formação da região Nordeste, antigo Norte que “neles houve de mais expressivo para a formação de um patrimônio admirável: a saga de um povo forte” (MELLO, 2013, p. 106).

1 – Discurso sobre os sertões

Nesse primeiro capítulo da dissertação busco analisar como Gustavo Barroso constrói seu sertão, por que ele tem interesse nesse espaço e como o conceito de sertão era concebido no início da República no Brasil no século XX. Concomitantemente a análise das fontes sobre a construção de um espaço físico para o sertão que, de categoria móvel, vai se fixar na região do Norte, hoje Nordeste, observo a emergência de uma escrita nacional e como Barroso vai consolidando uma identidade entre os sertanejos a partir da falta do território, para que assim se tornem uma sociedade homogênea que possa ser colocada no tempo da nação.

1.1 – Construção conjunta: a emergência de uma escrita nacional e dos sertões

Hoje é muito difundido a concepção de que há vários sertões e a desnaturalização do espaço como sendo único à região denominada Nordeste, contudo, com a independência e principalmente com a instauração do sistema político republicano, os intelectuais aderem para si, no final do século XIX e início do século XX, a missão de descobrir ou desvendar o que era ser nacional, o que constituía as características comuns que abarcavam as pessoas para se sentirem partes de um único espaço, de uma nação e a união desse território. Acredito ser importante trazer a discussão sobre a formação da nação, assim como a formação dos sertões, mesmo que já bem debatida entre os profissionais da área, para elucidar as questões que abrangiam os intelectuais da época e assim também Barroso, para poder questionar seus interesses sobre o tema, mesmo seguindo a noção de que o discurso fala por si mesmo e que Barroso é construído por seu próprio discurso, seu tempo e espaço permitem os questionamentos presentes nas fontes, assim como, a partir da sua receptividade, mostra como o assunto era debatido.

A partir das fontes, é possível observar que Barroso se insere nas discussões de sua época, estando preocupado com o futuro da nação e assim como sua formação, ou seja, a integração de territórios considerados vastos e vazios como parte de um todo. Territórios esses denominados como sertões que ora eram considerados problemas, ora a solução dessa nação. Situando o intelectual nesse momento de discussões nas primeiras décadas do século XX, pretendo nessa primeira parte da análise de sua escrita elucidar como o intelectual constrói e forma seu sertão, partindo de suas memórias e saudosismo que nos fornece respostas de seu interesse sobre o espaço do qual fala e também para aqueles à quem fala, para depois nos capítulos 2 e 3 dessa dissertação, refletir as teorias

cientificistas e raciais da qual utiliza, assim como nas instituições nas quais se respaldava para legitimar seu discurso. Podendo assim, elucidar seus posicionamentos frente a história nacional-popular que muito lutou para construir e ser reconhecido por isso.

Discorrendo primeiramente sobre o termo sertão, hoje podendo ser considerado como “sertões”, e seus usos, é uma palavra que denomina um lugar. Considerando importante as pesquisas que vieram antes desse estudo, Déborah Scheidt destaca que as palavras usadas para descrever os lugares, não são das pessoas que lá habitam, ou seja, é um olhar e definição vindos de fora, “nomear significa impor algum tipo de ordem e controle sobre a vastidão e o caos, validando, assim o projeto colonialista” (SCHEIDT, 2010, p. 81). A denominação de um lugar como sertão, automaticamente, nos remete que há um olhar externo voltado para esse lugar (MORAES, 2003). O historiador Albuquerque Júnior explica que, conceito é um conjunto de imagens, um arquivo que abrange variadas perspectivas de uma mesma coisa. O conceito em si também se torna um acontecimento, é uma junção de várias temporalidades e sentidos. “O conceito é um arranjo provisório de figuras, é uma arquitetura e uma estrutura mais ou menos coerente e consistente de imagens, dependente das forças sociais, institucionais e políticas que o sustentam” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 228). O conceito é regido pela política, seja do discurso, seja das ações humanas.

Vitória Saramago, aponta que o termo sertão provém, possivelmente, da palavra “desertão” que significa um grande deserto, já utilizado para definir o interior do território português no fim da Idade Média e, no século XV, utilizado para definir outros lugares ocupados por Portugal que não tinham fácil acesso. Na colônia há uma resistência a exploração do interior, devido “a distância e indeterminação do sertão” (SARAMAGO, 2015, p. 234), que é veementemente tratado nas crônicas e relatos. Ainda, depois da independência, o sertão teria se tornado uma categoria móvel.

Janaina Amado aponta que desde o século XIV há registro do uso da palavra sertão pelos portugueses e, no século XVI a palavra era usada também por viajantes como interior, como espaço a se colonizar (NEVES, E., 2003). Nesse mesmo século, segundo Tiago Bonato, o imaginário do sertão bárbaro contra um litoral civilizado já se formava por meio de uma influência barroca. O sertão significava liberdade para aquele que fugia, ou seja, espaço de selvageria, seus habitantes seriam fundamentais na construção de um sertão oposta à civilização (BONATO, 2010). Antes da independência, no século XIX, a palavra sertão ou sertões, era utilizada amplamente com significado estabelecido de terras sem leis, despovoadas de pessoas civilizadas e longe do litoral (AMADO, 1995), como

também, o termo era utilizado como semiárido ou lugar que se relacionava a determinadas práticas sociais e econômicas (NEVES, E., 2003).

Deste modo, “‘sertão’ foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização” (AMADO, 1995, p. 148). O sertão se forma a partir daquele que o narra, ou seja, do anunciante, o qual ao mesmo tempo que o litoral se construía o sertão também era construído. Para o colonizador, sertão era espaço a ser conquistado, onde esse sertão depende de quem fala sobre ele.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, até o começo do século XX o termo sertão designava toda área brasileira que ficava distante do litoral, o sertão estava presente em todos os lugares como sendo o oposto da civilização, do progresso e da ilustração. “O sertão seria marcado pela ausência do Estado, pelo poder discricionário dos mandões, dos valentes, dos destemidos, impérios das armas e do crime, da luta em defesa da honra, terra a exigir destemor e coragem” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 21). No início do século XIX o conceito de sertão carregava ainda seu significado original de ser uma terra longe de outras terras, do interior, referenciava terras inalcançáveis pelos navegadores que chegavam já no século XV.

Como espaço construído e tendo suas delimitações flexíveis, como destacado por Saramago, acredito ser importante falarmos sobre a noção de sertão como uma categoria móvel e para isso, trago uma discussão sobre fronteiras feita por Candice Vidal e Souza. O sentido de fronteira no material social, segundo a autora, nos informa sobre a particularidade nacional dita pelos intelectuais locais, discursos políticos que falam de exemplos sobre a originalidade do país onde a fronteira influenciaria proposições sobre um país único. A fronteira renomeia significados no pensamento sociográfico do que é o Brasil, “trazer o nome fronteira para as avaliações sobre o Brasil não faz mais que deixar intacto o lugar do sertão na autodefinição dos brasileiros” (SOUZA, 2015, p. 136). A fronteira é fruto de simbologias aderidas pelo povo ao espaço, no Brasil a fronteira mobiliza os intelectuais, utilizando-se de exemplos de outros lugares, sendo tida como contraste. “A comparação entre nós e outras nações torna-se ocasião imperdível para realçar como se posiciona a especificidade nacional diante da variedade de histórias nacionais” (SOUZA, 2015, p. 136). Querendo mapear a brasilidade, os intelectuais afirmam que a ocupação interna deveria passar pelo sertão e chegar até a Amazônia e essa noção de ocupação sertaneja é fundamental à construção de fronteira.

O começo dessa simbologia (o imaginário de fronteira no pensamento brasileiro) surge com a discussão do sertão ser um problema ao nacional, mas não qualquer sertão e sim aquele central, o espaço considerado vazio, “a introdução de descrições sobre a fronteira é determinada por uma rede semântica preexistente. A antropóloga afirma que a fronteira é, acima de tudo, símbolo que localizaria as qualidades do que é ser nacional, o espaço e oportunidade de crescimento do povo e do país. “Fronteira, então, tomada como parte de uma narrativa maior, que a engloba em suas tramas de significados e valores” (SOUZA, 2015, p. 138), mas formadora também de uma narrativa aberta a autores antes não visíveis, autônoma e inovadora. A fronteira vem como a estabelecer limites fronte a outros países na inserção ao interior.

Quando o Brasil começa a crescer no interior há a expansão dessa fronteira, “a fronteira vem a ser intermédio entre um Brasil ‘cultivado’ pela civilização e outro ainda bruto, muito sertão”, sendo preciso expandir a nacionalidade para o interior. Ocupar esses lugares está a construção nacional, ocupar espaços que o povo sabe que pertence a eles e “forjam a existência de seu povo” (SOUZA, 2015, p. 139). Sertão e floresta são espaços colocados para ocupação, contudo ambas não têm a mesma importância para a concretização da nação. O sertão seria espaço de povos diferentes, cada qual com a sua particularidade em processo de transformação à uma raça nova, uma original brasileira. Os brancos estrangeiros pouco adentravam ao interior, pois se o fizessem deixariam de ser estrangeiros e teriam duas opções: “ou ficar brasileiro-mameluco-mulato ou perecer pelos tormentos do sertão” (SOUZA, 2015, p. 140). Apenas pessoas locais, nacionais, por meio da miscigenação teriam força para tomar o sertão. É nesse espaço que nasce o nacional e a nacionalidade autêntica.

As origens nacionais se denominam pelo fortalecimento de fronteiras não das bordas dos mapas, mas sim a partir de seu interior: o sertão. Quer se chegar a um sertão vazio, vasto. “Por esse trajeto, passa a epopeia do nascer e renascer da gente brasileira”, ou seja, o trajeto de ir até o interior. A autora afirma que todos os intelectuais apontavam para o interior do Brasil como centro nacional. É nesse vazio que se encontrariam a riqueza natural e humana. “Quantias e qualidades se trazem do sertão, ganhos econômicos e aumento de brasilidade são frutos do deserto outrora vazio, agora fronteira e fertilidade” (SOUZA, 2015, p. 143).

O Brasil precisava ser pioneiro para construir uma nação sólida. “Rumar para os sertões é ato fundante da nacionalidade que continua e jamais se completa, ressurgindo em novas formas”. A fronteira é na sociografia, de acordo com a antropóloga, um desejo

de conquistar o vazio, a partir de uma ação planejada que retiraria o potencial econômico desse espaço. Transformando esse espaço, se transformaria toda a nação, pois essa nação precisava de unicidade, de espírito, de pessoas e de território. “A sociografia finda por construir a ideia do Brasil em expansão contínua por seu sertão à procura da unificação nacional” (SOUZA, 2015, p. 158).

Essa exposição permite observar que a noção da categoria sertão, ou sertões, é móvel e que está entrelaçada com a construção nacional devido ao significado de vasto e vazio que carrega. Contudo, mesmo sendo móvel e mudando seu significado a partir dos séculos, Barroso constrói seu sertão e sertanejos como naturalizados no tempo e espaço, como se sempre fossem de tal forma, torna-os inflexíveis e imóveis. Essa escrita permite caracterizar ao outro determinados espaços e pessoas, e a partir da análise desse discurso, pretendo compreender a força dessa fixação do homem e da terra e, como a narrativa transforma em natural e óbvio conceitos e termos móveis, para que haja o controle tanto do homem, como do espaço.

1.1.1– O sertão e a nação de Gustavo Barroso

Gustavo Barroso carrega em suas obras um determinismo geográfico e acredita que o meio e o clima são determinantes na formação do caráter humano, na sua ação e na sua educação. Nesta subseção pretendo analisar a escrita do intelectual nas cinco obras selecionadas como fonte em relação a como se refere ao sertão e o constrói para seu público leitor, intercalando discussões com a bibliografia. Tratarei também suas referências quanto ao sertão e sua constituição física que seria determinante para ação do sujeito ou, melhor dizendo, seria determinante em dizer se o homem se tornaria sujeito ou objeto da história, focando principalmente, nesta primeira apresentação e discussão das fontes, em analisar como Barroso nos passa sua visão do sertão físico, sua constituição geológica, seu clima, árvores, chuva e tempo, para posteriormente observar sua narrativa sobre a mulher e o homem sertanejo(a) que vivem e sobrevivem nesse meio.

O primeiro livro analisado é *Terra de Sol (Natureza e costumes do norte)* de 1912, onde uso a 2ª publicação de 1913. Mesmo que denominando no título que se trata da natureza e costumes do Norte, o autor foca especialmente no Ceará. Na obra, o primeiro capítulo é denominado “O Meio” que se subdivide em três tópicos: I – Seca e Inverno; II – A Entrega (pecuária) e; III – O Roçado (agricultura). Destaco esse capítulo e seus tópicos, pois Barroso, considera de extrema importância a formação do meio na vida do

homem, assim, acredito ser importante destacar a relação que o homem, a partir do meio, desenvolve com a vida, com os animais e com a atividade de plantio em sua escrita, dando mais enfoque nesta subseção às suas considerações sobre o meio físico. Destaco também que minha intenção com as obras, é trazer para reflexão, apenas algumas partes que permitam uma análise de sua construção sobre esse espaço geográfico e imaginado.

No tópico I o autor fala da diferença entre o interior e o litoral, destacando as serras e o solo coberto em grandes áreas por granitos e rochas, interior esse denominado sertão que tem apenas duas estações: Seca e Inverno, sendo possível sobreviver à seca que começa no mês de junho e vai até dezembro, apenas com as colheitas e frutos obtidos no Inverno (BARROSO, 1913, p. 10). Nesses meses, o sertão é sinônimo de dor e tristeza para o autor do Norte, os animais, as plantas e as paisagens ganham características humanas de sofrimento e de esperança pela volta das chuvas, a seca se torna sinônimo de morte de tudo o que vive no sertão. “A natureza compungida tem o desolado aspecto da desgraça e se recolhe no grande silêncio do sertão combusto” (BARROSO, 1913, p. 13-14). A fome ganha rosto e forma: são os animais e homens doentes e esqueléticos. Baseada em autores como Anthony Smith, a historiadora Maria Elisa Mäder destaca que uma das formas de conectar a paisagem às pessoas era transmitir caráter dessas pessoas à paisagem, “convertê-las em propriedades e expressões de um povo que, em consequência, se reconhecem e tratam como algo único” (MÄDER, 2008, p. 264), criando-se panoramas étnicos.

Contudo, quando chove, Barroso também afirma que isso é ruim por sua esporadicidade, ou seja, em momentos que as plantações precisam de sol, chove e quando precisam de chuva, ela não vem (BARROSO, 1913, p. 15). Compreendo que a vida sertaneja é passada como se tivesse mais em comum os momentos de tormenta e flagelo do que os de calma e tranquilidade, são cercados pela melancolia na paisagem e nos animais e, por eles são representados se enquadrando numa literatura nortista, que segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2017), o Ceará era reconhecido como espaço da seca. Essa literatura da seca aborda bastante sobre o tema das epidemias junto com a intempérie; a morte dos animais e pessoas por sua consequência; a terra rachada; rios secos; entre outros.

Novamente, Barroso ressalta que, muitas vezes, nem é só o problema da água que traz miséria ao sertão nortista, mas sim a falta de pasto e de comida. Quando o gado morre de fome, Barroso afirma que é:

quando o nortista mostra sua energia inflexível, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, e mais se robustece sua titânica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desânimo, um instante de desencorajamento – e o sertão esmagal-o-á. Mas elle não se abranda nem se verga. Só contra a impassibilidade da natureza, lucta, lucta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate (BARROSO, 1913, p. 25).

E ainda afirma “que a sêcca é um factor de progresso, porque fórma e molda uma raça de fortes” (BARROSO, 1913, p. 25). Com essas citações percebemos que o sertanejo não tem outro destino a não ser lutar contra a natureza e essa luta é comparada a uma batalha, onde aquele que migra é tido como desertor, que abandona os seus e a linha de frente. É honroso lutar pela vida, vida imposta pelas intempéries que não abalam o sertanejo viril. Barroso carrega uma admiração militar e imperial⁷, onde as batalhas em defesa do seu, da nação, do povo, são honradas e justas.

Na sua formação do território, o intelectual destaca que quando realmente a chuva não vem, nem no Inverno, há a crise da seca e quando migra para o Sul ou o Amazonas, o sertanejo leva consigo a alma que o sertão nortista moldara, ou seja, uma alma corajosa e valente. A luta contra a seca chega a ser formidável, segundo Barroso, que considera uma luta humana contra uma natureza inteira (BARROSO, 1913, p. 31). Interessante observar que algumas dessas noções formuladas por Barroso permanecem até os dias de hoje, quando o nordestino e nortista, mas principalmente o primeiro, é considerado trabalhador quando sai de sua terra e emprega sua força de trabalho em outros estados como foi a massiva leva de migrantes nordestinos no século XX para estados do Sul e para o Amazonas. Contudo, quando permanecem em seus estados de origem são vistos e

⁷ Gustavo Barroso vê na militarização a força para conduzir a história do Brasil. As missões militares ocorridas desde a época da monarquia são tidas como fundamentais e essenciais “para a constituição da nação e manutenção de suas fronteiras” (CERQUEIRA, 2011, p. 93). Barroso concebe na guerra a oportunidade de união nacional e tem como possível uma escrita da nação apenas a partir da biografia de sujeitos belicistas. Na carreira política, Barroso faz projetos de leis que visavam unir o exército atual à tradição da colônia e da independência, onde o “elemento militar seria o elo perfeito” (DANTAS, 2021, p. 49). A colônia, a República e o Império estariam unidos num culto da tradição militar que deveria ser resgatada. Como diretor do Museu Histórico Nacional (MHN), Barroso dá grande espaço à História Imperial e o culto ao armamentismo. Há uma relação de tradição com o exército “tradição e patriotismo eram os ensinamentos maiores para aqueles que viessem a conhecer a história militar do Brasil” (MOREIRA, 2006, p. 237). O culto ao militarismo por meio das exposições do Museu provém também de sua atuação como integralista. Ver mais em: CERQUEIRA, E. M. O passado que não deve passar: história e historiografia em Gustavo Barroso. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP, Mariana, 2011; DANTAS, E. Os (In)Desejáveis: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920). Tese de Doutorado. UFC/Fortaleza. Programa de Pósgraduação em História Social, 2021; MOREIRA, A. M. No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo: Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2006.

nomeados como preguiçosos. O sertanejo é considerado trabalhador quando emprega sua força de trabalho, criatividade e ideias para outros que não os seus conterrâneos, como se precisassem da validação do Sul que são capazes de fazer algo nacional, visto que não são/estão em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

No tópico II, Barroso afirma que pela criação do gado, apesar de ser sem “inteligência”, é possível observar a honradez sertaneja, visto que o gado vive solto e não é roubado (BARROSO, 1913, p. 47-48). Nas práticas e tradições sertanejas há o envolvimento de crenças e superstições, em que o autor considera algumas festividades como “infantis e primitivas”, compara-as a eventos da Europa Medieval.

No segundo capítulo intitulado “Os Animaes”, Barroso subdivide o capítulo em quatro tópicos: I – O Cachorro, II – O Cavallo, III – O Gado e, IV – As Avoantes. Não vou me debruçar especificamente, pois traz informações que já foram reiteradas quando tratou do gado, dando destaque apenas ao comportamento do homem com os animais que, de acordo com Barroso, são ditadas pelo aspecto físico do meio. O autor começa evidenciando que há muitas particularidades na vida “áspera e rude dos sertões do Norte” (BARROSO, 1913, p. 73). Barroso dá destaque aqueles (animal ou homem) que sofrem, tanto pelo habitat difícil quanto pelos maus-tratos dos homens rudes, que lutam diante da natureza e as intempéries, o martírio recebe exaltação.

No sertão, tudo que Barroso menciona com destaque, apesar de haver partes onde o autor ressalta o sertão florido em específicas épocas do ano, é relacionado à tristeza: o meio, os animais e o homem. Esses dois últimos, em especial o homem, são mártires do meio, do clima, do atraso, da miscigenação⁸ e do fanatismo religioso. “A vida é muito difícil: cada qual cuida de si: quem enfraquece e cae é esmagado” (BARROSO, 1913, p. 89). Os animais teriam ficado mais resistentes a partir da convivência com outras raças e do convívio com o meio inóspito, sendo essenciais para a vida do sertanejo. A partir do exemplo da vivência com os animais, pode-se observar como Barroso vai construindo um passado em comum e generalista ao sertanejo que sobrevive no sertão, como homem e terra se unem e formam, não apenas um indivíduo, mas uma sociedade toda pautada em semelhanças que cabem a todos.

O terceiro capítulo é intitulado “O Homem” e neste o autor disserta sobre a população sertaneja que separa em 3 tópicos: I – Typos Desapparecidos; II – Typos Anormaes (Cangaceiros e Curandeiros) e; III – Typos Normaes (sertanejos, fazendeiros

⁸ Para o autor, ao falar dos animais, a questão da miscigenação também é relevante, que será mais explorado no capítulo 2 da dissertação.

e vaqueiros). O interior de estados que estão mais afastados do litoral e assim da civilização, do policiamento, e também por conta da localidade geográfica, segundo o autor, são o maior centro de manutenção do banditismo⁹.

No tópico I do terceiro capítulo, o qual não me alongarei muito dando enfoque apenas no que acredito ser importante para compreensão de sua escrita saudosista, Barroso comenta sobre profissões que foram extintas no sertão com o progresso da civilização, assim como foram se acabando muitos costumes, tradições e a cultura oral. Ao falar de uma profissão específica que o progresso teria sido o culpado pelo fim, está “o passador de gado”. É uma memória viva na cultura popular e oral que o progresso retira da realidade das pessoas, ou seja, o progresso modifica o popular, retira-os de seu conhecido e normal cotidiano, ao qual já estão acostumados. Essa profissão é trazida à escrita de Barroso, por acreditar que são modelos da coragem e valentia sertaneja por enfrentarem diversos perigos nas estradas (BARROSO, 1913, p. 110).

No tópico III do mesmo capítulo, citando o escritor francês do século XIX, Victor Hugo, o autor afirma que a alma do sertão forma o homem (BARROSO, 1913, p. 167), e para validar o que defende, Barroso compara as qualidades do homem com os animais e a paisagem: sóbrio como os animais, rude como as rochas e hospitaleiro como um homem primitivo, a luta com o meio só aflora a inteligência delegada pela sua ancestralidade. “A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão” (BARROSO, 1913, p. 177). Quando em combate, é ágil assim como o céu do sertão, o qual as nuvens vêm e vão com rapidez, lutando com a ferocidade da seca. Generaliza as vestes sertanejas quase todas de couro, relembrando o chão que pisam; os sertanejos são tristes e ressentidos, guardando em si as tristezas da terra; os cantos são lamentosos, assim como o olhar e; quando a música é animada sempre tem ao fundo o som da natureza cansada e cheia de lástima. Todo sertanejo deseja e anseia por algo, novas terras, novo viver, deseja migrar e com coragem migra.

Em outras literaturas nortistas como a de Rodolfo Teófilo em sua obra *A seca de 1915* escrito em 1922, Frederico de Castro Neves destaca, em relação a migração que Barroso também trata em sua obra, que para Teófilo, aquele que no primeiro sinal de seca já migrava era vagabundo e poderia ser facilmente expatriado, ou seja, colocado nas políticas de migração, pois aquele que tinha bens, terras e era realmente trabalhador se recusava a sair com facilidade de sua terra, lutando e trabalhando para se manter, esse

⁹ Os cangaceiros são importantes personagens nesse sertão de Barroso e falarei sobre eles e, mais detalhadamente sobre suas concepções sobre o sertanejo, no capítulo 2.

sim, deveria ser recompensado (NEVES, F., 2014). A imagem do migrante esforçado, bruto e honroso corrobora essa imagem de amor à pátria, a terra e ao ser sertanejo.

Há a criação de uma identidade que constrói imagens vistas até hoje, em um sentido de analisar e ressaltar que o Nordeste como um todo é resistência, como se toda a região sofresse com a seca e a seca fosse algo permanente e não esporádica. Visão de um povo em sofrimento e rural, vistos muitas vezes como “coitados” por não terem os artigos de luxo e conforto que provém de uma vida na cidade e por isso, mais uma vez, são esforçados, por mesmo assim continuar insistindo em viver. Vistos como a alma nacional, o verdadeiro povo brasileiro, e em época de eleição tidos como aqueles que “carregam o Brasil nas costas” hoje. Imagens que são bonitas, que são representativas, mas que carregam no fundo um estereótipo do que muito é falado sobre o sertão do Nordeste e os nordestinos, que é a visão da resistência, do martírio, da luta constante pela sobrevivência.

Com destaque na análise de *Terra de Sol*, Afonsina Moreira afirma que Barroso narra a vida no sertão cearense, o qual é intermediário entre uma linguagem oral e uma escrita oficial. O diálogo proposto na obra, que foi fruto de vários artigos publicados em jornais, dá a impressão de alguém que para além de analisador, parece participante daquele meio. “Na medida em que Barroso se posicionou como um testemunho intentou garantir um estatuto de verdade aos seus escritos” (MOREIRA, 2006, p. 97). Elynaldo Dantas, em relação a mesma obra, destaca que Barroso se porta como testemunha viva e fidedigna de sua narrativa: os costumes do Ceará, do povo, da região e sua natureza: homens e animais. A espacialidade é construída em sua escrita, visto que o espaço se forma também devido às suas características simbólicas. Além de testemunha do real, Barroso cria seus reais, suas obras trazem suas maiores preocupações: “espaço, tempo e identidade fraturados pelas forças do progresso e da modernidade” (DANTAS, 2021, p. 103). *Terra de Sol* é uma obra construída ao avesso do que Barroso vivenciava na urbe do Rio de Janeiro, nesse sertão o tempo não passa e com ele se mantém as estruturas, que são frutos da miscigenação que de forma paradoxal demonstram o atraso no sertão (DANTAS, 2021). *Terra de Sol* não é apenas a origem de Barroso, mas também sua construção, a invenção da região é também a invenção de uma trajetória. A saudade que carrega em sua escrita pode também ser vista como um atestado de veracidade, onde sentimos saudade apenas daquilo que vivemos (CERQUEIRA, 2011).

No final da obra, Barroso afirma que quando o Brasil estiver junto dos países mais fortes e progressistas, ninguém lembrará do livro que é uma narrativa verídica de

lembranças, dos costumes, dos sentimentos e tradições sertanejas, apenas um depoimento de um nortista. Relacionada com a memória, a saudade era o selo da verdade na escrita de Barroso em busca do popular-nacional. “Barroso teve a expectativa de construir um Gustavo Barroso da saudade, de uma saudade imaginada, uma terra natal dos sonhos, num intuito de deixar suas experiências na memória da posteridade” (MOREIRA, 2006, p. 93). Na mesma reflexão, Durval Muniz de Albuquerque Júnior afirma que por meio da memória, os tradicionalistas tentam escrever sua narrativa de modo a governarem a si mesmos. Tratam a história como afirmadora de identidade, continuidade e tradição. Nessa narrativa o tempo é visto como imutável, a-histórico e apolítico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A escrita romântica era dúbia, ora se lamentava ou se revoltava, contemplava ou intervia. Francisco Regis e Aline Magalhães destacam que na escrita barrosiana o romantismo se tornava matéria de pensamento contra aqueles que não sentiam (RAMOS e MAGALHÃES, 2013).

É possível perceber um viés romântico na escrita de Gustavo Barroso, que se “revolta contra o desencantamento do mundo e a mecanização da vida” (CERQUEIRA, 2011, p. 63), devido a acreditar que os valores como tradição e passado estavam acabando, há uma incessante busca do intelectual por (re)encantar o mundo, nostálgico de um tempo real ou imaginado, além de idealizado, onde esses valores existiam. Os românticos acreditavam também que a história seria movida por uma força da natureza moral, cultural ou mística que conduziriam as pessoas (EL-JAICK ANDRADE, 2006).

Ressalto essa característica romântica trazida por Barroso e, identificada por outros estudiosos que se debruçaram na análise da escrita do intelectual, para reforçar a noção de descontinuidade produzida por Foucault. Ao pensarmos, inicialmente, no contexto de Barroso, em seus cargos e nas instituições em que fazia parte o colocaríamos diretamente como um integralista, moderno e em busca de um progresso. Contudo, ao analisar o documento como o próprio acontecimento em si, é preciso observar que analiso, um Gustavo Barroso da década de 1910 e 1920, um recém-chegado ao Rio de Janeiro que pouco tem contato com os grandes nomes e instituições de que um dia viria a fazer parte. O documento como um acontecimento em si, nos mostra um homem com saudade do que já passou, valoroso dos martírios de seu povo, da honradez que a terra um dia já carregou e uma espécie de orgulho por ter vencido as dificuldades financeiras e da seca, mesmo que se mostre desgostoso ao ter que vir para o Rio de Janeiro. Para reforçar, não está em minhas ambições especular possíveis aspectos de sua futura entrada ao integralismo, ao antissemitismo e a sua atuação política, mas sim, observar sua criação de sertão ou de

seus sertões, como vai ser possível reconhecer conforme a análise das demais fontes e assim, observar a fonte como o próprio acontecimento na busca da sua formulação de sujeito.

Terra de Sol é a construção de um sertão estagnado na tristeza e na miséria, como uma luta de oligarquias, aqueles referenciados como estabilizados eram apontados como chefes políticos ou partícipes de uma elite resistente nortista. Sertão cearense construído em poucas páginas pelos sertões verdes com as árvores e animais dando vida ao espaço, logo sufocados pela seca, pelo clima abafado e quente, pelo sol e pela falta. Um sertão de pessoas heroicas, visto que ali insistem em morrer já que não era incentivado a migração devido a moral e a honra de homens fortes. Um sertão resistente pelas árvores que secam, mas não morrem e por homens que adoecem e mesmo que morram, suas famílias continuam no propósito de viver.

Focando neste capítulo na construção do espaço do sertão feito por Barroso, temos a fonte *Praias e Várzeas* (1979) organizada em dez contos separados entre o litoral e as serras. Adentrando as Serras, no conto “Santa” dedicado à Alberto de Oliveira, Barroso conta em primeira pessoa a dificuldade de se locomover entre as montanhas, onde o alimento é escasso, diferente de outros contos que trata do litoral, onde a fartura do mar e do mangue são exaltadas. Os animais morriam de fome e as pessoas passavam por extrema necessidade, do comer ao morar. As tradições e a luta por sobrevivência são carregadas de sofrimento, mas sempre prontos a ajudar e oferecer hospitalidade (BARROSO, 1979, p. 26-31).

No conto “Espectro” dedicado à Castro Menezes, o autor vai descrevendo uma paisagem onde a natureza vai consumindo o lugar antes ocupado pelo homem que o abandonara. Um lugar sem água, onde o rio secara e a vida se findava. “A paisagem tinha a tristeza dos ermos, a quietude das cousas abandonadas” (BARROSO, 1979, p. 32). Já no começo do conto “A Luiza do Seleiro” dedicado à Juvenal Lamartine, Barroso descreve a paisagem que está bonita e fecunda, um sol que não castiga. O inverno chegou e é tempo de fartura, as flores desabrocham e as árvores estão vivas (BARROSO, 1979, p. 35-36). Ou seja, pode-se observar que o autor vai construindo sertões ambíguos que coexistem. Sertão que traz entraves para a vida humana, da fauna e da flora, mas que quando é regado pelas chuvas na época de Inverno¹⁰, esse sertão robusto e inabitável se torna uma terra próspera e frutífera. A seca que Barroso nos traz nesse momento é

¹⁰ Período de Janeiro à Junho, segundo narrativa de Gustavo Barroso. Ver mais em : BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol: Natureza e Costumes do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed. 1913, p. 10.

periódica, há o tempo das chuvas e os sertanejos sabem sua época, apesar que o autor mesmo quando fala do sertão verde remete aos tempos de flagelos. Desta forma, Barroso ao mesmo tempo que põe a seca em determinado espaço de tempo, tende a mostrá-la como algo não natural dando estimada atenção aos seus problemas, mobilizando seus leitores para o sofrimento sertanejo, já que mesmo com as chuvas não é certeza de que elas voltarão no próximo ano, como se o sertanejo vivesse em prol de apenas esperá-la para continuar sua vida.

Em *Heróis e Bandidos* (primeira publicação de 1917) o foco do intelectual é o cangaço e os cangaceiros, mas também há uma grande abordagem sobre a região que o autor denomina como sertão. O livro em questão é separado em dois capítulos: I – As Causas e II – Os Typos. Barroso começa o livro falando sobre o meio, destacando o vale do Cariri até o Rio São Francisco como uma terra próspera, que faz fronteira entre 7 estados e é distante do litoral, o que impediria a vinda da civilização ou a perseguição dos bandidos, região que não sofre tanto com as secas e tem a ajuda dos habitantes, para o florescimento do banditismo (BARROSO, 1931, p. 11-13). O meio não seria o único responsável por manter esse banditismo, mas a conivência de chefes políticos locais e pessoas influentes também eram grande parte da causa. Estando esse sertão longe do litoral, está também longe das ideias que provém de lá, além de ser deixado dolosamente pelo governo à miséria do clima e das doenças, as pessoas não teriam instrução de higiene ou de prevenção de epidemias. Culpa o governo central de não dar atenção à essas pessoas (BARROSO, 1931, p. 27).

Ao tentar explicar as causas do banditismo afirma que esse fenômeno é o mais importante na vida rude do sertão, ou seja, coloca o banditismo, a violência e tudo o que ele representa: machismo, dominação, medo, como sendo o fator mais importante desse sertão do qual fala, aquele que rege a vida das pessoas, a alma do lugar; e o clima sertanejo seria o máximo culpado em relação ao cangaço. Com a crise do final do século XIX e início do XX, a elite nortista passa a perder força e a ordem social é desestabilizada, fazendo com que muitos achassem no cangaço uma fonte de vida e, nos curandeiros e beatos, uma salvação para a alma. Temos, portanto, Barroso que representa e descende dessas elites: “participando da produção do sertão enquanto espaço de medo e da violência” (DANTAS, 2021, p. 144).

Referindo-se novamente a Victor Hugo, agora sobre estudos europeus, Barroso ressalta que o autor acreditava que a alma da terra passaria para a alma do homem e afirma que “Foi a alma do sertão que moldou e fundiu a do cangaceiro” (BARROSO, 1931, p.

22), para que assim conseguissem sobreviver nesse meio inóspito foi desenvolvido no sujeito a coragem e a resistência. Para Francisco Regis e Aline Magalhães, o tempo ganhava espessura para Victor Hugo. Tal como o escritor francês, Barroso pressupunha perdas e acréscimos nos vestígios, ora lamentadas, ora louvadas. Os monumentos em desgaste altíssimo pelo tempo, apenas a literatura seria capaz de salvá-los, a escrita transmitiria o sentimento e o livro, podendo ser reimpresso não se desgastaria. O autor francês lutava pela preservação do que estava ausente. (RAMOS e MAGALHÃES, 2013).

Nesse sertão construído por Barroso, a vida é desenvolvida mais pelo pastoreio que agrícola, os costumes e tradições se baseiam nessa cultura, pois para Barroso, o povo carrega em si um nomadismo de povos pastoreios. Quando a agricultura se desenvolve é insignificante perto do tamanho da pecuária. O que influencia muito o banditismo, também é a falta de comunicação e a distância de centros litorâneos que recebem a civilização estrangeira, estes passam o que recebem para o interior, mas precisam de meios para isso, a falta de estradas e linhas férreas dificulta muito a interiorização da civilização, enquanto os sertanejos vivem uma luta contra a natureza (BARROSO, 1931, p. 29-30). Ou seja, para que o sertanejo viva, para além de sobreviver, só é possível se a civilização estrangeira que chega primeiro ao litoral, chegar ao sertão. Enquanto isso não acontece, os homens do sertão vão sobrevivendo e lutando contra o meio que habitam, vida sertaneja esta, passada para nós, erguida envolta das tradições, das memórias dos tempos áureos e da resistência contra o bandido de um lado e contra a morte de outro. Mas, para além da má vontade do governo, o próprio meio é um impeditivo de fácil comunicação com o interior. Mostrando sua erudição, Barroso cita vários exemplos de regiões que ficaram isoladas e mantiveram seus caracteres “primitivos”, pois não tiveram contato com a modernização e civilização.

Os transportes se fazem em burros como no Egipto, a seis mil annos, no Sudan e no Kordofan, ainda hoje. Os rios não são barreiras de custosa passagem, porque estão sempre sêcos. As cheias, apesar de enormes, rapidamente se escoam. Mas as montanhas impedem o transito nas zonas onde é mais necessário. Os mestres da sociologia asseguram que as cordilheiras mantêm o insulamento dos povos, fazendo-os conservar os característicos primitivos (BARROSO, 1931, p. 30).

Aponta que o estado do Rio Grande do Norte é o menos assolado pelo banditismo pois teria grande área litorânea, fazendo com que a ação civilizadora chegasse mais rápido ao interior, diferente de outros estados, já então denominados como nordestinos

(BARROSO, 1931, p. 33-34). O sertão teria ficado no século XVII enquanto o litoral vivia o século XX, apesar de algumas regiões crescerem logo decaem e outras não chegam nem a crescer. Essas que atingem qualquer nível de desenvolvimento logo decaem porque utilizam seus próprios esforços e não conseguem ir adiante sem ajuda, assim, a sociedade sertaneja tem o seu tempo de desenvolvimento e pode até crescer, mas não vai adiante porque não recebe recursos de outros para continuar, já que sozinhos não conseguem alcançar o desenvolvimento, a civilização, a ordem e o progresso que o autor considera como ideal (BARROSO, 1931, p. 35). Interessante observar, segundo estudo de Dantas que, em *Terra de Sol*, sertão faz referência ao Ceará, em *Heróis e Bandidos* o sertão passa a abarcar mais 7 estados a que o autor já denomina como Nordeste, que apesar de ter suas fronteiras neutralizadas, são frutos de uma sociabilidade.

Barroso define um tempo para o espaço e para o homem, adere o significado que sertão denomina terras longe das costas e, também, que guarda os povos considerados na época como primitivos e ignorantes. Coloca ambos no tempo da nação, mesmo que diferente do litoral, mas ainda sim, em desenvolvimento em prol e partícipe de um país. Segundo o historiador Fernando Nicolazzi, o saber do século XVIII para o XIX se pauta na comparação, que conseguia alimentar um plano comum, estabelecendo uma ordem do tempo e um conceito diferente de história. “Pois estabelecer o paralelo é deixar de lado a distância temporal; significa colocar, frente a frente, embora em campos distintos, dois elementos, seja para a imitação, seja para o confronto” (NICOLAZZI, 2010, 264-265). Em uma visão decolonial¹¹ tratada por Quijano, precisava-se encontrar formas de representar a nação que estivessem de acordo a uma historicidade singular que se desdobrava em diversas temporalidades simultâneas. Outras culturas eram apenas inferiores, produzindo a partir dessa inferioridade, se tornam o passado na linha do tempo europeia, onde a Europa era o presente e futuro, “os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história e re-situaram os povos colonizados, bem como a suas respectivas histórias e culturas, no passado de uma trajetória histórica cuja culminação era a Europa” (QUIJANO, 2000, p. 121). A escrita da história e a noção de nacionalidade estavam ligados aos conceitos e pensamentos europeus, tanto que o passado dos países latino-americanos era posto na cronologia europeia fazendo com que fossem retratados

¹¹ Outra forma de observar tais fundamentos é pela perspectiva decolonial que vem ganhando bastante espaço nas construções e análises históricas, mesmo não sendo meu objetivo me aprofundar nessa visão, considero importante trazer outras opções de análise que instiguem outros pesquisadores.

de forma atrasada. Esses padrões engessavam a prática e pesquisa histórica (SANTOS, 2019).

Neste mesmo questionamento sobre o tempo, território e povo, observando como a ocupação espacial implica na sociedade, Candice Vidal e Souza destaca que o Brasil é dado por espaços heterogêneos e diversos, com essa percepção de diferenciação havia o preceito que a própria sociedade estava em desequilíbrio. “O Brasil não é um mesmo em toda sua extensão” (SOUZA, 2015, p. 36). A dificuldade nessa ocupação geraria descompasso numa nação unificada, alguns pensadores identificavam na distinção um problema, um “impedimento à concretização do ideal de um país uno quanto a seus estágios de desenvolvimento” (SOUZA, 2015, p. 37). Os intelectuais para além de mapearem a nação, a desenvolvem política e moralmente, onde a literatura social vê o território vasto como problema, se distanciando do naturalismo vislumbrado e maravilhado com a natureza.

Países colonizados que não carregam seu próprio passado, se tornando distintos da metrópole, tendem a se apegar a uma construção com base em sua natureza. Simon Schama defende ser a natureza e a humanidade inseparáveis, sempre geradores de sentido e até mesmo, antes disso, a paisagem é construída pela mente. “Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rocha” (SCHAMA, 1996, p. 17). Só de estarmos observando a paisagem já colocamos nela todo nosso peso cultural, pois a natureza não nomeia a si mesma, a identidade nacional, para o autor, seria prejudicada sem o misticismo paisagístico. A criação de uma nação vai para além de demarcação de territórios, mas cria nas pessoas um sentimento de pertencimento, de identificação e simbologias, criação de espaço de experiência (MÄDER, 2008).

A natureza é vista como um objeto que sobre ela recaem diversas representações que compõem outros tantos discursos, principalmente os de constituição de uma nação. Isso acontece especialmente com os países da América, devido ao seu vasto território e grandiosidade de sua variedade natural. Isso era visto ora como positivo ou negativo, mas sempre singular (MÄDER, 2008). Mäder defende que essa utilização da natureza dos países americanos, viria a substituir a tradição e a herança em um movimento de legitimação nacional. O passado mais recente dessas nações nascentes seria o colonial, sinônimo de atraso e oposto ao progresso, tal qual o passado indígena, ambos não remetiam à ideia de que queriam se vestir: liberdade civil, civilização e humanismo.

Esses intelectuais eram afeitos aos princípios abstratos e racionais do século XVIII que os ajudavam a fomentar uma unidade entre uma comunidade política e uma ideia de

nação e, também, sentiam apreço pela tradição e como a natureza ainda era um assunto que os admirava, muito substituiu as noções de tradição. “Descrita como exótica, a natureza tornou-se, assim, símbolo da particularidade histórica de um lugar e de um povo, base para a construção de uma positiva afirmação nacional” (MÄDER, 2008, p. 263). Nos estados que se descolonizavam, a natureza estava no território que seria a nação e espaço singular para a formação desses Estados-nacionais.

Essa noção de natureza e a construção de um ser nacional a partir de pessoas diversas constituintes de um território, está muito presente nas obras de Gustavo Barroso que se esforça para objetificar o homem com base nas características do meio, ou seja, o homem e a natureza se tornam sinônimos, pertencentes a um único território e nação.

O sertão também está nesse mesmo aspecto de ora ser negativo, ora positivo. O sertão carrega traços geográficos, culturais e demográficos: é o semiárido, longe do litoral, pessoas que cultuam costumes antigos e pouco povoada. Um lugar inóspito que produz pessoas fortes, produtor de heróis que vencem as asperezas da terra. Não há apenas um sertão brasileiro, mas vários. O sertão para o habitante da urbe era o lugar do desconhecido, habitado por pessoas selvagens; para o bandeirante era o lugar perigoso, mas provedor de riquezas; para o governo luso era um exílio temporário; àqueles refugiados da sociedade era refúgio. O sertão se constrói dual (OLIVEIRA, L., 2015, p. 21).

O sertão aparece sob três perspectivas na literatura brasileira: a primeira como sinônimo de paraíso, proveniente do romantismo que demonstra uma pureza original; a segunda como sinônimo de inferno traduzida nas calamidades naturais e no desespero de quem vive naquele lugar, se tornando sinônimo de violência; a terceira é sinônimo de purgatório, ou seja, de travessia, de passagem, onde cada um faz suas próprias escolhas (OLIVEIRA, L., 2015).

Nas próprias fontes de Barroso, podemos encontrar uma coexistência entre a exuberante natureza e sua falta, muito apontada no avanço das fontes, onde está mais familiarizado com o Rio de Janeiro. A natureza não seria mais suficiente para exaltar o homem brasileiro, a natureza trazia faltas:

O sertão re florido muda de physionomia. Fica verde, todo verde, de um verde lindo, novo e forte, que alegra a vista e o orvalho borrifa pela madrugada clara. [...] O sertão, pobre de flôres, se arreia de quantas a avára natureza lhe deu. [...] Tudo sorri, a selva, o prado; a várzea ao beijos do sol; o regato ao reflexo tremulo e enrugado dos canniços. (BARROSO, 1913, p. 38-41).

Em contraponto, temos a narrativa de *Almas Sertanejas*, no conto “Chifre de Cabra” que remete a um território fadado a miséria:

Terra infeliz em que a graça natural do rude sertanejo é a zombaria contra a inclemencia da natureza com que luta! Naquelle agreste sertão, muitas vezes, quando não ha sêcca desabam sobre gados e gentes flagellos “mais peiores”: pestes, epizootias, invernos tão abundantes e prejudiciaes que se chamam ‘sêccas de agua’” (BARROSO, 1923, p. 88).

A falta apontada no território chegava também ao homem, dessa forma, se no sertão, e pelo sertão, havia pessoas rudes e infelizes, o seu contrário guardaria homens civilizados. A noção de criação de identidade por meio da natureza, vem também pelo apontamento da sua falta, ou seja, as pessoas seriam unidas pela miséria, pela luta e pela resistência. Para entender melhor a noção de sertão como espaço, o historiador Erivaldo Neves, aponta que o conceito de sertão carrega um sentido espacial (interior) e social (poucas pessoas), característico de uma ideia de lugar historicamente construído. A cidade, nesta dicotomia, é vista como local do progresso, do moderno e da liberdade, enquanto o sertão é visto como lugar do arcaico, das tradições e da violência, como se ambos não estivessem conectados, “ambos partem do mesmo todo sociocultural e político-econômico” (NEVES, E., 2003, p. 156). Deste modo, o sertão é algo cultural, partindo de seus antecedentes socioculturais da população que nele habita, ao qual ao longo da história é criado um imaginário. O sertão vai se construindo pelo olhar do outro, em conjunto com a cidade que tinha o poder e legitimidade da notícia, informação e do discurso, podendo construir o outro conforme o que não se considerava: atrasado, incivilizado e tradicional. Reafirmando-se frente a negação, ou seja, eu sou o que o outro não é.

Assim, sertão é usado para designar demasiadas categorias brasileiras desde a época colonial, na análise de Amado, um Nordeste sem sertão se torna vazio. Sertão está presente no pensamento social brasileiro e no âmbito cultural, se fazendo recorrente na literatura brasileira, principalmente na chamada literatura regionalista¹² (AMADO,

¹² A articulação entre as elites nordestinas, ocorrida em Recife na década de 1920 tinha como interesse não apenas se unir contra áreas produtoras de outros espaços nacionais, mas também para proteger seu mando, visto que o cangaço nessa época afluía e ganhava mais visibilidade. Interessante observar que o que torna o regionalismo nordestino em novidade é que tenta representar e definir a região e seu habitante. O Centro Regionalista do Nordeste, comandado por Gilberto Freyre e fundado em Recife em 1924, junto com o IFOCS, se tornam “importante centro de distribuição de sentido para o ser Nordeste e o ser nordestino” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 141). Ver mais em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do “falo”: Uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2 ed. São Paulo: Intermeios 2013.

1995). Primeiramente, o sertão e seus significados eram mais voltados à noção espacial, depois foram-lhe atribuídas características históricas. Para além do âmbito geográfico, o sertão é usado para nomear um ambiente particular que carrega as mais variadas características, em sua maior parte, depreciativas. O sertão passa a significar, no imaginário, um contraste a modernidade trazida pela colonização (BONATO, 2010).

O homem sertanejo brasileiro, na escrita de Gustavo Barroso, estava em dissonância de desenvolvimento perante o restante do Brasil litorâneo, e como há uma união entre território e homem, a terra também seria a causa desse “atraso”. Há um controle por meio da escrita, que foca em apontar as faltas de ambos, para que assim haja soluções. Essas soluções são as formas civilizacionais de viver, de existir, de educar e de se portar perante o outro, de se desenvolver perante o resto, para que assim deixassem de ser dissonantes e se tornassem uma só nação. Essa metodologia de se escrever sobre e para o Brasil, no começo do século XX, envolve características eurocêntricas e que visavam a natureza em sua exuberância ou em sua falta, baseada em teorias deterministas, como o determinismo geográfico, que será mais bem abordado no capítulo 2.

Brasil que antes era conhecido, pelos seus próprios intelectuais e cientistas estrangeiros, por sua imensa natureza e território a se ocupar, passa a se dividir entre cidades e sertões, Gilmar Arruda defende que essa divisão compreende uma busca pela explicação da identidade brasileira. Muitas características usadas para explicar o país no século XIX continuam presentes no século seguinte e a maior delas era a natureza. “Ela continua presente como paradigma da nacionalidade até os dias atuais” (ARRUDA, 2000, p. 18). Falar em sertões seria dialogar com as simbologias atribuídas a essa natureza na construção de uma identidade nacional. Arruda defende que “o seu mapeamento (sertão) e identificação fazem parte da construção da ‘identidade nacional’ e da afirmação do Estado nacional” (ARRUDA, 2000, p. 19 – parênteses meu).

Gilmar Arruda concebe as representações do espaço como historicamente delimitadas e que fazem parte de um imaginário social, de suas práticas sociais e de suas atitudes. Essas representações sofrem mudanças que simbolizam a própria transformação social. “Por trás de toda concepção espacial, arranjo e utilização da terra, mapeamentos e descrições de paisagem, valorização ou não de lugares, estão os valores culturais, o universo da cultura, da política e das ideologias” (ARRUDA, 2000, p. 28). Termos como cidades e sertões são representações de um real, mas também formuladas a partir da memória do processo das transformações que determinada paisagem teve. Os discursos

produzidos como parte do imaginário social que falam sobre o sertão parecem travar uma guerra contra o atraso.

O historiador aborda algumas características diferenciais entre sertão e cidade como, por exemplo, a política. Na cidade a política se faz com padrões de democracia, de homens livres, usa-se a razão e a consciência. Já no sertão é completamente oposto, não haveria homens livres, os homens não agiriam com consciência e seria o lugar da violência e do coronelismo, apesar de que vários autores abordam o sertão como visto por vários intelectuais do século XIX e XX como lugar sem regras, de pessoas em fuga.

O autor ainda ressalta que nessa dicotomia, um dos dois espaços não existe concretamente no geográfico. Essa divisão entre cidades e sertões vem carregada de simbologias e de características negativas para uma parte e positiva para outra. Essas representações vêm de muito tempo atrás se caracterizando como: progresso-atraso, civilizado-incivilizado. Termos como cidade e sertão são fruto das grandes concentrações da população e das urbanizações ocorridas no início do século XX. “Mais propriamente, pode-se falar que se trata de ‘lugares da memória’ do processo de urbanização vivenciado de diferentes formas por diversos contingentes populacionais” (ARRUDA, 2000, p. 14). O foco era a urbanização que correspondia a modernidade, ao desenvolvimento, tendo o sertão um caráter de atraso e violência.

Na condição sertaneja, o sertão nasce pela falta, em oposição a algo: o litoral. O sertão ganha aspecto negativo, “é sempre a partir dessa posição oposta que o sertão é qualificado enquanto tal” (MORAES, 2003, p. 03). O termo de sertão é utilizado quando se quer superar determinado lugar: o que habita nele, o sertanejo carrega um imaginário exótico, aquele que difere do que se espera ser um nacional. Segundo Albuquerque Júnior, “o sertão é também esse lugar da distância cultural, o espaço do anacronismo, de um passado, de tradições, de costumes que atravessam os tempos, infensos a mudanças. O sertão é uma distância no tempo e no espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR., 2019, p. 28).

De início esse dualismo entre litoral-sertão desapareceria conforme novos agentes da urbanização surgiam, mas o imaginário de sertão e de cultura sertaneja nos pontos diferentes do país continuam vivas, agora abordando a dicotomia entre moderno-atrasado (LIMA, 2013). Deste modo, segundo Antônio Moraes, sertão começa a ganhar características para além do espacial, ou seja, o sertão não é natural e se faz mais pela ausência do que pela presença. O sertão é aquele onde falta os grupos sociais e obras humanas. “Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares” (MORAES, 2003, p. 02). O sertão está agora para uma

simbologia, também cultural, um espaço que se forma conforme o imaginário e as linhas de interesses envolvidas. A dicotomia tanto falada como civilizado/bárbaro, litoral/sertão não são excludentes, um só existe com o outro. Sendo assim, o bárbaro poderia vir a se civilizar, o espaço vazio poderia ser ocupado. “É a possibilidade da transformação de um em outro que dá sentido aos projetos ‘civilizatórios’ de nação dos autores estudados” (MÄDER, 2008, p. 269).

A fonte *Alma Sertaneja* (1923) é também uma obra publicada em dezesseis contos que abordam as tradições, o passado, a melancolia por um tempo que não volta e o sofrimento da vida sertaneja. Em contos como “Come Gente”, “O Drama do Guriu”, “Chifre de Cabra”, “A Louca”, “Os filhos do Capitão João Pedro” e “O perdão das trevas” comenta sobre as migrações em decorrência da seca e os flagelos causados por ela, pois se os homens ficam enlouquecem e quando migram muitas vezes morrem por não saberem lidar com outra realidade que não a do sertão.

Enquanto viaja, Barroso vai construindo seu sertão nordestino por meio dos contos mencionados: “passámos dias horríveis, sem água para beber, muitas vezes encontrando cadáveres esqueléticos, que os urubús bicavam” (BARROSO, 1923, p. 86 – Chifre de Cabra). Lugar onde as várzeas não tinham folhas e as árvores estavam secas e contorcidas como se estivessem sentido dor. A árvore que ainda se mantinha verde era uma desafiadora do meio, da seca e do calor, a terra é construída como um lugar infeliz, na escrita de Barroso, onde o sertanejo vê diversão apenas em zombar da própria natureza com que luta e, quando não há seca, os flagelos são ainda piores. São as doenças nos animais, nas pessoas, ou enchentes que arruinam a plantação, tal qual a seca. Barroso descreve uma paisagem humana e moribunda, onde o luar é misterioso e fúnebre, a terra estava desolada. “O chão era tão seco, os galhos mortos e as folhas caídas estavam reduzidas a pó” (BARROSO, 1923, p. 129 – O perdão das trevas).

No conto “Os noruegueses de Sabiaguaba”, o autor começa falando do início do século XX, onde avista uma antiga casa senhorial enquanto viajava pelo sertão nortista, onde o indivíduo precisava ser tudo o que precisasse de ferreiro à médico pela falta de profissionais e pessoas no sertão. Para Barroso essa casa representa “um ambiente de tradição, trabalho e honestidade brasileira á antiga envolve essa mansão escondida” (BARROSO, 1923, p. 76). Barroso encontrava nessa mansão tranquilidade e paz, o que não conseguia ter no tempo em que vivia, visto as estrondosas transformações que o país passava no começo do século XX. “Oasis de bonança e profunda tranquilidade aquelle velho sítio. Tudo ali me era conforto” (BARROSO, 1923, p. 76). Ou seja, os tempos dos

grandes senhores de engenho e da escravidão traziam para Barroso tranquilidade de um mundo certo e mantenedor dos poderes das elites nortistas agrárias vigentes, é sua memória de infância e saudosista, uma época onde tinha referências de que as coisas eram como deveriam ser, cada qual ocupando seu espaço devido, diferente do mundo atual em que vivia e escreve a obra (1923) onde o Brasil recebe diversas influências estrangeiras, junto com a modernização e o tempo acelerado. Modernização que esbarrava nas tradições e costumes culturais (LIMA, 2013). O moderno traz sua própria mudança espacial, com as estradas de ferro, os transportes em geral e a tecnologia, os espaços diminuíram (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Na antiga casa de engenho encontra um velho que conta as histórias do passado escravista e Barroso define sua alma como limpa e forte. Tal como a casa, a alma do homem não mudara, apenas o tempo e as coisas ao seu redor. Barroso fala do aparecimento do gás, da eletricidade, do automóvel, do aeroplano e do sistema político republicano, mas não importava nada disso, pois o homem era inerente às mudanças do tempo, preservava em sua alma e em sua casa prevaleciam “o espírito e o sentimento dos antigos povoadores da capitania” (BARROSO, 1923, p. 78), tal qual o sertanejo o era, o sertão era mantenedor das tradições. Albuquerque Júnior aponta que os tradicionalistas querem manter presente uma dominação ameaçada, mencionar uma dominância em crise, a região se fecha para o que vem de fora, volta para si para se defender do outro, “do espaço industrial e urbano que se desenvolvia notadamente no Sul do país” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 94). O espaço de tradição estava se perdendo e mesmo que se beneficiasse dessas modernidades, Barroso é ambíguo ao imaginar e construir seu sertão, já que essas tecnologias estariam fazendo desaparecer a alma brasileira das tradições, do tempo em que os homens necessitavam ser tudo o que precisavam, eram fortes e honrados. Mas que para terem estrutura de viver, ao mesmo tempo, precisavam da modernidade e civilização proveniente nas grandes cidades.

Barroso a partir dos contos e das obras, constrói seu espaço vazio e vasto, comandado pelo passado e pela tradição, que não parecia coexistir bem com o progresso conservador que vivia no Rio de Janeiro. O espaço fechado em si mesmo, mantinha os homens também inflexíveis ao novo, assim esse espaço deveria ser modificado a partir dos ideais civilizacionais, com o emprego de pessoas civilizadas, que controlassem tanto o desenvolvimento do espaço, como dos homens que lá já existiam. O controle do espaço significava o controle do homem. Ao retratar um território que é carregado de faltas, a solução é a intervenção tanto desse espaço quanto no desenvolvimento das pessoas, visto

que são caracterizadas como viventes ainda no tempo colonial. O território que ao mesmo tempo mantinha a honradez do tempo colonial e imperial, segundo o autor, deveria ser superado para entrar nos moldes republicanos do que se queria de um Brasil como nação.

Na passagem do século XIX ao XX, o sertão era visto a partir dos intelectuais de grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife que partiam de um cientificismo regulador da sociedade em geral. Desses centros partiam projetos para as áreas mais afastadas do país, ou seja, projetos litorâneos e de grandes centros para o interior/sertão que estava guardado a essência do povo brasileiro (ANDRADE, 2020). Sertão tido como oposto a cidade e por isso precisava ser integrado ao cosmopolitismo por meio de missões civilizatórias, que tinham o objetivo de levar o progresso e, também, abriram caminho para estudos sobre o território físico e social. As fronteiras e limites físicos não escapam a história “o espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35).

O espaço desses homens se modificava depressa, com a ruína de seu status social, visto a decadência da elite nortista na transição do século. “O senhor de engenho ou o coronel tradicional do sertão parecem perceber que o espaço antes visto como natural, estático e imutável, se move contra eles” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 90). Esses homens se tornam sem espaço, sem uma terra. Barroso assume o lugar dessa elite decadente, fomentando que não importava quanto tempo passasse e o que se modificasse, essa cultura e sistema permaneceriam nos homens, na memória, na saudade e em si.

Moreira destaca que é no Rio de Janeiro que o autor recria seu sertão, mesmo estando longe do Ceará, com a publicação de seus livros, Barroso se torna um descobridor do Norte, “com teor de pesquisa, estudo e memória Barroso construiu um Ceará e apresentou essa ideia ao público leitor” (MOREIRA, 2006, p. 173). O sertão de Barroso era o da fartura e o da seca, onde o meio era responsável por tornar o sertanejo um homem corajoso e inflexível. Sertão da luta, das festas e crendices, costumes e tradições (MOREIRA, 2006), além de ser também um espaço que se encerra em si mesmo, ou seja, ao mesmo tempo que é um espaço que guarda as tradições, o ser nacional e deve ser preservado, é também um espaço de bárbaros e barbáries que devem ser superados. A natureza, segundo Arruda, ainda é presente na simbologia brasileira no século XX, mas vista de fora, vista da cidade com os olhos do progresso. Com as recorrentes corridas para modernizar e transformar o Brasil com a chegada da República, o significado de sertão se altera. Uma das preocupações era a integridade do território da nação nascente, era preciso ocupar os territórios e dar um lugar ao povo que lá já existia: os indígenas e os

sertanejos. A urbanização faz com que tudo seja repensado, todas as simbologias postas tanto ao termo sertão, quanto natureza (ARRUDA, 2000).

Esse sertão de Gustavo Barroso é protagonista e sua escrita remonta à criação de arquétipo nacional, fabricando “um passado mítico, lugar-refúgio, de tradições, costumes e pureza” (DANTAS, 2021, p. 137). Mas que precisava ser superado de uma forma conservadora e ao mesmo tempo que o modernizasse. A modernidade era bem-vinda desde que mantivesse as estruturas vigentes. A sobrevivência nesse meio requeria ao homem paciência e persistência, qualidades que o sertanejo carrega em si, sendo dignos de admiração (CERQUEIRA, 2011).

Desorientados pelo passado que não volta, homens como Barroso querem reviver o que se foi, mesmo que for em forma de escrita, a escritura parecia ser a única forma de manter viva essa estrutura que caía, o historiador Albuquerque Júnior aponta que:

A necessidade que sentem de escrever e registrar este mundo que estava desabando nasce da própria percepção que a escritura era a única forma ainda disponível para dar materialidade a esta geografia em ruína. Literatura nascida da tristeza, do lamento, da nostalgia, da melancolia, diante de um mundo cujas fronteiras vinha se apagando. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 100-101).

Ainda no século XX o sertão é tema de preocupação e escrita para diversos autores. O sertão em São Paulo é marcado pelo bandeirante, em Minas Gerais, pela exploração das minas e a presença sertaneja também é forte, o carioca Visconde de Taunay (1872) faz uma imagem do sertão como sendo rústico e regido pela moral da honra, em Minas novamente, além de Guimarães Rosa, Afonso Arinos (1981) demonstra um sertão como lugar de autenticidade e do sobrenatural. O sertão no resto do país está ligado a fé e a violência, poder autoritário e coragem. Tal qual a literatura nordestina que traz em sua narrativa a violência do cangaço, o mando autoritário, os fanáticos e fanatismos, os coronéis que mandam (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Dialogando com seu tempo, não é apenas Barroso que constrói seu sertão nessa imagética de seca, melancolia e esforço, como muitos autores do final do século XIX e início do século XX. Acerca da escrita de Franklin Távora seu romance, *O Cabeleira*, andaria entre as linhas dos estudos históricos e da literatura, respondendo às normas do realismo e naturalismo, segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior “que articulavam o propriamente ficcional ao imperativo de se figurar o que seria a realidade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 229). *O Cabeleira* almejava alcançar o conhecimento histórico sobre as terras dos escritores que faziam esse tipo de escrito.

Romances como esse, não vinham apenas a falar sobre a província da qual o autor havia nascido, no caso de Távora no Ceará, mas de todo o Norte, lutando contra a ignorância sobre a terra dos centros cultos da nação e contra o desprezo que imanavam à terra.

Pedro Baptista, a quem Barroso toma como fonte em *Heróis e Bandidos* em sua segunda edição, escreve Cangaceiros do Nordeste original de 1929 e destaca na obra que a terra e o nordestino acabam se encontrando em muitas características, assim se tornando difícil observá-los isoladamente. Essa terra é forte e sofredora onde “nem as inclemências do destino, nem a língua comburentes de um sol de fogo conseguem vencer ou impedir o teu progresso” (BAPTISTA, 2011, p. 10). A geografia deficiente em relação a arborização e a água seriam justificativas para o mal que aflige o Nordeste, desta forma, geografia e clima formariam também o homem.

Artur Orlando em 1908, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (RIHGSP) comenta sobre as zonas geográficas como uma necessidade para o Brasil, separando as regiões em fauna, flora e social. Ao falar do sertão do Norte, o autor destaca que a criação do gado era vista como essencial para o sertão. “O que caracterizava, dava o tom à paisagem do sertão, eram a boiada e o boiadeiro” (ORLANDO, 1908, p. 325). Orlando destaca que uma classificação por zonas a partir do clima e das plantas é extremamente importante não apenas pelo aspecto econômico da nação, mas também pelo aspecto social, a partir das características do meio, entenderíamos melhor as características humanas. Assim, pegando divisões regionais feitas por André Rebouças¹³

¹³ Divisão de zonas geográficas realizadas por **André Rebouças**, segundo Arthur Orlando: **I** – Região que abrange Amazonas e Pará, sendo exportador e produtor de grés, argila, borracha, cacau, baunilha, guaraná fumo, penas de pássaro e castanha do Pará, diversas madeiras entre elas o jacarandá. **II** – Região que abrange os estados do Maranhão e Piauí, sendo o Maranhão exportador e produtor de sal, café, cacau, açúcar, algodão, tapioca, arroz e o Piauí produtor e exportador de gado bovino. **III** – Região que abrange o Ceará, com solo rico em granito e gnaíse, minas de ferro, cobre e ouro, e mármore. Contudo destaca ser uma terra marcada pelo flagelo das secas. **IV** – Região que abrange os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, com estradas de ferro que os interligam, montanhas que abrangem o clima quente, mas que também são estados que carregam em si a seca. Produtor e exportador do açúcar e algodão. **V** – Região que compreende os estados da Bahia e Sergipe, tem a característica de ser banhada pelo rio São Francisco e também é marcada por ser uma área agrícola e mineira, com jazidas de ouro e diamante, junto com plantações de cana, algodão, cacau, café, fumo, borracha, milho, feijão, mandioca, frutas (em maior quantidade: manga, laranja e abacaxi), óleo de: baleira, de dendê, de rícino e de coco, madeiras e fibras. **VI** – Região que abrange os estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Capital Federal da época e São Paulo, região abundante de matas e granito, terra que favorece o plantio do café e da cana de açúcar. A madeira é muito utilizada, assim como o mármore e o granito. **VII** – Região que abrange os estados do Paraná e Santa Catarina, destaca como o éden para os imigrantes europeus devido ao clima, a terra e a comida marítima farta. Estados marcados pela plantação de chá, de araucárias e produção vegetal e animal. **VIII** – Região que abrange o Rio Grande do Sul, em sua maior parte ocupada pelas charqueadas (local onde se fazia o charque) e fazendas de criação que é produtor e exportador, seguindo do campo de cultivo de cereais e frutas provenientes da Europa. Além de grande abundância de pedras e rochas no solo, Orlando elogia a miscigenação dos imigrantes europeus com os naturais brasileiros. **IX** – Região que abrange a zona das Minas, rico em pedras preciosas, animais e a vida pastoril, além do vinho, do algodão, do açúcar, café,

e Silvio Romero¹⁴, Orlando aponta que as zonas sociais de Romero seriam mais influentes do que propriamente apenas regiões separadas em características físicas. Dentre essas regiões influentes se encontra a região do gado no sertão do Norte e a região do açúcar das áreas litorâneas. É a partir dessas divisões que melhor se investigaria a nação para poder financiar e melhorar a área agrícola e industrial (ORLANDO, 1908).

Na mesma construção, Ricardo Sousa que faz um estudo sobre Capistrano de Abreu destaca que “A chamada ‘civilização do couro’ foi para Capistrano o marco fundador da nação” (SOUSA, 2015, p. 171). Bonato concorda, afirmando que a solução mais rápida para se colonizar o sertão teria sido o gado e por isso, a tradição sertaneja nordestina ainda mantém relações com a pecuária.

Luís da Câmara Cascudo em uma viagem realizada na década de 1930 para o interior do Rio Grande do Norte onde percorre cerca de 1307 km, escreve crônicas, originalmente publicadas em jornais e depois compostas no livro *Viajando o Sertão*. Se

oliveiras, ameixas, entre outros. Uma região que abrange as matas e os campos. **X** – Região que abrange os estados de Goiás e Mato Grosso, região marcada pelo solo e sua estrutura geológica, a presença de metais preciosos, madeira e fumo. **XI** – zona que compreende o estado do Acre, grande produtor e exportador de borracha, milho e feijão. Ver mais em: ORLANDO, Artur. Zonas Geográficas Brasileiras. RIHGSP (acervo eletrônico). (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo). v.13 p. 311-328. 1908.

¹⁴ Divisão de zonas geográficas por **Silvio Romero**, segundo Arthur Orlando: **1^a** – Planalto da Guyana, compreende o Norte dos estados do Amazonas e Pará, zona de criação de gado e indústria, caracterizados como mal dirigidos e sustentados pelo Governo Federal. **2^a** - Terras mais baixas, compreende até o norte do rio Amazonas, região de produtos como: borracha, castanha, salsaparrilha, cravo, etc. Socialmente são desorganizados e promíscuos, na definição do autor. **3^a** – Vale do Amazonas, que vão do norte ao sul do rio Amazonas, região da pesca fluvial, sendo as pessoas classificadas como “grão mais inferior das gentes que vivem dessa espécie de indústria” (p. 319). **4^a** – Zonas das matas da região ocidental, figura a região do atual estado do Acre, que tinha muita credibilidade em vir a se formar como estado. **5^a** - Planalto central-norte, definido como “entre o Madeira, o Tocantins e o divisor de águas do systema fluvial sul-americano” (p. 319), é tida como pouco aproveitada e com bons campos para o gado. **6^a** – Planalto interior, que compreende do divisor de águas até a região serrana do Rio Grande do Sul. Grande variedade de terra e culturas: lavoura, mineração, café, tabaco, entre outras. Como é uma região muito grande, Silvio Romero ainda a subdivide em outras 4 zonas: *campos de criar* – que vai do norte de Minas, Goiás e as terras mais altas de Mato Grosso; *mineração* – que compreende os três estados já mencionados; *café* – presente no sul de Minas, São Paulo e terras mais altas do Rio de Janeiro e; *criação* – em relação ao gado no que compreende Paraná e Santa Catarina. Em relação ao social, as famílias são consideradas instáveis. **7^a** – Vale dos rios Paraguai e Guaporé, terras baixas e médias de Mato Grosso. Predominância de erva mate, pouca mineração e criação de gado. **8^a** – Região entre os rios Parnaíba e Gurupy, que vai de Maranhão a terras próximas. Produção de arroz, cana de açúcar e gado. **9^a** – Cariri, compreende os sertões do Norte, na região central. Está entre os rios Parnahiba do Norte (hoje Parnaíba) e o Paraguassú (hoje Paraguaçu) na Bahia. Caracterizada como região da seca que intervém na produção e criação de gado e cereal. **10^a** – faixa da mata, vai do litoral do Maranhão até o Espírito Santo, região famosa pelos engenhos de açúcar. Provém dessa área as melhores famílias que se aniquilaram com o fim da escravidão e com a concorrência do açúcar estrangeiro. Produtor ainda de tabaco, mandioca e cereais. **11^a** – Faixa estreita, vai do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, região de aproximação da Serra do Mar, produtor de mandioca, arroz e cereais. **12^a** – Descida do planalto para o lado do rio Paraná, configurada como zona da mata mal aproveitada, extraindo no possível erva mate. **13^a** - Pampas, zona extrema do Brasil, compreendida no estado do Rio Grande do Sul. Forte criação de gado e grupo social com características fortes de povos asiáticos e africanos. Ver mais em: ORLANDO, Artur. Zonas Geográficas Brasileiras. RIHGSP (acervo eletrônico). (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo). v.13 p. 311-328. 1908.

surpreende com boas instalações nas cidades e em relação a paisagem verde descreve que é por conta das “águas rumorosas que desceram durante dias fartos” (CASCUDO, 1984, p. 17). Mas logo se mostra incomodado, falando que sente saudade ao ver que as coisas não funcionam e não acontecem mais como estava acostumado. Um exemplo de descontentamento de Cascudo é o aspecto arquitetônico sertanejo que ia se desfazendo, onde igrejas iam sendo destruídas sem que ao menos se atentassem à preservação das peças, essa nova arquitetura nada tinha de identidade nordestina. É afeito ao trabalho manual, ou seja, conservador frente as tecnologias que vinham chegando, a exemplo dos santos antes feitos de madeira agora feitos de gesso e massa.

Cascudo, em relação ao gado, tal qual Capistrano de Abreu e Artur Orlando destaca que logo no começo da povoação do sertão, hoje presente na região Nordeste, entre os séculos XVII e XVIII, o gado já era o principal meio de sobrevivência. Assim, o que funda a família sertaneja é o homem pastoril, aquele que tinha que desbravar para conseguir mais área e pastagem. “O meio de vida criou o tipo de fazendeiro pomposo do século XIX que, cem anos antes, era o dominador dos índios” (CASCUDO, 1984, p. 31). Desta forma, o modernismo brasileiro não surgia com o intuito de quebrar tradições, os intelectuais se ligam aos interesses locais, um regionalismo que se esconde em um discurso nacionalista. Cada região tentava se impor como nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Há uma criação de imagens provenientes de cada região, o que é bem perceptível quando falamos em Nordeste, onde o sujeito as internaliza em prol de diferenciação, ao mesmo tempo, que busca se reafirmar como parte de um todo nacional.

A exemplos de romances da primeira metade do século XX, em especial *O Quinze* de Raquel de Queiróz, Albuquerque Júnior aponta que o texto demonstra um dos valores fundamentais que se criaria de solidariedade entre os mais diversos grupos sociais, respeito e obediência ao patrão, que o homem pobre e/ou escravo teria quase devoção por este. O romance remete a imagens de um passado senhorial escravista.

A saudade do Império e da escravidão, a recusa e a crítica da sociedade burguesa e moderna se apoia no desejo de retorno, de fazer presente, nem que seja através do texto, esse tempo de nobreza e fidalguia desaparecido sob a vulgaridade e superficialidade do mundo da mercadoria (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 244).

Nesse estudo de textos românticos, feitas pelo historiador, essas escritas remetem a transição de um espaço agrário marcado pelo mando autoritário, do paternalismo, do pessoal para um poder capital do empresário aos moldes modernos. As fazendas agora

não eram mais conhecidas pelos seus donos, ninguém mais sabe a quem pertence, não há família, não há pormenores pessoais ou tradições, os sobrenomes nas fazendas perdiam identidade. Era a família elitista decaída vendo sua casa-grande demolida e varrida por plantações enormes de cana, um lugar sem memória, sem costumes. A tristeza não seria apenas desses intelectuais, mas de todo o povo, que não teria mais a proteção do senhor como antes e nem mais festejavam como antes. Na narrativa desses homens não era apenas a elite que ia perdendo espaço, mas também os pobres, que iam perdendo seu espaço de terra ganhado por generosidade do patriarca (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Além dessa quebra de sistema muito enraizado, esses intelectuais veem na primeira Grande Guerra questionamentos acerca dessa civilização. Era preciso adequar essa civilização e progresso a realidade brasileira, que englobasse as singularidades do país. O futuro dependia apenas do Brasil e para isso, os intelectuais voltavam ao passado para distinguir singularidades identitárias em sua formação. “A chave do futuro encontrava-se no passado e, entre um e outro, estava o presente a ser superado” (OLIVEIRA, GONTIJO, FRANZINI, p. 07). Mais do que continuidades entre os tempos, era preciso criar uma ruptura, essa noção guiou grande parte dos intelectuais nas primeiras décadas do século XX. Manifestações regionais e cultura popular aparecem na literatura em busca de uma identidade nacional e sua afirmação frente ao estrangeiro que desabava.

A formação identitária não está apenas ligada ao econômico como centralizador de poder, para o historiador Nicolazzi, como também está interligado ao caráter religioso, cultural e intelectual. A constituição dessas identidades também está relacionada com a escrita que tem que situar e ordenar a nação no tempo, cria-se assim o tempo próprio da nação. Nos projetos nacionais há a noção de história como exemplo, não apenas de não cometerem os erros do passado no futuro, mas um projeto intelectual onde a individualidade da cultura se insere nos processos da civilização. Abrindo campo para o que aconteceu e o que se espera que aconteça, “história como mestra da vida, lugar da identidade e, no mais das vezes, como guia da nação” (NICOLAZZI, 2004, p. 76). Esse sertanejo como parte do nacional, para que assim pudesse haver um controle do espaço ao qual estavam, precisava se tornar um grupo homogêneo para se identificarem entre si como parte de algo maior. A exaltação dos costumes, das tradições, da moral e da honra está muito presente na escrita desses autores nortistas do início do século XX, assim como se fortalecerá no discurso regionalista na década de 1930.

Segundo Ricupero, “A identidade nacional” se delimita como uma junção política e cultural “que não possui realidade objetiva fixa”. De forma que as relações sociais são essenciais para se fazerem pensar, fazendo com que homens e mulheres se conectem em variadas situações e “passam a acreditar que estão unidos numa mesma comunidade, a nação” (RICUPERO, 2004, p. 26). A nação ao mesmo tempo que se forma, se diferencia e cria rivalidade com outras nações, são os “outros”, nas palavras de Bernardo Ricupero. Ou seja, nossa identidade é o que o outro não é, assim, o significado de nação poderia ser pensado pelo significante que é dado de fora, onde a ideia de nação no Brasil só é possível depois da independência. A nação partiria de um Estado organizado, seguindo-se a formação e emancipação mental, visto que essa nação não é algo natural e sim uma construção (RICUPERO, 2004). Assim, Barroso vai delimitando um passado e uma história de formação e origem à população sertaneja, para que esta seja partícipe da nascente nação brasileira com seus valores, ou seja, esse território sem controle e inflexível, molda os homens dos sertões, que também se fundamentam na inflexibilidade. Essa força unida e inseparável entre homem e terra era o que Barroso queria como nação, defender a terra é defender a si mesmo e o oposto, visto que eram um, onde a natureza vai ganhando características humanas de definição.

A narrativa de Barroso que, para além de catalogar e identificar o sertão ou sertões, e o homem sertanejo, busca criar um tempo próprio para essa região e assim ajudar a construir uma base da história nacional, tal como faz seus contemporâneos intelectuais. A escrita da nação, segundo o historiador Fernando Nicolazzi, e a nacionalização desta escrita, remetem a formulação identitária, essa escrita faz uso político do passado que é persuasiva no presente. Definir os pressupostos que abrangem essa escrita permite que se identifique aqueles que singularizam a cultura e aqueles que persuadem a nação para entrar no movimento da civilização. “Saber como se deve escrever a história do Brasil é um passo decisivo para a produção de um saber sobre a nação brasileira” (NICOLAZZI, 2004, p. 71). A produção do passado de uma nação é urgente e ganha novos sentidos (GOMES, 2010). De acordo com Nicolazzi, a nação carrega uma historicidade própria, onde as individualidades históricas estão interligadas à sua formação, se distinguindo de outras. “Dessa maneira, as identidades nacionais se constituem como inventário e invenção de um patrimonialismo coletivo” (NICOLAZZI, 2004, p. 69). A constituição da nação segue, na mesma proporção, a produção de conhecimento sobre ela, nas palavras do historiador, a “constituição da nação depende, portanto, da elaboração de reflexões

sobre a cultura nacional, bem como da formulação de projetos nacionais civilizadores” (NICOLAZZI, 2004, p. 69).

Dessa forma, pode-se compreender que Barroso ao identificar o sertanejo e o sertão como objeto/sujeito e espaço, respectivamente, como sendo abrigo de tradições¹⁵, costumes e do passado em si, os coloca como fora do tempo e regra vividos pelo autor que, na época de escrita das fontes, está situado no Rio de Janeiro. Barroso ao apontar o que o sertão é, reconhece que é o oposto, ou seja, civilizado e portador dessa civilização perante o outro. Constrói sua história nacional, apontando os sertanejos como figurantes nessa participação, visto que não haviam chegado ainda no desenvolvimento requerido para se fazer parte do nacional, mas sua moral e honra deveriam ser preservados, tal como o espaço do sertão o preservara. Para Barroso, o amor à pátria¹⁶ deveria ser algo material, quase como uma devoção religiosa, onde os compatriotas estariam prontos a fazer qualquer sacrifício por ela, sendo na guerra que o povo se formaria, gerando o sentimento de afinidade entre eles, ou seja, seria nos momentos de crise, de conflito, de dificuldade que as pessoas se uniriam. O sacrifício é a abstenção voluntária de si para algo maior: a nação, sendo o território o corpo dessa pátria (CERQUEIRA, 2011). Uma ideia religiosa de martírio e sacrifício, onde o homem e mulher sertanejo(a) devessem se sentir honrados por seu esforço em continuar na terra inóspita, como habitantes de algo maior, a nação, uma forma de unidade.

Assim, as narrativas históricas se tornam ferramentas com as quais coletividades conseguem construir suas nações a partir de temporalidades específicas intrínseca ao mundo real. As nações como objeto servem como elaboração de um passado e futuro, e até mesmo para a concepção de história como disciplina. Assim como o passado é importante para a construção das nações, as nações são importantes para a construção desse passado (OLIVEIRA, GONTIJO, FRANZINI, 2018). Dessa forma, a construção da nação é um processo contínuo onde a população vai reconhecendo suas próprias características distinguindo-se de outros e identificando-se entre si (GOMES, 2013). Barroso vai construindo o passado do homem sertanejo a partir de como quer sua nação:

¹⁵ Em vários momentos das fontes, Barroso destaca costumes coloniais presentes no cotidiano sertanejo que observa, que são melhor abordadas no capítulo 2 da dissertação por mostrarem o viver do homem sertanejo.

¹⁶ O conceito de Pátria na escrita de Barroso está ligado à terra como território pertencente. Proporcionando sentimento de afeto e cultura, se tornando algo natural. Esse sentimento seria proveniente das lutas realizadas pelo povo a partir da honra. Ver mais em CERQUEIRA, E. M. O passado que não deve passar: história e historiografia em Gustavo Barroso. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP, Mariana, 2011.

identifica quem não está nos parâmetros civilizacionais e conservadores que acredita ser o melhor, ou seja, a propagação de costumes antigos, a forma de viver e de resolver as situações não era mais bem-visto no século XX, sendo essas ações do sertanejo caracterizadas como pertencentes a séculos anteriores.

Nessa perspectiva de criação de identidade visando o sertanejo, um discurso se torna comum nessa escrita: a seca e o sertão como sinônimos. Euclides da Cunha no começo do século XX é o mais famoso de todos, colocando a narrativa do sertão na questão da identidade brasileira e da nacionalidade, em sua obra *Os Sertões*, tendo a sua primeira publicação feita em 1902. Deste modo, Barroso referencia Euclides da Cunha principalmente em sua obra *Heróis e Bandidos*, como veremos mais adiante. Nesta parte da dissertação acredito ser importante referenciar Cunha como um autor que nas primeiras décadas do século XX escreve sobre os sertões e como essa escrita se diferencia de Barroso, visto que o intelectual cearense utiliza Cunha como referência.

Euclides da Cunha, um jornalista paulista, foi enviado para o interior da Bahia para dar cabo de noticiar a Guerra de Canudos e faz isso com base nas teorias sociais e raciais presentes em seu tempo: o naturalismo, o positivismo e social-darwinismo, na análise de Albuquerque Júnior. As teorias raciológicas e geodeterministas se tornam base para explicar o evento e criam imagens e discursos sobre o homem e a paisagem. *Os Sertões*, se torna referência para se consultar sobre o sertão, fazê-lo dizível (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019).

Ao contrário de Gustavo Barroso que, por toda sua escrita, tenta se mostrar afeito ao lugar do qual fala e pertencente do mesmo, Euclides da Cunha, segundo análise de Fernando Nicolazzi, constrói uma narrativa que pode ser lida como uma descoberta, até certo ponto incômoda sobre o outro e a distância, em que um primeiro aspecto desta é o espanto do autor em relação ao que vê e narra, entendendo que tudo o que sabia sobre o espaço era pouco para entender o que presenciava. A estranheza superou as expectativas de Cunha do que esperar do lugar que observava. Há uma diferença entre as palavras e o olhar, “entre o que se sabia e o que se passava a enxergar” (NICOLAZZI, 2010, p. 263).

A distância no espaço se torna uma distância no tempo, na escrita de Euclides da Cunha, de acordo com Nicolazzi. “A dimensão temporal de sua narrativa será o foco principal de análise, no anseio por vislumbrar um tempo do sertão, assim como o próprio sertão no tempo” (NICOLAZZI, 2010). O historiador considera que a escrita de Cunha nos mostra princípios de distanciamento frente ao seu objeto e tinha como objetivo também um detalhamento na representação que até então era incompleta, visto que o

interior seria o ponto de origem e mantenedor da nacionalidade brasileira. O sertão localizado no interior da Bahia é para Euclides da Cunha, segundo Luciana Murari, o contrário da natureza exuberante descrita nas primeiras páginas, é o vazio, “esquecido pela história e pela civilização, evitado pelo homem, não o cruzam as ferrovias” (MURARI, 2007, p. 49). E caberia ao homem mudar essa realidade, visto que acreditava ser o homem a produzir essa terra ruim devido às práticas precárias de agricultura que eram as queimadas.

Nicolazzi destaca dois métodos usados por Euclides da Cunha em sua narrativa: dinâmica entre civilizado e selvagem e; figura de inversão – ambos são usados como instrumentos para se tratar a alteridade, a diferença, “reduzi-la e domesticá-la pelo discurso, mas mantendo-a permanentemente como tal” (NICOLAZZI, 2010, p. 267), destacar o outro distante no espaço e no tempo. O litoral e o sertão se tornam comparativos na dinâmica selvagem e civilizado. “De difícil classificação e de quase impossível descrição” (NICOLAZZI, 2010, p. 271), o sertão é compreendido a partir de referências familiares, ou seja, entre o moderno e o antigo, *Os Sertões* elabora a discussão sobre o selvagem, categoria importante no pensamento moderno.

Uma suposta aproximação por meio da experiência, na situação de Euclides da Cunha, poderia colocar em questionamento sua escrita aos olhos dos leitores a quem ela se destinava, visto que foi enviado para Canudos pela Folha de São Paulo para cobrir o conflito. Esse distanciamento temporal proposital colocado na escrita tinha como objetivo deixá-lo ainda mais distante daqueles e mais próximos desses. Para fazer uma análise eficaz de seu objeto até então estranho, Cunha, segundo Nicolazzi, faz uso do jogo da inversão: do tempo, da natureza, do homem. A natureza do sertão se difere de outros lugares, o tempo é diferente, assim como a própria natureza do homem. A obra *Os Sertões* é carregada de alteridade e do duplo: do outro, “a distância e a diferença são impressas ao curto espaço de uma única e mesma feição” (NICOLAZZI, 2010, p. 280). Diferente da escrita de Barroso, que mesmo querendo se tornar integrante dos grupos e instituições de saber, ou seja, se fazer próximo do Sul, via na sua proximidade com a terra e sua origem nortista uma oportunidade para isso. Suas memórias e saudosismo comprovavam sua veracidade diante do assunto tratado, pois escrevia a partir das lembranças, a saudade era o veredicto da verdade. O naturalismo assumido por Cunha tem o peso de um procedimento representativo e Nicolazzi frisa isso para destacar a distância que impõe dificuldade de identificação do sujeito com o objeto.

Barroso carrega em si uma ambiguidade: ao mesmo tempo que exalta a terra e o homem que, apesar e por meio dela, sobrevive, destaca as misérias que o espaço proporciona ao homem, assim como esse mesmo espaço não permitiria ao homem avançar e desenvolver. O sertanejo “enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje acções compatíveis com o estado social de séculos atrás” (BARROSO, 1931, p. 27), e ainda: “armas, expressões de linguagem, sentimentalismo rude, susceptibilidades pundonorosas, as mesmas de três séculos passados” (BARROSO, 1931, p. 36). Com a moral se mantendo pelo costume, Barroso considera ser uma “sociedade retardada” (BARROSO, 1931, p. 27), visto que a última educação que tiveram veio dos jesuítas e depois que foram expulsos não houve substituição. Com o sistema político republicano há escolas, mas servem para ensinamento de interesse próprio, sendo desfalcada de materiais e os profissionais capacitados são mal remunerados e escassos. Pelas escolas serem longe dos sítios e fazendas, muitas crianças que ajudam os pais não conseguem ir à escola todo dia e como não há uma cultura de educação, esses pais não obrigam ou ajudam as crianças a estudarem:

Segundo a interessante observação dum sociólogo moderno, as raças inferiores, especialmente as sensitivas e volúveis, são crueis quasi inconscientemente, á semelhança das crianças com quem se parecem. [...] Tanto mais inculto o homem, tanto mais actos violentos pratica, cedendo ás paixões de momento, ás impressões da ocasião. Para domina-las, são precisas longa educação e regular herança de inclinações e sentimentos bons (BARROSO, 1931, p. 20)

E ainda:

A physionomia social é a da época da colônia em todos os aspectos, desde o plantio da mandioca aos singelos versos dos tropeiros. [...] Nessa sociedade retardada a moral é unicamente mantida pelos usos. Os de bôa índole procuram seguir uns tantos ditacmes. [...] depois que o jesuíta foi expulso, ninguém ensinou mais coisa alguma ao sertão. Ao tempo da monarchia, eram pouco numerosas as escolas publicas. As da República não são também em grande numero e a politicagem impede que produzam beneficios reaes” (BARROSO, 1931, 36-37).

Noções presentes anteriormente em Euclides da Cunha, o qual aponta que sem qualquer limite e alguém como autoridade, a população afastada nos sertões permanece entre os séculos XVII e XIX da mesma maneira. O meio parece ajudar a florescer as características adormecidas das raças miscigenadas, por isso o sertanejo seria alguém

mais rústico e bravo, se tornando retrógrado e não degenerado. “Como que se crearam num paiz diverso” (CUNHA, 1905, p. 105).

Sobre a paralização no tempo, ao analisar a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, Fernando Nicolazzi faz uma reflexão importante que acredito caber também na análise da escrita de Barroso. O historiador ressalta que não tendo sua própria concepção de história, fixar os sertanejos à terra, é destacar que estão parados no tempo, em outro tempo daqueles que os observa. O sertanejo selvagem seria preciso ser empurrado para acompanhar a civilização, ser trazido ao tempo dos modernos. O sertanejo não ganha espaço na ciência: ou é dado como exótico, ou caricatura da espécie (NICOLAZZI, 2014, p. 277). Dessa forma, Barroso se encaixa na mesma linha de raciocínio visto que reafirma serem os sertanejos “indomáveis” e vivendo por meio de tradições passadas ainda pelos colonizadores. Quando Barroso realiza estudos comparativos com uma Europa Medieval, da mesma forma que Nicolazzi aponta em Euclides da Cunha, coloca em um mesmo ambiente com temporalidade específica um antes e um depois, dando uma maior visão do que é ser civilizado ou não além de impor a tarefa política e moral do civilizar.

Em *Terra de Sol*, ao falar sobre a vaquejada indica ser um aspecto de povos antigos e primitivos: “...toda a <vaqueirama> estruge entusiasmada, numa alegria infantil de gente simples e primitiva. [...] Como na idade-média havia justas, no sertão ha vaqueijadas de luxo. [...] A vaqueijada tem um cunho selvagem” (BARROSO, 1913, p. 54-57). Sobre o homem sertanejo viver como se ainda estivesse na época colonial e sobre a intervenção do gado no agir humano, estudos bem mais recentes já do final do século XX como os de Frederico Pernambucano de Mello, perpetuam uma noção que esse homem de valentia e afeito a violência mostra-se vital numa região que era preciso resistir ao indígena e aos animais para poder fortalecer sua fazenda e criar o gado. Ações provenientes do século XVII chegando até o XIX. “Naquele mundo primitivo, o heroísmo social forjava-se pela valentia revelada no trato com o semelhante e pelo talento na condução cotidiana do empreendimento pecuário” (MELLO, 2013, p. 22). O homem do sertão permanece selvagem e livre em seu instinto, dessa forma o orgulho pessoal se sobressai. Na caatinga não havia cercas, ou seja, era o sentimento de um homem sobre toda uma terra.

A modernidade se faz diferenciando-se do selvagem. O selvagem é colocado numa distância espacial, mas em uma ordem temporal que ocupa um espaço anterior, sendo denominado primitivo. O historiador Nicolazzi destaca que essa comparação com terras e tempos distantes é feita para se basear em algo familiar, no caso de Euclides da

Cunha, que quando chega à Bahia para cobrir a Guerra de Canudos se depara com um território completamente diferente do qual poderia imaginar (NICOLAZZI, 2010, p. 267-268), contudo, Barroso tem essa familiaridade com a terra e o espaço, sendo reafirmado várias vezes em seu texto essa proximidade. Mesmo demonstrando sua aproximação e conhecimento, Barroso manifesta estranheza e uma certa compaixão pelos sertanejos serem como são, os colocando em um tempo que demonstra relembrar como bom: o tempo do engenho, da escravidão e da casa grande. Barroso remonta-os ao que acredita ser seu próprio passado: sertanistas que lutavam contra tribos indígenas, animais ferozes da mata, contra o calor, o calcário e o outro homem. Mas da mesma forma que Nicolazzi analisa em Cunha, observo em Barroso que essa aproximação do objeto no discurso é utilizada apenas para evidenciar a distância. Como o sertanejo é descrito nas fontes não é algo a se orgulhar, mas sua ascendência sim, já que as coisas admiráveis nesse homem: valentia, coragem, força e a não fragilidade adviriam daqueles que desbravaram os sertões e viviam para sobreviver.

Acredito que devo deixar claro que a intenção dessa dissertação não é fazer um estudo comparativo entre a escrita de Gustavo Barroso e Euclides da Cunha, contudo, considero importante para o entendimento da narrativa trazer olhares de intelectuais que escrevem anteriormente sobre o mesmo tema às obras de Barroso. Isso permite observar que a ideia transcrita por Barroso acerca do sertanejo não era algo inédito, mas que perpassava seu tempo e espaço, e assim como os demais intelectuais, é produtor da imagem do Norte e do sertanejo. Gustavo Barroso ampara-se em muitos momentos ao longo das 5 fontes em Euclides da Cunha e muito de seus ideais convergem mesmo falando de populações diferentes, ou seja, transformam uma região em algo geral, onde o que mais chama a atenção pelos dois falarem do mesmo tema é a diferença na aproximação e distância em relação ao sertanejo, fazendo com que novas narrativas surjam. Dessa forma, ao trazer Euclides da Cunha ao trabalho, quis evidenciar a escrita que cercava o sertanejo baseada ainda muito no biológico e nas ciências naturais, as teorias científicas presentes no começo do século XX, e reflexões importantes feitas pelo historiador Fernando Nicolazzi acerca da obra *Os Sertões*, que cabem também em uma análise mais aprofundada da escrita de Gustavo Barroso sobre o mesmo tema.

Na primeira parte da obra *Os Sertões*, a paisagem é descrita como um todo, como se o observador estivesse longe e vendo tudo de cima e não como se estivesse no lugar. Para Euclides da Cunha, no estudo de Nicolazzi, as representações do real estão mais ligadas a cientificidade do que a literatura. Contudo, a poesia está presente na obra, mas

em outro momento que não seja a argumentação formal. Traços diferentes da escrita de Barroso, onde o cearense tem orgulho em mostrar as lembranças, como se estivesse vivendo ao mesmo tempo que fala, ou como se fossem lembranças de tempos próximos, usando também da poesia como fonte e em sua narrativa, onde faz referências constantes aos sentimentos, principalmente nas fontes *Terra de Sol, Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja*.

A nação de Barroso se constrói a partir da ambiguidade, da denúncia e do apontamento de quem teria as soluções. Barroso se orgulha de sua origem, de seu povo sertanejo, ao mesmo tempo que acredita buscar o melhor para eles, ou seja, quer integrá-los aos moldes civilizacionais, assim como quer que essas pessoas respondam as regras colocadas por essa sociedade moderna conservadora. Contudo, essa imposição coloca em risco as mesmas coisas que Barroso admira na população sertaneja e o sertão: sua resistência, sua cultura popular, sua devoção e o seu viver no geral. O tempo Colonial, do Império e da República são tempos diferentes, mas que o sertão tinha experimentado apenas um: o da Colônia. A República, como mostrado na citação, não traria conforto ou melhores condições de vida a essa população, mas também era causa de problemas: a falta de educação e a politicagem dos coronéis que ajudavam o cangaço como coiteiros. O tempo do sertanejo e do sertão é o da Colônia, dos jesuítas, das trovas e romances medievais, que mantinham o sertanejo guardado como um tesouro nacional, regados apenas pela colonização portuguesa, ou seja, guardavam em si, e nos costumes que mantinham de pai para filho, a cultura branca europeia que deveria ser expandida. Expandida de acordo com o controle espacial, temporal e dos corpos. Identificar o sertanejo como estagnado no tempo, como um tesouro recém-descoberto de ser o ideal da nação, constrói uma imagem de serem incapazes de se desenvolverem por si mesmos, e que deveriam ser civilizados, já que postos como “primitivos”, mantendo essa tradição, mas vivendo nos moldes e regras civilizacionais. Ao sertanejo e ao sertão faltavam as regras, o controle e, o homem civilizado, branco e intelectual é quem levaria essa civilização a esse espaço já muito bem construído como inapto a mudanças.

Mas, como intelectuais contemporâneos, há semelhanças entre os autores como, por exemplo, o uso dos estudos do intelectual determinista Hippolyte Taine que via na terra, e no solo características determinantes e que gerariam grande influência na formação do homem. O que uniria a nação seria mais a cartografia que a própria história, usa da geologia para captar as camadas temporais, a partir da experiência ao qual narra. A história de um povo seria escrita e compreendida apenas se fosse estudado a base

psicológica de determinada coletividade. “O contato entre temporalidade distintas só encontra representação satisfatória se colocada na concretude de metáforas espaciais, como a irrupção que verte sobre a terra nova os compostos antigos há muito escondidos nas profundezas da terra” (NICOLAZZI, 2014, p. 271). Barroso sugere medidas que avancem a civilização nos sertões que narra, querendo manter suas tradições e a cultura popular.

Gustavo Barroso aparece no texto de Durval Muniz de Albuquerque Júnior como sendo um dos principais fundadores de uma das formas de ver e de dizer o sertão, incorporadas pelo regionalismo. As obras do autor referenciadas pelo historiador são *Terra do Sol* (1912), *Heróis e Bandidos* (1917), *Ao Som da Viola* (1921), *Praias e Várzeas: Alma Sertaneja* (1923), juntamente com outras literaturas dão ao sertão sua própria alma, configuradas nas produções culturais e literárias de seus habitantes e, também, de seus comportamentos diversos do litoral (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019). Essas narrativas romancistas, todavia, mostram homens incapazes de se modificarem, atrelados a uma vida escravista (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

As diversas obras comentadas por Albuquerque Júnior, incluindo as de Barroso, vão definir também um perfil distinto do sertão que se tornará depois o nordestino, “ou seja, esse sertão que, além de uma paisagem, de uma natureza distinta, da qual as secas e a caatinga seriam os principais elementos definidores, possuiria uma cultura própria” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 27). Esse sertão nortista/nordestino carregaria sua própria produção cultural, nacional, sem influência de estrangeiros ou urbanos. Em relação ao Ceará, o autor aborda que sendo um estado onde o sertão chega até ao litoral, e sendo o espaço da seca até o século XIX, a produção cultural cearense foi fundamental na criação imagética do sinônimo entre Nordeste e sertão, sertão e semiárido (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019). Barroso ao construir seu sertão, muitas vezes como forma de acusação e da falta, constrói simultaneamente sua imagem. Corrobora um sertão seco e inflexível, não afeito a mudanças, na verdade é como o queria deixar, mostrando que havia no Brasil, em seu interior, quem ainda mantinha suas raízes, sua força e honra patriótica.

Outra análise feita sobre as obras de Barroso, interessante de observar, é a dissertação de mestrado de Vinicius Ribeiro defendida em 2021 onde afirma que na obra *Heróis e Bandidos*, o meio seria, para Barroso, significativo de miserabilidade, mesmo havendo descaso social, o meio já era justificativo de sobrevivência para as pessoas que ali viviam, unindo-se ao meio, a fome e a seca. Barroso relata a seca de 1877 para

corroborar seu argumento onde muitos sertanejos foram para a criminalidade por conta da situação crítica.

A seca também influenciaria o ofício do sertanejo, na análise de Ribeiro sobre a leitura da obra de Barroso, a intempérie impossibilitaria o plantio devido à falta de água e por deixar o solo infértil. “Na terra estéril, infértil, o ganha-pão da massa deixa de ser a agricultura e passa a ser o pastoreio” (RIBEIRO, 2021, p. 40). A atividade do pastoreio criaria costumes como: o nomadismo e a desocupação que se veem também no banditismo. Contudo, acredito ser importante ressaltar, como já trouxe exemplos anteriores, que vários autores apontam no gado um dos maiores motivos para civilização dos sertões e até mesmo da nação e não apenas uma opção tomada por conta de outra. Barroso destaca em *Terra de Sol*, que a seca não é o motivo pelo povo sertanejo deixar a agricultura e se dedicar à pecuária, o sertão também carrega o problema das queimadas, de descuido ou natural, elas varrem os pastos que ainda sobraram. “Então crepita e estala uma touceira de capim. A chamma cresce, devora-a, passa a outra, cresce mais e mais [...] Sobre aquelle clarão incipiente sómente se arqueia a indiferença do céu e aos seus pés estende-se sómente o plaino vasto do sertão” (BARROSO, 1913, p. 16). Barroso na mesma obra afirma que, em maioria, os sertanejos são descendentes do indígena com o português, apesar de alguns “traírem” o sangue europeu pelo gosto da vida nômade, desta forma, por terem essa característica em seu sangue, como acreditava o autor, essa seria a explicação pela atividade pecuária, ou seja, carregam em si, novamente como já posto anteriormente, um nomadismo de povos pastoreios.

Com sua afirmação de que a vida de plantio era quase impossível devido a terra infértil, Ribeiro coloca a seca como sendo um fator determinante e sempre presente na região Nordeste, ajudando na construção e em uma imagem definidora da seca como essência da região. Como já explicitado antes, a seca não é algo anormal do que hoje é compreendido como região Nordeste, a qual o intelectual se refere como Norte em sua época. Ela ocorre em tempo estimado, tudo passa e se renova com as chuvas no Inverno (janeiro a junho), mas se essas não vêm é o que realmente chamam de Seca, com ela vem a crise, a miséria e a fome. Os dias a partir de dezembro, passam a ser de espera pelas chuvas. “Si nos mezes de inverno chove, tudo vai bem: volta a fartura [...] Mas si nesses mezes, assim anciosamente esperados, não cae do céu vasto e mudo a dôce esmola duma gota d’água – é a secca propriamente dita, a crise” (BARROSO, 1913, p. 27). É destacado por Ribeiro, em relação ao meio e ao sertão, de que Barroso trata, apenas quando fala da seca, mas o sertão de Gustavo Barroso é também o sertão verde. “O sertão refflorido muda

de physionomia. Fica verde, todo verde, de um verde lindo, novo e forte, que alegra a vista e o orvalho borrija pela madrugada clara” (BARROSO, 1913, p. 39). As árvores, antes secas, são recobertas pelas folhagens, as flores reaparecem, os rios correm pelo “verde das caatingas” (BARROSO, 1913, p. 40), os animais comem e bebem, os pássaros que haviam migrado também voltam ao sertão. “Tudo está alegre, seivoso, vivo” (BARROSO, 1913, p. 41). Diferente da afirmação feita por Ribeiro, como algo decretado que o solo sempre infértil seria incompatível com a agricultura, Barroso destaca que “Vicejam as plantações em Dezembro e Janeiro” (BARROSO, 1913, p. 43-44). A seca, a morte e a melancolia têm espaço de destaque nas obras de Barroso, especialmente em *Terra de Sol* e em seus livros de contos analisados: *Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja*, mas o intelectual cearense também fala além disso, assim como discorre para além da violência do cangaço na construção de seu(s) sertão(ões).

A seca tão comentada por Barroso como cenário certo de destruição, naturalizada como catástrofe, foi algo também construído e se torna imagética do que hoje conhecemos como a região Nordeste, ao qual o autor referencia como Norte nas primeiras obras analisadas, muitas vezes deixando de localizá-la como algo natural. Desta forma, para abranger discussões importantes que abarcam o estudo sobre a História dos Sertões e o colocar como espaço construído, abordarei na subseção 1.2 deste capítulo discussões que fomentam esse sertão seco como único e especificamente do interior nordestino, provenientes de discursos tais quais o de Barroso que, no século XX, ajudaram a construir essa imagética no pensamento social e político brasileiro.

É possível perceber que com a análise das obras que percorrem as datas de 1912 a 1930, nessa análise do capítulo 1 restrita a sua construção do que denomina como sertão, Barroso passa a permear ainda mais os flagelos que nas primeiras obras, deixando o sertão verde para as memórias de infância, para as tradições e, conforme vai construindo sua vida social e fazendo parte de instituições que legitimam seu discurso, sendo reconhecido por isso no mundo intelectual, passa a ser um detentor da verdade para mostrar o descaso à região por parte do governo nacional. As obras se tornam como que acusações da falta de políticas públicas, que ele discorre mais atentamente na obra *Almas de Lama e de Aço* que veremos no capítulo 2 dessa dissertação, referente a sua formação do homem sertanejo. Barroso vai se transformando no porta voz da região Nordeste, que também é construída nessa época, em um intelectual ativo que tem a intenção de mostrar ao povo do Sul, para quem escreve, como é a realidade da outra parte do país, do seu espaço, do seu Norte.

Partindo da análise de sua escrita, de todas as cinco fontes analisadas: *Terra de Sol* (1912), *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (1917), *Alma Sertaneja* (1923) e *Almas de Lama e de Aço* (1930), Barroso se identifica com seu pseudônimo, que vem logo abaixo de seu nome, João do Norte. Com base na tese de doutorado de Afonsina Moreira, Barroso se fazia próximo da cultura popular e essa relação contorna “caracteres de um discurso regionalista, na intenção de homogeneizar em um nome, região Norte (Nordeste), uma diversidade de experiências” (MOREIRA, 2006, p. 16). Barroso busca uma identidade nacional e o que seria o popular, relacionado com a construção da memória, havia a incessante fixação de um sujeito que não se esqueceu de suas origens, do Norte. “Foi no Norte da saudade que Gustavo Barroso trilhou sua escrita” (MOREIRA, 2006, p. 17), sua história foi recriada por si mesmo em direção a esse Norte e sua escrita reafirma o sentimento identitário entre o João do Norte e a terra, aquele que não está mais em sua terra e sente saudade. Sobre essa saudade de sua terra, Barroso tentava na escrita amenizá-la e preservá-la, sendo preocupado em ser identificado como alguém que não se esqueceu do Ceará e de suas origens. (CERQUEIRA, 2011). Essa saudade vem carregada do medo do progresso e do futuro que poderia vir a ser a perda das tradições, dos costumes e até mesmo da hierarquização de raças. Com saudade do sistema sociocultural que se modificava, Barroso se porta como perdido entre o Ceará (sertão) e o Rio de Janeiro (urbano). Nesse contexto é que o autor se coloca como do Norte estando deslocado do Rio, mas seguindo os saberes deterministas de seu novo espaço e tempo (DANTAS, 2021). Esse Norte era menos um fazer parte daquele espaço do que um identificador para as pessoas do Sul. Apenas a escrita poderia manter o passado imutável, tal qual queria os herdeiros do engenho (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Moreira destaca que Barroso quer mostrar por meio de suas ações e escrita as raízes de sua trajetória, pois, sua atividade intelectual e de escritor acontece em maior parte no Rio de Janeiro, para onde se muda em 1910. Essa vinda é mostrada como feita a contragosto e “com o recurso da imagem de exilado, desterrado de sua cidade, Barroso traçou uma imagem de escritor permanentemente saudoso e insatisfeito” (MOREIRA, 2006, p. 47). O Norte rumava e literalmente norteava a vida pessoal, política e intelectual de Barroso, onde esse saudosismo e lamento se identifica com o sentimento de dor para o intelectual, vendo que o mundo ao qual crescera ouvindo e teve contato quando criança estava se modificando. “Sua identidade se encontra sob o signo do passado” (CERQUEIRA, 2011, p. 18), estando o militarismo, o patriotismo e o folclore misturados no imaginário de sua nação brasileira. As mudanças sociais geram uma crise no código

da masculinidade, homens que tem seu poder reduzido, não podendo mais agir conforme as regras que ditavam sua masculinidade. Nas narrativas, essa constante volta ao passado, demonstra como estão infelizes com suas condições atuais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Sua escrita carrega forte influência do século XIX: cientificismo, catolicismo, história científica, história natural e filosofia da história. Barroso transforma o passado em fonte, fazendo com que a passagem do tempo se tornasse menos brusca (MOREIRA, 2006). Em relação ao catolicismo, Barroso lamenta as perdas da tradicionalidade da religião, criticando culturas estrangeiras e afirmando que a cultura brasileira deveria ser valorizada: o tradicionalismo e o catolicismo, que seriam fundamentais para uma identidade nacional. O militarismo também é fundamental e norteia “suas opções políticas, museológicas e, principalmente historiográficas” (CERQUEIRA, 2011, p. 91). Para Elyaldo Dantas em sua tese de doutorado, a narrativa de Barroso também traz aspectos de conceitos conservadores de outros pensadores e uma literatura romântica. A fala sobre o Norte ajuda a fabricar simbolismos à região, mas também ajudam Barroso a se consagrar como intelectual. Em sua escrita as características mais marcantes são: romantismo, realismo e naturalismo, do primeiro vem a amargura e o lamento, o sertanejo é visto como alma nacional que guardavam as lendas e costumes frente a um progresso que assombrava; do segundo e terceiro estilo, sua narrativa traz o caráter de que o homem seria fruto de uma evolução social, tendo o europeu branco lugar privilegiado no topo (DANTAS, 2021).

No discurso romântico o sertão é visto como berço da nacionalidade, onde natureza e social seriam um, gerando um aspecto positivo e no Brasil no século XX a escrita da história não se desassocia da ficção ou do romantismo, Gustavo Barroso é um autor de referência nestes termos no século XX. “O romantismo lida com essa massa temporal, adquirida em ritmo próprio, por tudo aquilo que envelhece” (RAMOS e MAGALHÃES, 2013, p. 100). No discurso realista o sertão é um oposto a cidade e essa visão é carregada pelos pressupostos raciais que viam como degeneração a miscigenação. Mas sertão e sertanejo estão presentes na literatura regionalista que vinha com um aspecto de formador nacional (OLIVEIRA, L., 2015).

O termo naturalismo, segundo Nicolazzi quando analisa a escrita de Claude Blanckaert, vai para além de entendimentos literários e se mostra um sistema de união para reflexão de 3 pontos: história natural, filosofia e intervenção política, envolvendo temas como: “um fundo epistemológico permeando ciências naturais, sociais e literatura;

regras discursivas que tendem a afastar o investigador de seu objeto; um projeto político de administração populacional e de gerência de espaços públicos” (NICOLAZZI, 2014, 246). Segundo Nicolazzi, o naturalismo se mostra muito importante, pois para além de discurso científico se forma como discurso de intervenção a partir da política no grupo social.

Nos aspectos de sua escrita, o passado para Barroso é imutável, o presente era possível adulterar, deste modo, as credences populares eram postas no passado se fechando a qualquer mudança imposta. A modernização alterava tudo: social, político e economia dos espaços, o que não ocorria na tradição sertaneja, a qual não havia sido atingida pelos ruídos cosmopolitas (MOREIRA, 2006). Sua saudade é o do campo rural nortista onde a elite agrária¹⁷ era o centro do comando e, com a modernidade as raízes que Barroso considerava brasileiras se desfaziam. Quer reviver um passado que não viveu, mas que tinha direito devido a sua hereditariedade, ou seja, um passado elitista do Norte, e como a própria capital do país não mostra relevância a esse passado imóvel da nação, Barroso se volta pro espaço onde o passado ainda vive: o sertão (DANTAS, 2021). Erika Cerqueira que também analisa as obras de Barroso em sua dissertação de mestrado, afirma que em suas memórias o intelectual já afirmava que sua família não possuía dinheiro, correlacionando esse fato a uma vida difícil no sertão.

As gerações ainda ligadas a uma tradição agrária, mas que agora haviam perdido tudo, precisavam buscar novos espaços, no estudo de Albuquerque Júnior, é um espaço afetivo que se esvai, dando lugar a um espaço anônimo do novo rural ou da sociedade urbana. Com o mando limitado, o seu próprio mundo também estava agora cercado. Os antigos senhores de engenho, além do mando autoritário perdido, perdiam a imensidão de poder (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001). O encurtamento das distâncias sociais, econômicas e de poder da nova elite branca e da aproximação destes com negros, mestiços e pobres em geral que a modernidade trazia a possibilidade de ascensão, mesmo que limitadas. “O medo da inversão das hierarquias sociais e de cor é que está na base desta sensação de encurtamento do mundo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 96). Ou

¹⁷ Como já exposto antes, com a queda dos preços do açúcar e algodão no final do século XIX, com a crise política e a queda de grandes potentados rurais, várias pessoas que haviam ido para o interior trabalhar nas plantações se veem forçadas a migrar para os centros urbanos e litoral em péssimas condições com a seca de 1877-79. Assim a conhecida “Seca do Ceará” ou “Grande Seca de setenta” ganha espaço para se tornar problema de Estado, nacional e uma causa política. Essa “Grande Seca” se espalha porque atingiu não apenas os mais pobres, mas os grandes proprietários nortistas que já estavam decaindo devido ao café no Sul. Ver mais em: ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. 2019.

seja, se aproximar desses que antes eram mandados, onde antes havia uma distância absurda, é intragável.

Gustavo Barroso é um intelectual de seu tempo, mas que também constrói a si mesmo a partir de seu discurso, ou seja, constrói sua região com base no seu passado e nas suas memórias, baseados em teorias científicas e deterministas muito presentes no século XIX e assim é legitimado pelas instituições como um intelectual. Nessa posição, Barroso ajuda a constituir a imagem do Norte, e posteriormente Nordeste, como sendo estático e inflexível, assim como seus habitantes, que angariam as características do meio para o seu cotidiano, agindo conforme o meio permitisse. Dessa forma, na busca por uma unidade nacional, o sertanejo e o espaço do sertão deveriam sofrer mudanças conservadoras, por meio do controle, para que alcançassem o ritmo nacional vivido e proliferado pelo litoral, em especial o Rio de Janeiro.

1.2 – Sertões vastos e uma discussão sobre história dos sertões: sertão não é um espaço homogêneo e nem sempre foi nordestino

Como um estudo que se enquadra em uma discussão sobre a historiografia dos sertões, acredito ser importante destacar a importância da área e como ela instiga a procurarmos novas formas de se dizer os sertões, tendo observado a força que a categoria sertão carregava no início do século XX, já que há intenção de estagná-lo e torna-lo um espaço geográfico específico, fazendo assim com que tudo o que ali sobrevive também seja mantenedor da estabilidade.

Tal qual sertão, o termo seca também é muito relacionado à Região Nordeste e constituinte desse espaço. Deste modo, considero importante trazer a noção de seca atrelado a noção de sertão, já que ambos se relacionam no imaginário de um espaço específico, para que assim possa haver um questionamento dessa relação que hoje nos parece natural. Uma história única é perigosa para qualquer lugar e isso acontece com a região do semiárido ou sertão nordestino que ganha aspecto de miséria, seca e lugar inabitável, parado no tempo. Essas características permitem que nasça um poderoso discurso sobre essa região. A noção de pobreza e isolamento são formadas por meio de análises simplistas e generalistas (SANTOS, NICODEMO e PEREIRA, 2017).

A região se forma como uma construção mental de imagens, partindo de representações oriundas de conceitos levantados por intelectuais. Conceitos esses abstratos tentando resumir ou reduzir uma realidade, contudo, muitas referências ficam de fora das narrativas, já que não é possível abarcar todas as pluralidades sociais. Região

se faz como uma generalização intelectual e o conceito designado a determinado espaço cria a realidade desse lugar. Região como uma realidade mentalmente construída, intelectualmente elaborada e socialmente situada¹⁸.

O imaginário sobre qualquer região se sustenta pela naturalização e representação do espaço geográfico e simbólico. Imaginário este que se pauta em práticas concretas e é institucionalizado, a partir disso ganham veracidade e ganham repetição. O lugar faz imagem de si, para si e sobre si, desta forma o Nordeste não é algo natural, mas sim naturalizado e construído com imagens estáticas: seca, fome e pobreza. Diferente de outros lugares o Nordeste surge como se não tivesse nada a oferecer, ao contrário, lhe falta o básico: a água¹⁹. “O Nordeste é, em grande medida, filho das secas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81). O estereótipo tem uma dimensão concreta e quando é subjetivado pelo objeto desse estereótipo ele se materializa. As relações entre água e sol no Nordeste, além de definidores, se modificam, onde no litoral é bem visto e apreciado, enquanto no interior é nomeado pelas terras rachadas e o flagelo sertanejo. Água e sol são um problema pelo seu excesso ou pela sua falta²⁰.

A palavra Seca, ainda mais ligada ao que hoje compreendemos como região Nordeste, perde sua forma conceitual e se torna algo natural, como se sempre tivesse existido. Antes de ser seca de uma região toda, Durval Muniz de Albuquerque Júnior destaca que em 1877-79 ela era reconhecida como Seca do Ceará e depois, apenas com a criação do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) em 1919 (anteriormente denominada IOCS – 1909), tornar-se uma seca do Nordeste/Norte. Quando falado em Seca vem à mente do leitor determinados números de imagens e sentimentos, em certo acontecimento histórico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017). Pois, o termo Nordeste inicialmente é usado, segundo o historiador, para nomear onde o IFOCS atuaria. Era uma designação de uma parte do Norte que sofria com as estiagens e merecia atenção do governo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A produção feita pelo IFOCS também é construtora do sertão nordestino, fazendo com que as outras partes do país tenham interior e não mais sertão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019). A institucionalização da problemática da seca de alcance federal se dá devido a “demandas políticas, sociais e

¹⁸ Curso online Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - CE. História de uma região: Representações do Nordeste Brasileiro. Realizado em 2020.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

econômicas relacionadas ao fenômeno da estiagem e seus trágicos efeitos, tomando como marco temporal a ‘Grande Seca’” (ANDRADE, 2020, p. 282).

Albuquerque Júnior aponta que já na primeira metade do século XX há a noção de sinônimo entre Nordeste e seca, construído pela produção do IFOCS. O sertão seria também o lugar do sol escaldante e da terra rachada:

Ou seja, além da sinonímia entre Nordeste e seca, havia já se estabelecido, nesse final dos anos 1930, uma sinonímia entre Nordeste e sertão, entre Nordeste e dados sertões, entre Nordeste e dada imagem e paisagem do sertão, aquele marcado pelo seco, pelo duro, pelo anguloso, pelo pouco, pelo menos, pelo espinhoso (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 28-29).

As imagens que constituem a seca do Nordeste estão envoltas por um jogo social e político que acontecem em determinado tempo histórico. Imagens construídas para delimitar espaço se tornam tema e resistem por muito tempo como definidor do espaço do Norte, posteriormente Nordeste. A que mais resiste é que o Norte seria mais brasileiro, estando nele os elementos que fundamentariam uma literatura nacional, isso se daria, pois, a leva de imigrantes nos estados do Rio e São Paulo eram infinitamente maiores que no Norte (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017).

Com a queda dos preços do açúcar e algodão no final do século XIX, com a crise política e a queda de grandes potentados rurais, várias pessoas que haviam ido para o interior trabalhar nas plantações se veem forçadas a migrar para os centros urbanos e litoral em péssimas condições com a seca de 1877-79. Assim a conhecida “Seca do Ceará” ou “Grande Seca de setenta” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019) ganha espaço para se tornar problema de Estado, nacional e uma causa política. Nasce a famosa imagem do retirante, que será uma importante figura na produção cultural nortista e posteriormente nordestina, já que a província estava em crise, as grandes famílias não conseguiram se sustentar em cargos públicos para resistir a estiagem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019). Então, essa “Grande Seca” se espalha porque atingiu não apenas os mais pobres, mas os grandes proprietários nortistas que já estavam decaindo devido ao café no Sul. Surge, nessa época, os primeiros projetos para monitorar a região e a seca passa a ser discurso político tendo como base o cientificismo²¹ (ANDRADE, 2020).

No século XIX, o sertão passa a fazer parte de algo maior: a nação em nascimento. Vários foram os discursos que convergiram pra isso, como a seca do Ceará, que no final

²¹ Acreditava-se ser possível detectar a seca por meio da ciência e os estudos técnicos-científicos tentam legitimar essa ação. Ver mais em: ANDRADE, Juciene. Os sertões em debate: fronteiras, secas e instituições. Projeto História, São Paulo, v. 69, p. 275-311, set./dez, 2020.

do XIX se torna um problema nacional. Seca e sertão passam a caminhar juntos, quase como sinônimos no imaginário popular, além também de carregar a barbaridade oposta ao litoral civilizado (REIS JÚNIOR e ARAÚJO, 2021). No começo do século XX com a literatura regionalista se formando, com os anúncios do banditismo e revoltas presentes no interior nortista e posteriormente nordestino, cada vez mais frequentes na imprensa e até na literatura, o nascente sertão nordestino vai se construindo para o Sul, interior/sertão marcado pela violência, pobreza e vida rural. A busca por essa unidade nacional passa pelas vias de medidas de controle social, controle do meio, controle vindo de fora, fazendo com que o Sul se sinta impelido a ajudar, principalmente pela caridade, que veremos mais adiante.

A literatura nortista, tem como foco em grande parte o Ceará por meio de vários autores nascidos no final do século XIX e começo do XX no estado, mas também pelo Ceará ser reconhecido como o espaço da seca. Essa literatura da seca aborda bastante sobre o tema das epidemias junto com as estiagens, a morte dos animais e pessoas por sua consequência, terra rachada, rios secos, entre outros (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017). O historiador Albuquerque Júnior elucida que é por esses motivos que, a partir dessa seca do final do XIX, surge um discurso da seca que será frequente no regionalismo do Norte e também formador da “indústria da seca”²². A partir da década de 1920 começam a surgir questionamentos quanto às irregularidades nas verbas destinadas ao IFOCS, juntamente com desacordos regionais (ANDRADE, 2020).

A Grande Seca é a primeira a ter reconhecimento nacional e tem sua especificidade, ocorrendo 25 anos depois da última seca e, nesse momento (década de 1870), em estudo de Albuquerque Júnior, a imprensa nacional já tinha grande alcance, esse fenômeno é o primeiro a levar aos jornais as suas vítimas. Miséria, fome, morte e doenças eram estampadas no jornal, a partir da tecnologia da fotografia, representação do real para as elites de outras partes do país que não sabiam absolutamente nada sobre o assunto. “Paulatinamente, estabelece-se a sinonímia entre sertão, semiárido e ocorrência das secas, terra dos retirantes” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 24). A grande seca

²² O uso desse fenômeno (seca) para se angariar fundos públicos na criação de cargos e instituições que ajudariam essa elite vivente nesse espaço flagelado. O espaço da seca do Ceará se amplia se tornando do Norte como um todo. Ver mais em: ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL, v. 25, p. 21-35, 2019.

foi tema também de discursos parlamentares, religiosos e técnicos, mas o discurso que mais se destaca diante desse tema é o da literatura.

A obra *Os retirantes* de 1879, escrita por José do Patrocínio, um fluminense, inaugura a literatura da Seca, de acordo com o historiador Albuquerque Júnior. Além de elencar imagens do que seria a seca, constrói uma narrativa que será agregada por muitos autores posteriormente. A obra é escrita em uma viagem ao Ceará no ano de 1878, como jornalista e se vê impactado com o que presencia e com os testemunhos que escuta. Os periódicos que publica no Jornal, intitulados “Viagem ao Norte” chocam a elite letrada sulista, em especial a do Rio. As imagens que narra são reforçadas com as fotos que escolhe tirar de corpos e cenas estarecidas.

O que antes era algo abstrato, a seca do Ceará com Patrocínio, ganha visibilidade e dizibilidade. O livro é lançado posteriormente com as imagens de sua experiência, das figuras da história local e de suas lendas, também com o arquivo memorialístico encontrado nos jornais, escritos de autores locais. Patrocínio institui um modelo narrativo, que mesmo com a singularidade cada autor, é perceptível seu uso posterior. “Ele construirá o que podemos nomear de uma estrutura de significação que se articulará e aceitará a relação com distintas temporalidades e com seus acontecimentos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 235). A seca é tratada por meio da narrativa de pessoas retirantes. “Narrar a seca torna-se narrar a retirada e todo o rol de misérias, sacrifícios e sofrimentos que ela traz” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 236).

O discurso da seca que ajuda a construir o sertão nortista e posteriormente nordestino, provém muito da sua dinâmica com o Sul. Frederico de Castro Neves, ressalta que em São Paulo e no Rio de Janeiro vários foram os grupos de pessoas que saíam nas ruas pedindo donativos, com a bandeira nacional em 1915, para ajudar as pessoas do Norte do país que sofriam com a seca, que expunha a fome e a miséria pela falta de chuva, o número de pessoas pobres era muito maior do que a capacidade assistencial do Estado e de entidades particulares, com isso, vários foram os grupos que se mobilizaram na ajuda à assistência. O autor destaca que o esforço proferido pela capital da república era compartilhado das famílias abastadas do Ceará para socorrer as pessoas da seca, em Fortaleza vários foram os eventos beneficentes realizados. Ou seja, a indústria das secas, noção formulada por Albuquerque Júnior, gerava uma grande movimentação dos mais variados espaços sociais em prol do povo flagelado e retirante.

Neves destaca que essa ação caridosa reforça junto ao retirante e suas mazelas, a proteção do pobre, característica presente em governos não liberais, onde há relações

paternalistas que enfocam a desigualdade. “A caridade reafirmava princípios de manutenção da ordem política tradicional e, ao mesmo tempo, a despolitização do empobrecimento por meio da privatização da assistência social e/ou sua vinculação aos valores cristãos defendidos pela Igreja Católica” (NEVES, F., 2014, p. 117).

Nos jornais, as imagens publicadas reforçavam a urgência e o sofrimento dos retirantes e das pessoas assoladas pela seca, visto que estavam fragilizados não conseguiam por si mesmo reagirem. Apenas a caridade poderia ajuda-los a refazer a sociedade. Neves explica que as chamadas nos jornais tendiam a enunciados diferentes, ao dizer “pelos flagellados” referia-se as pessoas que sofriam pela seca, ao dizer “em prol do Norte” fazia referência que todo o Norte estava assolado e sofria com a seca da mesma maneira. Em 1915 era exposto nos jornais fotos que remetiam a ideia do que seria a seca, a terra e as pessoas pobres, indicando a decadência econômica do estado do Ceará pela morte dos animais, visto que era sua maior renda (a pecuária). “Todas essas atividades e representações, entre muitas outras, apresentavam-se como partes de um conjunto composto por inúmeras ações de caridade, que era seu elemento motivador e legitimador” (NEVES, F., 2014, p. 118). A caridade se colocava como restauradora da ordem social e da relação com os pobres, legitimando essa ordem que naturalizava a pobreza. Diferente de 1877 que a seca representou novidade para as elites nortistas, em 1915 o cenário da seca já prefigurava a imaginação sobre as ameaças que eram os retirantes. Os retirantes traziam a miséria e o paternalismo que a República queria ver excluídos, contudo esses retirantes traziam consigo uma força política grande do discurso da pobreza.

Neves indica que as próprias fronteiras internas do Estado estariam sendo revistas em relação a pobreza e riqueza, “dos níveis de produtividade industrial e capitalista que estabelecem padrões de desenvolvimento e relação com o Estado” (NEVES, F., 2014, p. 121). O Norte nessa época entrava em período de decadência, os nortistas (em processo para se tornarem nordestinos) veem a divisão da riqueza como injusta e desigual, desviando o dinheiro para o estado mais rico e deixando os outros. Esse discurso da seca evocando imagens estarrecedoras de morte de animais à pessoas, de desespero pela fome, tira o foco da seca ser algo natural do clima semiárido. A seca aparece como uma intempérie que recai sobre uma vida rural harmoniosa e equilibrada que teriam conflitos apenas decorrente das defesas da família, da honra e do pessoal. Se constrói um universo onde não há contradições ou fraturas sociais, cada qual ocupando seu lugar, numa troca de trabalho e proteção. “O ‘perímetro das secas’ [...] passa então a ser o critério de criação

de uma geografia regional, que iria se materializar com o mapa regional do Brasil, criado e oficializado na década de 1940” (NEVES, F., 2011, p. 20).

O discurso regionalista é produzido por filhos de fazendeiros e senhores de engenho, discurso que nasce em busca do pertencimento, tecendo um sentimento, a escrita regional repercute um imaginário sob dada região, constrói sua verdade. Localizar o Nordeste na literatura é pensar um sentimentalismo, um pertencimento, a partir também da geopolítica. Os escritores da região e que falam sobre ela narram o que viveram, o que acreditam ter vivenciado, fazendo nascer um discurso caricato do Nordeste. Espaço poético que nasce por meio da literatura de um princípio de se sentir Nordeste, instituindo uma verdade²³. “O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33). O termo sertão se torna algo naturalizado muitas vezes deixando de ser pesquisado sua historicidade como espaço e figura do pensamento social. Na literatura, o sertão aparece como tema em várias obras e a literatura é parte constitutiva de uma sociedade, ou seja, contribui para criação de sentimentos sobre determinado tema, no caso do sertão, foi muito frutífera ao relacioná-lo com a seca (REIS JÚNIOR, e ARAUJO, 2021).

O discurso regionalista não transporta a realidade, mas ele a institui. Esse discurso é partícipe da produção do objeto, “atua orientado por uma estratégia política, com objetivos e táticas definidos dentro de um universo histórico, intelectual e até econômico específico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 62). O regionalismo naturalista literário e o sentimento crescente regional entre Norte e Sul, contribuem para o surgimento da região Nordeste, e a arma política do discurso se torna a seca de 1877-79 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Gilberto Freyre, nessa análise do regionalismo por Albuquerque Júnior, ajuda a construir um conceito de Brasil homogeneizado, ou seja, em um povo miscigenado sempre unido. Defende a construção de um regionalismo que não excluiria, mas incluiria toda a nação. Devido ao seu contexto social, nascido de uma elite proveniente de grandes engenhos, Freyre destaca a importância das elites coloniais no processo dos valores nacionais exaltados no manifesto regionalista²⁴. É na década de 1930 que o regionalismo

²³ Curso online Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - CE. História de uma região: Representações do Nordeste Brasileiro. Realizado em 2020.

²⁴ Ibid.

se expande e essa geração se torna fundamental na construção imagética do sertão (BONATO, 2010).

O Nordeste como componente da formação nacional aparece agora como pobre, atrasado, onde a natureza sobrepõe a cultura, sinônimo de violência, fanatismo e fornecedor de mão de obra desqualificada. Essa literatura nortista antes espalhada une-se em temas que sensibilizam o público e são atrativos de recursos públicos. “A seca, o cangaço, o messianismo, as lutas de parentela pelo controle dos Estados, são os temas que fundarão a própria ideia de Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR., 2011, p. 46).

O historiador Albuquerque Júnior afirma que há uma literatura que faz da seca um projeto político e literário: uma criação da literatura do Norte, isso começa em 1876 com a publicação de *O Cabeleira*, por Franklin Távora, que quer propor um jeito literário próprio à literatura que construía, convidando outros livros a ocuparem o mesmo espaço. No livro e na carta que vem de prefácio, Távora arrola imagens que dariam forma a esse conceito, que deveriam ser seguidos por aqueles que quisessem escrever da mesma forma.

A primeira figura traçada é a das tradições, dos costumes e da memória do povo do Norte, utilizando-se da cultura popular, dos versos, da memória, Távora busca identificar o corpo, as ações do criminoso, seu círculo social as paisagens de seu tempo. Para mostrar o regional, os escritores que seguem a linha de Távora, abordam a tradição o costume e a oralidade local, trazendo expressões e palavras para dar singularidade à narrativa (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017). A literatura nortista trataria de fatos e não de ficção, sendo produto da memória e não da fantasia, as imagens trazidas provém do testemunho, da memória e da realidade, desejava instruir, trazer conhecimento para aquele que desconhecia ou ignorava e moralizar a partir do passado. Características bem perceptíveis na análise da escrita de Barroso, onde afirma a veracidade e autenticidade sobre o que narra reafirmando sua origem, suas lembranças e memórias, assim como influi políticas de controle social a partir do lugar de onde fala (político, integrante de instituições e intelectual), partindo do passado como exemplo do que não poderia vir a ocorrer no futuro que será melhor abordado no capítulo 3 dessa dissertação.

A região nesse estilo de narrativa envolve também Canudos, relatado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, que no pensamento do historiador Albuquerque Júnior, Canudos foi um dos principais movimentos que ajudaram na implantação de uma imagem do Norte no Sul, principalmente pela grande repercussão das impressões do jornalista enviado. Padre Cícero vem reforçar essa ideia de fanatismo que acompanha o nordestino até os dias de hoje (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Padre Cícero colocado como padroeiro

dos sertões, interlocutor do nordestino à Deus que pede por ajuda tanto nas músicas, imagens e relatos de fiéis.

A construção imaginária ganha materialidade na narrativa literária, assim como na música, especialmente de Luiz Gonzaga na década de 1940 e as empresas do audiovisual, tentando tomar o todo pela parte, retratando sempre os mesmos biomas e situações²⁵. O Norte tem espaço nos jornais do Sul quando se retratavam o cangaceiro, quando havia repressão a movimentos messiânicos, quando se falava da seca ou de lutas familiares. Essas narrativas marcam uma diferença entre Sul e Norte acompanhadas de discursos moralistas, civilizatórios e racionais. Essas imagens impregnam o Nordeste em construção (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A crise política e econômica, a distinção entre litoral e interior, faz com que haja uma grande produção intelectual e cultural que culmina num sertão e sertanejo exclusivo do Nordeste. “Ser sertanejo foi se tornando, ao longo do século XX, sinônimo de ser nordestino e de viver o drama das secas periódicas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 32). Complemento que ser sertanejo ainda hoje é entendido como sinônimo de vestes de couro, de vida rural, de plantações, pecuária, vida miserável e pobreza. A imagética do sertanejo tão bem construída e reafirmada pela mídia, pela música, pela literatura e imprensa faz com que o imaginário de grande parte das pessoas do Sul resuma o Nordeste entre litoral belo e qualquer outra parte geográfica desse espaço como sendo rural, violento, sem regras e caracterizado pela fome. Lugares que não valem a pena ser visitados ou conhecidos, são lembrados em tempos pelo preconceito de origem geográfica e de lugar²⁶ em época de votação, lembrados por um Sul que, para amaciar o ego, reafirma que sobrevivem visto a riqueza do Sul, como se este oferecesse esmola àqueles, como se o Norte/Nordeste não fosse tão produtor de alimento, cultura e modernização como outros. Dessa forma, reafirmo a importância de um estudo que abarque outros lugares nordestinos, outras figuras emblemáticas e um novo olhar sobre escritas já estabilizadas no imaginário.

Dessa forma, o espaço que surge para lutar contra a seca, encontra uniformidade e união. A partir disso, de acordo com Albuquerque Júnior, há um levantamento ambiental, econômico, social e político que pudesse servir à construção de uma memória social e cultural para que se construísse a região. Essa construção acontece, em grande parte, por meio do âmbito artístico que demarcam os contornos do que querem ressaltar e direcionam olhares. É preciso achar elementos de identidade na nova região, de

²⁵ Ibid.

²⁶ Noção formulada pelo Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

semelhança e homogeneidade e, é pela seca que o Norte é reconhecido pelo Sul, sendo a maior diferença entre as regiões, pois no começo do século XX, o determinante social, juntamente das raças, era o meio em que se vivia. A seca é “sem dúvida, o primeiro traço definidor do Norte” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81). Um Nordeste único que surge em um discurso de vítima, pois a seca se faz garantidora e preservadora da região, mesmo que seja por intermédio da miséria, ressaltado pelo historiador. Ainda no século XXI a imagem que se fixa é o sertão da terra de sol, ou seja, o sertão seco, da terra rachada, uma construção demasiadamente humana. “A seca passa, a partir do século XIX, então a ser um dos elementos definidores do ser e estar sertão” (DANTAS, 2021, p. 121).

“O rapto da categoria sertão pelo discurso regionalista nordestino foi antecedido e possibilitado por discursos e práticas institucionais que antecederam a própria invenção do Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 25). Esses discursos que utilizavam ainda a categoria Norte para descrever a área que hoje conhecemos como Nordeste, vão construindo a semelhança entre sertão e semiárido nordestino a partir da descrição dos eventos, dos personagens e temas daquele espaço em específico. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a seca dá ao sertão uma paisagem específica, tão bem construída na nossa imaginação: a terra rachada, os cactos, o sol ardente e as árvores secas, mas para além disso, o discurso também une ao sertão o coronel, o cangaço e o messianismo. O sertão raptado pelo regionalismo nordestino, só foi possível por meio de uma vasta produção literária, principalmente a ligada ao Ceará, e artística que se baseavam numa vasta produção audiovisual que vinculava os dois conceitos: Nordeste e sertão.

Sertão é um termo que carrega vários sentidos e que hoje é mais identificada ao interior do Nordeste. Termo bastante presente no pensamento social brasileiro, protagonista de literaturas de éden a inferno (REIS JÚNIOR e ARAUJO, 2021). O conceito de Sertão hoje não consegue precisar o espaço que um dia lhe foi designado, não dando conta das variadas mutações tecnológicas, históricas, sociais e econômicas pelos quais o espaço passa, na verdade, a ideia de sertão não cabe mais no singular (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014). A manipulação do sertão como lugar anacrônico serve as pessoas que buscam se alimentar dessas narrativas: forças dominantes que veem que vão perder espaço no contemporâneo e buscam reafirmar o sertão como local do passado/tradição, lugar atemporal onde as formas de poder não mudam e nem há necessidade de mudar, barrando que o sertão se torne correspondente a seu tempo. “Gente que não suporta o fato de que o sertão não seja mais dos coronéis, jagunços, dos

cangaceiros ou dos beatos, das tocaias e lutas de parentelas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 44). Parecem querer traçar um sertão ingênuo, infantil, não tocado, berço de mitos cristãos. Essa é a identidade do sertão, longe do cultivo massivo tanto da agricultura, tanto de gente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014). Com base nessa análise, o termo original é modificado para caber no que conhecemos hoje. O termo se expande, mas a região que ele delimita diminui (BONATO, 2010).

Fomentar o sertão como lugar arcaico e atemporal é fomentar relações de poder que tentam se manter desde a criação do enunciado. A ideia de contemporâneo aplicada ao sertão nos remete ao questionamento do imaginário nacional perante o conceito, até mesmo há o questionamento referente as narrativas provindas de instituições, “supõem a necessidade da problematização do lugar do conceito de sertão na produção de novos saberes e na elaboração de políticas e práticas a ele destinadas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 53).

O enunciado “sertões contemporâneos” feito pelo historiador Albuquerque Júnior, para além de constatar é uma forma de contestar, ou seja, de problematizar os modos como esse sertão é descrito. “É, portanto, um gesto político de maior importância”, uma afirmação que rompe com o estereótipo, o clichê e o repetitivo sobre o sertão, observando sua pluralidade. É uma forma política, pois o imaginário do sertão foi promulgado, constantemente, por determinados interesses e relações de poder que dessa forma acabam sendo contestadas. O sertão estagnado no tempo não é apenas um preconceito, mas “uma arma, um argumento” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 43) nas lutas sociais e políticas que almejam a manutenção de hierarquias de poder dentro ou fora desse sertão de privilégios econômicos e políticos. Evidenciar um sertão vazio e não contemporâneo é manter a população no invisível, é esvaziar o sertão dos sertanejos que insistiam em lá viver, ou pior, em lá continuar a morrer. Corpos revoltosos que demonstravam partir ou pela morte ou pela migração.

Albuquerque Júnior, com ironia, destaca que é bom quando as secas voltam, quando a praga assola a plantação, quando há queimada dos terrenos/plantações, pois volta-se as antigas práticas datadas do século XIX que viram notícia, reafirmando um sertão anacrônico, onde “todas as mudanças tecnológicas, sociais, culturais, econômicas e políticas pelas quais passaram os sertões nos últimos anos poderão ser ignoradas, invisibilizadas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 47). O sertão nordestino é dado como homogêneo, bastando aprender a conviver com a natureza que deveria ser preservada. Quando se é ensinado sobre o Nordeste, tende-se a não passar das

delimitações pré-impostas a nós, das imagéticas construídas, realimentamos essas imagens fixas que o introduziram na história brasileira (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Sertões contemporâneos, porque a maior parte de sua gente faz parte da vida urbana e aqueles que ainda não fazem querem ter a comodidade e conforto dos que vivem na cidade. Traçar o sertão como contemporâneo não é apenas embuti-lo de conceitos como capitalismo e mercado, mas sim dar a oportunidade desse povo desejar novos objetivos e direitos, de acordo com os estudos de Albuquerque Júnior. É a indução à cidadania, induzir para que lutem por seus direitos a fazer parte de uma sociedade, é dar oportunidade de mostrar que há outra vida, uma escolha. Essas pessoas são politizadas a partir do momento que tem a ciência de que fazem parte de um todo. Viver no sertão não deve mais significar viver no século XIX (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014).

O sertão deve ser posto no calendário hoje e não ser fixado na memória (passado). Os diversos tempos que estão localizados dentro do “sertão” fazem com que seja “sertões”, tal qual pode-se dizer “contemporâneos” já que registra em si diversas temporalidades e não apenas por seus diversos espaços, sociedades, culturas e economias (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014). Os sertões hoje abrangem diversos estilos musicais que tratam de forma diferente a região como o manguebeat (Nação Zumbi), como o RAP e Hip Hop (RAPadura), o sound system (Baiana System), entre os mais diversos estilos e temas, para além da seca, da fome, do sofrimento. Divulgam a cultura, as tradições as cidades e o orgulho de pertencimento. É preciso pensar as naturalizações sobre o Nordeste e o nordestino a partir das intencionalidades das obras, pois não representam a realidade, elas representam o modo como nos relacionamos com essa realidade²⁷.

O sertão hoje está tão intrínseco ao Nordeste que autores como Vinicius Ribeiro em sua dissertação de mestrado defendida em 2021, fala de Nordeste quando faz uma análise de escrita de 1912 da obra de Gustavo Barroso como se este falasse do Nordeste em seu livro *Terra de Sol*, tal como vimos, o termo Nordeste ainda não era usado como definição de determinada região. É preciso observar as naturalizações que nós mesmos como historiadores acabamos por repassar no discurso, fazendo com que haja uma generalização e naturalização de pensamentos, não questionando determinadas ações, inclusive nomenclaturas que reforçam determinadas ideias que se quer passar ao outro, fazendo com que se mantenham no tempo e pensamento. Reforçar a região Nordeste

²⁷ Curso online Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - CE. História de uma região: Representações do Nordeste Brasileiro. Realizado em 2020.

quando esta ainda não era reconhecida como tal é trazer ao hoje aspectos do passado como se mantivessem os mesmos, sem qualquer flexibilidade, perpetuando a imagem estática e duradoura. Cabe aqui, novamente como já ressaltado na introdução, que utilizo também a noção Nordeste e nordestino, assim como a noção de Norte e nortista, pois as fontes perpassam esse caminho de renomeação, assim como as bibliografias da qual me baseio também perpassam esse caminho. Evitando o anacronismo de nomear a região Nordeste enquanto ela ainda não o era.

Durante todo o século XX os sertões foram sendo “nordestinizados” (ALBUQUERQUE JÚNIOR., 2019, p. 31) levando até mesmo obras anteriores a criação da região Nordeste e de textos que não falam sobre ele serem relacionados à região. Oficializando essa captura do sertão pelo Nordeste é a divisão da região em outras 4 sub-regiões em 1969 pelo IBGE. Há a zona da mata (litoral), o agreste, o sertão e o meio norte. Quando há essa separação o IBGE dá reconhecimento oficial a esse processo. Nesse mesmo contexto, Frederico Neves afirma que os historiadores que falam de nordeste até mesmo no tempo colonial, fazem um anacronismo nada ingênuo, por meio desse anacronismo se perpetua determinadas imagens e preconceitos já existentes, acentuando as divergências. Posturas que se vinculam ao conservadorismo e a um tradicionalismo teórico.

Acrescento ao pensamento de Dantas, que o sertão ainda hoje também é passado como o da violência, o do ser macho, a exemplo do cangaço, como já dito antes, ainda hoje mostra-se como essência do sertão e conseqüentemente do Nordeste. Ribeiro em sua dissertação de mestrado, aponta que atualmente pode-se ver o “Cangaço enquanto fenômeno social tipicamente brasileiro e essencialmente nordestino” (RIBEIRO, 2021, p. 55), além de abordar que o movimento se fixaria no sertão nordestino, numa ideia homogênea, como se todos os ambientes fossem o mesmo e propícios para a eclosão do movimento, ajuda a fomentar a imagética de sertão como sinônimo de violência.

Dessa forma, os sertões do nordeste seguem silenciados, mesmo com uma vasta produção sobre eles, para observar os estudos feitos sobre os sertões é preciso entender os problemas relacionados à memória. Primeiro precisa-se identificar de qual sertão está falando, devido a sua pluralidade “em termos de recorte temporal, espacial e de elementos políticos” (SANTOS, 2020, p. 366), é preciso observar também as diferentes temporalidades em que a historiografia é feita e suas diferentes realidades de produção. Pois, como continuamos discursos de poder, precisamos observar o discurso violento. Na

linguagem do nosso discurso, muitas vezes contribuímos para manter determinados enunciados já postos (FOUCAULT, 1996).

A história de Foucault, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, não parte de um evento específico para daí explicar seu objeto. “Toda organização do passado é provisória, toda centralidade pode ser descentrada, toda totalidade em História é uma multiplicidade aberta, em fluxo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 154). A história não é memória e também produz esquecimento, não é preciso seguir uma linha cronológica, pois os acontecimentos mesmo não o fazem. Essas maneiras de se observar a construção do Nordeste são fundamentais, segundo Neves, para que compreendamos o conceito da região que muda e se reatualiza a depender do contexto encaixado. Várias formas de desnaturalizar esse conceito são válidas.

Sertão carrega sentido polissêmico, mas ainda tem muitas características do período colonial e por serem vários, carregam seus conflitos²⁸. É necessária a contraposição do estudo mais específico de História dos Sertões com outras áreas mais amplas já encontradas na História, partindo assim para um projeto de identificação de sujeitos históricos que contribuíram para essa construção (SANTOS, 2019). Esse projeto, segundo Evandro dos Santos se assemelha aos estudos pós-coloniais e nessa vertente, estudos que se assemelham a essa linha tendem a questionar os conhecimentos, os métodos e os conceitos postos gerando uma discussão entre a vertente colonial e o conhecimento científico autônomo. A linha do estudo sobre História dos Sertões não se basearia em um sentido de recorte espacial, mas como um conceito que abranja a escrita de história para além dos padrões já vistos tradicionalmente na escrita da historiografia. Essa área está intimamente ligada a história da historiografia, contribuindo para os questionamentos de relação entre cultura x natureza. “Entretanto, este projeto pretende estimular a produção de uma historiografia sobre os sertões e, mais ainda, desde os sertões” (SANTOS, 2019, p. 450). A História dos Sertões parte de leitura já feitas e possíveis, procurando histórias alternativas, que mostrem além.

Juciene Andrade aponta ser possível estudar os sertões também pela observação das técnicas, dos projetos e dos planejamentos, podendo revelar diversos olhares sobre a sociedade. “Portanto, do ponto de vista técnico e institucional, as fronteiras dos sertões foram repensadas pelo processo modernizador dos espaços sertanejos antenados com os

²⁸ Curso online ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Iniciação à História dos Sertões. 2ª edição, 2020.

ditames do progresso” (ANDRADE, 2020, p. 278), visando uma diversidade narrativa e documental.

Há nesse tema várias abordagens como: política, histórico, economia, social, cultural, entre outros. Falar de um ponto de poder em lugar cuja “condição periférica é uma constante” (SANTOS, 2020, p. 350) nos leva a vários pontos de vista. Santos não está dizendo que as pessoas habitantes desses lugares não são capazes de produção intelectual e reflexão, mas que por muito tempo não tiveram acesso aos materiais e políticas públicas necessárias. As relações de poder encontram-se em todos os lugares, a exemplo, os sertões têm sua própria rede de narrativas e manutenção de autoridades. A pretensão dos estudos sobre a espacialidade sertaneja é considerar os estudos das mais diversas áreas com a busca de enriquecer os estudos históricos, segundo Santos.

Os silêncios surgem na escolha da memória, do testemunho da construção do arquivo e para reverter essa ação é preciso uma atitude menos óbvia. O silêncio não é uma perda ou uma falta, mas é uma ação do presente que se faz sobre o passado e suas representações (OLIVEIRA, M., 2022). Ou seja, ao mesmo tempo em que se escolhe o que une, é demarcado o que exclui, o que não representa a todos num único grupo. Assim como sujeito que fala sobre o sertão nordestino tem suas escolhas, em reforçar o discurso já muito evidenciado da pobreza e flagelo, ou evidenciar o que o sertão também tem para além disso. Existe a paisagem da caatinga com suas árvores retorcidas em época que não chove, com a presença constante dos cactos, assim como existe a chapada do Araripe e sua floresta, considerada a primeira floresta nacional, com sua fauna e flora extensa. Acredito que haja escolhas no narrar, no descrever e no uso da linguagem, desta forma há vários sertões a serem descritos, até mesmo hoje, onde os sertões estão presentes mais especificamente em uma única região.

Ao discutir as fontes sobre um sertão que se quer construir como imóvel, em uma época onde as teorias raciais e deterministas eram a base da teoria no estudo social, Barroso constrói o homem também dessas teorias e do meio. Tendo construído um meio que oferece flagelo e miséria, o homem se construiria com base nessas características, ou seja, o homem teria em si as iminências de uma terra que não vinga e não floresce. Dessa forma, no capítulo 2 dessa dissertação, busco identificar, a partir da análise já exposta nesse capítulo de como o meio interfere na vida do homem, como o intelectual constrói seu homem sertanejo e cangaceiro e coloca a eles (ou não) o protagonismo de terem sua própria voz.

2 – Controle dos corpos (cangaço e explicações racistas para o conflito social)

Esse capítulo tem como objetivo refletir sobre a construção do homem, conceito universalizante utilizado nas fontes como sinônimo de indivíduo que institui ou representa um povo ou uma comunidade de determinada região, e sua identificação na escrita do autor Gustavo Barroso, assim como analisar o cangaço e sua importância na construção da personificação e arquétipo do que é ser homem no Nordeste, identificando as teorias racistas e cientificistas que circundavam o espaço do autor e seu tempo (décadas de 10 e 20 do século XX brasileiro) que ajudam a construir a noção do que é ser homem e, a partir disso, nomear um sujeito ou não. Dessa forma, pretendo neste capítulo entender como e porque deveriam ser controlados esses corpos identificados na escrita: do homem sertanejo “comum” ao cangaceiro, para no capítulo 3 discorrer melhor sobre como este homem sertanejo e o cangaceiro se afastam e se aproximam na construção da noção de sujeito na escrita de Barroso.

Entendendo o estudo do cangaço como amplo pretendo, junto a análise que faço da escrita do autor, trazer noções formuladas por outros pesquisadores acerca do tema com intuito de me colocar na discussão, além de referenciar estudos feitos anteriormente que me ajudam na reflexão da minha proposta. A noção de mestiçagem e raça perpassa toda a escrita do autor tanto ao falar sobre o homem sertanejo quanto para achar explicações para o banditismo e o cangaço. Compreendo o tema como essencial para entender os questionamentos de Gustavo Barroso e desta forma discuto o tema durante todo o capítulo, quando a fonte traz a construção do homem e quando traz a constituição do cangaço no meio dos sertões nortistas/nordestinos.

2.1 – A construção do homem

Nesse momento da dissertação busco analisar as fontes com base na construção do homem sertanejo por Barroso e as características que o autor acredita que interferem no agir e no viver sertanejo como: a religiosidade, a cultura popular e a mestiçagem. Esta subseção foca mais especificamente no homem sertanejo “comum” observando como Barroso descreve esse homem onde as características do meio, destacadas no capítulo 1 desta dissertação, fazem o homem como se se tornassem um. Da mesma forma, esta subseção aborda autores que vieram antes e depois de Barroso que sustentam o mesmo discurso estático do homem do Nordeste, anteriormente Norte.

2.1.1 – A construção do homem sertanejo

Na primeira fonte analisada, *Terra de Sol*, Barroso destaca que os sertanejos são magros e musculosos, trabalham no seu tempo, devagar, mas são tenazes e muito aprendem por causa da seca. São calmos e tranquilos, “signal de immenso vigor da raça do Norte” (BARROSO, 1913, p. 171). São indiferentes as quaisquer calamidades e infelicidades, não se queixam, também não tem muitas ambições, não se interessando por qualquer coisa que não esteja ligado ao seu cotidiano e meio. São orgulhosos, característica que provém do indígena, segundo Barroso, e não são adeptos às inovações, fazendo como seus ancestrais faziam. “O sertanejo é inalterável no seu modo de vestir, de falar, de plantar, de criar, de viver” (BARROSO, 1913, p. 175).

Descrições²⁹ feitas por Barroso que podemos encontrar também em Euclides da Cunha em seu famoso livro *Os Sertões*, o qual considera o sertanejo nortista como um homem forte, mas sua aparência cansada mostraria o contrário. “É desgracioso, desengonçado, torto” (CUNHA, 1905, p. 114), anda de forma desarticulada, um desajeitado. Transmite um aspecto de humildade deprimente, gostando de se encostar em qualquer lugar, um preguiçoso. “É o homem permanentemente fatigado”, apesar da aparência, o autor afirma que ficaríamos surpresos ao ver sua agilidade e força, contra a aparência, surge um homem com “aspecto dominador de um titan acobreado e potente, num desdobramento inesperado de força e agilidade extraordinárias” (CUNHA, 1905, p. 115).

Essa construção apática, sem ambições e homogênea do homem sertanejo é constantemente reafirmada por intelectuais do século XX, como é possível observar na obra de Câmara Cascudo, na qual, ao falar sobre uma pessoa, Cascudo vai construindo um estereótipo do trabalhador sertanejo, onde José Leão, um fazedor de Santos do sertão norte riograndense, se torna o próprio imaginário popular de uma das características do que é ser sertanejo: “sereno, resignado, incompreendido, passando fome, trabalhando sem esperança, sem ambiente, sem auxílio, sem estímulo”. São pessoas que “trabalham com alma e morrem sem glória” (CASCUDO, 1984, p. 20).

Contudo, Gustavo Barroso enaltece o sertanejo seja no que for fazer: é aquele que mais sofre pela terra e suas dificuldades, assim como o que melhor rouba quando decide

²⁹ Euclides da Cunha fala dos sertanejos do interior da Bahia, população diferente da de Barroso. Contudo, na construção da guerra de Canudos, caracteriza o sertanejo como sendo homogêneo, fala de Sertão como sendo um, assim como o sertanejo. Método de escrita também encontrado em Barroso que não adere as individualidades e singularidades, por isso achei interessante observar também a escrita de Euclides da Cunha sobre o assunto, pois Barroso o toma como referência.

fazer, são as pessoas mais infelizes e as mais esquecidas, assim como é aquele que ama ferozmente, mas também odeia na mesma intensidade (BARROSO, 1913, p. 177). O sertanejo não respeita crimes contra a honra e ao pudor, roubos e defendem as mulheres em uma sociedade extremamente moralista e dos costumes (BARROSO, 1913, p. 180). Ao lembrar fatos antigos de calamidade de fome e seca, Pedro Baptista destaca que “comprovam a resistência de espírito e animo inquebrantável ao serviço da mais cega e forte confiança que faz do sertanejo [...] aquele tipo enigmático” (BAPTISTA, 2011, p. 22-23). Na obra *Praias e Várzeas* na mesma ideia de coragem e orgulho, no último conto do livro “Emboscada” dedicado à Mello Morais Filho, Barroso começa o conto narrando a honra sertaneja, mesmo que a vida seja ameaçada, este enfrenta os perigos para honrar suas dívidas e sua palavra. O sertanejo é aguçado e atento aos perigos que o meio e as pessoas com quem convive podem oferecer (BARROSO, 1979, p. 60-62).

Para alguns autores como Norberto O. Ferreras, Barroso consegue em sua escrita demonstrar valorização à sociedade sertaneja, que seria o oposto a ideia de civilização, vendo no rural a autenticidade nacional, mesmo que a critique. Na escrita de memórias de Barroso, de acordo com Moreira, para além do físico, a força sertaneja se referia também ao caráter e comportamento do sertanejo, elemento identitário importante para caracterizar o sertanejo do qual Barroso fala e a si mesmo.

Na fonte *Alma Sertaneja* nos contos “Come Gente”, “O Drama do Guriu”, “Chifre de Cabra”, “A Louca”, “Os filhos do Capitão João Pedro” e “O perdão das trevas” já ressaltados anteriormente, também é possível extrair a exaltação da coragem e valentia sertaneja, que luta pela vida e encara desafios para não sofrer qualquer desonra mesmo que isso inclua colocar em risco a própria vida. O sertanejo vem com alma indiferente, característica já posta pelo autor em *Terra de Sol*, não se importando ir ao Norte ou Sul, pois nascera numa terra onde a desgraça sempre está presente, junto com a infelicidade. O homem sertanejo também é o retirante que caminha por estradas que não sabe o que vai encontrar, saudosista dos tempos bons no sertão e na sua caminhada esbarra com animais e pessoas mortas ou morrendo. Barroso constrói um retrato da fome que enlouquece o homem, a pessoa com fome é retratada como próprio bicho, onde não resta qualquer coisa racional, apenas delirante. A fome e a loucura da perda da família e dos bens faz com que o homem perca a própria sanidade se alimentando de pessoas por desespero (BARROSO, 1923, p. 95-102).

Essas figuras, para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, permeiam a narrativa da Seca, construtora da imagem do homem do nordeste: a dos homens mortos; corpos em

podridão, devido ao sol; às doenças e a fome; há também a besta humana, o idiota e o antropófago.

Essas três figuras remetem ao que seria o processo de animalização sofrido pelos homens diante do quadro de sofrimentos físicos e emocionais e de dissolução dos códigos sociais e morais trazidos pela estiagem com o abandono a mais completa miséria de grande parte da população (ALBQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 246).

Cenas como o homem comendo a própria carne do ferimento, crianças que voltam ao estado de não fala, apenas em busca de comida e a loucura estão presentes nessas narrativas. O historiador destaca que essas cenas remetem às especificidades da história humana e em particular da cultura brasileira: “nossa animalidade, que ainda nos habita e nos espreita, nossa infância, que nos ameaça de retorno, transfigurada na velhice, e a antropofagia das primeiras gentes habitantes das terras brasileiras” (ALBQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 247). A literatura consegue construir imagens que se tornam a realidade desse momento.

A característica da fome se torna grande formadora do homem sertanejo nas mais diversas fontes e bibliografias analisadas. A construção desse homem precário e doente, necessitado de ajuda ganha vez também em *Heróis e Bandidos*, onde Barroso realiza um longo estudo comparativo, destacando que o sertanejo carrega em si um afrontamento de ser diferente dos demais. Para corroborar sua afirmação, destaca que o estudioso da geografia e filósofo grego Strabo (ou Estrabo) ao falar sobre a Europa ocidental ressalta que as regiões férteis teriam pessoas mais pacíficas do que regiões pobres. Trazendo análises de Letourneau que fala da influência da fome no agir humano, o intelectual corrobora que a fome degeneraria o organismo influenciando até mesmo no psicológico causando desequilíbrios e isso poderia passar de pai para filho, não sendo a fome, porém a única causa da violência e de possíveis desequilíbrios. Dá exemplos de regiões que quando tiveram fartura e abundância não existiam bandidos, mas quando veio a seca os que conseguiam migravam e, os que ficavam, empobreceram.

E’ muito do sertanejo o prazer de arrostar a opinião e o gosto de sentir-se diferente do commum dos mortaes. O clima sertanejo tem a máxima culpa na producção da cangaceiragem. Strabão, descrevendo a Europa ocidental, dizia: ‘Acontece, com efeito, que, nas regiões férteis, as populações são sempre de genio pacífico, sendo bellicosas e enérgicas nos paizes pobres’. Lertouneau exprime-se [...] ‘a ferocidade dos sentimentos de certos povos talvez se origine da fome, porque esta torna o homem não um ser sociável, inteligente e mais ou menos moralizado, porém um indivíduo mergulhado na animalidade de

onde mui verosimilmente proveiu'. A deficiência da alimentação gera a miséria orgânica com um cortejo de perturbações fisiológicas e desequilíbrios nervosos que se transmitem, às vezes, mais se accentuando de pais a filhos (BARROSO, 1931, 20-21).

Noções que podemos perceber novamente em Euclides da Cunha ao ressaltar que quando tudo vai bem com a terra e a seca não é uma preocupação, se alarga a preguiça do homem e este se acomoda, mas quando a seca surge o sertanejo não apavora, faz parte de si. Compreendo que Cunha constrói a narrativa de forma que a seca, o flagelo e a miséria se fazem intrínsecas à ideia e construção do homem sertanejo nortista de forma homogênea, sendo parte de sua identidade. Devido a tantas causas, o autor conclui que o sertanejo não teria “capacidade orgânica” (CUNHA, 1905, p. 139) para se adaptar a outra situação, sua atividade restrita estaria retardando seu desenvolvimento. É possível perceber a afirmação constante do sofrimento e do flagelo como partes da formação identitária do povo sertanejo, sem essas características o sertanejo não se faz e não é reconhecido como sujeito, ou seja, parece não ter um lugar histórico, não é reconhecido de outro modo, assim como essas afirmações também estão presentes na narrativa de Barroso. O sertanejo acaba sendo objeto até mesmo dos fenômenos naturais, sendo esses fenômenos agentes privilegiados nessas teorias deterministas.

Nessa narrativa do meio ser fundamental na construção do homem, o intelectual Gustavo Barroso em *Heróis e Bandidos* afirma que

O habitante do sertão está, assim, murado num ambiente onde não ha o menor desenvolvimento, ignorando quase por completo a civilização moderna, em contacto diario com as tradições únicas da raça e do meio, revendo o passado em todas as manifestações da vida, enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje acções compatíveis com o estado social de séculos atrás. (BARROSO, 1931, p. 27).

Sendo abandonado pelos poderes públicos se vê obrigado a lutar contra a natureza, inflando sua superioridade, tornando indomável seu caráter. Ou seja, o sertanejo sem civilização, vivendo de tradições e costumes de séculos anteriores, reforça seu animalesco que vem de seus antecedentes, não podendo ser “domado” pela modernidade ou por qualquer autoridade. Cita autores de estudos da vida animal como Jean-Charles Houzeau, para exemplificar o que afirma anteriormente em sua escrita, como os animais se comportam em bandos ou sozinhos, como são mais agressivos quando vivem só, instinto de sobrevivência de animal que o sertanejo carregaria por viver de forma individual. Comparando o homem sertanejo a um comportamento animal, entende-se o quanto as

ciências da natureza faziam parte da escrita das humanidades e do estudo sobre o ser humano. “Houzeau fez notar que os animaes reunidos em casaes ou pequenos bandos são mais cruéis e guerreiros do que os agrupados em comunhões mais ou menos disciplinadas” (BARROSO, 1931, p. 28). O historiador Frederico Pernambucano de Mello escreve no que decorre o homem sertanejo ser individual que, no início da colonização, não teve necessidade de cumprir regras e restrições, não havendo padrão ou governo que lhe brecasse. “Não soa estranho portanto que o arrojo pessoal, o aventureirismo e um acentuado gosto pelas soluções violentas aflorassem num homem sob tais condicionamentos” (MELLO, 2013, p. 44), fazendo com que aja de forma individual, improvisada e autônoma.

De acordo com Dantas em sua tese de doutorado, a seca vai além do físico e passa a permear as relações sociais na narrativa de Barroso, a relação homem/meio também é utilizada pelo autor para se autorreferenciar ao seu lugar de origem. Além de formador de espaços, Barroso se torna formador e modelador de homens, falando que a violência do homem era natural, visto sua miscigenação e o meio ao qual ele estava inserido, o intelectual interage também com o realismo e naturalismo, juntamente com sabres deterministas para construção de sua escrita, assim descreve um homem condicionado por seu meio. “A natureza aparece assim como determinante das formas de ser e estar no mundo, estruturando sociabilidade” (DANTAS, 2021, p. 138). Mesmo já tendo perpassado a noção de naturalismo no primeiro capítulo, reforço que Nicolazzi elabora que o discurso naturalista cria uma distância entre sujeito e objeto, temporal ou espacial, onde aquele que observa está sempre do outro lado daquele que é observado. Citando a autora Flora Süssekind no estudo do naturalismo, o historiador destaca, a partir dos estudos da autora, que o naturalismo vinha com o desejo de retirar a ficcionalidade da escrita literária, ou seja, negar sua própria ficção a partir da linguagem querendo demonstrar o real (NICOLAZZI, 2014, p. 252-3). Nessa concepção temos o fim do livro *Terra de Sol* onde Barroso com ar lamentoso escreve:

... Mas nesse tempo, quando o Brazil rico e poderoso, marchar na vanguarda das nações ocupando o lugar que lhe compete entre os paizes mais fortes e mais progressistas, perdida já será a memória deste livro que não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e tradições do Ceará e suas zonas limítrophes. (BARROSO, 1913, p. 273).

Barroso faz aqui um uso presumido da obra, entendida como documento de uma época, uma reafirmação de sua legitimidade de escrita e de se basear na tradução da

realidade. Essa teleologia fala sobre uma superação do sertão e dos sertanejos, espaço e povo que desapareceriam com o progresso da nação.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior analisa que o sertão é tido como meio que abrange sertanejos incapazes de racionalizar, agindo por intermédio das emoções e sendo primitivos. “Ainda hoje, os nordestinos, principalmente os sertanejos, são vistos como pouco racionais em suas decisões (notadamente políticas), como afeitos ao messianismo e ao populismo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 30). Esse conceito de sertão não teve autores apenas na literatura e no discurso parlamentar, mas em grande parte também no cinema, no teatro e na música. “Ser sertanejo foi se tornando, ao longo do século XX, sinônimo de ser nordestino e de viver o drama das secas periódicas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 32). A partir da análise da fonte e da bibliografia exposta é possível perceber que a escrita de Barroso, não sendo a única, ajuda a difundir sertões nordestinos, até então nortistas, como sendo o alojamento de seres humanos irracionais, que não são domesticados por viverem nesse meio atacam e, se defendem, como animais com os quais conviviam.

Ainda na fonte *Heróis e Bandidos*, o intelectual destaca que como a população sertaneja acaba tendo mais tempo livre, por conta da pecuária não precisar de tanto esforço quanto a agricultura, se envolvem em jogos e bares, onde as emoções da bebida para as emoções mais violentas e fortes ficam próximas (BARROSO, 1931, p. 24). Realiza várias comparações durante seu estudo, com a Europa medieval, com povos antigos e povos da América Latina. Citando o livro *Memórias* do professor Ximenes de Aragão, Barroso fala sobre a anarquia e falta de controle em que os sertanejos viviam, observando obras de Theodor Waitz e Charles Letorneau compara as características tidas como primitivas dos sertanejos a outros povos. “As faculdades espirituais do sertanejo são incompletas e rudimentares. É a dolorosa verdade” (BARROSO, 1931, p. 40).

Para além da ignorância discutida pela falta de escolas e incentivo à educação, Barroso alega que a cultura da pecuária traz hábitos de isolamento, influenciando os instintos de violência e coragem para se defender na sociedade sertaneja. Pelo meio desértico que habita, sem muitas pessoas ou comunidades, o sertanejo acaba contando apenas consigo mesmo (BARROSO, 1931, p. 23). No estudo de Mello, ao observar o homem em seus trejeitos é possível identificar a honra, a moral exacerbada, o misticismo e um apego a um direito de propriedade. Qualquer atentado contra esses valores produzia violência, “o desbravamento do sertão selecionaria um tipo de homem particularmente tenaz” (MELLO, 2013, p. 49). Dessa forma, como foi explanado no capítulo 1 dessa

dissertação, a constante afirmação que o meio e o clima eram inóspitos, aqueles que lá sobrevivem e decidem ficar se reafirmam ser tão duros e resistente quanto o próprio território, Barroso torna os sertanejos e a natureza um só. Apenas por estar no sertão, o homem e a mulher já seriam diferentes, sem livre-arbítrio até para escolher não cederem à violência e a valentia.

O homem do nordeste, segundo estudo do historiador Albuquerque Júnior, seria mais um conjunto de hereditariedade cultural que racial, para entender os aspectos dessa população tanto objetivo como subjetivos era preciso remontar aos primórdios da colonização, do início do povoamento, para entender a cultura que esse homem carregava em si. “O Nordeste fora, no passado, uma terra para quem não tinha medo de morrer nem remorsos de matar” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 175). O nordestino por ter sido fruto de uma história violenta, carregaria em si a valentia e a coragem. O homem nordestino é tido como aquele que não faz usufruto da terra, apenas lutaria contra ela. Esse homem forte e áspero é remetido ao homem que vive no sertão, suas características são descritas como as da natureza, como se se tornassem um, dessa natureza vem o macho, o viril.

Na construção desse homem sertanejo, a mulher aparece consideravelmente pouco nas análises de Barroso, no livro *Praias e Várzeas* um conto interessante a ressaltar é intitulado como “A Luiza do Seleiro” dedicado à Juvenal Lamartine, onde o intelectual fala sobre a mulher sertaneja. A moça é passada ao leitor como objeto, como fonte de desejo, onde o intelectual como partícipe do conto exalta suas características físicas. “Pelos raros rasgões do vestido de chita apareciam pedaços morenos de pele aveludada, e sob o corpete molhado sentia-se a saliência dos seios virgens, eretos e pequeninos (...) com um mover sensual dos quadris abundantes” (BARROSO, 1979, p. 38). Faz referência a sua raça e a nomeia como mestiça, o autor diz que “o seu temperamento de mestiça com as tendências sensuais de duas raças lascivas” (BARROSO, 1979, p. 40) não a faziam desistir do que queria. A mulher mestiça serviria apenas para sucumbir o desejo do homem. No conto “A Santa”, já mencionado anteriormente, Barroso faz referência a imagem da mulher sertaneja como: “nobre, doce, abnegada, fazendo frente às calamidades terríveis do seu áspero meio” (BARROSO, 1979, p. 30). Na obra *Heróis e Bandidos*, ressalta que a mulher, tal qual o homem, seria brava (de bravura) e defenderia a qualquer custo suas terras e sua família. Em outros momentos das fontes a mulher aparece como sendo apenas parte da propriedade do homem que por ela mata ou se vinga (BARROSO, 1931, p. 72).

Em uma análise de Dantas sobre a escrita de Barroso, as mulheres seriam apenas submissas, sem liberdade ou sequer teriam vida. Essa construção narrativa muito interfere em como as mulheres passam a ser vistas na sociedade, assim como é interferida pela forma que as mulheres eram vistas. “Mulher e propriedade na sociedade sertaneja são assim descritas como parte de um mesmo bem privado-masculino já dado pela natureza que pode e deve ser guardada” (DANTAS, 2021, p. 142). A mulher não tem espaço na vida privada, pública e até mesmo na narrativa, sendo ainda menor seu reconhecimento quando é negra, lhe retirando a humanidade, sendo posta como selvagem e primitiva. É construído um feminino diferente a depender de sua origem, cor e condição financeira. A mulher negra, quando pessoa escravizada ou livre, sempre carregaria sua ancestralidade animalésca. De acordo com estudos de sociólogas como Patrícia Hills Collins, Dantas aponta que essa seria uma imagem de controle onde compara-se a mulher negra com a branca (que seria a ideal) lhe retirando a humanidade, como essa mulher não era uma personificação desejável, havia uma justificativa ideológica para excluí-la (DANTAS, 2021, p. 245-246). Dessa forma complemento que além de excluí-la, mesmo em uma época de abolição da escravidão, de forma geral das mulheres, mas em especial a mulher negra, esta era narrada como objeto, consumo e propriedade. Sendo permissivo matar por ela defendendo-a como uma propriedade e a matar, quando fosse contra a honra do homem.

A noção das mulheres no sertão que cabe a uma reflexão das fontes, o historiador Jorge Mattar Vilella em seu artigo sobre o banditismo rural no início da República no Brasil, destaca que os motivos que mais geravam brigas entre as famílias eram: animais, mulheres, roubos, dívidas, imóveis, políticas e polícia (VILLELA, 2015, p. 70). Desconfortável ressaltar como a mulher é posta como um objeto e propriedade do homem que briga para manter sua posse, comparando-a a propriedade de um animal ou de uma casa, até mesmo pelo historiador. É perceptível ainda hoje continuidades de discursos apenas por falarem de determinadas épocas, recolocando pessoas como propriedade a depender de seu gênero, cor e sexualidade.

Para construção desse homem (e mulher) as noções de raça e miscigenação são muito presente nos livros de Barroso, e serão ainda mais recorrentes para a explicação do cangaço que veremos mais adiante. De acordo com a historiadora e antropóloga Lilia M. Schwarcz as teorias raciais que fizeram sucesso na Europa no começo do século XIX chegam tardiamente ao Brasil (década de 70 do século XIX) e são acolhidas com muito entusiasmo nos locais de ensino e pesquisa que eram um conglomerado de uma reduzida

elite intelectual da época. Com a eminência do fim da escravidão e um novo sistema político se formando, as teorias raciais se apresentaram como viáveis para o interesse nacional. Em um ponto as teorias raciais pareciam justificar hierarquias e organização que com o fim da escravidão começavam a ser questionadas; e por outro lado vinha a inviabilizar um projeto de nação que mal começara a tomar forma, devido a ideia pessimista de miscigenação. Essas teorias entraram no país com uma releitura particular das elites intelectuais brasileiras, pois, ao mesmo tempo que aplicar essas teorias europeias no Brasil dava a sensação de proximidade com o outro continente, seu progresso e modernização, havia também o empecilho de aplicá-las a um país já muito miscigenado (SCHWARCZ, 2005³⁰, p. 24-25).

Os conflitos existentes na vida sertaneja poderiam acontecer por motivos mínimos e seriam resultados diversos, incluindo a miscigenação, segundo o intelectual na obra *Terra de Sol*, que afirma ser causado pelo sangue indígena junto ao negro, criando uma “alma torva dos mestiços” (BARROSO, 1913, p. 66). Para Barroso, a miscigenação é também grande fundadora do caráter e ação sertaneja, onde a maioria dos sertanejos são descendentes do indígena com o português, apesar de alguns “traírem” o sangue europeu pelo gosto da vida nômade, eles também têm muitas características holandesas. Ressalta que a miscigenação do negro com outra etnia é quase rara, pois o negro seria escasso no sertão, já que a escravidão no Norte perdurou menos tempo que no Sul, segundo o intelectual.

A construção da ideia sobre o negro no Norte é reverberada por outros autores posteriores a Barroso, que legitimam essa constatação partindo da miscigenação ser algo ruim, como ocorre com Câmara Cascudo que afirma não ter encontrado pessoas negras nos 1307 km percorridos em sua viagem pelo interior do Rio Grande do Norte, estando o negro, com a miscigenação, fadado a não sobreviver mais do que 20 anos. “Regiões inteiras corremos sem um herdeiro dos velhos trabalhadores escravos”. O negro, já em 1890 era considerado inferior ao branco no quesito de quantidade, onde “se vê que a preponderância é branca e esta decidirá o pigmento do produto” (CASCUDO, 1984, p. 22). Defende que é possível a transição de uma avó negra para um neto branco, dado a experiência do branco com a mulata mestiça (segundo vocabulário utilizado pelo autor)

³⁰ O ano é referente a uma outra publicação do mesmo livro da autora: *O Espetáculo das raças*. As páginas podem divergir de uma publicação para outra e por isso identifico as duas separadamente. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

“clareando o rebento”. Tentando explicar essa ausência do negro que tanto defende, o intelectual Norte-rio-grandense explica que com o açúcar crescendo, mas a escravatura não, isso mostraria “o pouco valor comercial das ‘peças de ébano’” (CASCUDO, 1984, p. 23). Com a crise de 1877 (Grande Seca), os poucos escravos que ainda estavam no sertão foram vendidos em Mossoró (RN) ficando neste meio o escravo chegado da família; outro motivo para essa ausência seria que o sertão Norte-rio-grandense viveria da pecuária e o negro não seria tão bom com cavalos e bois, pois era acostumado com a lavoura. Em sua viagem percorrendo todo o estado do Rio Grande do Norte, “o elemento negro só se destacava por sua insignificância” (CASCUDO, 1984, p. 24).

Questões abordadas também pela obra que Barroso usa como referência, Euclides da Cunha em *Os Sertões* discorre que, conforme a população na colônia aumentava, crescia também os negros e indígenas, mas os negros, no primeiro século de colonização, não era grande maioria no Norte. Sobre a extinção do indígena, Euclides afirma ter sido o cruzamento e não o extermínio sua causa, e novamente sobre os negros, Euclides destaca que: “o negro teve [...], sobre os ombros toda pressão da vida colonial” (CUNHA, 1905, p. 91).

Considero importante trazer características de escritores que vieram antes e depois de Barroso que incidem na mesma ideia, pois mais à frente, a questão do negro como maior partícipe da vida do banditismo é presente nas fontes de Barroso, assim como sua presença como líderes religiosos insuflando o fanatismo ou líderes de revoltas, ou seja, a presença negra no Norte para Barroso era quase nula, mas os negros que ainda resistiam vinham para mostrar sua ignorância e ferocidade como formador do homem sertanejo, deixando suas características na miscigenação. Essa tentativa de extinção da raça negra se corrobora pela questão racial que colocava em questão no processo de uma escrita nacional, de acordo com Schwarcz, onde estariam os excluídos (negro e indígena) (SCHWARCZ, 2005, p. 83). Ao negro destinava-se uma visão fatalista, estando fadados à extinção por ser incivilizáveis. A primeira República tratou de forma violenta a construção de um Brasil europeizado, na narrativa de Ângela Gomes e Martha Abreu, condenando mestiços, indígenas, africanos, negros e populares. “A cultura, em qualquer período histórico, é um campo aberto a conflitos e disputas políticas” (GOMES, ABREU, 2009, p. 11).

Na ideia de ocupação, como um dos grupos que habitavam esse interior, o indígena é colocado como primitivo em uma linha temporal moderna, em uma narrativa do distanciamento do litoral e também em relação a ocupação interiorana. “Tanto quanto o

‘problema indígena’, o sertão era o objeto enigmático a ser estudado como tarefa incontornável para a decifração da história nacional” (OLIVEIRA, GONTIJO, FRANZINI 2018, p. 05). A ideia de vazio é a base para a construção das imagens dicotômicas de espaço. A historiadora Mäder destaca que relacionar sertão ao vazio tem uma intencionalidade e demonstra ações que esses espaços acarretariam à construção nacional. “A utilização da ideia de deserto remete-nos também a outros significados importantes, tais como: a falta de governo, de leis, de educação, de população, de luzes, enfim, de tudo que representava para esses intelectuais as ideias de ordem e civilização” (MÄDER, 2008, p. 265). Áreas consideradas vazias por esses intelectuais, já que estavam cheios de negros, indígenas e mestiços, mas esses grupos não faziam parte de um ideal de nação, não fazia parte do que esses intelectuais consideravam como “nós”. Com a argumentação de sinônimo entre áreas vazias e barbárie, com intenção de transformá-las em modelos civilizacionais, os intelectuais encontram campo para atuar.

A construção dessa busca por dominar e ocupar esses espaços considerados vazios nos aponta outras perspectivas. As pessoas que lá estavam não eram consideradas ocupantes de um espaço nacional, não carregavam os valores necessários vigentes do novo regime, que pudessem fazer com que a nação progredisse. O sertão hoje é conhecido pela seca, pelas migrações e pela miséria, o sertão hoje é nordestino e não apenas um espaço interiorano a se colonizar e ocupar.

Sobre a influência da miscigenação temos na fonte *Praias e Várzeas* saindo do ambiente do litoral e adentrando mais ao interior, o conto “O Patuá” dedicado à Cel. Antônio Leal de Miranda e o conto “O filho do Gurari” dedicado à Leal de Souza. Mostra-se interessante ressaltar que, em alguns sertanejos, Barroso acredita que a mestiçagem estava se “abrandando” visto que o “sangue branco” estava mais nos homens que qualquer outro tipo negro ou indígena. Do branco viriam os olhos e cabelos claros, da mestiçagem se herdaria a valentia e a violência. Ao falar sobre cangaceiros no segundo conto citado, o autor fala que essas heranças que herdou com a mestiçagem eram mais fortes no homem que o próprio amor pela família.

Nessa conclusão de Barroso, é possível identificar a noção de evolucionismo social o qual adere-se a ideia que as raças humanas não estacionam, ou seja, sempre estão em movimento, evoluindo e se aperfeiçoando, não pondo em questão que a raça humana era uma. “Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso” (SCHWARCZ, 2019, p. 25). É a crença de que as raças evoluiriam e

o sangue branco sobreviveria frente a todas as outras. Os intelectuais do século XX formulam discursos de forma a encontrar coisas boas na miscigenação e estar otimista pelo sangue branco estar majoritariamente nas pessoas.

Em *Heróis e Bandidos* citando Charles Letourneau com base no livro *Physiologia das Paixões*, Barroso destaca que é preciso estudar a vida do sujeito de hoje e do passado. Busca elucidar “a existência vagabunda do selvagem e rastrear os filhos pelos paes até o outro lado do oceano” (BARROSO, 1931, p. 17). Portanto, para o autor, “só se conhecerão as tendencias do homem do nordeste, remontando a acção dos elementos ethnicos e sociaes que o formaram” (BARROSO, 1931, p. 18). Amparando-se em Chateaubriand onde fala sobre a Europa medieval, também seria assim no sertão ao qual se refere, onde o sertanejo seria o resultado da ruína de 3 raças: negro, branco e indígena, tendo cada uma sua conduta, moral e manifestação, se ruindo com a mestiçagem. Retomando novamente aos estudos de Letourneau, Barroso disserta sobre os mestiços não se fixarem, ou seja, quanto mais for a miscigenação, mais tendem a regressar ao ponto de uma etnia ou se destruírem, até que um dia de tanto serem decaídas se tornarão aptas (BARROSO, 1931).

Diferente da concepção abordada em *Terra de Sol*, neste momento podemos identificar o determinismo de cunho racial denominada darwinismo social³¹ ou teoria das raças, que via com ar pessimista a miscigenação, pois acreditava que os caracteres adquiridos não passassem para outras gerações mesmo com a evolução social. As raças seriam imutáveis, “sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro” (SCHWARCZ, 2019, p. 78). Isso ocasiona dois tipos de compreensão: enaltecer raças consideradas “puras” e a mestiçagem ser considerada como degeneração social e racial. Barroso caminha por dois vieses diferentes dessas teorias raciais: o evolucionismo e o darwinismo social, em momentos evidenciando as coisas boas e ruins que o sertanejo haveria herdado de seus antecedentes e em outros destacando a ruína que seria a miscigenação.

Euclides da Cunha, novamente a quem Barroso se ampara constantemente, demonstra que na miscigenação as 3 raças originais não se resumem em si e não se unem, mas se transformam e se desdobram em outras. A nossa biologia clamaria pela evolução

³¹ Do darwinismo social adota-se a suposta diferença entre as raças e a hierarquia entre elas sem problematizar a negatividade que miscigenação carrega nessas teorias. Ver mais em: SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870 – 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

social, ao passo que nos civilizaríamos ou desapareceríamos, não sendo apenas a ancestralidade que nos influenciaria, mas também o meio físico exerce seu poder. No Norte haveria uma história mais teatral em comparação a outras regiões, com o surgimento de heróis conectados ao meio, em que as 3 raças apareceriam como causadoras desse aspecto. Apesar da miscigenação dar ao Norte caráter de originalidade, essa miscigenação é considerada prejudicial. “A mestiçagem extremada é um retrocesso” (CUNHA, 1905, p. 108), a miscigenação teria obstruído a qualidade europeia e exaltado o primitivismo das outras raças. O mestiço é definido por Euclides da Cunha como “um decahido, sem a energia *physica* dos ascendentes selvagens, sem a altitude intellectual dos excedentes superiores” (CUNHA, 1905, p. 108-109).

Para dar veracidade ao seu estudo, Barroso cita também Domingos Sarmiento e seu estudo sobre a barbárie argentina³² visando a importância dos antecedentes, assim como os estudos do filósofo romano Lucrecio, que observando os animais buscava entender como se passavam os caracteres e formas de pai para filho. Barroso destaca ainda que segundo os sociólogos da época, os homens ainda têm os caracteres dos animais de que provieram, onde apenas a força da civilização inibiria esses instintos, mas não o fariam sumir completamente.

Os sociólogos afirmam que o homem, de origem e pela própria organização, tem todas as necessidades e inclinações da animalidade de que proveio, certo prazer mental, inerente á mesma animalidade, em fazer sofrer os entes mais fracos e que só a força da civilização consegue modificar esses instintos primévos, contudo sem o extirpar de vez (BARROSO, 1931, p. 19).

De acordo com Schwarcz ao falar sobre a entrada das teorias raciais no Brasil na década de 70 do século XIX e sua atuação nos intelectuais e nos museus que começavam a ganhar forma no começo do século XX, era muito usada a teoria do evolucionismo social, onde o entendimento era que as leis biológicas aplicadas aos animais serviriam também para os humanos, trazendo como base uma ciência positiva e não mais religiosa. “O suposto era que o modelo evolutivo da biologia servia de base para todos os seres

³² “O livro associa a civilização a um modelo de desenvolvimento inspirado principalmente nos Estados Unidos. Civilizar o país, para Sarmiento, seria povoá-lo com imigrantes brancos, desenvolvê-lo com industrialização e ferrocarris, domar a imensidão vazia dos pampas. Seu conceito de barbárie, encarnado no “selvagem inculto dos pampas”, não está isento de racismo. O programa de Sarmiento para a Argentina não é somente modernizador. Trata-se também de um projeto de branqueamento”. Ver mais em: SANTOS, Rafael M. R. O pensamento de Domingo Sarmiento na formação da nação argentina. Boletim Historiar, v 5, n 4, p. 3-12, 2018.

vivos da terra e em especial para explicar a evolução da humanidade” (SCHWARCZ, 2005, p. 63)³³.

Na tentativa de desvendar a ancestralidade do sertanejo, o intelectual cearense afirma que é impossível detalhar exatamente, mas destaca que a mistura étnica predominante é entre o português e o indígena. Dessa miscigenação são chamados como: *mamelucos* ou *curibocas*, chamados ainda popularmente de *caboclos*; da miscigenação do branco e do negro há a denominação de *mulato* e; do negro e do indígena surge o *cafuz* ou o *cabra*. Do **português** e **elementos mauritanos**, o sertanejo herdou o islamismo (centro-norte) e o cavalheirismo, em um sentimento de falsa e exagerada honra que transpassa qualquer sentimento; do **indígena** vem a selvageria e o sentimento de vingança, contribuindo para o surgimento do cangaço; do **indígena**, do **cigano** e do **português** veio o amor pela aventura; do **flamengo** (região que compreende hoje parte dos países da Bélgica, Holanda e França) provém o saudosismo em relação a terra natal; do **negro** herda a resistência e a ignorância (BARROSO, 1931, p. 61-67).

Sobre a origem sertaneja, Cascudo aponta que o sertanejo primitivo provém dos grandes homens que povoaram o sertão. Apesar de não colonizar, o mestiço, pra Cascudo, é “impulsivo, inteligente, apreendedor, mas dispersivo, arrebatado, original” (CASCUDO, 1905, p. 32). De todos os tipos regionais e sociais mencionados, todos são homens e não como espécie, mas como gênero, homens tradicionais, rurais e com todos os aspectos do masculino, no estudo do historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior. Figuras que realizam funções, naquela época, destinada aos homens, “são todos expressões de uma sociedade onde a história, a ação, parecia pertencer apenas aos homens” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 208). Vide o tão pouco comentado é a mulher na narrativa de Barroso.

Na construção da mulher e do homem sertanejo, simplesmente o ser não o justifica, como vimos, mas todo um aglomerado de características externas são responsáveis por essa fundação. Neste âmbito, a religiosidade e a cultura popular são fundamentais, segundo Barroso, para explicar a ação do homem sertanejo no tempo e um dos principais motivos de seu atraso, tendo suas origens também nos ancestrais sertanejos.

³³ Essa explicação aparece quando a autora está falando sobre a atuação dos museus no capítulo 3 de seu livro, contudo, acredito ser pertinente esta observação, visto quanto Barroso se apoia em estudiosos naturalistas e cientistas naturais para basear suas ideias do pensamento humano. E a partir de 1922 assume a direção do Museu Histórico Nacional, sendo um de seus maiores idealizadores, ou seja, esses ideais perpassam Barroso na época de escrita das fontes.

2.1.2 – Religiosidade e cultura popular

Na fonte *Terra de Sol* no quarto e quinto capítulo intitulado “A arte” e “A lenda” respectivamente, Barroso os subdivide em cinco e dois tópicos, mas não me alongarei muito sobre eles, apenas destacando as partes que interferem nas práticas e no viver sertanejo, assim como destacar outras partes das obras que também fazem referência a religiosidade e a cultura popular.

No capítulo “A arte”, em relação a arquitetura, Barroso considera que:

Sois toscas e humildes como tudo o que produz a sub-raça ignorante e infeliz do Norte; mas guardais na pobreza do vosso aspecto, na singeleza de vossa construção, a physionomia bem nacional dessa gente simples em cujas veias não corre sangue estrangeiro e consubstancia o verdadeiro typo ethnico da nacionalidade brasileira! (BARROSO, 1913, p. 194)

A arquitetura mostraria o grau de progresso desse povo, e assim como a arquitetura dos povos sertanejos é rudimentar e simples, assim também o é sua alma. É possível perceber que Barroso, neste livro, não coloca a pobreza apenas como um mal, mas ela revela a humildade e a alma de um povo, esse povo nacional sofredor que apesar de tudo não deixa sua terra, luta por seu território e não tem contato com o outro, é aquele rudimentar que mantém suas tradições e costumes.

Tradição essa que, para Câmara Cascudo, também tinha participação na alimentação sertaneja. A tendência da população no sertão norte riograndense seria tentar copiar a culinária litorânea na narrativa de Cascudo, ação que o autor considera “irracional e péssimo” (CASCUDO, 1984, p. 28). A comida do sertanejo é o que lhe daria vitalidade e resistência física para aguentar o meio inóspito.

Defendamos a cozinha secular que nos doou músculos serenos e forças gigantescas. Podemos ir melhorando, diminuindo a intensidade rústica de certos pratos históricos, mas não aboli-los do nosso sustento. É um desserviço à nossa nacionalização de cultura escrevermos em brasileiro e comermos à inglesa (CASCUDO, 1984, p. 29).

Ter vergonha da alimentação ou não querer consumi-la seria “antipatriótico e desumano” (CASCUDO, 1984, p. 27). Guardar a tradição culinária era guardar também as lembranças de tempos difíceis, onde a comida era a fornecedora de força para enfrentar o clima hostil, assim como os animais e a própria natureza. A comida fazia parte da construção da nossa brasilidade, da nossa cultura e já que era regada por farinha e raízes, ou seja, comida de sustentação, assim também o era quem a consumia.

Nas cinco obras analisadas como fontes, Barroso vive um paradoxo entre acusar a falta de civilização e progresso dos sertões e dos sertanejos e, ao mesmo tempo, elucidar isso como a riqueza nacional, ou seja, o nacional é humilde, é pobre, é valente e resistente. Um questionamento interessante a se fazer diante dessa ambiguidade é o quanto essa pobreza e resistência frente a uma vida extremamente difícil não se queria valorizar e manter para além de denunciar e apontar mudanças. A partir dessa imagem criada insistentemente por diversos interlocutores, o sertanejo só existe por meio da dor, da pobreza, da seca e do cansaço.

Na construção do homem sertanejo, Barroso relaciona o meio como culpado até mesmo por um possível daltonismo no homem, que não reconhece as cores e é inculto em relação a arte e aos ornamentos. Mostra os sertanejos com sentimentos e ações infantis, ingênuas, onde vivem no seu próprio mundo guardando o tesouro nacional dos costumes e das tradições (BARROSO, 1913, p. 203). Na obra *Heróis e Bandidos*, ressalta pontos já destacados em obras anteriores, onde até hoje nas manifestações artísticas do sertão é possível ver traços da educação jesuíta, ou seja, uma educação atrasada. Barroso afirma que o intelecto sertanejo é muito primitivo e com isso, não consegue sentir todos os sentimentos que outros povos sentem, não conseguem ao menos distinguir todas as cores e não tem noção de perspectiva (BARROSO, 1931, p. 38).

Contudo, Barroso dá grande destaque a poesia tradicional e ao repente, considerando as maiores manifestações artísticas do sertão, é pela tradição oral que os nomes, os desafios e as cantigas se perpetuam. Barroso acha interessantíssimo a cultura popular repentista, “de um lyrismo natural, ingênuo, inimitável e de grande imaginação!” (BARROSO, 1913, p. 239). Os versos traziam caráter dos colonos portugueses, que apesar dos sertanejos modificarem os versos, ainda era possível ver que esses versos e a melodia haviam sido criados por pessoas com instrução. “A evolução social e artística no sertão, em virtude de varias cousas, foi retardada” (BARROSO, 1913, p. 248). Barroso ainda fala que as cantigas são formas de guardar a história e povos primitivos tem esse costume da tradição oral, suas cantigas trazem coisas do seu cotidiano. Mais à frente, Barroso afirma que o sertanejo guardava em verso qualquer fato por mais insignificante que fosse.

Com base nos estudos de Certeau ao analisar a narrativa de Barroso, identifico que essa escrita ao falar sobre a tradição oral, as músicas e mitos, toma seu lugar, ou seja, retira-as de seu cotidiano para serem postas em uma escrita erudita. A historiografia se distancia do passado e da sociedade, se apoiando no poder político, na construção de

lugares neutros, onde Barroso coloca a tradição da população sertaneja que observa em uma linha do tempo linear, onde seu momento mais desenvolvido é a civilização e a urbe política e automaticamente essas vivências estariam, por meio da narrativa, no passado. Certeau aponta que a massa popular representa na cultura elitista uma voz, mas que essa voz se perde quando há a fabricação da escrita. Para além dessas características, observo em Barroso, mais uma vez, a demarcação de distanciamento e diferença, onde este que faz a escrita e tem grande participação na imprensa, vê na narrativa a forma de disseminação de conhecimento mais atual e moderna frente a tradição oral que seria um aspecto de povos que não tem o costume da escrita e da leitura.

Mas, retomando a perpetuação de histórias por meio do canto e repente, em *Heroes e Bandidos* quando Barroso, comparando o banditismo nortista com países europeus na era medieval, de acordo com estudos de Augustin Thierry, afirma não haver nenhuma semelhança à miséria e a desordem do sertão nordestino em tempos de secas destaca que aqueles que pegavam em armas e lutavam eram respeitados no sertão. “A tradição mantém o culto pela bravura e mesmo pelo crime” (BARROSO, 1931, p. 47), pois mesmo com o passar de anos, o sertão não esqueceria os célebres cangaceiros que por ali passaram, eternizados no canto.

No conto “Cobra é o Diabo!...” presente na fonte *Alma Sertaneja*, diz um pouco mais sobre o comportamento de Barroso com o popular. Barroso está em viagem pelo sertão acompanhado de um “cafuz”, como o denomina, o jeito do homem falar chama atenção do autor pelo jeito rude, petulante e grosseiro (BARROSO, 1923, p. 13-23). Ao apontar o modo como o outro fala, automaticamente puxa para si o contrário, Barroso então se comportaria de forma mais social, falando com destreza, se diferencia daquele ao qual aponta. É um conto que retrata a vida sertaneja, sua simplicidade e seu modo de falar específico, mas ao trazer para a escrita o autor coloca aspas nas falas, tirando-a de seu contexto espacial e temporal, mostrando o que ela não é: inteligente e correta e, ao mesmo tempo, as suas falas não têm aspas, ou seja, ele segue o padrão correto da fala, da escrita, mostra o que é: erudito, prática recorrente de autores que escrevem sobre a região no começo do século XX. Compreendo que Barroso, ao longo do conto, passa a visão que a vida da população sertaneja é sofrida e eles esperam pela morte pacientemente, quando ela chega não se assustam, é uma vida de sofrimento que se vai.

Moreira ao fazer uma análise da escrita de Gustavo Barroso em sua tese de doutorado, ressalta que ao utilizar termos como “ignorância”, é possível saber o que o intelectual acredita como inteligente e racional. “A inteligência inteligente operando com

métodos, conceitos, generalizações e especializações precisas” (MOREIRA, 2006, p. 106). De forma hierárquica, Barroso defini o que é popular e folclórico e ao mesmo tempo também defini o que essas práticas não são: eruditas. Ao criar categorias para analisar ocorrências do cotidiano, o autor retira-as de seu meio, de seu tempo e espaço. Características apontadas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em relação ao regionalismo nordestino da década de 1930 aparecem na escrita de Barroso como considerar essas especificidades relíquias a serem preservadas que estão quase em extinção. Intelectuais marcantes com suas linguagens destoantes do homem culto, retomam “elementos do folclore e da cultura popular” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 65) com caráter rural, se colocando superiores a tudo isso e pertencentes a variados mundos.

Já na fonte *Terra de Sol*, o autor utiliza em sua narrativa palavras regionais mostrando conhecimento do linguajar informal, se aproximando daquele espaço, mas no lugar das aspas nessa obra, o autor utiliza-se de notas de rodapé para explicar o que aquelas palavras tão diferentes do conhecimento do seu público-alvo queriam dizer, como por exemplo: pixuna – “Pequeno rato selvagem” (nota de rodapé 1 – p. 11); caxinguelês – “Pequenos esquilos” (nota de rodapé 1 – p. 19); ipueiras – “Poços d’água limpa nas depressões de terreno” (nota de rodapé 1 – p. 22); palanquêtas – “Balas de chumbo muito compridas e finas” (nota de rodapé 1 – p. 112); entre muitas outras.

Dessa forma, mesmo que se reafirme do Norte, que sente saudades de sua terra e enalteça o sertanejo por sua coragem e resistência, Barroso ao mostrar que conhece o linguajar, que detém o conhecimento e legitimidade de fala por participar desse espaço, se afasta no momento que coloca a fala regional entre aspas ou sua tradução em notas de rodapé. Se coloca como interlocutor entre o povo sertanejo inculto e ignorante para seu círculo social letrado no Sul, no Rio de Janeiro, a quem queria apresentar esse lugar do qual fala.

Na mesma fonte, no que tange as crenças, a figura do cangaceiro é muito ressaltada, onde muitos sertanejos simpatizam com o cangaceiro, o acobertam e quando o bandido fazia algo atroz, acreditavam estar possuído pelo diabo, pois a religiosidade está muito presente na vida da população. Sobre as crenças, Barroso mesmo admite que alguns cangaceiros que vivem só, parecem ter algum vínculo com o sobrenatural, os quais habitavam o sombrio das árvores e pastos, a esses o autor define como “verdadeiros dementes, degenerados completos” (BARROSO, 1913, p. 136).

Em relação aos curandeiros, afirma que o povo sertanejo acredita muito em crendices e feitiçaria “por mais ignóbeis e estupidas que sejam” (BARROSO, 1913, p. 154), misturando crenças da etnia africana, indígena e europeia, desta última por herdeiros e das outras por contato. Ou seja, o sertanejo carrega em si as crenças lusitanas e europeias porque descende deles, e em relação as outras etnias teve o conhecimento pelo contato que tivera posteriormente. Barroso considera as expressões da cultura popular como estupidas, já que são provenientes do contato entre outras etnias, onde o indígena e o negro são considerados inferiores ao europeu.

Cada região do sertão tem seu próprio curandeiro que também é consultado como médico, o intelectual cearense define essa pessoa como sendo sempre negro ou mestiço, com manias próprias, sendo ótimos líderes, as orações, de acordo com o intelectual, provêm de rezas da religião deturpada e coberta de fanatismo, orações com aspecto ingênuo e infantil. Como o autor vai conduzindo a escrita, faz entender que “as picadas de cobra” e tantos outros males para os quais o homem recorre a um curandeiro não exista, são coisas da própria cabeça da pessoa fanática que acredita no mal e na salvação. Mesmo que haja curandeiros que acreditam no que fazem e fazem por amor, tem muitos que, e para Barroso a sua maioria, são hipócritas e criadores de mitos, são pessoas esquecidas que precisam esperar salvação vinda pelos outros (BARROSO, 1913, p. 155-159).

Barroso critica essa situação mais firmemente em *Almas de Lama e de Aço*, o qual alega que sem políticas públicas, com alto teor de impostos e uma civilização atrasada, o sertanejo se apega a religião, mesmo que carregada pelo fanatismo, Barroso afirma que em um lugar de anarquia e sem lei a figura do padre oferece a imagem de uma base centralizadora. “Nessa sociedade rudimentar, retardada, o padre é quasi sempre um centralizador de forças, de ideias, de inclinações” (BARROSO, 1930, p. 32). Na análise de Dantas, a violência é exaltada quando parece ser mantenedora de uma ordem moral, na narrativa de Barroso.

Sobre a religião em *Terra de Sol*, afirma que o espírito religioso do sertanejo se mostra de forma inferior, onde um indivíduo que assuma fazer milagres reúne em seu entorno pessoas que o seguem tal qual foi com Antônio Conselheiro e Pe. Cícero. A fé é tida como algo bom, mas infelizmente se torna acompanhada das superstições. Euclides da Cunha ao falar de Antônio Conselheiro e a partir de sua descrição acerca do evento de Canudos, pode-se concluir que a reflexão realizada sobre o sertanejo era de um povo ignorante, quando dado ao fanatismo religioso seria ainda pior. O sertanejo está rodeado pela cultura do sofrimento: por causa da seca, por causa da religião onde faziam

sacrifícios para alcançar alguma graça, o flagelo se torna uma característica identitária do nordestino que é criado também a partir do sofrimento e do drama (BARROSO, 1913, p. 182).

Barroso reafirma diversas vezes que o sertanejo é muito ignorante, poucos sabem ler e os que leem tem acesso apenas a livros ainda da época colonial, a fala também é inculta, arrastada e gostam de aumentar as histórias. O popular é retirado de seu local, realocado em palavras eruditas para compor a cultura regional³⁴, o popular é inventado a partir de manifestações que desapareciam devido ao progresso, só sobrevivendo por serem lembradas pelos impetuosos e esforçados intelectuais que olhavam para este assunto.

Barroso parece olhar e traduzir em palavras uma peça de museu, algo parado no tempo que está ali para que todos olhem como se sustentou a sociedade um dia, mas que não cabe mais no espaço proposto no seu hoje. Quase tornando os sertanejos e suas vivências em uma relíquia que ao ler, remonta o leitor direto a um passado que já passou, mas que não deve ser esquecido: o sertanejo com todo seu costume é uma peça do que as pessoas do Brasil foram um dia, simples e resistentes. Bonito de se lembrar, compaixão por sua força, mas que não cabem mais na história que se quer construir para o Brasil. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao falar sobre a invenção do Nordeste em relação aos intelectuais da época, aponta a vontade de construir o novo como uma continuidade do passado. Em Barroso consigo observar essa vontade, de mudar e solucionar os problemas de hoje se baseando no que considera bom no passado, mas forçando-o a se encaixar no seu hoje.

No capítulo “A lenda” da obra *Terra de Sol*, ressalta que as lendas que envolvem a sociedade sertaneja não são originárias desse povo, mas tiveram origem europeia, em especial as que dizem respeito à explicação de fenômenos naturais, que o sertanejo

³⁴ Em uma análise do historiador Albuquerque Júnior sobre a construção do regionalismo nordestino na década de 1930 e a formação do homem nordestino, algumas análises cabem para observar as fontes de Barroso no contexto da cultura popular e as crenças, onde é possível perceber não ser um assunto inédito do discurso regionalista nordestino, mas que já estava sendo construído por diversos intelectuais que falavam sobre a região. O historiador ressalta que nos discursos tanto literários como nos de Cordel, há uma legitimação da prática da violência, da defesa de pessoas e da propriedade, da defesa da honra e do individualismo. Outra característica expressa nesses discursos é o analfabetismo do sertanejo, ou a uma linguagem rudimentar datada do século XVI, e os intelectuais regionalistas tentam preservar essa cultura nordestina que vinha sendo ameaçada pela modernidade e estradas de ferro, partindo para as pesquisas e literatura do folclore regional, alimentação, entre outros caracteres do popular. Ver mais em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste* e outras artes. 5 ed. São Paulo: Cortez, v. 2.000, 376p, 2011 e *A Invenção do “falo”*: Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios. 2013.

modifica para se encaixar na sua realidade. Já nas que dizem respeito ao sobrenatural, essas têm característica mais africanas e indígenas. As três etnias: branco, indígena e negro, vão se unindo não apenas nas lendas, mas nos corpos, o qual Barroso acredita, depois de um certo tempo, formar um grupo étnico único, se tornando o exato brasileiro do Norte (BARROSO, 1913, p. 261-273). Afirmação que reverbera um pensamento exposto por Euclides da Cunha em sua obra o qual afirma que os sertanejos se reproduzindo desgovernadamente criaram um mestiço único e completo.

As formas de expressão e cultura popular da região, de acordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, consideradas folclóricas para muitos autores, abre espaço para uma produção dita nacional. Esse sertanismo, traz uma sensação de distância, superioridade, curiosidade dos letrados em relação às pessoas simples. Diferencia-se na narrativa a fala erudita daquele que narra e a forma inculta que aquele que é narrado traz consigo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 28).

Observando como Barroso demonstra em sua narrativa a cultura popular, as crenças e a religião do povo sertanejo que analisa nas obras, identifiquei a partir de Certeau, que a tradição oral se perde ao dar lugar à escrita, mesmo que esta última só exista por ser baseada na primeira. “Este espaço da diferença questiona um funcionamento da palavra nas nossas sociedades de escrita”. A escrita e a palavra para o autor não são elementos estáveis “Trata-se de categorias que constituem sistema dentro de conjuntos sucessivos” (CERTEAU, 2010, p. 212), as combinações do oral e do escrito se alteram, assim como suas relações, estando em configurações históricas. Compreendo que Certeau questiona o quanto do sentido dado a tal palavra vai se perdendo ao tentarmos traduzi-la para fora de seu mundo, ou seja, pegar a cultura popular e oral e transpassá-la à escrita, e retomar expressões utilizadas em determinadas épocas aproximando-as e muitas vezes, forçando-as a se encaixarem em sentidos que o presente já possui. Dessa forma considero que a relação de poder é perceptível nessas narrativas propostas como fontes para reflexão.

Após essa exposição sobre a construção do homem a partir das obras de Barroso, vou me referir a noção do autor em relação ao banditismo e cangaço que seriam efeito de todas essas noções já demonstradas no primeiro capítulo até o momento. Além dessas interferências na vida do homem como o meio, o clima, a miscigenação e a cultura que já tornavam a vida da população sertaneja difícil, o banditismo e, um de seus ramos mais conhecidos no interior do Norte na época do autor, hoje Nordeste, o cangaço, se mostra na narrativa do intelectual como efeito desses problemas e não causas. Sendo assim, o

cangaceiro é um sertanejo que cede às interferências externas e a seus antecedentes, sua existência contribui para as qualificações que o homem do sertão recebe e posteriormente em uma fala generalista, grande parte dos nordestinos.

2.2 – O cangaceiro e suas justificativas

A leitura das obras permite identificar a construção da história do cangaço que Barroso faz ao longo do tempo (da sua primeira obra de 1912 até a última escolhida como fonte de 1930) que se modifica. As denúncias antes postas apenas sobre os ombros dos homens, seu território e sua hereditariedade, vão se estendendo para os governos estaduais e federal e, a força policial empregada no extermínio do cangaço, conhecidas como volantes³⁵. Deste modo, construirei esta parte do capítulo de forma cronológica, pois acredito, que poderá elucidar para além de sua própria noção sobre o movimento do cangaço, o que o autor não nos revela em sua leitura: o que possibilita suas mudanças de raciocínio, como o contato cada vez maior com as teorias científicas neste período já que é quando ingressa em muitas instituições de saber renomadas, estando mais presente no convívio com outros intelectuais e, ao mesmo tempo, a perda de força dessas teorias que chegam tardiamente ao Brasil na explicação de um povo nacional já no final da década de 1920. A miscigenação, deixando claro, está sempre presente, mas perde força como fundamental na explicação do sertanejo e conseqüentemente do cangaceiro, dando espaço para outras denúncias de viés público na manutenção da sociedade.

Tendo a consciência que Barroso constrói seu Norte, a partir de sentidos que coloca em suas definições para que fundamente a noção que cria do homem sujeito ou não de sua história, segundo Certeau, mesmo quando a narração histórica parece algo ficcional, o real não desaparece, é apenas deslocado, em relação a produção de sentido, “toda produção de sentido reconhece um evento que aconteceu e que a permitiu” (CERTEAU, 2010, p. 37).

Os cangaceiros são o primeiro assunto do tópico II do terceiro capítulo na fonte *Terra de Sol*. Barroso os define como tendo um nervosismo aflorado devido às miscigenações e caracteriza o cangaceiro como:

³⁵ O termo volante foi utilizado durante os séculos XIX e XX para designar as forças policiais empregada ao combate do banditismo, o termo se refere ao caráter móvel que a tropa tinha quando estava em perseguição. Uma das maiores características dessas tropas seria então a mobilidade e agilidade de adentrar a caatinga e se deslocar. – ver mais em: CLEMENTE, Marcos Araújo. Ordem e desordem: campanhas de repressão ao cangaço e as formas do poder republicano na década de 1920. *Revista História & Perspectivas*, v. 26, n. 49, p. 135-174, 2014.

Cangaceiro é o homem que vive ‘debaixo do cangaço’. O cangaço não é somente na linguagem sertaneja, o armamento do bandoleiro; é, também, o seu modo de vida nômade, desregrado e sanguinário. O termo cangaceiro se estende a todas as modalidades do criminoso nos sertões: é o salteador, o sequaz de atrabiliário e cruel dono de fazenda, de ignorante e perverso chefe político; um criminoso perseguido pela justiça, muitas vezes vítimas de exacerbação de ódios políticos, que vive pelos matos ás occultas, exercendo vinganças, commettendo desatinos, matando inimigos descuidosos nas largas estradas solitárias; ou ainda os criminosos degenerados, tarados pelo atavismo, com nevroses de todas as espécies (BARROSO, 1913, p. 119).

Em *Heróis e Bandidos* retoma a noção da explicação do termo cangaço e o define, sem tanta denúncia como em *Terra de Sol* e mais voltado para um estudo amplo e não apenas definição do espaço, como sendo um “armamento; de canga, porque o bandoleiro antigo sobrecarregava-se de armas, trazendo o bacamarte passado sobre os hombros como uma canga. Andava debaixo do cangaço” (BARROSO, 1931, nota 15, p. 31). Defendendo que o banditismo não deve ser estudado apenas pelo aspecto jurídico humano, Barroso fornece alguns possíveis encaminhamentos, como considerar as circunstâncias e constâncias de certos eventos, um estudo do meio, da raça e da formação social. Considera o cangaceiro como um tipo social, que provém de uma sociedade primitiva, onde há leis que regem as causas e os fatos do banditismo, mas não sabe elucidá-las, então se apoia nos pensadores Hippolyte Taine e Henry Stendhal. Para tentar esmiuçar as leis que regeriam os aspectos sociais, como os fenômenos da natureza, o autor aponta que o melhor para descobri-las é expor os dados, observar o meio físico e moral dos sujeitos, observar causas remotas e comentar (BARROSO, 1931, p. 15-16).

Neste sentido, Barroso afirma em sua obra que o banditismo era fruto da miscigenação, do meio, da ancestralidade, da ignorância, da falta de progresso e educação. A solução desses problemas resultaria em algo melhor do que a prisão de alguns bandidos. Observando a literatura de Barroso entre outras que falam sobre o banditismo, Ferreras aponta que o meio físico e social são essenciais para explicar a ação dos cangaceiros, contudo, o objetivo inicial se mostra incorporar essas regiões ao mundo intelectual brasileiro, por meio da descrição literária.

Terra de Sol é uma obra voltada para as caracterizações e não propriamente dar um sentido social e uma explicação justificável para o fenômeno do cangaço. Sua primeira obra de estreia no campo literário traz aspecto de denúncia em vários campos: do meio, do homem, de sua cultura e do banditismo que assolavam os sertões que hoje

reconhecemos como nordestinos. Como já apontado anteriormente essas denúncias que causam interferências no agir humano e formam o sertanejo, neste momento me concentro em destacar as análises que o autor faz à existência do cangaço, que será aprofundada nas outras duas fontes escolhidas como fonte: *Heroes e Bandidos* e *Almas de Lama e de Aço*.

Deste modo, na sua obra de 1912, Barroso traz três definições de integrantes do cangaço. O cangaceiro mais interessante para o autor é aquele que gosta da chacina e ao mesmo tempo é supersticioso e crente, acreditando que está fazendo justiça e protegendo os mais fracos, sendo valente e impiedoso, sendo um “mixto inexplicável de phychopatias sanguinárias, de cavalheiresca generosidade e de amor ao castigo dos que oprimem os fracos, dos que abusam da força e da astúcia, dos que roubam pecúnia ou honra” (BARROSO, 1931, p. 120). Caracteriza esse cangaceiro como romântico que gosta da vida de rebelde a vagar sem regras; não rouba e não permite que os seus o façam; assume a característica de bravo e lutador apenas em confronto, fora dele é brando e calmo, como se guardasse em si “o calor terrível da soalheira do sertão” (BARROSO, 1931, p. 122). Basta apenas que faça uma boa ação para que a população esqueça seus crimes hediondos, pois o crime de morte ou qualquer outro, não se compara a atrocidade que é roubar ou desonrar.

Nesta perspectiva de explicação, Cascudo, também na primeira metade do século XX, tece considerações sobre Jesuíno Brilhante que se parecem com a definição de Barroso. Cascudo relembra Jesuíno Brilhante (o mais famoso cangaceiro do Rio Grande do Norte) e o mostra como sendo um bom homem e branco. Retoma que o modo de vida que criou tantas personagens ilustres como diversos cangaceiros, alcança Jesuíno Brilhante, “o uso das armas, facilidade de ação pessoal em vez da justiça, ambiente de luta, a literatura oral que só ilustra os feitos valorosos dos valentes...”. Eram características essenciais da criação do homem sertanejo. Morrer com armas em mãos, lutando era honroso e por isso Brilhante foi exaltado pelo popular, pois “entregar-se à prisão seria o supremo opróbrio” (CASCUDO, 1984, p. 33).

Outro tipo comentado por Barroso, e admite ser este em maior quantidade, são os cangaceiros infames, que realmente gostam da morte, são perversos e egoístas, “almas de lama que nunca esboçaram um gesto de compaixão e nunca possuíram o menor sentimento de homem” (BARROSO, 1913, p. 122). Ao dar características a esses cangaceiros compara-os a animais, torna-os animaiscos: carregam em si taras hereditárias e psicopatias, define-os como sempre mestiços e raramente brancos, sendo mal-formados, assimétricos e com feições horríveis de animais dos diversos tipos, até

mesmo seus dentes seriam afiados como de um animal bestial. “As perturbações nervosas tumultuam e tempesteiam nesses cerebros, incentivando o crime” (BARROSO, 1913, p. 123). Sobre esse tipo, Barroso comenta que seus crânios são deformados e que suas histórias apavoram as pessoas pacíficas, já que carregam em si atrocidade e torturas. Diante dessa menção a hereditariedade, Schwarcz afirma que a escola criminal positiva, a qual Barroso se apoia, acreditava que em um mundo regido por leis mecânicas, causais e evolutivas o indivíduo não teria liberdade, que será melhor abordada adiante.

A característica destacada por Barroso desses criminosos com aspecto animalescos serem raramente brancos, denota uma visão etnocêntrica e eurocêntrica devido as teorias sociais e raciais europeias do século XIX, de acordo com Moreira, onde coloca o português branco colonizador como referência de evolução, sendo assim, todo aquele que não era branco, automaticamente estava longe de ser civilizado. Barroso aponta que com o avanço da civilização os sertanejos vão modificando sua forma de pensar, ou seja, sem a civilização são animalescos e selvagens, mas com o progresso vão se tornando mais civis. Progresso esse que vai aniquilando antigas profissões, culturas e costumes.

Cascudo ao fazer cangaceiros como modelos assim como fez com Jesuíno Brilhante aponta em Lampião um desmistificador dos cangaceiros, pois o legado de Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino, entre outros, era o de romântico, respeitador e honroso. Lampião era, para Cascudo, apenas um “malvado, ladrão, estuprador, incendiário, espalhando uma onda de perversidade inútil e de malvadeza congênita onde passa” (CASCUDO, 1984, p. 37). E ainda denuncia que aqueles que consideram as ações de Lampião como algo bom, são apenas pessoas que não convivem e que estão bem longe de suas ações. “As conseqüências só são agradáveis para os que vivem há sem léguas do facínora” (CASCUDO, 1984, p. 38).

Há também o tipo de cangaceiro que é o fugitivo da polícia, o desordeiro, que gosta de causar confusão em festas e em comércios. Assim como há coragem e compaixões inesperadas, há no sertão também a covardia, “a cangaceiragem não é mais do que um bruxoliar do espirito bellicoso, manifestando-se em gente muito baixa pelo cruzamento e pelas táras” (BARROSO, 1913, p. 152). Câmara Cascudo, contemporâneo de Barroso, destaca a força cangaceira e como esses viviam pela honra, até mesmo na morte. Traz a mistura de raças e qual predomina mais nesses sertanejos, que seria a indígena. Também caracteriza o cangaço como um conjunto de impulsos, taras e tendências.

Barroso destaca que todos que gostam da luta, do perigo e de uma vida “vagabunda” são cangaceiros. Eles têm em comum um espírito selvagem, um “espírito ardiloso” (BARROSO, 1913), psicopatias e inclinações iguais. Afirma que os cangaceiros existem a séculos e por séculos ainda haverão de existir. O povo acredita que os cangaceiros tinham em si demônios ou recebiam ajuda do sobrenatural, não era possível que se livrassem e vivessem essa vida por si próprios, visão que ajuda a manter o medo e o respeito ao bando. Devido a miscigenação, a psicopatia, ao mundo externo e a hereditariedade não haveria outra opção do homem a não ser se tornar cangaceiro. Barroso, a partir de suas definições, se encaixa em um intelectual que se baseia na teoria das raças. Na definição da historiadora Lilia Schwarcz, os teóricos da raça partiam de 3 proposições baseadas numa antropologia biológica: a primeira proposição afirmava o distanciamento entre as raças humanas, condenando a miscigenação; a segunda era que caracteres físicos e morais eram relacionados, e a separação entre raças seria também uma separação cultural; em terceiro, acreditava-se na preponderância de uma raça no comportamento do indivíduo, lhe retirando o livre-arbítrio (SCHWARCZ, 2019, p. 78).

O intelectual cearense considera os cangaceiros ardilosos, sagazes e cautelosos, atacam os mais fracos e cansam na perseguição os mais fortes, fugindo daqueles a quem não podem enfrentar e nunca sendo pegos de surpresa, onde traição e o ataque feroz formam seu caráter. Muitos desses cangaceiros são sustentados por chefes políticos locais, o chefe político que se alia aos bandidos em maior grupo consegue o controle da região, mandando dizimar seus desafetos e a cometerem crimes (BARROSO, 1913, p. 127). Pedro Baptista, que escreve também na primeira década do século XX, aponta os cangaceiros como simples perturbadores, principalmente em relação aos pobres, onde a população sertaneja reclamava por não ter ajuda das autoridades para combater o bando.

Vários seriam os fatores a contribuir para essa vida cangaceira: a vida pastoril frente a vida agrícola dos sertanejos; suas características etnográficas; a falta de educação; a hereditariedade das “taras”; a ignorância do povo; a falta de repressão; a política; o desprestígio que as autoridades têm entre as pessoas e; as inimizades entre famílias, se intensificando também com a miscigenação e a falta do controle populacional. Para o autor há pessoas pré-dispostas ao crime, “acumulava psicopatias hereditárias” (BARROSO, 1913, p. 127) e são esses a quem o cangaço fascina.

Essas características expostas por Gustavo Barroso fariam parte da formação do homem sertanejo em si e uma análise interessante feita pelo historiador Pernambucano de Mello é que o cangaceiro, no começo, se faz partícipe da vida sertaneja, sendo um

desdobramento do homem vaqueiro e pacífico, depois, com mais grupos surgindo e as disputas de territórios frequentes, o cangaceiro passa a ser totalmente o oposto do sertanejo que seria preguiçoso e cansado, e sim passa a imagem de desperto, de corajoso e bravo, “é a vida nômade, ao ar livre, e sobretudo ao sol e aos perigos do sertão, que confere ao cangaceiro a peculiaridade do seu biotipo, e sua singularidade antropológica e cultural” (MELLO, 2013, p. 35), para o autor, sertão e sol se tornam sinônimos. O cangaceiro, dessa forma, também está atrelado ao sol e ao que representa: força, coragem, vida, calor. Que tanto o autor como Gilberto Freyre, que faz o prefácio à primeira edição da obra *Guerreiros de Sol*, veem como masculinizante, diferente da água que seria mais feminino e com sua falta, a sociedade tende a ser do macho³⁶.

Em *Heroes e Bandidos*, Barroso tece algumas hipóteses sobre o surgimento do banditismo mais voltadas para o âmbito social elucidando denúncias não apenas ao que acredita interferir no homem, mas também é o início de acusações aos governos estaduais e federal que serão mais bem elaboradas em *Almas de Lama e de Aço*. Baseado em diversos autores como mencionado na introdução desta dissertação³⁷, Barroso destaca que os bandidos não são exclusividade do nordeste brasileiro, mas que existem nas mais diversas regiões com denominações diferentes. Para Pernambucano de Mello, o sertão dá ao banditismo um nome próprio, construindo um tipo de homem, com meio físico próprio à ocultação e esconderijo e, com uma cultura propensa à violência, “o sertão não poderia deixar de se converter no palco principal do cangaço” ((MELLO, 2013, p. 95). Concordando com Gustavo Barroso em seu livro *Heroes e Bandidos*, Mello acredita não ser apenas no Nordeste que existam cangaceiros, mas que em outras partes do mundo também há bandidos, tal qual também afirma Câmara Cascudo.

Ser bandido não depende apenas do caráter, segundo Barroso, vai além de si próprio, o indivíduo une em si os mais variados antecedentes e causas diversas. Por meio dos chefes políticos o cangaço ganha força e em uma sociedade organizada, essas figuras de força enérgica, segundo o autor, seriam úteis para a civilização, coisa que não conseguem ser numa sociedade desorganizada, distribuindo assim sua energia para o

³⁶ Segundo discussão de Durval Muniz de Albuquerque Júnior sobre gêneros: “Nesse mundo moderno e cada vez mais urbano, onde há uma desvirilização do homem e uma masculinização da mulher, o nordestino é criado para resgatar essa tradição masculina que se perdia, “um verdadeiro macho capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 226). A elite que tenta resguardar os tempos áureos, muda o próprio habitante da região da qual fala que serviria para ajudar nessa recuperação. Ver mais em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do “falo”*: Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios. 2013.

³⁷ Página 12 dessa dissertação.

crime. Civilização esta que se baseia nas explicações raciais do final do século XIX e começo do XX, segundo Moreira, amparadas nas teorias sociais europeias de todo o século XIX. Teorias que provinham principalmente de: Darwin, Comte e Spencer. “O aspecto unificador dessas teorias dizia respeito ao tema da evolução e do progresso, numa perspectiva eurocêntrica” (MOREIRA, 2006, p. 185). Para além da civilização que se baseia, inicialmente, nessas teorias, elas chegam ao Brasil concomitantemente para calcificar 2 linhas interpretativas: meio e raça. Contudo, o Brasil está em desacordo com essas linhas evolutivas, visto sua alta miscigenação, tendo a presença de negros e indígenas e seus descendentes mestiços. Nesse âmbito, os intelectuais criam mais duas categorias: nacional e popular, onde Barroso se insere.

A vida no sertão se torna cada vez mais impossível com o crescimento do cangaço. As intrigas entre famílias se perpetuam e não são esquecidas, o instinto de luta passa por gerações, as desavenças acontecem pelos mais variados modos: ciúmes, raptos, recusas, briga por território, pelos animais e o desejo de comandar determinado povoado ou região. Aponta as mais variadas causas de banditismo durante todo o livro, passando pela falta de infraestrutura, da miscigenação, do clima, da falta de instrução, da falta de ordem e organização e, desrespeito às autoridades que muitas vezes eram tão criminosas quanto os bandidos, ou preferiam a vida desregradas desses. Com base no estudo de Enrico Ferri, Barroso destaca que o autor italiano dividiu os criminosos em 5 grupos: **criminoso nato; louco; por hábito adquirido; por paixão e; por ocasião**. Afirma que os bandidos do nordeste podem ser classificados nessa divisão (BARROSO, 1931, p. 91-93).

O **criminoso nato** seria aquele já degenerado por sua raça que o meio incentiva o florescimento da agressividade. Suas características físicas são descritas como de animais, tendo o rosto deformado, seu corpo e mente malformados e todas as características lombrosianas (Cesare Lombroso).

O **criminoso louco**, Barroso define como sendo aquele sanguinário, que gosta de torturar e age principalmente contra crianças. Mas também tem atitude cavalheirescas.

O **criminoso por hábito adquirido** é maioria, matando por dinheiro, por ordem ou por crueldade. Não provocam admiração ou ódio.

O **criminoso por paixão** também é frequente no sertão, são aqueles que acreditam estarem fazendo justiça, seguem suas inclinações às paixões e ao crime. É aquele indivíduo que se vinga quando alguém comete desonra e se torna criminoso por não acreditar ter deflagrado crime, mas sim ter se defendido.

O **criminoso por ocasião** é aquele que está sempre pronto a se converter ao crime, esperando apenas alguma oportunidade propícia.

Essas definições têm base nos segmentos da visão poligenista³⁸, que conforme os estudos de Lilia Schwarcz, estimula o surgimento da *frenologia* e da *antropometria*, que a partir da medição e proporção do cérebro era possível interpretar a capacidade humana. A *craniologia técnica* com a medição cefálica facilita o estudo sobre as variedades de cérebros humanos. Os estudos iam se afastando da noção humanística do século XVIII e caminhando para uma aproximação entre o exterior do corpo (biológico) e seu comportamento (social). Nesse modelo determinista surge a *Antropologia criminal*, sendo Cesare Lombroso um de seus principais estudiosos (SCHWARCZ, 2005, p. 38-9). Esse modelo acreditava que a tendência criminosa passaria por hereditariedade e por fenômenos físicos. Teoria encontrada em Barroso ao falar sobre o criminoso nato em *Heroes e Bandidos* e ao referenciar em *Terra de Sol* os cangaceiros infames. Acreditava-se que a antropologia criminal seria o único método científico para se entender a criminologia.

Gustavo Barroso insere características antropofágicas nos bandidos e os define como animais que matam por diversão. Era possível saber que um indivíduo viria a se tornar cangaceiro por causa de suas características físicas, já apontado anteriormente a noção de criminologia de Cesare Lombroso, o tamanho do crânio, as tremulações no músculo da face, os olhos cheios de raiva. Nos estudos de Schwarcz, a antropologia criminal não é novidade em si, mas o tratamento a que foi reservada sim. Dava-se olhos agora para o criminoso, a partir da lente do físico, dá antropologia e do social, e não mais ao crime. As interpretações podem até variar, mas é consenso que a análise do criminoso revolucionou a noção de crime. “Tratava-se de trazer critérios científicos para a prática do direito” (SCHWARCZ, 2019, p. 216). Essa atenção a criminalidade, de acordo com a historiadora, fazia com que ela estivesse em todo e qualquer lugar, nas pessoas mais insuspeitas e famosas. As características físicas de um sujeito o aproximavam ou o afastavam da criminalidade, e de modo mais abrangente o sucesso ou o fracasso de uma nação. Nesse âmbito, fortalece a profissão de perito na medicina legal (medicina ligada ao direito), onde era analisado o criminoso e não o crime, “com suas taras e degenerações”

³⁸ Desenvolve-se frente ao avanço das ciências naturais, principalmente da biologia e ia contra os pressupostos da igreja, de uma única origem à espécie humana. Para os poligenistas haveria vários centros de criação da humanidade, o que explicaria a diferença entre as raças. Ver mais em: Schwarcz, Lilia M. O espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870 – 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

(SCHWARCZ, 2019, p. 260). A partir do século XX os ensaios sobre medicina legal se tornam frequente, nessa disciplina o que estava em análise era o criminoso ou o doente e não mais o crime ou a doença, até mesmo a linguagem se afastava da medicina para se igualar mais as áreas policiais e do direito. Os artigos e teses da medicina legal tinham mais adeptos quanto ao tema de análise do criminoso onde tentavam enxergar as correlações entre criminalidade e degeneração. Os médicos reivindicavam poder curar o criminoso, visto que o enxergavam como doente, a frente da medicina legal estava Raimundo Nina Rodrigues, célebre professor da escola baiana e defensor das teorias que a medicina legal empregava. “Era a população pobre e doente que, exposta como se fosse um grande laboratório humano, exemplificava teorias, demonstrava os desvios” (SCHWARCZ, 2019, p. 263). Desde o final do século XIX, segundo estudo de Schwarcz, o direito como disciplina, surge com uma nova concepção aliada a biologia evolutiva, às ciências naturais e a uma antropologia determinista, distanciando-se das ciências humanas. Ou seja, queriam se respaldar em ciências com leis e certezas, não apenas uma nova noção de disciplina do direito surgia, os intelectuais presentes nessa formação, acreditavam estar formando uma nova nação. Até mesmo na literatura o romantismo perde lugar para o naturalismo, onde citação se forma prova de erudição, e o enredo era categorizado pelas Leis Naturais. “A literatura se aproximava e se subordinava à ciência” (SCHWARCZ, 2019, p. 200). Era preciso olhar de outra forma para o país, de forma científica e para isso pegaram as teorias estrangeiras e as colocaram com diretrizes de pensamento, adaptavam as novas ideias para pensar uma saída para a nação que se formava.

Barroso apoiado em seus teóricos, como Letourneau, menciona que o prazer da tortura é uma condição de vida. Também usa dos estudos do naturalista americano John Audubon que observava os animais e os comparava às atitudes do ser humano. Cita o romancista francês Henry Bayle Stendhal que afirma que os camponeses não têm bondade e parte dos estudos do escritor Helbert Spencer, que aplicava as ideias de Darwin, para entender o evolucionismo da sociedade humana, e afirma que nas sociedades primitivas aqueles que demonstrassem fraqueza não sobreviveriam, e retomando uma citação já exposta no capítulo 1 dessa dissertação referente ao livro Terra de Sol que cabe também nessa consideração, Barroso afirma “que a seca é um factor de progresso, porque forma e molda uma raça de fortes” (BARROSO, 1913, p. 25), e o meio obrigaria os homens a tomarem atitude extremas deixando na moral a noção de que “no sertão, quem se não vinga está moralmente morto” (BARROSO, 1931, p. 59).

Na época da Grande Seca do século XIX (1877-79) o autor comenta que o número de bandidos crescera, o que conota a ligação entre o clima e o banditismo da região. “O sertão não lhes consentiu viver em paz” (BARROSO, 1931, p. 103). Segundo análise do historiador Carvalho Dias à explicação do aumento da criminalidade nos sertões nortistas nesta época, com o aumento da economia na segunda metade do século XIX, os fazendeiros começam a empregar uma maior quantidade de trabalhadores livres, aumento este que permite também uma maior presença de autoridades no sertão. Após a Grande Seca (1877-1879 especialmente no Ceará) já destacada no primeiro capítulo dessa dissertação e suas consequências devido a um contexto de queda do poder das grandes elites nortistas, há um empreendimento para maior adesão de trabalhadores assalariados e uma atenção para o resgate econômico do cultivo agrícola, assim há um desencadeamento de conflitos. Com o aumento das autoridades, há também aumento das pessoas perseguidas por ela e pela justiça imperial, o que faz com que essas pessoas se refugiem em grupos de assaltantes com alto poder de fogo, em que podiam fugir com facilidade. Com a desordem pública crescente, os assaltantes viam maior liberdade para praticar assaltos, assassinatos, entre outros crimes. O bando de criminosos “acabava por competir com as instituições de repressão do império e da república” (DIAS, 2019, p. 230), constância de lutas que fazia parte do cenário do interior do norte.

Retomando brevemente a noção de ordem colocada por Barroso em sua definição de criminoso por hábito adquirido, em uma discussão sobre heróis e bandidos na narrativa, El-Jaick Andrade faz uma reflexão a qual vê no historiador e no grande homem convergências por imporem essa “ordem”, como destacada no *criminoso por hábito adquirido*, e organização por meio do discurso. “O historiador, tal qual o grande homem, é o mediador entre a significação infinita e o discurso coerente, entre a desordem e a ordem em seu próprio universo” (EL-JAICK ANDRADE, 2007, p. 228). Começa a aparecer na narrativa de Barroso a construção de que alguns cangaçeiros viriam a se rebelar justamente pela falta de ordem proveniente nos sertões, ordem esta que Barroso queria trazer para esse espaço.

Nessa tentativa de classificação e definição das variadas formas de cangaço tanto na obra *Terra de Sol* como em *Heroes e Bandidos*, há na literatura de Frederico Pernambucano de Mello, leitor de Barroso, também uma definição dos diversos cangaços existentes dentro do cangaço, que me chama a atenção de pontuar por se diferenciar de Barroso. Para Mello, na subjetividade de cada bando ou pessoa havia suas distinções em interesses, motivações, aspirações, atitudes, gestos e a própria limitação de se chegar a

um objetivo. O autor divide as características principais em três modos: **cangaço-meio de vida**; **cangaço de vingança** e; **cangaço de refúgio**³⁹.

No capítulo II do livro *Heroes e Bandidos*, Barroso disserta acerca de 13 famílias e cangaceiros descrevendo seus crimes e sua fama no sertão, alguns remetendo ainda ao século XVIII. Em vários momentos chama os cangaceiros de cruéis e malvados, numa entonação épica de heróis e bandidos, o bem contra o mal. O herói carrega em si as mais diversas qualidades, de acordo com a autora Débora El-Jaick Andrade, mas acima de tudo, um líder. Essa teoria se insere no final do século XIX e XX onde a escrita historiográfica dava foco para ações de grandes líderes de nações ou comunidade religiosa. A história e os passados foram apropriados pelo presente para que pudesse ser compreendido, em tempos de crise, a expectativa que um salvador aparecesse aumenta. Herói não seria apenas aquele imortalizado, mas também o homem incompreendido, muitas vezes surgiria em sociedades e circunstâncias não prontas a recebê-lo, era aquele que transformava o que pensava em ação, revolucionava sua sociedade. Como um líder espiritual, o herói poderia desvendar aos outros os segredos do Universo, esse herói veria a essência e não apenas a beleza, iluminaria os outros pelos tempos. Tal como Barroso define os cangaceiros como um herói “às avessas”.

Ao comentar sobre dois cangaceiros, Barroso começa apresentando os dois homens como bons e leais, onde a falta de educação e as influências do meio tonaram criminosos para a nossa justiça, mas justos frente aos costumes sertanejos. Considera-os heróis, visto que por motivos de vingança resolveram solucionar os problemas com as próprias mãos, bravos lutadores típicos daqueles que são perpetuados na tradição e oralidade sertaneja. Homens que acreditavam que a justiça civilizada perseguia os fracos e defendia os poderosos. São homens que acreditavam que castigar aquele que causa injúria contra os seus e a si mesmo não era crime, mas merecimento. “De tão pequena

³⁹ **Cangaço-meio de vida:** cangaço como forma profissional que teve como integrantes *Antônio Silvino e Lampião*, atuavam no cangaço como existência. Tem maior número de integrantes por esse motivo e sua expressão é criminal; **Cangaço de vingança:** o objetivo final de suas ações tem como foco a vingança, que teve como integrantes *Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira*, um meio considerado nobre. Não é tão frequente como se imagina, mas forma uma imagem ética que tem grande repercussão na literatura e é usado como escudo ético por grande parte dos bandidos; **Cangaço de refúgio:** meio tido como última salvação do homem que é perseguido, se torna um refúgio e esconderijo. É o menos frequente de todos e se baseia em estratégia defensiva, tendo como seu representante máximo o cangaceiro *Ângelo Roque*. – ver mais em: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*, 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

coisa decorreram grandes crimes e grandes lutas, grandes crueldades e grandes feitos. Impossíveis de prever as consequências duma ninharia” (BARROSO, 1931, p. 172).

Ao falar sobre o cangaceiro conhecido como Adolfo meia noite, destaca que “Tudo conspirava contra o moço sertanejo: o meio phisico e moral, a ascendência, a crueldade e injustiça do inimigo, a honra da família” (BARROSO, 1931, p. 204), já que este vivia em paz e sossegado no seu lugar, mas se revolta quando é humilhado, por não conseguir se casar com a mulher que queria. Quando remete a Antonio Silvino, o considera o maior cangaceiro do nordeste e ressalta que apenas por ser cercado pela injustiça, pelas ancestralidades do pai e da mãe e pelo meio em que vivia, Silvino se tornou cangaceiro. Apesar da popularidade junto ao povo, muito conseguiu porque se aliava a chefes políticos locais.

Com essa base de estudo sobre a miscigenação desmembrada mais em *Heroes e Bandidos*, o autor ressalta que “o criminoso matuto é digno de lástima e dos socorros da educação, não do ódio ou desprezo” (BARROSO, 1931, p. 63), é preciso que se observe sua ancestralidade para se entender as tendências. Outros autores que observam a história do cangaço como Franklin Távora ao desenvolver sua literatura, na análise de Ana Márcia Siqueira, Cabeleira não era um homem ruim, mas seu tempo e espaço o tornaram um bandido, especialmente a ignorância, onde as histórias são perpassadas pela tradição oral por meio dos cantadores. De acordo com Durval Muniz Albuquerque Júnior ao observar a literatura de Franklin Távora, aborda que mesmo que esse termo, na época, não significasse o que conhecemos hoje, não descrevia um estilo de vida criminoso. Cangaço como conjunto de armas trazidos pelos bandidos. “Cangaço seria uma ‘voz sertaneja’, uma expressão para descrever o conjunto de armas portadas por um criminoso, pessoas que ‘andavam debaixo de seu cangaço’, uma espécie de vestimenta, de armadura constituída pelo conjunto de armas que o bandoleiro portava” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 233). A noção de que o homem não seria um completo bandido pelas suas atitudes, em especial, pelo extremo uso da violência, é destacado por Siqueira que “o uso da violência como forma de sobrevivência constituiu aspecto rotineiro, porque estava imiscuída no modo de ver e sentir das pessoas” (SIQUEIRA, 2009, p. 158), desta forma, figuras que vestem essa violência são exaltadas por não se submeterem ao jugo do outro, por não esperarem a justiça pública que muitas vezes era considerada injusta e pelo sertanejo ter em si, essa luta contra o rude, se tornando ele mesmo impenetrável.

Segundo Schwarcz uma análise evolucionista com um toque do darwinismo social serviu como um modelo inevitável, um argumento autoritário, omitindo a discussão do

conflito social. Aquele que atenta contra essa propriedade masculina (terra, mulher, animais) é posto como bandido na narrativa de Barroso em uma análise de Dantas, e aquele que se vinga e vai contra esse bandido é dado como herói ou justiceiro, mas que o meio faz bandido.

Retomando sua escrita sobre Silvino, o toma como um arquétipo dos cangaceiros ao qual trata. Barroso afirma que Silvino carrega em si a degeneração da raça, devido a sua ancestralidade onde pais, avós e outros entes familiares viveram a vida do cangaço. O crime o influenciou não por simples preguiça e não roubava apenas por roubar. Sua ignorância provém do meio que não havia escolas e sua família era analfabeta, viveu com base na natureza, se entregando aos sentimentos. Era um bárbaro influenciado por seu meio físico e social, indo ao crime porque a justiça e as leis não honraram a morte do pai. “A sua alma selvagem, diante da injustiça do meio, da falta de garantias de toda a sorte, do domínio brutal da força ao invés de cair até a humilhação, elevou-se até a vingança” (BARROSO, 1931, p. 277). Barroso então considera também que é covarde e humilhante deixar as afrontas de lado, correr do confronto, é preciso honrar a si e aos seus. Com o passar do tempo suas ações declinaram, mas o que o impeliu a entrar no crime, o autor considera como “honroso”, pois haveria de ter entrado nessa vida para vingar a morte do pai. Por isso, Barroso afirma que é compreensível Silvino não confiar nas leis e agir por conta própria. Por fim, destaca ser Silvino um atrasado de outra época, sendo vulnerável ao crime por sua educação e por sua raça, que pelos meios bruscos do ambiente o fizeram criminoso. É cheio de energia que os governos não conseguem aproveitar, não tendo outra maneira de agir se não no crime.

O cangaço e os beatos, na reflexão do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, são uns dos tipos que formam o nordestino, onde a fé, o fanatismo, não se separa da violência. Os cangaceiros eram considerados doentes e rebeldes à ordem social, o exemplo da expansão dos instintos da mestiçagem, que só vingaram pela natureza que lhes rodeava. Noção vista também em *Guerreiros do Sol*, onde Mello ressalta que cangaceiro está interligado ao homem, tentando representar um conjunto de atributos e qualidades que teria esse homem sertanejo. “As noções de independência, improvisação, autonomia e livre-arbítrio conheceram nele seu cultor máximo” (MELLO, 2013, p. 87). O cangaceiro, de acordo com Mello, encarna essa atmosfera épica, cultuada pela sociedade sertaneja desde o início do povoamento dos sertões nortistas que almejavam a honra e a coragem daqueles que lutavam contra o meio inóspito, contra os indígenas e

contra os animais. A população sertaneja era dividida entre aqueles que conviviam com o movimento e aqueles que o admiravam.

Intercalando com essa noção que Barroso constrói no arquétipo de Silvino, em algumas interpretações sobre a noção do cangaceiro e sua relação com o sertanejo, trago para a discussão a análise feita por Siqueira que cabe para questionar a criação de sujeito na escrita de Barroso. A autora afirma que a dicotomia entre bandido e herói se performa no cangaceiro em relação ao herói em um ideal de perfeição sertanejo por conta de sua coragem e valentia, aquele que prefere morrer a se ver desonrado. “Por defender esse tipo de moralidade, o nordestino acabou por se identificar com a figura do cangaceiro” (SIQUEIRA, 2009, p. 159). A autora coloca o sertanejo como torturado pelo sol, sem esperanças por visualizar uma terra seca e sofrida, onde tem esperança apenas no céu para que as coisas mudem, reforçando que o cangaço seria um alento contra a fome e a miséria e que o movimento trazia a imagem de aventura tal qual os cavaleiros da Idade Média. O cangaceiro, para a autora, “representa o rebelde, dentro do contexto sertanejo, o desejo de liberdade, de insubmissão, como também desejo de se destacar da grande massa submissa e anônima” (SIQUEIRA, 2009, p. 171). Contudo, destaco que cangaceiro este também sertanejo que Barroso sempre expõe em sua narrativa, ou seja, na mesma teoria segue os parâmetros de moralidade do homem sertanejo, já que é um deles. O cangaço não vem de fora com a intenção de retirar o povo da miséria, por mais que autores defendam esse tipo de banditismo fazendo uma análise geral e universal, o cangaço prolifera nos sertões nortistas e posteriormente nordestinos. São homens dos sertões, com sua moralidade, seus desafetos e suas honras, a autora continua discursos onde coloca a salvação do sertanejo na mão do outro, reafirmando categoricamente a população sertaneja como sem autonomia e desconhecida da própria realidade, coloca sobre os cangaceiros o adjetivo de herói, de salvador dessa população como se em algum momento os cangaceiros reivindicassem qualquer tipo de melhoria, sendo que Frederico Pernambucano de Mello, ao analisar os cangaceiros em sua extensa obra, destaca que grande parte da dificuldade em se fazer um sertão conectado é por culpa dos bandos de cangaço, especialmente de Antonio Silvino e Lampião, que será melhor falado no subcapítulo 2.3.

Porém, a ajuda do povo sertanejo para com o cangaço nas fontes de Barroso não fica tão explícito, apenas alguns comentários são encontrados, como já exposto na abordagem da obra *Terra de Sol* ao falar da crença sertaneja, o intelectual destaca que os sertanejos acobertariam o cangaceiro, pois simpatizam com ele e na ocorrência de alguma atitude considerada atroz este estaria possuído pelo demônio, sendo assim, não estaria

agindo de forma “normal”; em *Almas de Lama e de Aço* o sertanejo “pacífico” ajudaria o bandido apenas por ver na polícia pessoas muito piores que aquele e, respondendo a questão da nossa terceira fonte abordada, na última obra, Barroso afirma que os sertanejos veem o cangaceiro como herói. O que é possível compreender com base na leitura das obras e da bibliografia é que os valores morais tão enraizados e mantenedores de tradições da população sertaneja faria com que tivessem mais afinidade em proteger aquele que suspostamente se veste com o escudo ético⁴⁰ da vingança e da honra do que se aproximar das volantes que cometeriam os mesmo crimes que os cangaceiros, vide diversas denúncias na fonte e na bibliografia, ou até mesmo piores. A admiração existe e é possível observá-la a partir das cantigas e repentes trazidos pelo autor em suas obras que cantam a vida de cangaceiros em tom épico. Como exemplo trouxe alguns trechos da história de Antônio Silvino contada em verso pelo poeta e escritor Francisco da Chagas Baptista (1882-1930), irmão do escritor Pedro Baptista que trouxe como referência anteriormente:

...
Nessa luta sanguinária
Dois capangas eu perdi
Os outros me abandonaram...
Quando sozinho eu me vi.
P’ra não cair na esparrela
Sem perder tempo, fugi

Em Abril de novecentos
Eu em Cabaças estava;
E o Capitão Zé Augusto
Que em minha pista andava,
Cercou-me com trinta praças
Quando eu menos esperava

Dentro de um engenho velho
Fiz uma trincheira forte,
De onde atirei cinco horas...
Não houve nem uma morte!!!
Dalí fugi com os meus
E procurei outro norte.
(BAPTISTA, Francisco C., 1960, p. 12)

⁴⁰ Noção retirada da obra *Guerreiros do Sol* de Frederico Pernambucano de Mello.

O cangaceiro que se veste com o escudo da vingança tem o apoio moral da população, já que seria digno e até mesmo mais um dever do que um direito se vingar, sendo também portador dessa moral, visto que é um sertanejo. A justiça pública é muito malvista pela população, que será mais satisfatoriamente abordada no subcapítulo 2.3 dessa dissertação, e isso é muito visível nas fontes quando da criação de arquétipos ao apontar o porquê dos sertanejos aderirem a essa vida do cangaço.

No que cabe a noção da fama de determinados cangaceiros também entre a população sertaneja, seja pela memória, cantigas ou trovas, a admiração viria pelo estilo de vida, segundo a autora Ana Siqueira, e não pelos crimes. Pela coragem e valentia de enfrentar quem quer que fosse, inclusive autoridades, para defender o estilo de vida que queria levar: livre. Claro, que essa liberdade vem de poder fazer o que quiser com qualquer pessoa que ultrapasse seu caminho e que intervém no seu modo de viver. A autora, continuando discursos generalistas e naturalizados, coloca que é o típico homem pobre que não quer levar uma vida de pobreza, contudo, Mello destaca vários cangaceiros, em especial o que seguem a modalidade de vingança, que tinham recursos para bancar seus anos caatinga adentro, como foi o caso de Jesuíno Brilhante⁴¹ e Sinhô Pereira⁴².

Neste mesmo questionamento, o historiador Marcos Edilson Araújo Clemente em seu artigo *Ordem e desordem: campanhas de repressão ao cangaço e as formas do poder republicano na década de 1920*, afirma que a sobrevivência do cangaço vem da proteção, em menor grau da população sertaneja comum (a quem o ator se refere como humilde), tendo certa continuação da narrativa da autora anteriormente analisada e, em maioria dos coiteiros (aqueles que tinham maior poder e formas de proteção que também se utilizavam de serviços do bando para manifestação de interesse próprio, podendo ser entre eles: padres, governadores, militares, coronéis, chefes políticos, agentes da justiça, entre outros). Fazendo uma breve reflexão sobre a narrativa construída por Clemente, resalto que o autor referencia o sertanejo “normal” como humilde e o coiteiro como “poderoso”, sendo que este coiteiro também era sertanejo, já que vivia no sertão, dando a entender que ou o sertanejo era pobre, necessitado ou grande latifundiário, pertencente do poder

⁴¹ “Jesuíno Brilhante chamava-se na verdade Jesuíno Alves de Melo Calado, nome por todos os títulos senhorial.” (MELLO, 2013, p. 147). Ver mais em: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

⁴² “Sinhô Pereira (...) era neto do barão do Pageú pernambucano, de larga expressão no comércio, na agricultura, e na vida política da região.” (MELLO, 2013, p. 147). Ver mais em: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

público. Mesmo que em pontos de questionamentos diferentes, a narrativa acaba indo para um mesmo resultado que a de Barroso, onde não existe meio termo nos sertões nordestinos. Transformam em generalidade a vida sertaneja: ou o indivíduo é pobre e pra não morrer de fome ou de qualquer outro flagelo ocasionado pelo meio se torna bandido digno de lástima ou é um grande latifundiário, individualista que só busca seus próprios interesses. Acredito que a beleza da história esteja exatamente nesse ponto: a diversidade e a descontinuidade. Não é geral nem um e nem outro, mas eles também não se excluem, ou seja, é preciso identificar a descontinuidade nesses discursos, dando espaço para desnaturalização. Falamos de pessoas humanas, com vontades próprias, claro, que induzidas pelo seu tempo e espaço a almejar aquilo que tinham capacidade e conhecimento para ambicionar, mas desejavam e queriam. Não tinham apenas dois caminhos na vida a seguir sendo pobre: bandido ou vaqueiro que passa fome e necessidade, enfrentando a morte todo dia, mesmo que as oportunidades de ascender socialmente fossem escassas. Não querendo introduzir também uma lógica meritocrática que o sertanejo seria o que quisesse caso se esforçasse, não defendo e não acredito nessa teoria, contudo, colocar oportunidades tão restritivas a uma população e sociedade que crescia é desqualificá-la de qualquer vontade e protagonismo de suas próprias vidas, fadando-as a seguir determinado destino pelo lugar e tempo que viviam. Os sertanejos, assim como qualquer pessoa, almejam e esperam aquilo que o tempo e o espaço dela permite que elas tenham acesso e conhecimento para almejar e a vida no sertão não se resumia a virar bandido, morrer de fome ou ser empregado de coronel. Sabe-se que a partir da década de 1910 o IOCS e posteriormente IFOCS foram atuantes para políticas e projetos de manutenção contra a seca, fazendo com que houvesse maior contratação de trabalhadores no meio público, assim como o aumento das feiras, visto a maior movimentação de pessoas, até mesmo por causa do cangaço que fazia com que houvesse grande movimentação entre as fronteiras, tanto de pessoas civis como de volantes. Há também essa movimentação de pessoas pelo avanço das estradas e linhas férreas, que permitem um maior deslocamento entre territórios, proporcionando assim outras fontes de trabalho e oportunidades. Vilella destaca que uma profissão bem recorrente nas áreas rurais no período da Primeira República, nos então sertões nortistas, era o Inspetor de Quarteirão, se fazendo necessária em vila onde não havia subdelegacias. Tinham como objetivo a prevenção de crimes, prendendo os criminosos em flagrante, guardando ordens e instruções. Ao Inspetor estava isenta a obrigatoriedade do serviço militar. Essa posição quebrava uma sequência rural que tinha como visão apenas o sítio ou a ribeira, sendo bem

cobiçado, pois também era precursor de várias possibilidades relacionais com a política e a polícia, apesar de ser malvisto por ter a obrigação de impor ordem e regras em determinada localidade.

Na narrativa de Frederico Pernambucano de Mello há uma convivência popular para com o banditismo, mesmo que essa seja a omissão. O cangaceiro transmuta valores de uma sociedade isolada e de fatores naturais/sociais agressivos, sociedade que vem decaindo economicamente desde a segunda metade do século XIX, limitando o homem de ascender pela forma considerada certa ou normal no mundo capitalista. Contudo o cangaço dava ao homem a chance de ser aventureiro, de mostrar seu mando, de ter prestígio e notoriedade, realizar o épico que estava na subjetividade sertaneja. “Que as especificidades socioculturais sertanejas se mostravam capazes de empurrar os temperamentos jovens e mais vibrantes na direção do cangaço, não temos qualquer dúvida” (MELLO, 2013, p. 96).

Fazendo uma breve explicação, mesmo em análises mais recentes como a de Frederico Pernambucano de Mello sobre o cangaço e sua manutenção, alguns discursos se reproduzem na intenção de qualificar o homem sertanejo. Mello se apoia em vários momentos na obra *Heroes e Bandidos* de Gustavo Barroso e o define como um “conhecedor profundo desse paralelismo normativo forjado na caatinga” (MELLO, 2013, p. 127), contudo uma diferença que traz em sua obra, a qual me atento em analisar na escrita de Barroso sobre a formação do homem sertanejo e este como sujeito, é a inserção do livre-arbítrio e da vontade pessoal. Entretanto, mesmo que a dissertação não tenha como objetivo destacar as várias hipóteses já construídas sobre o banditismo, em especial do cangaço, acredito ser importante desnaturalizar discursos mesmo recentes sobre o tema, visto ser uma bibliografia que utilizo muito durante toda a dissertação. Como um autor que usa Barroso como fonte e insere novas perspectivas que acredito ser importante há pontos a serem destacados. Concordo com a ideia de colonização, proposta por Mello, da violência ter raízes na cultura sertaneja e dos homens verem no cangaço uma vida de liberdade e de exercerem novamente o mando, que no final do século XIX vinha decaindo. Contudo, não concordo totalmente com a ideia de que o sertão fora propício para isso, que o clima e as estiagens deram ainda mais força para o movimento, tal qual faz Barroso. Esses momentos de estiagem, ao qual o autor se refere, apresentam-se como gatilhos para que os chefes dos bandos se sobrepusessem em uma sociedade que ainda não havia ordem pública vigente o suficiente como em outros lugares, já que animais selvagens e mata havia em todo o território brasileiro ainda por se desbravar. Assim como

Barroso, Mello coloca que o espaço geográfico do sertão é isolado e por isso ficou estacionado no espaço/tempo tanto no seu crescimento como nas tecnologias que proporcionariam uma melhor qualidade de vida às pessoas, porém, o quanto esse isolamento é natural ou proposital? Acredito que sejam questões a se pensar, para não ter os sertões, hoje nordestinos, mais uma vez como inóspitos naturalmente, onde nada vinga, nem as árvores, nem as pessoas. A ideia de sertão isolado, muito decorreu por ser interior, onde por séculos de colonização não conseguiu ou não teve incentivo de ser explorado, ideia que se naturaliza como espaço impróprio a vida e quem lá vive não parece ter outra escolha senão sobreviver a qualquer modo.

Antes de entrar propriamente na abordagem de *Almas de Lama e de Aço*, acredito ser relevante fazer algumas considerações entre as obras. Em um aspecto menos acusador da mestiçagem e mais apontando erros e desordens provenientes do governo público, vemos uma mudança da utilização das teorias científicas por Barroso nessa fonte. Não deixando de lado noções deterministas como o meio, muito apoiado em Taine, mas abordando novos aspectos sociais que começaram a aparecer em *Heroes e Bandidos* e eram quase imperceptíveis em *Terra de Sol*. De acordo com Lilia Schwarcz, os anos 30 do século XX vem com uma guinada otimista, onde era preciso acreditar no futuro da nação, onde as doutrinas de Freud chegam ao Brasil apenas na década de 20 e começam a ser difundidas. Até 1928, porém, ainda se encontram artigos sobre a eugenia⁴³, mas o que a pauta agora as discussões é a cultura e não mais a raça.

A teoria eugênica é presente em Barroso também e principalmente fora da narrativa, mas no mesmo momento em que escreve as obras analisadas. Em 1915 assume o cargo de deputado federal pelo Ceará pelo Partido Republicano Conservador⁴⁴ (1915-1918) e como projeto de lei viabiliza o seguinte:

⁴³ Essa noção sobre as raças ganha caráter político, incentivado até mesmo a eliminação de raças consideradas inferiores. Essa prática ganha o nome de eugenia no darwinismo social, criada em 1883, por Galton. A partir de 1880 a eugenia se torna um movimento social e científico forte. No campo da ciência há uma nova compreensão das leis de hereditariedade incentivando nascimentos desejáveis; e no campo social havia o desencorajamento de uniões afetivas que poderiam ser nocivas à sociedade. “O movimento de eugenia incentivou, portanto, uma administração científica e racional da hereditariedade, introduzindo novas políticas sociais de intervenção que incluíam uma deliberada seleção social” (SCHWARCZ, 2019, p. 79). A eugenia para além de representar a política social do modelo determinista, findava a ideia evolucionista que todas as raças estariam caminhando para o progresso e civilização. O termo degeneração ocupa o espaço de evolução na justificativa dos desvios das raças frente a um progresso e civilização. Ver mais em: SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870 – 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁴⁴ Ver mais em: DANTAS, Elynaldo Gonçalves. Os (In)Desejáveis: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920). Tese de Doutorado. UFC/Fortaleza. Programa de Pósgraduação em História Social, 2021.

Art. 1.º O Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira, cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direitos, de ambos os braços ou ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados mentaes de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvras com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 e menores de 16. (DANTAS, 2021, p. 198 – BRASIL, 1916a, p. 17).

Sua atuação como deputado federal no mesmo momento da escrita das narrativas tidas como fonte nesta dissertação, chama a atenção para aspectos interessantes nas obras. É muito mais frequente a desqualificação do miscigenado e das raças negra e indígena, do que propriamente a exaltação do branco colonizador. Barroso, nas duas obras apresentadas nesta subseção deste capítulo 2 até o momento referente ao cangaço, mais acusa e caracteriza de forma animalesca os bandidos e/ou cangaceiros por sua condição de miscigenação do que exalta as qualidades advindas da raça branca europeia.

Concluí como significativo trazer esta breve e expressiva atuação de Barroso como deputado federal, que poderá melhor ser estudada na tese de doutorado de Elyaldo Dantas⁴⁵, pois, para além de poder ser observada características eugênicas na obra e corroboradas em sua vida pública, esses ideais defendidos por Barroso se unem quando defende a aplicação de trabalho e a manutenção da ordem e da justiça para a população sertaneja que será mais bem abordada na subseção 3 deste capítulo.

Não menos importante, seu projeto de lei nos permite refletir também sobre seu pensamento em relação a mulher, visto que ela é tão pouco falada nas narrativas que observamos. A mulher no projeto de lei de Barroso é tida como inapta e desqualificada, segundo análise de Dantas, de contribuir com o progresso nacional e o capitalismo, a não ser aquelas que já tivessem dinheiro ou uma família que as amparassem, visto uma sociedade patriarcal onde as mulheres deveriam ser protegidas. Barroso se nutre dos valores burgueses e patriarcais, posicionando-se em referência a mulher branca de classe média, a qual seu dever não deveria ser outro além da maternidade.

Na obra *Almas de Lama e de Aço*, Barroso aborda os cangaceiros como **efeito** e não **causa** do problema, ou seja, desdobra acerca dos problemas que geram os cangaceiros, sendo esses frutos do meio. Também discorre sobre a polícia e sobre a má governabilidade.

⁴⁵ Ibid.

Barroso aponta como sendo a primeira causa do banditismo a força bárbara que habita o sertanejo como não tem onde ser empregada num “meio atrasado e pobre”, se volta como algo natural ao crime. O autor toma como fonte os estudos de Stendhal e Hippolyte Taine. Autores que se baseiam no determinismo geográfico, assim como Barroso que afirma que “o cangaceiro nordestino é, na maioria dos casos, um simples herói abortado, ou às avessas” (BARROSO, 1930, p. 11), devido ao meio que habitam. Hippolyte Taine (1828-93), na definição da historiadora Lilia Schwarcz, foi grande agenciador do determinismo. Qualquer reação exterior ao indivíduo interferiria na sua formação e fundamentação como ser, além de o indivíduo também ser resultado de seu grupo dominante. Alguns naturalistas carregam um determinismo climático em suas concepções onde devido a vegetação de determinado lugar, tal sociedade não se desenvolveria.

Essas teorias buscam na natureza, a qual intelectuais consideram que atua com base em leis fixas e evolutivas, para explicar a sociedade que se modificava depressa. Há uma volta à natureza na busca de explicações para a sociedade humana e seu comportamento. “Procura-se dar consequência científica à própria noção de natureza humana elaborada pelos Iluministas e a partir dela traçar políticas de controle e disciplinarização do espaço urbano e das populações observando as leis eugênicas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 156). Todos os problemas sociais existentes eram considerados falta de respeito e atenção às leis eugênicas. Seguindo esse modelo, vários intelectuais do final do XIX e início do XX tentam explicar as características sociais do nortista e posteriormente nordestino com base na natureza regional⁴⁶. A miscigenação e o meio formam um, de tal modo que homem e natureza não se desassocem, “esse sertanejo nascido quase que exclusivamente da mistura do negro com o índio era um quase humano, geneticamente inferior por causa da ausência do sangue e dos valores ‘superiores’ da raça branca-europeia” (DANTAS, 2021, p. 212-213).

De acordo com os estudos de Taine sobre uma Itália medieval, Barroso destaca que os aldeões se atacavam por qualquer coisa que saísse do âmbito de sua normalidade. Característica que o autor cearense logo aplica aos sertões que observa: Paraíba,

⁴⁶ As teorias do antropogeográfico e biogeográfico que tem como base a alemã geografia determinista do final do século XIX procuram no meio físico explicações à sociedade, ou seja, as raças já não seriam tão importantes, mas os aspectos sociais seriam marcas deixadas pela adaptação do homem à natureza na qual vive, podendo esse homem a depender do meio ao qual vive evoluir ou se degenerar. Ver mais em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do “falo”: Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

Pernambuco, Ceará, entre outros. “Alli, os habitantes puxam a faca por ninharias e até a enterram no buxo de outros sem motivo” (BARROSO, 1930, p. 12). A vingança seria de família contra família que se perpetua. Esse indivíduo seria bárbaro por conta do meio que habita e suas façanhas enaltecidas pelas cantigas populares.

Acusa que o cangaceiro Lampião é vítima de seu meio, pois o pai fora morto pela polícia e a mãe havia levado uma grande “surra” das autoridades. Após contar a história de Lampião como um exemplo, fala de seus companheiros mais próximos e fiéis que tiveram a vida iniciada no cangaço pelo mesmo motivo: vingança. Todos a que fala: Lampião, Chumbinho e Navieiro tiveram sua honra ou a de seus familiares deflagrada por policiais, e ao recorrer à justiça nada aconteceu, tomaram-na para si. Para ser conhecido por todo o país, um cangaceiro com certeza já fez sua fama na sua região, como foi o caso de Lampião, nas palavras do autor. Demonstra essa fama por meio das cantigas e trovas que versam sobre o famoso cangaceiro e seus feitos, assim como de diversos homens que ficaram conhecidos pela sua truculência, violência e a defesa do macho. De acordo com a análise de Frederico Pernambucano de Mello em relação a noção de vingança como justificativa para ingressar na vida do cangaço, atenta que para a maioria dos integrantes, o cangaço era o gosto por uma vida aventureira e individualista e a vingança seria seu escudo ético⁴⁷, já que aquele que teria a vingança como seu alicerce principal pouco é lembrado.

Arquétipo este de Lampião que é apontado por autores como Clemente em seu estudo sobre o cangaço, que ser cangaceiro era ser igual a Lampião. Isso se deve pela construção das relações sociais feitas por Lampião com os sertanejos e os chefes políticos locais, além de utilizar a imprensa e fotógrafos. Lampião se empenha muito em construir uma imagem pública. Havia entre os sertanejos uma conduta de honra muito severa e propriamente dentro do cangaço para além da cultura das armas, havia a vaidade, exposta principalmente a partir de Lampião. O banditismo e/ou cangaço, de acordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, usado pelo nortista para validar o

⁴⁷ Ao descrever sua entrada no cangaço por causa de vingança, o bandido colocava seus crimes como encobertos a um sentido ético. Era moral fazer realizar-se a vingança, o folclore enaltecia gestos de bravura e esquecia ou escondia as perversidades. Ao realizar a vingança o homem deveria deixar as armas, pois teria cumprido seu dever. O escudo ético (vingança) utilizado por alguns cangaceiros convence a si mesmo e a sociedade que o cerca, “mas que não passava de um bovarismo épico facilmente aceito como real por uma cultura carente de símbolos desse gênero” (MELLO, 2013, p. 133). Ver mais em: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

discurso da seca se volta contra o próprio nortista e é visto pelo Sul como marca da violência e selvageria sertaneja. O cangaço vem corroborar essa ideia de homem selvagem e sem lei, Nordeste nascente do medo da revolta do pobre, onde os estados se uniam para combater o cangaço, visto que esse não respeita fronteiras.

Voltando a análise da obra *Almas de Lama e de Aço*, Barroso acredita que “todo cangaceiro começa por ser um revoltoso e acaba sendo bandido” (BARROSO, 1930, p. 96), e o intelectual se questiona por que não aproveitar da força deste antes que se revolte. Barroso participa da formação discursiva de um sertão macho, tradicional, violento, seco e estável, na análise de Dantas. É um sertão ambíguo que ao mesmo tempo que guarda um passado que Barroso fala com saudosismo, também guarda o atraso civilizacional e as credices. Esse sertão precisa ser superado de um modo “modernizante e conservador” (DANTAS, 2021, p. 142).

Mais adiante falando sobre Lampião, Barroso aborda que para esse sertanejo, como dito anteriormente, o cangaceiro é herói, primeiro pela sua valentia e as mortes que carrega; segundo é um criminoso que merece simpatia por se revoltar contra o governo, já que este deixa no abandono os habitantes do sertão, vindo até eles apenas na forma de imposto e da polícia. Pois, para Barroso, a relação do sertanejo com o governo seria a ação de pagar os impostos e não receber retorno em forma de melhores condições, é votar em quem obrigam. Lampião surge como um revoltoso contra o governo, “como simbolo triunfante da revolta popular” (BARROSO, 1930, p. 92).

Nesse momento da obra, ainda é possível realizar uma análise sobre a discussão sobre o tema de “herói/bandido”. Maria da Glória Oliveira e Rebeca Gontijo afirmam que com o mérito advindo do século XVIII o heroísmo viria associado a uma moral social. O herói guerreiro dá espaço ao homem civilizado, humanizado e laicizado. A glória não provinha mais da honra provinda dos privilégios concedidos ao nascimento ou estamento social, o grande homem não deveria ter nada sobre-humano. Mesmo não sendo civilizado ou humanizado, o cangaceiro na escrita da obra *Almas de Lama e de Aço* de Barroso é aquele que mesmo sem qualquer característica de herói, visto sua origem miscigenada e o meio ao qual vive, luta contra um governo que não dá ao sertanejo comum uma vida digna e só o usa. El-Jaick Andrade ao realizar um estudo sobre a temática herói e bandido na história, ressalta que populares muitas vezes são vistos como um grupo vitimizado, não dando-lhes capacidade de agir e transformar sua própria sociedade. Se o governante não atendia as necessidades sociais do povo, caberia ao herói retirá-lo do poder, buscando reestabelecer a ordem e a autoridade. Reflexão que cabe especificamente neste momento

de análise da obra de Barroso, pois coloca no cangaceiro um líder, um herói do povo que cansado da desordem de sua terra, estaria se revoltando por melhores condições de vida.

Discordando, para Frederico Pernambucano de Mello o cangaço, resumidamente exposto em seu prefácio à segunda edição escrito por Kujawski, não é nenhuma forma de revolta contra algo, mas sim um fenômeno baseado em uma sociedade encrustada de violência, que a tem como forma de viver. “A violência do cangaço não apareceu como resultado da violência dos senhores rurais, e sim que uma e outra faziam coro a um sistema de vida coletiva indissociável da violência” (MELLO, 2013, p. 32). A violência nessa época era forma de vida, era a própria lei e não algo feito contra a lei. As narrativas referentes ao cangaço tentam sempre dar ênfase ao romantismo, ao trágico, ao épico, assim como faz Barroso principalmente em *Heroes e Bandidos* e *Almas de Lama e de Aço*. Na visão de Mello, a defesa de que o cangaço floresceu por integrantes que buscavam vingança não convergem com outros estudos feitos mais atentamente sobre o movimento. A entrada para o cangaço em busca de vingança existe, mas não é um quadro geral e sim episódicas. O autor defende que é possível compreender que os grandes bandidos considerados célebres e chefes de bandos gostavam da vida do cangaço. Pois, em um espaço como o sertão, hoje nordestino, revestido de lutas políticas entre famílias, ausência de um poder público eficiente, que abarcava homens individualistas, autônomos, que não seguia muitas regras oficiais, regidos pelas histórias épicas de uma Europa medieval, o cangaço vem como uma profissão de aventura, com envolvente épico. Este homem sem patrão, afeito a armas e a violência era bem aceito no meio dos sertões e encantava principalmente os jovens, que carregavam ainda mais esse sentimento de liberdade, improvisação e individualismo. Por aqueles que realmente viviam a vida do cangaço, este era tido como profissão. Ou seja, o autor considera que na análise dos grupos do cangaço, não há uma ação finalista para o bando, não é a realização de x vingança, ou de qualquer outra coisa que acarretaria ao fim do cangaceirismo num geral.

Na mesma linha de pensamento, Marianne Wiesebron em seu estudo atual sobre o banditismo defende que a opressão e a justiça não eram as incentivadoras principais para fazer um homem participar do movimento, mas sim a “ascensão social e o benefício pessoal eram as verdadeiras causas para entrar nesta vida” (WIESEBRON, 2011, p. 438). Antes de classificar um criminoso como simples bandido, é preciso levar em conta os aspectos regionais de que esse homem vive e suas estruturas de dominação. Não há apenas a opressão da classe-média aos bandidos, mas sim uma correlação entre ambos.

Com base nas fontes e bibliografia apresentadas, o cangaço se faz com pessoas sertanejas, que seguem aquilo que lhes convém no momento, mas que não são postas como sujeitos de sua própria história. Tendo entrado para a vida do cangaço por vingança, realizado ou não, muitos demonstram querer continuar nessa vida. O que encontro em Frederico Pernambucano de Mello que não está presente em Gustavo Barroso é o poder da escolha, mesmo que escondido por trás de alguns determinismos insistentes como o meio ou de desculpas como a vingança, escolhem esse fim. Além de Mello trazer depoimentos de cangaceiros, inclusive de Lampião, que demonstram gostar da vida que o cangaço proporciona, veem o cangaço como negócio e tendo retorno lucrativo, porque deixaria essa forma de vida? Há aquele que entra no cangaço pelo simples sabor da aventura e da fama, não há um motivo, um clima, um meio, uma afronta específica que o faça adentrar no movimento e continuar, apenas a sua vontade. Não generalizando aqueles que entram em algum bando ou até formam um para se vingar e depois voltam para suas vidas normais, como a exemplos que Mello destaca de Sinhô Pereira. Mas aí está a pura observação do agir, do protagonismo de sua vida: o entrar e ficar ou o entrar e sair. Há algumas ressalvas em histórias independentes de caso de opressão, contudo não busco evidenciar se a maioria agiu por livre e espontânea vontade ou por obrigação, o que quero deixar claro é a escrita determinista perdendo força, além de proporcionar, por meio do estudo, novos olhares para os sertanejos e o que decidem fazer de sua própria vida, sem encaixá-los em determinações pré-concebidas a partir de elementos externos.

A partir dos arquétipos, não escolhidos de forma aleatórias e sim de forma a mostrar a degeneração e vitimismo, da explicação do meio, do clima, da natureza, da cultura, da fome e da miscigenação, Barroso afirma que todo sertanejo está passível a cometer crime de morte caso for preciso, ou seja, é passível de se tornar um criminoso. El-Jaick Andrade em um estudo de Thomas Carlyle, aponta a criação de arquétipos em um momento que a história era feita de inúmeras biografias, a biografia de alguns indivíduos reunia melhor a história de determinada época. “A história da humanidade é definida como a biografia dos grandes homens, cuja maneira de pensar transformou uma determinada sociedade materialmente tanto quanto moral e espiritualmente” (EL-JAICK ANDRADE, 2007, p. 228).

A morte seria algo natural e esperado do sertanejo, tanto se mata como se morre, não há alternativas para mudar de vida ou melhorá-la, visto que é honrado e apreciado aquele que luta nas dificuldades pela sua terra e pela sua propriedade, dos animais às mulheres. Migrar não é tido como algo voluntário, uma escolha, o sertanejo só migraria

pela extrema necessidade do sofrimento ou por ser covarde, ainda em suas palavras “alguns desertam as fileiras” (BARROSO, 1913, p. 25), desistindo de enfrentar a natureza como fizeram seus antepassados. O viver sertanejo sempre é uma batalha, estando a ele autorizado lutar para sobreviver. Não importa porque migra, mas sempre que o faz o sertanejo leva consigo a alma que o sertão moldou, onde Barroso, como já descrito antes, considera a luta contra a seca algo formidável. Cerqueira em sua dissertação de mestrado onde analisa a escrita de Barroso, considera que o cearense vê na guerra a oportunidade da nação agir como uma unidade, o sacrifício é a abstenção voluntária de si para algo maior “a nação, que adquire sentido de uma divindade” e o território “é o corpo da pátria” (CERQUEIRA, 2011, p. 95), ou seja, a luta contra o meio é uma guerra que o homem enfrenta para dominar o território e permanecer na terra, com pensamento ainda mais abstrato, o sertanejo é aquele que mantém o território unido, povoando espaços inabitáveis, garantindo uma unidade com suas tradições e moral de um homem viril e disposto.

Ao sertanejo não é dado o poder de escolha na narrativa de Barroso, mesmo que pareça uma escolha nunca é para um conforto de vida, uma melhoria, mas sim sobrevivência, tal qual um animal seguindo seus instintos. Schwarcz destaca que o arbítrio do indivíduo era quase inexistente na literatura do início do século XX baseada nas teorias científicas, onde a biologia e as ciências naturais classificavam as diversidades humanas. O conforto é renegado, supérfluo, o que o sertanejo é e quer, nas palavras de Barroso, é ser mantenedor da rusticidade, da imagem de homem viril, seja esse sertanejo homem ou mulher, tendo a autoridade sobre si e suas propriedades, sendo o detentor da justiça que, ao mesmo tempo, é acusado por ser assim e se manter dessa forma, mesmo que quem o mantenha estático seja o próprio narrador. O cangaceiro é produto do homem e da mulher do nordeste, uma personificação do que todo homem e mulher podem vir a tornar-se ser caso o emprego de medidas que acredita civilizacionais não fossem empregadas.

2.3 – Controle dos corpos

Nesta subseção não seguirei a metodologia abordada na subseção anterior no que concebe em abordar as obras de forma cronológica. Cada acusação da falta de controle e ordem nos sertões vai ganhando mais espaço em cada obra, assim Barroso vai construindo sua acusação da falta de justiça para além da mestiçagem, em um estudo mais social e

cultural, até recair ao governo estadual e federal e a falta de justiça pública. Justiça e controle ainda mais requeridos pelo efeito do cangaço. A noção de honra sertaneja, presença dos coiteiros, desrespeito a autoridade, falta de ordem e de justiça, no que tange a noção da necessidade de controle dos corpos criminosos ou “pacíficos”, são os assuntos principais elencados pelo intelectual cearense para remediar o banditismo e alavancar a população à civilização almejada. Dessa forma, esta subseção será construída partindo das fontes onde Gustavo Barroso demonstra que a honra e moral leva o sertanejo a não confiar na polícia porque são covardes e atroz, por sua vez, a polícia não consegue agir pela ajuda dos coiteiros aos bandidos e, por fim, as medidas propostas pelo intelectual para acabar com essa situação.

Na obra *Terra de Sol*, Barroso desenvolve uma narrativa sobre a noção de justiça do sertanejo, o qual entende que ao cometer crime contra aquele que o fez mal, está fazendo justiça merecida, preferindo assim se rebelar contra a lei do que ser preso. Define o modo de pensar sertanejo como rústico e que esse prefere se vingar e deserdar do que se sentir covarde ao se submeter as leis policiais. Assim surgem os mais célebres cangaceiros como Jesuino Brilhante, que não rouba jamais, mas que mata pela sua honra e defesa. “Matar não é crime hediondo no sertão; é cousa commum. Crime lá é o crime contra a honra e não o crime contra a vida” (BARROSO, 1913, p. 140).

Em *Heróis e Bandidos*, o sertanejo não se submeteria as leis policiais por essa justiça não ser de seu agrado, o qual via como dever defender sua honra e moral, partindo para vingança com as próprias mãos, o meio o obrigaria a ter tal atitude, segundo Barroso. E uma citação já exposta nesta dissertação, mas que merece ser novamente repetida por sua importância, é quando Barroso demonstra a força da moral e da honra sertaneja. Defender-se é posto quase como dever e não direito, onde “no sertão, quem se não vinga está moralmente morto” (BARROSO, 1931, p. 59). Acusa os erros do sistema colonial pelo sertão não se desenvolver, mas a República não seria melhor, pois segundo Barroso, quase nada faz para melhorar a situação sertaneja.

Fronte a essa impunidade, Gustavo Barroso na fonte *Alma de Lama e de Aço*, defende que o passo do criminoso para se juntar ao cangaço se dá, primeiramente, em nome da dignidade tão cara ao sertanejo: vai em busca da justiça que não encontra no governo. “Cada qual, para não ficar deshonrado, tem de fazê-la por suas próprias mãos” (BARROSO, 1930, p. 97). Durval Muniz de Albuquerque Júnior no estudo sobre a literatura do Nordeste envolvendo o cangaço, ressalta que tais narrativas tratam da degeneração das novas formas sociais impostas e do meio social quando tratam do

cangaceiro e do movimento em si. O movimento se torna quase uma predeterminação divina, que viria vingar a imoralidade da elite, assim como se rebelar contra as condições de vida miseráveis, os quais estariam dispostos a ter uma morte honrosa.

Um texto muito importante que me ajuda a refletir sobre o controle dos corpos a partir da escrita de Barroso, é o artigo de Jorge Mattar Villela intitulado *Banditismo Rural e administração da segurança no Brasil da Primeira República*. O antropólogo defende que sendo apontada como defeituosa essa justiça é vista como principal vetor de todas as calamidades sofridas pela população em questão, mesmo que a presença de justiça pública comandada por um Estado parecesse ser ausente dos sertões nortistas na época, esse espaço tinha sua própria administração da segurança e violência. A prática de administração muito presente nesses sertões é o emprego de homens com uso abundante de armas que representam essa administração e segurança pública vinculados as relações familiares, que quando havia algum conflito envolvendo famílias aos quais estavam ligados eram convocados a desempenharem suas funções parcialmente. Essas constantes acusações de impunidade que permeavam os sertões, colocam sobre esse espaço uma imagem de disfuncionalidade jurídica, acusações contemporâneas ao tempo da Primeira República que ajudam a consolidar a imagem do mando do coronel. Com aspecto acusador, o autor ainda evoca que a presença da justiça ajudava no controle social e a manter as relações de dominação, relações de proteção em um meio hostil. Essa justiça que se mostrava presente juntamente com a formulação de um meio hostil, se ligavam mutuamente na tarefa de fixar as relações de poder, atitude que tinha dois aspectos paradoxos: 1 – As camadas mais populares conseguiam tirar proveito de alguma forma e; 2 – Havia uma concentração e aumento das relações de mando. A instituição família no sertão era a portadora da administração pública, da ordem e da segurança. Esses grupos familiares advinham também de afinidade e não somente de sangue.

No mesmo assunto, o historiador Clemente afirma que não havia falta de estado nos sertões nordestinos, principalmente por destacar partes em que cronistas falam sobre assuntos envolvidos nas feiras, que surgiam em vários pontos de cidades e vilarejos da região, que muitos tratavam do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922) e assuntos do senado, estando também o estado menos ou mais presente em decorrência dos chefes políticos locais, assim como a presença das delegacias de polícia mostravam a presença do estado, mesmo que sua funcionalidade estivesse relacionada ao poder do momento. Havia poder controlador nos sertões, tanto público como privado, o que se pode constatar em grande parte é que até mesmo os públicos visavam agir de forma parcial, mas mesmo

assim parece não ser, na narrativa de Barroso, a justiça e o controle estatal corretos, ou seja, que dessem conta do controle populacional.

Sobre a atuação da polícia nos sertões, Barroso na sua obra de estreia em 1912, afirma que o sertanejo tem ódio da polícia e que tem razão em ter, pois os policiais fazem tal qual os cangaceiros, arrumando confusões, violações e muitos desertam das forças policiais para se aliar aos bandos. As autoridades são expostas em *Heróis e Bandidos* como aquelas que trabalhariam a mando político, por seus próprios interesses utilizando-se da violência e tortura, a falta de estabilidade e força faz com que o povo sertanejo não confie e nem lhes dê credibilidade, não havendo respeito pelas autoridades. O intelectual destaca que naquela “sociedade retardada” (BARROSO, 1931, p. 80), tudo convergia para a atuação do banditismo, impedindo a atuação da polícia e da justiça e, a maior parte da polícia era recrutada dos grupos de cangaceiros ou da parte menos favorecida da sociedade. Para o autor, a polícia comete mais crimes do que aqueles a quem persegue, preferindo muitas vezes a vida desregrada do bandido que a disciplina de soldado. Mesmo demonstrando grande afinidade com o militarismo, Barroso fala mal, diversas vezes, sobre a atuação da polícia no sertão, principalmente porque os integrantes dessa polícia também eram sertanejos.

De acordo com o estudo de Clemente, muitas foram as denúncias e ocorrências acusando policiais de colocarem medo em pessoas civis, de roubarem animais e até mesmo roupas da população. A perseguição ao bandido era desculpa usada para qualquer tipo de infração. Normalmente essas infrações eram feitas por volantes em estado que não o seu de origem. “Não obstante, são inúmeras as evidências expostas em telegramas e cartas oficiais de que membros da força volante foram alvos de processos judiciais” (CLEMENTE, 2014, p. 147). A força volante era integrada por dois grupos: os efetivados que exerciam sua profissão como militares e os provisórios, que devido ao aumento do cangaço e falha em sua repressão, eram convidados a se alistar o povo sertanejo para comporem provisoriamente a força volante. Acreditavam que um nativo da região teria muito mais êxito em concluir a missão de prisão do bando de Lampião já que era considerado igual ao cangaceiro menos em seus crimes, ou seja, o sertanejo pacífico era tido como igual ao bandido por viver no mesmo meio. Mesmo que arriscada, a decisão de alistamento de sertanejos se mostra eficiente. Contudo, “o saldo das campanhas repressivas comprova que em muitas ocasiões, de fato, a polícia se igualou em tudo aos cangaceiros, inclusive nos crimes” (CLEMENTE, 2014, p. 150). Não apenas o

conhecimento das caatingas era importante, mas o aumento das tropas significou um golpe grande no cangaço.

O quanto as forças volantes também faziam a vez de dominação dos corpos até mesmo daqueles que a ocupavam? Para os considerados provisórios a entrada nas forças era facultativa, mas muitos ingressavam por conta de fugir do próprio bando de cangaceiros a quem tivessem alguma afronta, ou porque eram contra o movimento cangaceiro e ainda por quererem a paz. Controle nem sempre de uma forma dominadora ou coercitiva, mas instigando o outro a realizar aquilo que deseja, a agir conforme querem. As volantes com a aparência de acabar com o banditismo, tinham também como objetivo aumentar a autonomia estatal e acabar com a desordem interna, não apenas com os bandidos. A partir da segunda metade da década de 1920 há um aumento no aparelhamento das polícias, com maior força de repressão, tanto de pessoas como de instrumentos para isso, tanto material como armas, quanto subjetivo como instruções mais rigorosas. Acredito que a instrumentalização das volantes e seu aumento de participantes voluntários faz com que as forças de repressão tenham um maior sucesso frente ao banditismo a partir da década de 1930 e como exposto em outras bibliografias e também nas fontes analisadas, essas repressões reverberavam na população sertaneja de modo geral. O incentivo era o controle e como identificados como propensos ao banditismo, a população sertaneja também deveria ser controlada, seja pelo voluntarismo à forças policiais, seja pelo resultado dessas forças repressivas.

Em *Almas de Lama e de Aço*, Barroso ressalta que por meio de um rápido estudo entende-se que a maior “fábrica” de cangaceiros no Nordeste é a própria polícia, a qual muito é formada por ex-criminosos e de homens cruéis. “O sertanejo detesta o policial. Vê nelle o seu maior inimigo” (BARROSO, 1930, p. 54). Afirma que o cangaceiro muitas vezes rouba do rico para dar ao pobre, carregando um fundo cavalheiresco e de romantismo, enquanto os policiais ajudam o rico e abusam do pobre, servindo aos grandes fazendeiros em suas vinganças. Pedro Baptista que tem sua obra publicada inicialmente em 1929, afirma que os sertanejos que tiveram contato com os cangaceiros sentem falta destes e enaltecem a bondade dos grupos e os denominam como heróis. Mello ressalta que Lampião, hoje não é visto com maus olhos pelos sertanejos e nem o foi em sua época.

Como já mencionado na discussão sobre heróis e bandidos, há uma parte da fonte *Almas de Lama e de Aço* onde Barroso aborda que o cangaceiro é tido como herói pelo povo, pela valentia e as mortes e também por ser um criminoso que merece simpatia por se revoltar contra o governo, já que este deixa no abandono os habitantes do sertão, vindo

até eles apenas na forma de imposto e da polícia. Neste momento de admiração, Frederico Pernambucano de Mello aponta que eram grupos criminais que não carregavam ideologia ou finalidade política e ainda, apresentariam características criminais encontradas em outras partes do mundo, ou seja, não seriam especiais, nem únicos. O objetivo principal do grupo é a sobrevivência e depois o ganho de poder, fama e bens. Não se unem em prol de um objetivo coletivo, mas tecem interesses individuais sendo frequente o número de desertores. “A ocorrência dessa forma de banditismo experimenta seu apogeu em períodos de desorganização social” (MELLO, 2013, p. 171) e no Nordeste (antigo Norte) essas agitações estão ligadas à seca e à política.

Concordando com a análise neste momento do historiador Pernambucano de Mello, ressalto que são pessoas com interesses e motivações diversas, procurando o bem-estar próprio ou dos mais próximos, sem pretensões políticas como querem alguns autores marxistas, ou propensos a revolta popular indignados contra as políticas públicas ausentes em favor do povo do sertão, como quer Gustavo Barroso principalmente em *Almas de Lama e de Aço*. São homens com seus problemas a serem resolvidos ou com suas vontades a serem descobertas, usurpando ou matando a quem lhes desagrade ou desonra a si ou aos seus. São homens e, posteriormente mulheres, que abraçam essa jornada por vontade própria, vendo nessa vida de liberdade uma possível vida diferente daquela que não os agrada, não deixando de lado também pessoas que entram nos bandos por admirarem ou escolherem seguir aquele que lá já participa. O que se percebe, para além de homens antigos acostumados a viver a vida de tal modo e desconfiados do progresso que ameaçava suas formas de vida, além ainda da desconfiança do novo, é a vontade e, para isso matar ou morrer, para manter a posição de mando, de macho e de cangaço livre. É a investida de mostrar quem manda e quem obedece, na tentativa de manter aquele velho sistema colonial privado, sem a presença de autoridades públicas, onde a lei do mais forte se mantinha e o mais forte sempre seria o homem, respondendo a ele as mulheres, as crianças, os de fora e os animais. Lampião, como tantos outros chefes do cangaço, não queria mudar a ordem, não queriam se ver livres do cangaço, já que eram beneficiados por eles. O cangaço como movimento e as centenas de cangaceiros tem em si suas vontades, medos, desejos, ambições e motivações, ou até mesmo a ausência desses sentimentos. O cangaço é plural, tem suas variáveis, não é algo natural, construído uniformemente e homogêneo, tem suas descontinuidades.

Cangaceiros que se usam da vingança, das desonras e da moral sertaneja como justificativas para suas ações, exercendo também sua rede de controle. Clemente destaca

que Lampião foi um coronel, assim como aponta Mello onde os cangaceiros seriam coronéis sem terras. Isso se dá por Lampião exercer poder, relacionar-se com a população pelo medo e por garantias, criar alianças, oferece apoio aos seus, intermedia relações e acolhe em seu grupo aqueles que precisavam de proteção por serem perseguidos. O bandido age por interesse próprio, fazendo justiça aos seus e a si próprio e, numa rede de solidariedade praticando pilhagens, vinganças em grupo. O misticismo envolto na história dos cangaceiros também “permite perceber os modos pelos quais o personagem teceu suas relações de poder, articulou alianças e estabeleceu mecanismos de dominação” (CLEMENTE, 2014, p. 137).

Mello destaca que toda a vida sertaneja é tida como uma aventura devido as suas dificuldades, sendo o cangaço-meio de vida mais uma. Oportunidade de ganho fácil, de fama, de uma vida selvagem e livre. “Tocaiada no fundo da alma do sertanejo, a aspiração de um viver livre de maiores disciplinas atuando como fator psicológico, inconsciente, remoto, generalizado e crônico” (MELLO, 2013, p. 382). O cangaceiro se faz o mais conservador dos sertanejos. O autor aponta que quanto mais se procura sobre aspirações coletivas nos cangaceiros, mais se encontra a vontade de ascensão social individual. O cangaceiro não foi uma forma de protesto contra o poder público, os cangaceiros se fazem coronéis sem terras, vivendo a margem e sombra dos poderosos, ambicionando a fama, o respeito e as riquezas materiais. Dessa forma, entendo com base na bibliografia exposta, que há o desejo de manter uma vida desregrada; manter um controle sobre os sertanejos, seja pelo medo ou por ajuda, e mantê-los longe do progresso que aproximava essas pessoas da comunicação com outras e outros lugares; mantendo a dominação de seu modo de viver frente ao que seria mais bem recebido por toda a sociedade que necessitava e merecia maior conforto no viver. Já que se essas pessoas tivessem mais contatos e maiores luxos, desrespeitariam o modo de vida do cangaceiro que precisa do auxílio do morador sertanejo e da sua convivência para com o crime. Considero, portanto, que o controle em relação as pessoas sertanejas, também tinha origem no cangaço.

A falta de justiça no sertão e a brutalidade policial seriam os maiores influenciadores no surgimento de cangaceiros. Barroso, retomando escritores que falam sobre o século XIX, Henry Koster e professor Ximenes de Aragão, mostra que as atrocidades vindas da polícia são bem antigas, remonta também às histórias de Jesuíno Brilhante e Lampião, reconhecidos cangaceiros, que em vários momentos respeitaram a população mais do que a própria polícia. Esse banditismo era resultado de forças bárbaras e que não seria vencido também com forças bárbaras, nas palavras do autor, “as policias

lançadas contra os cangaceiros são geralmente peores do que elles” (BARROSO, 1930, p. 14), fazendo com que o sertanejo pacífico acolha o bandido e não ajude as volantes.

Essa aversão a força policial e a justiça explorada na obra de Barroso encontra em Mello algumas justificativas como quando do avanço da justiça e poder público no século XIX para o interior, há uma condenação no modo de viver sob as armas, seja ela branca ou de fogo. É neste momento que surgem as expressões cangaço e cangaceiro no objetivo de denunciar um modo de vida que não cabia mais no tempo social em que alcançava o século XIX, essa vida levada como selvagem era mal-vista. Modo de viver imposto pelo litoral, pelas grandes civilizações que se formavam, ao invés de haver um natural desenvolvimento da sociedade em questão, por isso o sertanejo, segundo Mello, não desapega de antigos costumes como aprender a confiar na justiça pública para resolver desafetos, se mostrando a vingança privada mais fácil de resolver como punição. “Por tudo isso, não é de estranhar que o cangaço tenha sido uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada” (MELLO, 2013, p. 23). Concordando com Barroso em alguns aspectos, Mello ressalta que uma explicação para justificar a aspereza e o sentimento de contra que os sertanejos tinham em relação as modernidades que chegavam no século XIX é que recaiu sobre os sertanejos 3 séculos de desenvolvimento ao qual não estavam prontos, numa aceleração sem precedentes, já que haviam ficado isolados por séculos, não sendo a atenção de grandes meios de produção devido ao clima e a terra. Mello, tal qual Barroso, coloca os sertanejos como parados ainda na época colonial. A violência com base nesse poder privado do mando dos coronéis vai acabando conforme o poder público vai ganhando mais força, momento em que as forças repressoras estatais se estabelecem e a desforra é vista com algo censurável, “só então é que o emprego privado da violência vem a perder o seu cunho tradicional de coisa legítima, passando a se confundir com criminalidade, com procedimento socialmente desvalioso e a ser, portanto, coibido” (MELLO, 2013, p. 65).

De acordo com Barroso a polícia é escolhida e organizada por oficiais do Exército, escolhida pela conveniência política, se tornando inúteis ao dever que deveriam cumprir que seria o de acabar com o banditismo nos estados do Nordeste. Até sua contemporaneidade, Barroso afirma não ter tido os estados do Nordeste, chefe político forte que libertasse esses estados dessas tropas que só geravam dano moral e financeiro. Os bandidos para Barroso, tentavam fazer com as próprias mãos a justiça que lhes era negada pela ausência do governo e autoridade. “De mim sei que, na maioria dos casos, prefiro os cangaceiros sem farda aos cangaceiros de farda. Aquelles são muitas vezes

almas de aço. Estes raramente não são almas somente de lama” (BARROSO, 1930, p. 69). Defende que as formações policiais muito tinham de cangaceiros e fanáticos em suas fileiras.

Sobre as volantes e a polícia presente nos sertões, o antropólogo Villela destaca que a delinquência é caracterizada nesta época e espaço como tendo fim a produzir um sujeito que seja submisso, a dar justificativa para a repressão dando liberdade à violência, uma forma de produzir ainda mais delinquência, tentavam trazer para seus grupos de exército os delinquentes para torná-los agentes da ordem pública e até mesmo da segurança individual, constrói-se uma região selvagem perante o olhar de fora e por último, usado como artefato político. A justiça presente e ameaçadora, uma polícia enérgica e uma ameaça constante de ver-se julgado colocavam os homens e mulheres sertanejos em alerta, criando um clima hostil, cerceando suas liberdades. Essa justiça alimenta os grandes chefes políticos que aliciavam pessoas fugitivas da justiça por crime de assassinato e também aumentavam os grupos tanto de cangaceiros como as forças volantes que perseguiam essas pessoas. Há uma relação constante e frutífera entre violência e política tanto localmente quanto em segmentos políticos diversos. “O banditismo rural brasileiro dos séculos XIX e XX, ao menos no tocante ao sertão de Pernambuco, foi o efeito da administração pública da política e da justiça”. É efeito também da convivência entre famílias, “alistar-se nas forças policiais volantes era um dos meios de manter viva a agressividade contra os seus inimigos por meio da logística estatal” (VILLELA, 2015, p. 86). Ao comparar o movimento do cangaço com a força policial que os combatia, o antropólogo destaca que ambos estavam rodeados de acertos políticos, rede de poderes que não existiam apenas no âmbito local. Contudo, Villela reforça alguns discursos naturalizados como os de que as relações familiares sangrentas vivenciadas nos sertões na época da Primeira República são vistas até hoje, assim como diante da repressão ocasionada o sertanejo teria poucas opções como: a submissão a algum protetor, a lealdade, a bondade do patriarca em proteger.

O bandido sobreviveria não apenas pela falta de autoridade e ordem, mas também pela ajuda dos coiteiros. A politicagem dos sertões de ajuda mútua entre coronel e cangaço fazia florescer e manter o movimento. “Assim se ganham os galões de coronel, imunidades de parlamentar, dinheiro e até estrelas de general” (BARROSO, 1930, p. 74). Mas assim como chefes locais, a República utilizaria os bandidos para fim de dominar um povoado, com isso aparenta descontentamento também com o sistema político por não dar o auxílio necessário e nem ter a força necessária para repreender e

manter a ordem. O historiador Albuquerque Júnior em seu livro a *Invenção do falo* demonstra que as elites nortistas e nordestinas têm um receio com a República e a abolição da escravatura, onde esses eventos poderiam alterar a ordem, a hierarquia e a autoridade social vigente e a palavra ordem vinha para revolucionar a realidade de determinado espaço, com sua origem em teorias estrangeiras. Como já explicado no capítulo 1, Barroso provinha dessa elite nortista decadente.

Em *Heroes e Bandidos* acusa que os bandidos, não apenas pela natureza são ajudados, mas também, sobrevivem pelas proteções que recebem seja de donos de terra, de políticos ou pessoas influentes, além de mandarem pelo medo e se ajudarem nos crimes, fugas ou vinganças. Essas características fazem com que o autor se lembre de outros povos antigos, povos “anarchizados e retardados”. (BARROSO, 1931, p. 14). Na obra *Almas de Lama e de Aço* há uma crítica mais firme em relação as autoridades públicas, o qual Barroso destaca a falta de efetividade dos governos estaduais, que tem cargos ocupados por homens incultos e “politiqueiros” que não conseguem encarar o banditismo pelo seu verdadeiro aspecto e, acusa muito deles, de se apoiarem no cangaço e nos chefes políticos regionais para conseguir manter-se no poder. No artigo realizado por Angela de Castro Gomes e Marieta Ferreira, as autoras desenvolvem a ideia que o coronelismo foi específico da Primeira República, coronelismo não era a sobrevivência do poder privado, mas era uma troca entre o poder público fortalecido e a decadência dos potentados locais. “Trata-se, portanto, de uma rede complexa de relações em que os remanescentes do poder privado são alimentados pelo poder público, em função de suas necessidades eleitorais de controlar o voto do interior” (GOMES, FEIRREIRA, 1989, p. 251).

Apesar de haver administrações bem-intencionadas que prendem, castigam e matam cangaceiros e chefes locais, nas palavras de Barroso, isso seria pouco e suas consequências passageiras, pois o cangaceiro sempre reapareceria, já que esse movimento acontecia desde a época colonial. Barroso declara ser óbvio que o coronel domina em função do cangaço e este sobrevive pelo coronel. “Combata-se o coronelismo e se estará trabalhando para a extinção do cangaceirismo” (BARROSO, 1930, p. 31). Dentre os diversos protetores do cangaço o mais aparente foi o coronel, segundo o historiador Clemente, com grande importância nos ditames políticos da região teve grande poder sobre as decisões tomadas. Tendo com base em seus negócios em maior parte a pecuária, seguido da agricultura e do comércio, seu período de governança teve as características predominantes de violência e carisma. Com base no estudo de Mello, acredito que, em

uma época em que o poder público tinha expressão mínima, o comando autoritário individualista e parcial sobressaía, dessa forma as infrações cometidas em área que o coronel exercia poder, eram resolvidas ao seu modo que, em sua maioria, envolvia a violência e eram parciais. Mello ainda ressalta que não há como negar a relação conveniente entre cangaceiros e coronéis, relação que não permeava a sobrevivência, mas questionava um poder maior, ou seja, nenhuma das partes estaria prestando um favor a outra ao se relacionar, era desejo mútuo.

Como já mencionado na subseção 2.2, Barroso em *Almas de Lama e de Aço* afirma que os sertanejos veem no governo apenas alguém que cobra impostos e os convocam à guerra sem qualquer retorno digno, dessa forma vê o cangaceiro como herói e Lampião como um revoltoso. O historiador Marcos Clemente afirma que a população sertaneja que pedia ajuda e não recebia, via no “abrigar” os bandidos como forma de se proteger, não tecendo maior narrativa em relação ao sertanejo ver no bandido um salvador, mas sim, por medo ceder abrigo. Marianne Wiesebron sendo mais acusadora ressalta que os pobres ajudam os bandidos por interesse, seja de proteção à dinheiro, ou até mesmo se for parente. Mello não se nega a ajuda da população ao banditismo, contudo é difícil achar provas dessas ocorrências. O autor não se refere especificamente ao coiteiro, mas a uma sociedade que culturalmente se faz coiteiro. Esse aspecto da sociedade de proteger e esconder o bandido, segundo o autor, revela o aspecto de propensão a violência que a sociedade carrega e de sua apreciação.

Como forma de corroborar as acusações que traz em sua narrativa, Gustavo Barroso no livro *Heróis e Bandidos e Almas de lama e de Aço* faz constantes críticas à reunião de políticos nortistas denominada “fé política”. Em 1911 se reuniu na vila de Juazeiro (atual Juazeiro do Norte no Ceará) políticos de 17 municípios para assinar a “fé política”, documento que tinha como objetivo acabar com a influência do cangaço na região. O intelectual discorre algumas páginas sobre o documento afirmando que isso mostra o quanto os chefes políticos estavam interligados com o cangaço. “Como não acreditar no profundo atraso social duma terra, onde os homens mais eminentes firmam publicamente um documento comprobatório de que o meio, a raça, a administração e a política, todos de mãos dadas concorrem para o banditismo?” (BARROSO, 1931, p. 80).

Depois deste evento, a Sedição de Juazeiro (1914) traz ao Ceará a necessidade de um governo interventor, contrastando com a visão de Barroso sobre o poder político não agir para manter a ordem, o historiador Pedro Dias aborda esse momento destacando que a política estatal neste momento era ultrapassar o uso da força, chantagear e oferecer

recompensas as famílias pobres que viviam afastadas para não servirem de abrigo para grupos criminosos. O uso da força “foi a solução encontrada pelo governo federal para lidar com o banditismo no semiárido” (DIAS, 2019, p. 233). O governo federal tinha ressalvas quanto a publicidade que o extremo uso da força policial traria para si, o argumento se desenvolve então para o âmbito social, estrelando a fome e a seca, não primeiramente a violência.

Barroso ajuda a construir uma imagem de Norte/Nordeste baseado na sua população decadente e sem perspectiva de futuro, nada atraente ao Sul, posteriormente também o que viria a ser o Sudeste, e é construído por sua escrita como homem portador da fala desse povo, daquele que veio de lá e pode falar aos de cá, sabe dos problemas, das qualidades e do que deve ser feito para melhorar. “A civilização só adviria com a implantação de uma ordem centralizada que mantivesse a liberdade com autoridade” (MÄDER, 2008, p. 267). Maria Elisa Mäder em sua análise sobre as representações espaciais de nação na América latina destaca que civilizar estava totalmente conectado com generalizar a noção de ordem, expandindo o controle e autoridade para aumento da regulação por meio do estado a partir de um comando único. Esse espaço estaria ligado a caracteres negativos a completa falta de tudo: governo, educação, política, ordem, ou seja, falta de civilização. Como um espaço devastado, era preciso centralizar o poder para que houvesse uma ordem política. Outra imagem recorrente dos sertões brasileiros é que este espaço não estaria inserido numa ordem do trabalho, não tendo uma atividade econômica regular. A imposição do trabalho também foi bem defendida, pois acreditava-se que dela poderia advir a ordem e respeito às regras. Partidos políticos sérios e com princípios aconteciam apenas nas cidades grandes, já que nos sertões a política era voltada para interesses pessoais já que estavam longe da sociedade. “Decorre daí a ideia do sertão como o lugar da impunidade, da ausência de leis”. Com as altas taxas de violência no interior, a justiça e a Guarda Nacional imperial eram constantemente acusadas de ineficiência. “Trata-se de espaços onde imperam homens prepotentes que, fortalecidos pelas suas relações familiares, somente reconhecem como lei a sua vontade e que, para se tornarem temidos, lançam mão do uso da violência” (MÄDER, 2008, p. 268). A exemplo desta análise temos a narrativa de Barroso sobre o encontro de políticos na atual Juazeiro do Norte no ano de 1911, onde descreve de forma sarcástica e acusando os integrantes de cumplicidade para com o banditismo, ou seja, não era algo sério ou que realmente quisesse promover a ordem que acreditava ser necessária.

A união entre cangaceiros e chefes políticos regionais sempre existiu de acordo com a escrita de Barroso, reafirmando que o cangaço é **efeito** e não **causa** do problema nos sertões, acusa que atacar o cangaço diretamente, não entendendo as raízes sociológicas do problema não haveria mudança, ou seja, não buscar as causas, mas tentar liquidar os efeitos (cangaceiro). O autor destaca algumas possíveis causas do cangaço como: “a injustiça, a insegurança, falta de trabalho organizado, coronelismo, politiqueria” (BARROSO, 1930, p. 48). O autor ressalta que “o banditismo somente morrerá quando houver nos sertões justiça, respeito á autoridade, vias fáceis de comunicação, instrução, educação e trabalho organizado” (BARROSO, 1930, p. 25). O trabalho para Barroso, segundo Dantas em sua tese de doutorado, era uma forma de controle dos corpos, visando a manutenção da nação que se queria. Com base na lei exposta na subseção 2.2 proposta por Barroso quando Deputado Federal pelo Ceará entre os anos de 1915 e 1918, o estudo de Dantas aponta que o corpo que apenas gera gasto ao estado e não gerava também contribuição é tido como o Outro, assim, o indesejável. “Temos assim um racismo de estado gerenciando modos de eliminação dos indesejáveis, dos inúteis, descartáveis, para o bom funcionamento da nação-empresa” (DANTAS, 2021, p. 200). Queluz e Babinski na construção do artigo sobre Gustavo Barroso, a eugenia e o nacionalismo autoritário perpassando sobre a mesma lei exposta na subseção anterior, tal qual Dantas, destacam que para o intelectual cearense algumas raças não estariam aptas para o trabalho. “Fica claro que Barroso acredita em um progresso ligado a um determinismo biológico como forma de transformação social” (QUELUZ, BABINSKI, 2017, p. 170). Com vista a um progresso, este viria por meio do trabalho, da formação familiar e educação. Uma educação elitista, nos moldes burgueses, quem não atendia a esses requisitos deveria ser isolado, excluído. Para uma construção social desejável, o estado deveria ter pulso firme, deveria repreender e a base teórica de Gustavo Barroso, segundo os autores, provinha muito de Charles Letourneau que acreditava na diferenciação entre as raças e sua hierarquização natural. O desejável era o branco, trabalhador, obediente, familiar nos princípios da heteronormatividade. “Barroso utiliza a história, por meio da literatura para legitimar seu projeto político de reabilitação do passado” (DANTAS, 2021, p. 49).

Essas vias propostas por Barroso visam a integração do sertanejo aos moldes que acredita como ideais: a civilização, o progresso e a liberdade todos nos moldes conservadores. Mas a noção de liberdade é muito complexa, me baseando em Foucault (1984 – A Ética do cuidado de si como prática da Liberdade), para se ter essa liberdade,

é preciso a liberação e nela estão as noções de dominação. As relações de poder podem se encontrar em qualquer ordem da vida humana e quando essas encontram formas de se tornarem imóveis e fixas, seja pelo campo econômico, político ou militar, há o estado de dominação. A liberdade para o povo sertanejo proposta por Barroso vem por meio da sdominação, da repressão e da coerção, uma obrigatoriedade em avançarem no tempo e se igualarem a grandes capitais da primeira metade do século XX. Nesse estado as práticas de liberdade são extremamente limitadas e unilaterais. “A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade” (FOUCAULT, 1984, p. 261). Foucault concorda que em determinados casos a libertação e sua luta são fundamentais à prática de liberdade⁴⁸.

Tal qual fez em *Terra de Sol*, na obra *Heroes e Bandidos*, Barroso destaca que o sertanejo não inova, segue rigorosamente os costumes como seus antepassados faziam, planta e colhe do mesmo jeito, a mudança seria uma falta com os ancestrais e ir contra os desígnios de Deus. A exemplo do porquê a população precisava de controle, instrução e trabalho para se ocupar, fala sobre a revolta do quebra-quilos (segunda metade do século XIX) onde os sertanejos se revoltaram com a mudança de medição. Barroso caracteriza a revolta como uma guerra de horrores, com pessoas brutais e com medo da justiça incendiavam cartórios. Falando também sobre a revolta da Balaiada (primeira metade do século XIX), afirma que seus líderes eram “expoentes da ignorância e atraso do meio” (BARROSO, 1931, p. 41). Os líderes eram negros, descendentes de indígenas ou mestiços, todos ignorantes, selvagens e brutais. Ao comentar sobre Cosme Bento, líder quilombola maranhense que também participou da Balaiada, o autor cearense se mostra surpreso por haver uma escola no local, visto que era um “reducto de pretos fugidos, que viviam de depredações, rapinas e mortandades” (BARROSO, 1931, p. 42). Afirma que o líder Cosme Bento era um ditador. A surpresa de Barroso não é surpresa para nós, visto que para o autor, os sertanejos não tinham iniciativa para mudarem de vida, sendo as revoltas não por quererem o melhor para si e por se cansar de serem explorados, mas sim por serem ignorantes e não acatarem as ordens do sistema imperial, não respeitando o

⁴⁸ Quando se está em um processo coercitivo, ao se libertar, não quer dizer que determinada sociedade saiba definir as práticas de liberdade que as guiará em seu processo de formação política e de sua própria existência. Por isso, Foucault insiste nos processos de liberdade e não de liberação, pois não definem todas as formas práticas do exercício de liberdade. A definição da prática de liberdade é mais importante que o discurso que é preciso liberar - Ver mais em: A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade. In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. 2004. (entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancourt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984). *Concórdia Revista Internacional de Filosofia*. N 6. Julho-dezembro de 1984.

sistema por serem de uma sociedade atrasada e não saberem o que era melhor para eles mesmos, ainda mais sendo da etnia negra, que dentre as três etnias (branca, indígena e negra) era a que Barroso mais desprezava, afirmando em *Terra de Sol* que a presença do negro era quase rara já que o Sul manteve e precisou da escravidão mais que o Norte. Generaliza as revoltas como sendo apenas revoltas dos sertanejos ignorantes contra inovações de lei, de imposto e do sistema político vigente.

Barroso retira a autonomia da coletividade que se organiza sob a identidade denominada sertaneja, não concebendo a agência dessa coletividade, pois as pessoas que a compõem não são percebidas como sujeitos históricos. É posto sob essa sociedade a força da ignorância, miscigenação, meio e falta de justiça. Retira o valor das revoltas e os descontentamentos expressos pelo povo, já que eram liderados, ou a maioria de seus integrantes, provinha de outras raças que não a branca. Débora El-Jaick Andrade reforça que o estudo de final do século XIX até início do XX sobre grupos sociais calados, ou seja, o que estão abaixo na hierarquia social, tendem a ser considerados como se estivessem sendo levados pelo delírio, por impostores e por reformadores. “Subverte também o sentido destas lutas, tornando-as um apelo pela proteção e beneficência das “classes superiores” e não de participação efetiva nas decisões políticas” (EL-JAICK ANDRADE, 2007, p. 241).

O trabalho vem como forma, além de ocupar e controlar a população de revoltas, do banditismo entre outras situações, para também evitar a migração que deixava os sertões ainda mais despovoados e abertos para revoltas populares. A migração é posta em todas as obras analisadas como motivo de deserção ou de calamidade, pois o sertanejo só migraria pela falta de oportunidade e dificuldade e aquele que fica é resistente. No texto de Frederico Castro Neves sobre o Nordeste e a historiografia brasileira “A necessidade de manter o controle espacial sobre as massas rurais deslocadas [...] fizeram com que o trabalho em grandes obras públicas [...] se tornasse o elemento central nas políticas de assistência aos camponeses pobres” (NEVES, 2012, p. 16). Essas medidas tendiam também a fazer com que o homem não migrasse, evitando que fossem para os grandes centros urbanos e acabam gerando uma fonte permanente de fundo estatal às elites nordestinas. O trabalho é centralizador nas relações entre o pobre e a sociedade, transformando os retirantes em trabalhadores industriais. No final do século XIX e ao longo do século XX, o trabalho então torna-se central nas políticas públicas de assistência, mantendo-os sempre no âmbito rural para que não ficasse vazio e a economia desabasse, assim como para evitar que fossem para os grandes centros urbanos.

Na obra *Heroes e Bandidos* e principalmente em *Almas de Lama e de Aço* temos várias políticas sugeridas por Barroso para dar conta das revoltas, banditismos, fanatismos e o ócio da população sertaneja, além da acusação das faltas que os sertões carregam, para que essa emergisse na civilização tão almejada, mas ao mesmo tempo, trouxesse consigo sua tradição, honra e moral. O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no livro *A Invenção do “falo”* quando analisa narrativas na formação do discurso regionalista, destaca que o sertanejo era o centro da nacionalidade brasileira por não ter contato com os centros urbanos e suas ideias. O que faltava ao sertanejo era justamente essa civilização que tanto amaldiçoavam e que sua ausência fazia o sertanejo ser o homem nacional, mas com ela, os intelectuais regionalistas acreditavam que o sertanejo reergueria a região e a tiraria do declínio, visto ser um homem vigoroso, carregado de tradições e moral.

Para além da fome como causa do banditismo, apontado na subseção 2.2 desta dissertação, Barroso destaca a economia decaindo⁴⁹ cada vez mais por conta das estiagens, a falta de homens para trabalhar por conta da baixa ocupação do sertão e da migração, a pouca remuneração, problemas na administração pública e particular, falta de transporte, indústria e comércio subdesenvolvidos e taxaço de impostos. Ao descrever uma viagem de Lampião à Juazeiro do Norte, Barroso aponta várias faltas no sertão como: linhas férreas e telefonia. O que não está presente em *Almas de Lama e de Aço* é que a dificuldade de se fazer um sertão conectado muito tem a ver com as ações dos bandos de cangaço, exceto quando faz menção de Antonio Silvino em *Heróis e Bandidos*⁵⁰. Contudo, Frederico Pernambucano de Mello é mais incisivo em suas denúncias, apontando que Lampião realizava massacres de trabalhadores quando sabia de construção de estradas e não era condescendente com qualquer tipo de avanço do progresso; Antonio Silvino constantemente impedia a passagem dos trens, cobrava impostos e acabava com os telégrafos.

⁴⁹ Uma perspectiva interessante sobre a economia para além das já postas sobre a decadência da elite nortista, é a visão de Frederico pernambucano de Mello que aponta que a estagnação econômica não era completa devido ao envio por parte dos governos estaduais e federais de policiais para o enfrentamento ao cangaço e também de novos alistamentos vindos próprios da região. Com isso era preciso mais recursos para manter essas pessoas no Estado. Não melhores que os cangaceiros que não pagavam, muitos policiais utilizavam da autoridade para tirar vantagens de comerciantes, sendo tão cruentos quanto os cangaceiros em certa medida. Ver mais em: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

⁵⁰ Durante o ano de 1906, perseguia engenheiros, atrapalhava obras, cortava fios telegráficos, estragava linhas férreas forçando os trens a pararem para que lhe pagasse um pedágio. Ver mais em: BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos: Os Cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed. 1931.

O historiador Clemente quando escreve sobre as campanhas de repressão ao cangaço destaca que em 1920 há um aumento de políticas públicas visando a extinção do cangaço e o preenchimento de áreas consideradas vazias de atuação, ou seja, as fronteiras e o interior, comumente denominado de sertão, que significava um sinônimo de barbárie e não civilizado, onde o cangaço viria a se tornar síntese desse espaço. Essa imagética criada desses espaços considerados “desertos” os coloca como um lugar fechado à civilização, retrógrado e sem lei. A iniciativa para habitar esses lugares vazios parte da noção de que as áreas fronteiriças seriam mais isoladas e de que haveria um vazio no estado, como Barroso corrobora em sua narrativa, noções que se complementam, mas ao mesmo tempo se fazem erradas, segundo Clemente. As fronteiras são espaços de deslocamentos, seja pelo comércio compra e venda de gado, seja pelo deslocamento humano mais para o interior ou em direção ao litoral. Pois, o cangaço, mais especificamente o de Lampião, traz uma movimentação entre os territórios pela sua fuga e vasão entre 7 estados do que hoje conhecemos como a região Nordeste, que também são apontados em *Heróis e Bandidos* quando Barroso fala da extensão do banditismo⁵¹, dessa forma a movimentação causada pelos bandos reforça as volantes, os coiteiros e a movimentação de pessoas no geral entre as fronteiras, fazendo com que haja movimentos para a implementação de acordos entre os estados, assim como proteção nas fronteiras.

Além de tudo isso, nesse meio se há o fanatismo, Barroso não culpa o homem sertanejo já que esse é ignorado pelo governo onde não há escola, comunicação ou transporte, mas culpa o poder público (estadual e federal). Sabendo que o discurso regionalista nordestino é presente a partir da década de 1930 e as fontes analisadas vão exatamente até essa década e tendo a posição de não querer encaixar Barroso em discursos posteriores às obras analisadas, há no livro *A Invenção do Falo*, uma análise interessante sobre o discurso regionalista que se formava que cabe na escrita de Barroso. O historiador Albuquerque Júnior na análise do discurso regionalista, destaca que o que explica a decadência e pobreza da região era a falta de atenção do governo federal que privilegiava outras regiões, não sendo culpa do homem nordestino, o discurso naturaliza os problemas sociais e econômicos, além de defender a natureza do Nordeste.

Gustavo Barroso acreditava que a melhor medida para o controle social seria um governo atuante e presente, um poder centralizador e, mesmo que, rechaçasse o fanatismo e a atuação de curandeiros no sertão, admite que essas figuras, de certa forma, faziam a

⁵¹ Página 38 dessa dissertação.

vez de controlar essas pessoas. O historiador Pedro Dias ao analisar a escrita de Barroso destaca que em outras obras como sua crônica intitulada *Padre Pedro*, Gustavo Barroso mostra a aproximação do cangaço com o clero nordestino. Os padres eram muitas vezes vistos como autoridade no sertão nortista, hoje nordestino. Barroso tende a apoiar os clérigos, pois acusa as autoridades governamentais do século XIX de agirem baseados em seus interesses locais. Uma medida desse governo atuante e centralizador que Barroso queria, mas que não está presente em sua obra, foi o desarmamento populacional⁵².

Barroso defende o emprego de trabalho para essa população, para que tenham onde depositar sua energia. Outras políticas públicas que o autor sugere: saneamento, captação de água e irrigação à terra na época de estiagem. Além de mostrar necessário o emprego de transportes, comunicação, instrução e justiça para o povo. “Somente um conjunto de medidas dessa ordem acabará de vez com os cangaceiros, produtos de uma causalidade complexa que unicamente uma serie complexa de providências poderá extinguir” (BARROSO, 1930, p. 12). Para além de todas as medidas que aponta, a Justiça seria a principal, visto que a maior parte dos bandoleiros entra para essa vida por vingança. Demonstra que sua posição é a melhor trazendo novamente para o texto os estudos de Alfieri, Stendhal e Taine em relação a uma Europa medieval, em que a aplicação dessas medidas melhorou a situação da qual tratavam. Contudo, Moreira em análise da escrita de Barroso, considera que apesar do intelectual cearense apresentar familiaridade com o popular, o erudito prevalece no autor e muitas das soluções propostas acabariam com o aspecto de vida sertaneja, inclusive as formas que utiliza como fonte: contos, lendas, folclore, etc. Dantas sendo mais incisivo, afirma que muitas dessas políticas visavam o enquadramento e a higienização social, qualquer sujeito com comportamento desviante era colocado nesses ideais para a formação do nacional desejável ocorrer. Reis Júnior e Araújo em seu artigo defendem que havia o medo constante dos pobres se revoltarem e com eles os escravos, os indígenas, enfim, todos

⁵² Uma das ações de maior eficiência ao combate do cangaço na segunda metade da década de 1920, foi o desarmamento populacional independente de classe ou status, que antes era comum a distribuição de armamento aos civis para ajudar no combate ao cangaço e da coluna prestes que passava pelos sertões nordestinos. Contudo, depois que a coluna prestes foi expulsa sobra na mão da população uma grande quantidade de armamento. O desarmamento oferece ainda um rigoroso controle sobre a comercialização de armas. Em 1920 há várias iniciativas interestaduais para o combate do cangaço e a minimização do poder dos coronéis. A frouxidão das fronteiras estatais não é suficiente, sendo requeridas também medidas como: a inserção do sertanejo nas volantes, aumentar o número de integrantes da força policial, desarmar a população civil e aumentar a justiça para que pudesse atuar minimamente. Ver mais em: CLEMENTE, Marcos Araújo. Ordem e desordem: campanhas de repressão ao cangaço e as formas do poder republicano na década de 1920. *Revista História & Perspectivas*, v. 26, n. 49, p. 135-174, 2014.

esses grupos aos quais acreditavam terem inerente em si a violência. A partir de leis, discursos, projetos políticos tentavam a elaboração de formas de controle social.

Barroso quer um mundo onde os sertões conforme são com suas crenças, superstições, pessoas, crimes e sua própria justiça não cabem mais. Os sertanejos não cabem mais no mundo do início do século XX primeiro pelos seus antecedentes e a miscigenação e disso acarretar a ignorância e falta de vontade, segundo pelo meio que ajuda a miscigenação a decair e por último pelo Estado que falta em adaptar o meio, dar oportunidades e repressão ao povo. O sertanejo está parado no tempo e isolado o que é ótimo como exemplo para o que o brasileiro deve ser e acreditar, sua honra, moral e tradições devem prevalecer, mas o sertanejo como pessoa não. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a partir da literatura e das memórias de intelectuais nortistas do final do século XIX e início do XX compreende as mudanças ocorridas com as novas relações de mercado e urbanização e os inaptos a vivenciarem esse novo mundo. “Há uma total reorganização nos territórios sociais, com a mudança de hierarquias, com a complexificação da própria sociedade, multiplicando lugares de sujeito e as possibilidades de construção de territórios” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 102).

Caminhando para conclusão do segundo capítulo para entrar no terceiro e última parte do trabalho, dedicada à noção de sujeito na escrita barroense, após perpassar sobre as características obtidas pelas fontes sobre as intercorrências que moldam o homem sertanejo nas obras que foram analisada neste trabalho, considero, a partir de Certeau, que ao analisar um discurso devemos considera-lo histórico porque é regido por regras, funcionamentos e seu entendimento se constrói a partir da análise de toda a prática que o envolve e dele resulta. Contudo, também refletindo a partir de Foucault acredito que o discurso é regido por normas, mas ele mesmo é detentor da história, que o discurso fala por si mesmo. Ou seja, Barroso constrói sua visão, seu lugar e seus arquétipos como sujeitos ou não de uma coletividade maior por meio de seu discurso. Mesmo que baseado nas teorias científicas, em seus lugares institucionais, já que o discurso parte de um lugar e de uma pessoa que tem como referência sua própria época, seu discurso tem vida própria, própria personalidade. Além de construir o discurso, Barroso é construído por ele, ganha imagens a partir de sua escrita e um posicionamento em seu círculo social a partir do que narra sobre o Norte/Nordeste e os sertanejos. Analisando uma escrita que buscava a solução dos problemas e dar justificativa para toda questão, Certeau afirma que é possível perceber a diferença na escrita histórica, onde parte-se hoje de uma questão presente buscando dar lugar a problematizações construídas, não mais caminhando em

busca de uma evolução ou de forma a responder questões gerais, o sentido e objeto na história se encontram nos desvios qualitativos e quantitativos, ou seja, a história surge nas exceções e a escrita traz a possibilidade de contrários. Neste mesmo âmbito, Foucault (2008) destaca que a continuidade histórica perde espaço para uma análise de possíveis e lógicas interrupções históricas.

3 – Sujeitos Impossíveis: O sertanejo como objeto dos discursos de poder

Nos capítulos anteriores quis trazer um pouco sobre o impulso, com a República no começo do século XX, para encontrar o verdadeiro nacional e escrever uma história para a nascente nação brasileira, que vinha sendo incentivada desde 1838 com a criação do IHGB. Neste capítulo busco partir da explicação do que é ser homem sertanejo na escrita de Barroso, observando sua construção de homem e cangaceiro já expostos no capítulo 2 desta dissertação, e seguir para reflexões acerca da noção de sujeito. Dessa forma busco identificar Barroso em seu meio intelectual e político que permite a legitimação do seu discurso, fazendo com que seja um difusor de imagens e memórias sobre determinado lugar e tempo. Não pretendo observar seu contexto social e encaixar o autor e suas obras em determinado lugar, mas sim ter a compreensão de que, apesar dos discursos trazerem em si sua constância e veracidade, partem de um lugar que os permitem serem escritos, reconhecidos e legitimados. Nessa época, segundo Maria da Glória de Oliveira e Rebeca Gontijo Teixeira (2018), novos atores entram em cena na história brasileira, a massa popular que fazia parte do organismo social, os quais precisavam evidenciar seus males para haver cura, lançava-se luz sobre anônimos, que formariam uma força coletiva. Essa abertura ao povo, faz com que se manifeste uma hierarquização entre as populações e entre os homens por meio do discurso.

Neste momento pretendo trazer noções mais teóricas e reflexivas para identificar as características cangaceiras, trazidas nas narrativas analisadas do autor cearense, como sendo intrínsecas ao homem que simplesmente afloram e o tornam cangaceiro, como se todo homem/mulher nordestino(a) tivesse em si os potenciais para ser violento, abordando questões expostas no segundo capítulo para elucidar melhor essa proposta e ainda apontar como o homem tende a se tornar cangaceiro e como muda sua perspectiva a partir do momento que se assume ou é apontado por outro como tal, observando se o sertanejo/cangaceiro ou nordestino, aparecem como sujeitos na escrita de Gustavo Barroso e observar que características insistem em permear a significação do espaço e do homem sertanejo e nordestino atualmente.

Com tudo o que já abordei, em especial no capítulo 2 desta dissertação, é possível entender o lugar do homem sertanejo e do cangaceiro na visão de Barroso que mesmo que se modifique com a distância entre as obras, algumas características não são excluídas, principalmente ao se referir na aspereza do meio, na dificuldade em se desenvolver conforme os parâmetros requisitados na época e na falta de ajuda do outro para que o homem tenha melhores condições de vida em um todo.

3.1 – Construção do sujeito: do autor ao outro

Nesta primeira subseção busco fazer uma análise a partir da construção do homem sertanejo e do cangaceiro demonstrada no capítulo 2 dessa dissertação, de como Barroso ao mesmo tempo que aponta o que o outro é ou não, afirma-se em seu lugar social e espacial. Assim, na fonte *Terra de Sol*, ao falar sobre o espaço do sertão, tudo que Barroso menciona com destaque é relacionado a tristeza: o meio, os animais e o homem. O último é mártir do meio, do clima, do atraso, da miscigenação e do fanatismo religioso. Não é dado ao homem, pelo autor, o protagonismo da própria vida, não podendo decidir ou agir de uma maneira ou outra, já que são objetos do meio e da raça. Não é dado ao sertanejo o papel de sujeito histórico e ativo.

Barroso coloca ao sertanejo pobre apenas duas opções de vida: ser vaqueiro de um fazendeiro ou seu agregado. Mesmo não sendo pobre, a pessoa com mais condições de vida não teria destino melhor, apenas por ser sertanejo.

Mas rico ou pobre, vaqueiro, agregado ou fazendeiro é um infeliz o sertanejo humilde, sempre jungido a Natureza impiedosa e muda, que com uma lágrima de chuva lhe dá abundância e com um constante sorriso azul do céu mata-o de fome, de sede, de miséria! (BARROSO, 1913, p. 188)

As músicas relembram as matrizes africanas e indígenas, com aspecto melancólico. Não importa qual dança ou festividade, elas sempre “pintam a funda tristeza da alma rude da gente do Norte, gente que parece ter infiltrado no seu imo toda a grande desolação das seccas” (BARROSO, 1913, p. 217-218). Em tudo o que fazem e no seu simples viver o sertanejo é passado como aquele que sofre e não quer algo melhor, pois não teria condições de querer. O sentimento que consegue mostrar ao outro é o da melancolia e da resistência, do conformismo.

Na obra *Praias e Várzeas*, no conto “Finados” dedicado à Maurício de Lacerda e “O pescador” dedicado à Graça Aranha, Barroso se detém ao litoral, retratando as superstições que circundam as vilas, mesmo aquele que tentava ir contra elas, a raça não deixava, já que havia uma pré-disposição desta em acreditar nas superstições e fanatismo, o homem era ignorante, mas ao mesmo tempo, orgulhoso. As pessoas guardariam em si a ascendência e a teimosia da raça, principalmente aquele que migra do sertão e passa a morar no litoral.

Não apenas o sertanejo, mas o nordestino litorâneo carrega a ascendência da raça que “atrasa” o desenvolvimento do homem por estar tão ligado às superstições. É evidente

que a maior acusação de Barroso, baseado nas teorias deterministas e raciais⁵³, recai sobre o sertanejo que vive nos sertões e no sertanejo que migra para o litoral. Por mais que sustente a força do meio no homem, mesmo quando este sai dos sertões indo para o litoral ou qualquer outro lugar, sua alma carregaria suas características. “Então, muito sertanêjo derrotado abandona a terra e vai, [...] desdobrar contra a invia selvaticuez daquela natureza de portentos as energias que a luta lhe armazenára, desde creança, na alma corajosa” (BARROSO, 1913, p. 27-28).

Remonta a episódios como Canudos e a vila de Juazeiro no Ceará, (hoje conhecida como Juazeiro do Norte) comandadas, respectivamente, por Antonio Conselheiro e Pe. Cícero, reafirmando o fanatismo religioso sertanejo e como muitos se aproveitam da crença para usar o povo, define os sertanejos como meros figurantes que apenas recebem e tomam para si os efeitos que a terra lhes proporciona. Pela seca vem a miséria e ignorância que se proliferam tais quais doenças “entre aquela pobre gente” (BARROSO, 1930, p. 17). Sendo o sertão do nordeste um lugar difícil de viver, o sertanejo sem ajuda do governo, não parece ter outra alternativa a não ser a migração ou o banditismo, de acordo com o intelectual. Estando em abandono, a figura do sacerdote ganha luz e ultrapassa o limite religioso. Coloca o sertão como lugar sangrento, próprio à revolta e a falta de regras, o qual a lei do mais forte vence a justiça.

Barroso por meio de suas obras constrói o homem sertanejo como estático, muda apenas por necessidade não por querer ou consciente, aceita o que lhe é imposto pela ignorância da miscigenação, não tendo o discernimento para escolher. O homem sertanejo está a mercê da religião, do fanatismo, do tempo, do espaço e do outro, mesmo resistindo e sobrevivendo é posto com caráter de vítima e melancolia sem qualquer perspectiva de melhora. Tudo o que Barroso lhes aponta como falta, muito exposto no capítulo 2 principalmente em relação a justiça e ordem, é pela falha do outro. Caso o sertanejo esteja sofrendo é culpa do externo, assim como ter qualquer menção de felicidade faz referência a algo externo a si mesmo, seja do tempo, seja do civilizado litorâneo.

Visando não me estender em discussões já postas no capítulo 2 dessa dissertação como a construção do homem na escrita de Gustavo Barroso, quero buscar neste capítulo,

⁵³ Os cientistas passaram a buscar culturas atrasadas e pessoas com comportamento selvagem causadas pela miscigenação. Os cientistas da época adotavam os modelos evolucionistas, em especial o darwinismo-social, mesmo que já fora de uso na Europa, para o estudo das raças e suas contribuições. As teorias permitiam uma nova forma de ver o mundo. Esses homens não tinham como intenção restituir a lógica originária dessas teorias, mas queriam adaptar ao Brasil o que cabia na realidade tal qual viviam (SHCWARCZ, 2019). Ver mais em: SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870 – 1930)*. 2019.

fazer uma discussão mais teórica e reflexiva de como o autor constrói a si e ao outro com características específicas. A partir de determinadas fixações de relações de poder⁵⁴, utilizando Foucault, tal como, acredito, a noção de civilizado e de civilizar, há uma submissão do outro às suas normas, sendo possível identificar os sujeitos componentes nesse campo (RAIBOW, DREYFUS, 1993). Ou seja, a partir dos discursos de relação de poder que envolvem Barroso e sua escrita há uma norma de quem é sujeito atuante e importante ou não. O sujeito deve ter a capacidade de aprender, de lembrar e de raciocinar. Realizar um exercício do poder, inicialmente o sujeito deve conhecer a si mesmo, ter consciência de dizer, de manifestar, ter consciência de si (FOUCAULT, 2010). Dessa forma, Barroso não demonstra por meio da sua escrita os sertanejos como conscientes de si, pois não lhes dá lugar de fala para expor suas vontades, lhes põe como efeito do meio, da raça e do tempo/espaço. O sertanejo na escrita é estático e inflexível. Além disso, Nicolazzi (2010) destaca no seu estudo sobre *Os Sertões*, mas que cabe para observar Barroso, que o outro é subjugado no discurso para fazer legítimo o discurso daquele que narra. Certeau (2010) ressalta ainda que, o discurso sobre o outro, destaca a soberania daquele que escreve em detrimento daquele que é descrito, pois o que escreve toma forma de saber mais sobre o outro do que ele mesmo.

Antes de entrar propriamente na análise do homem cangaceiro, seguindo o raciocínio de Foucault sobre o discurso e a partir dele, a construção de sujeitos na escrita por meio das fontes analisadas, é possível observar a criação de Barroso de seu lugar atuante de intelectual e detentor da verdade perante o outro.

Gustavo Barroso durante as obras analisadas (1912-1930), como já mencionado usa seu pseudônimo João do Norte, que segundo Moreira há um desejo em mostrar um intelectual que não esquece de onde veio, além de utilizar seu pertencimento na ABL nas obras *Heróis e Bandidos* (a partir da segunda edição), *Almas de Lama e de Aço* (na primeira edição) e *Alma Sertaneja* (a partir da primeira edição). O intelectual constrói em sua escrita seu espaço e seu eu sujeito ativo de fala e partícipe de relações⁵⁵. No final do

⁵⁴ Em relações o qual um pretende dirigir a conduta do outro, há aí as relações de poder, que podem ser móveis e podem apenas acontecer entre sujeitos livres. Pois, só podem acontecer essas relações quando há formas de resistência, o que não faz com que não exista estados de dominação. Algumas relações estão há muito enraizadas que a liberdade é limitada (FOUCAULT, 2004). Barroso ao longo das obras analisadas visa empreender soluções para acabar com o banditismo, em especial o cangaço, assim como acabar com o modo de vida sertanejo que vai contra a ordem, a justiça e o progresso que acredita ser o certo para o futuro de uma nação brasileira.

⁵⁵ O ritual que delimita aquele que fala exige do sujeito uma qualificação e posição, além de indicar determinado tipo de enunciado a ser tratado, as circunstâncias e os conjuntos para que um discurso se forme (FOUCAULT, 1996). Ver mais em: FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Ed. Loyola, São Paulo, 3ª ed. 1996.

livro *Terra de Sol*, Barroso afirma, retomando parte exposta no primeiro capítulo dessa dissertação, que

...Mas nesse tempo quando o Brazil rico e poderoso, marchar na vanguarda das nações, ocupando o lugar eu lhe compete entre os paízes mais fortes e mais progressistas, perdida já será a memoria deste livro que não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limítrofes, da Terra de Sol; que é – e nem pretende ser mais do que o depoimento de um nortista (BARROSO, 1913, p. 273)⁵⁶.

Um depoimento que, por mais que afirme não querer ser mais que um relato de memórias, diz também que por ter origem na memória é verídico, uma comprovação da realidade que agora, assumindo a posição de intelectual, acaba por ajudar a construir ao outro de fora a imagem das dificuldades em ser nortista, dificuldade que enfrentou e carrega na saudade e sentimento por ser cearense. A construção de Barroso por meio da narrativa é perceptível em sua forma de acusador, na sua diferença em se conformar e aceitar sobre si os determinismos que aponta ao seu estado natal. Barroso se constrói como aquele que sai dessa inércia e tem a chance, agora como um civilizado, de tirar os seus da mesma inércia de que consegue sair.

O historiador Dantas destaca que apesar de defender o passado, a história que Barroso escreve é contemporânea, ou seja, se baseia em saberes científicos, faz do passado algo natural e põe numa narrativa de neutralidade. O intelectual é classificado como moderno antimoderno, um conservador que almejava o famoso progresso, sem tantas mudanças abruptas. “Para Barroso era preciso tomar as rédeas dessa aceleração do tempo que ameaçava destruir antigos territórios de mando” (DANTAS, 2021, p. 86). A historiadora Moreira, sobre o mesmo assunto afirma que apesar de utilizar das lembranças e vivências, Barroso não se esvazia da posição de erudito, ao contrário, a reafirma. Seu estilo visava “transpassar para o leitor uma proximidade sentimental com as temáticas enfocadas” (MOREIRA, 2006, p. 176). Minimizava a distância daquele que vivia o fato para aquele que escrevia sobre. O relato, a partir do viver, tinha menção de trazer veracidade e aproximação do popular, pois se baseando na saudade quer demonstrar veracidade à sua escrita. “Na medida em que Barroso se posicionou como um testemunho intentou garantir um estatuto de verdade aos seus escritos” (MOREIRA, 2006, p. 97).

Com sua permanência e avanço no mundo intelectual e político, a fonte *Heróis e Bandidos* traz referências a teóricos europeus sobre as teorias que foram auge na Europa

⁵⁶ Citação já utilizada no capítulo 2 – página 88.

no século XIX e filósofos do mundo antigo comprovando sua posição de saber e de onde fala, em quais teorias se baseia e a partir delas qual posição toma frente ao assunto do qual constrói. Ainda afirma estar a par das correntes sociológicas e criminais da época (década de 10 e 20 do século XX), assim sendo importante observar as características psicológicas, físicas e sociais que formam o sujeito, as quais seriam mais importantes que o próprio indivíduo em si, visto que esses sujeitos “não passam de consequências lógicas e resultantes fataes” (BARROSO, 1931, p. 16). Ao mesmo tempo que quer caracterizar um outro sujeito, cria a si mesmo.

O historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior destaca que os intelectuais voltados ao movimento tradicionalista e regionalista sejam pela literatura, música ou teatro constroem um Nordeste centrado na memória, contra o moderno, tendo o passado como sua dimensão temporal. Esse estilo corta a criatividade e exala a submissão, negando ao homem ser sujeito histórico, mas viver uma história já pronta. Combate total a autonomia e impõe a naturalização do vitimismo e da discriminação. A subjetividade se faz fundamental nas relações sociais tanto para emanar poder quanto afeto e sentido. Os sujeitos históricos se fazem efeito de ações discursivas e não-discursivas, sendo necessário que sejam também explicados e não “fonte de toda interpretação verdadeira” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 16). É possível compreender, a exemplo do que analiso como construção do sujeito, que esses se fazem dessa forma por meio do discurso e ações que vão além do próprio discurso, não sendo óbvios, mas sim construídos.

Em *Almas de Lama e de Aço* para corroborar e dar veracidade ao que traz em sua escrita Barroso declara que todas as informações da obra há documentos que a tornam verdadeira e que provam o que escreve. Baseia-se em suas fontes (diferentes das já citadas: o cronista Henry Koster, autores literatos como o príncipe Yussupov, o escritor e político Cunninghame Graham, Antonio Attico de Sousa Leite, Robert Southey, João Brígido e jornais que como *A República* e *O Progresso*⁵⁷ da cidade de Fortaleza, O Ceará) citando-as como prova de veracidade e, quando há documentos antigos do século XIX

⁵⁷ Ambos os jornais: *A República* e *O Progresso* não encontrei referências online de suas publicações, nem artigos que falam sobre os jornais fortalezenses que os referenciassem. Ver como exemplo: GOMES, Maria A. L. Promotores dos “bons costumes”: os jornais fortalezenses e seus discursos comportamentais no início do século XX (1910-1930). In: XXVII Simpósio nacional de história: conhecimento histórico e diálogo social ANPUH. http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364758560_ARQUIVO_Artigoanpuh2013.pdf. 2013. E ainda: SANTOS, Francisco E. M. Imprensa e redes de comunicação no Ceará no início do século XX. In: 31º Simpósio Nacional de História, ANPUH-RJ. https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628813582_ARQUIVO_7d40186c9ba2f74210df8753d91e91ab.pdf. 2021.

afirma: “manuseem-se outros documentos mais antigos e mais modernos: verificar-se-á que tenho inteira razão” (BARROSO, 1930, p. 14). Entretanto, muitas vezes não faz referência de onde retira os causos ou histórias que transcreve, apenas deixando claro que leu documentos: “Seria inacreditavel isso, si os documentos coévos não o provassem de modo inilludível” (BARROSO, 1930, p. 21). Sua posição já bem-conceituada e consolidada na época de 1930 permite que Barroso apenas afirme que leu documentos, sem referenciá-los, pois a legitimidade de seu discurso provém muito além de poucas notas de rodapé ou autores, mas sim de seu lugar social e de instituições da qual fazia parte e que fazia questão de trazê-las abaixo de seu nome em cada obra, como é o caso da ABL, e segundo Lilia Schwarcz “esses intelectuais da ciência, a despeito de sua origem social, procuravam legitimar ou respaldar cientificamente suas posições nas instituições de saber de que participavam e por meio delas” (SCHWARCZ, 2019, 35).

Gustavo Barroso tinha a pretensão de participar de instituições importantes na época como o IHGB e a ABL. Entre 1918 à 1923 tentou diversas vezes entrar na ABL com inúmeras negativas conseguindo ingresso no último ano. No IHGB entra 10 anos depois de se candidatar pela 1ª vez (1921), entrando apenas em 1931. O fato de ser diretor do MHN desde 1922 e a construção de uma história militar fez com que fosse visto com bons olhos pelos membros do IHGB (CERQUEIRA, 2011). A posição social tinha mais influência no momento de escolha do participante que propriamente sua competência de saber. Seus integrantes não eram escolhidos de forma aleatória, muitos eram políticos e latifundiários e outra parte pesquisadores de renome. O instituto tinha diversas formas de absorção de novos membros, o que representava para alguns projeção intelectual e para outros promoção pessoal (SCHWARCZ, 2019).

Para Dantas (2021), Barroso tende a querer passar uma impressão de um autor perdido entre Ceará (sertão) e Rio de Janeiro (urbano). É nesse tempo que o autor se coloca como do Norte estando deslocado no Rio, mas seguindo os saberes deterministas de seu novo espaço e tempo. Barroso não é apenas alguém vindo da Terra de Sol, mas ajuda a construir esse espaço. O discurso do intelectual cearense só foi possível circular a partir de sua justificação e fundamentação por outros meios de saberes (político, literário e científico). Dantas (2021) destaca em sua tese de doutorado que, quando chega ao Rio, Barroso sociabiliza com Henrique Maximiano Coelho Neto, letrado fundador da cadeira n. 2 da ABL, e assim participa desse círculo social. Era também grande publicador na imprensa, se tornando redator do jornal Fon-Fon e Jornal do Comércio. Outra rede de sociabilidade criada por Barroso foi o meio político estreitando relações com o Partido

Republicano Conservador. Barroso passa a ser o porta-voz do Norte, da Terra de Sol, da terra de estabilidade. A notoriedade da obra não se dá apenas pela excelência da escrita de Barroso. Grande parte da construção dessa ascensão de Barroso foi devido a seu círculo de sociabilidade com grandes nomes como: Capistrano de Abreu; sua grande participação na Imprensa; e participação em rodas de intelectuais como: Coelho Neto e confeitaria Colombo no Rio. Na sua dissertação de mestrado, Cerqueira (2011) afirma que Barroso frequentava os cafés e livrarias, onde no começo do século XX era onde os intelectuais se encontravam. Nesse ambiente, Barroso começa a obter notoriedade e sua escrita saudosa sobre o Ceará ganha destaque entre o público, o que o motiva a escrever um livro: *Terra de Sol* (1912). A historiadora Afonsina Moreira (2006) ressalta ainda que o espaço do Rio de Janeiro guardava as representações da política nacional, de instituições nacionais, da editoração e jornalismo, ou seja, por ser a capital federal as instituições presentes no Rio representavam o nacional e o brasileiro.

Foucault destaca que em um objeto não aguarda para ser descoberto, pois “ele não preexiste a si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 50), ele existe por um meio complexo de relações que se dão por intermédio de instituições, políticas econômicas e sociais, técnicas, entre outras. Apesar de não estarem presentes no objeto, são elas que permitem que este objeto se sobreponha e se mostre singular. O filósofo caracteriza essas relações como reflexivas ou secundárias. Surge daí um conceito de relação discursiva que consiste nessa noção quase como limite ao discurso (nem externa ou interna). Ou seja, oferecem ao discurso objetos de que podem falar ou ainda determina que relações o discurso pode usar para tratar de tal objeto. “Essas relações caracterizam [...] o próprio discurso como prática” (FOUCAULT, 2008, p. 51-52). O discurso não é livre, segue regras, principalmente se está vinculado a alguma instituição. O poder que ganha aquele que discursa, não o ganha por suas palavras, mas sim pela instituição que o precede. O autor acredita que a produção do discurso nas mais diversas sociedades seja “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 1996, p. 09). Apesar do discurso aparentar neutralidade e tranquilidade, as interdições que recaem sobre ele demonstram sua potencialidade de poder e desejo. O discurso para além de esconder, pode se tornar o desejo e não narra apenas aquilo que aconteceu, mas narra os seus porquês. A partir dessa noção é possível instigar ainda mais o discurso de Barroso para além do óbvio que nos traz, como o porquê de colocar o sertanejo em determinada posição, assim como o cangaceiro, qual a imagem que o cangaceiro traria para o homem sertanejo e mais ainda,

quais as permanências desse discurso que reverberam até o nosso tempo. Contudo, Foucault em outro texto destaca que apesar desse objeto do discurso se dar por meio de instituições que o legitimam, estar ligados a relações de poder não altera sua veracidade. A definição da palavra jogo pro autor remete a um atributo de regras de produção de tal verdade e esses jogos de verdade não são fixos, verdade esta que pode ser ou não construída (FOUCAULT, 2004), ou seja, mesmo que Barroso esteja baseado pelas instituições de saber e delas queira fazer parte, seu discurso é verídico para si e àqueles a quem esse discurso alcança. E para complementar, o historiador Albuquerque Júnior (2011) destaca que a linguagem constrói uma geografia, uma produção de sentido e sua distribuição, a espacialidade é construção dos mais variados discursos e práticas sociais, as linguagens, sejam elas quais forem, além de mostrarem uma realidade, criam-na.

Para corroborar essa veracidade, Barroso ao longo das fontes traz narrações provenientes do século XIX remetendo à memória dos escritores, e o intelectual coloca em sua obra suas próprias memórias de quando foi secretário do Interior e da Justiça no Ceará no governo de seu primo Liberato Barroso (1915)⁵⁸. Os testemunhos dão veracidade ao assunto tratado, o pertencimento torna o discurso crível.

Quando traz as notícias vinculadas na imprensa, acusa os jornalistas das grandes cidades por relatarem os personagens do sertão de outro ponto de vista que não seja o do próprio sertanejo, já que as ações estavam de acordo com os costumes daqueles homens. “Para elle (jornalista), o cangaceiro é um facínora, um bandido tôrpe. Assim o faz a mentalidade do littoral” (BARROSO, 1930, p. 91 – parênteses meu). O autor cearense defende que se deve compreender o sertão e olhá-lo com a visão do sertanejo. Entender que este vive ainda no século XVIII o qual as armas evoluíram, mas as almas não. Sendo assim, para Barroso, não há pessoa melhor para falar do sertão que aquele que lá viveu, que conhece os costumes e as tradições, aquele que conhece o verdadeiro sertanejo. A noção de região, espaço e tempo dão veracidade ao discurso. Noção essa partilhada por vários autores de origem nortista.

⁵⁸ Para além dessa escrita, Barroso se destaca na atuação como jornalista assumindo até mesmo a chefia de 1914 a 1919 da redação do Jornal do Comércio do Rio. Em 1914, Barroso retorna ao Ceará para assumir, no governo de seu primo Cel. Liberato Barroso, o cargo de Secretário do Interior e da Justiça, ingressa no Part. Rep. Federal e em 1915 é eleito Dep. Federal pelo Ceará e conclui o mandato em 1918. Ver mais em: MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de Doutorado. 2006; e DANTAS, Elynaldo Gonçalves. Os (In)Desejáveis: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920). Tese de Doutorado. UFC/Fortaleza. Programa de Pósgraduação em História Social, 2021.

Especialmente em relação a autores nortistas/nordestinos que fazem uso do pertencer para dar veracidade ao discurso, a dissertação de Olivia Morais de Medeiros Neta traz em análise autores que escrevem e ajudam a construir o espaço do Sertão do Seridó no Rio Grande do Norte, tais como: Manoel Dantas, José Augusto Bezerra de Medeiros, Juvenal Lamartine de Faria e Oswaldo Lamartine de Faria. A historiadora corrobora que a partir da construção do espaço na escrita, o autor que escreve sobre também constrói seu espaço de autoria, assim como o lugar também é construído a partir dos discursos e sua imagética criada por meio da escrita. Ao falar de intelectuais que ajudam a construir a imagem do Sertão do Seridó (RN) destaca que o desejo e o sentimento dos autores permitem que haja uma narrativa e construção do espaço do Seridó. Essa narrativa trazia o pertencimento como validação de veracidade, o pertencimento era usado como autoridade para falar de tal espaço, falar do problema do homem, do meio, da seca, assumindo para si o papel de defensores do espaço. Na escrita demarcam seu próprio espaço e do espaço daquele a quem esses estudam e ouvem. O autor não é um simples escritor, seu corpo e sua escrita são narrativas aos quais o autor carrega suas relações e se posta como autoridade também baseado em suas relações, que se fundamentam em uma sociedade, em regras e interlocuções já postas. Um discurso está sempre inserido numa sociedade, aquele que escreve é produto e produtor das problemáticas de seu tempo, não sendo o discurso único ou autônomo, é articulado com as relações de poder e instituições de saber compostas em seu tempo, havendo um querer em se mostrar como parte, como um de sua terra.

Concordo com a análise da autora e acredito que Barroso se encaixa nesse lugar de escritor/autor que constrói espaços físicos e o seu espaço como sujeito. Esses autores nortistas do final do século XIX e início do XX não apenas relatam o que veem como espaço, mas seu desejo, seus sentimentos de saudade, memória ou qualquer outro sentimento, ajudam a criar um espaço diferente ou complementar. O discurso é legitimado pelo seu pertencimento e pelo sentimento que dão veracidade ao que está sendo escrito, discurso que é produzido e produtor de regras, se insere no seu social, assim como insere no social que faz parte o assunto que traz em si.

Na análise da historiadora Moreira, esse recurso de escrita memorialística para se conceituar no mundo das letras, era algo característico dos contemporâneos de Barroso na 1ª metade do século XX. Esses homens de letras longe de suas cidades, visto que o Rio era o polo intelectual, é uma explicação para esses discursos de saudade e de cunho regional. Essa escrita retomava referências e ajudava nos processos de identificação. Mais

especificamente sobre a obra de Barroso a autora ainda ressalta que o intelectual foi um autor que deixou claro o desejo de sua longevidade e isso aconteceria não apenas pela aceitação de sua obra pelo público ou da editora, ou da época, mas sim do mérito em saber que ele expunha.

Os motivos e motes que impulsionaram Gustavo Barroso a escrever, podem ser compreendidos a partir de insatisfações e inquietações políticas, intelectuais, profissionais e pessoais. Essas memórias foram trincheiras diante das mudanças, transformações, ausências, saudades... Enfim, diante do esquecimento (MOREIRA, 2006, p. 74).

A aproximação com o povo para Barroso dava credibilidade ao que falava, mas esse falar sobre o povo a partir de uma aproximação o afastava desse povo por querer se mostrar erudito, a ideia de preservar as tradições e o passado coloca a persona do intelectual no centro de qualquer assunto discutido. “Eruditos autores indo ao encontro de populares autores” (MOREIRA, 2006, p. 153).

Para além do pertencimento, do sentimento, das instituições, da aproximação com o objeto do discurso, para Fernando Nicolazzi (2019) a legitimidade do discurso incide também no público que os recebe. A legitimidade historiográfica se encontra na escrita/leitura do discurso, na produção deste, em como esse discurso é difundido e como este é recebido pelos leitores. Não busco na dissertação fazer uma análise sobre as recepções das obras de Barroso, mas segundo Cerqueira e Moreira, é com a obra *Terra de Sol* que Barroso se consagra no mundo das letras no Rio, pois “a construção do Nordeste como lugar de saudade foi uma prática comum entre contemporâneos de Gustavo Barroso” (MOREIRA, 2006, p. 49). Marcando sua permanência no mundo literato com esta publicação “é fruto dos estímulos desse universo” (CERQUEIRA, 2011, p. 45). Na análise do discurso, Foucault (1996) ressalta que há limitações também para aquele que quer ter acesso ao discurso, ele não está disponível para todos. Mesmo afirmando, em muitos momentos das fontes, ser um depoimento e memórias, e os livros *Praias e Varzeas* e *Alma Sertaneja* serem elaborados em contos, Barroso constrói sua história do cangaço, do sertanejo e do espaço em si. Dessa forma, no intelectual a pesquisa atinge seu objetivo que para além de falar sobre o Norte é ingressar no círculo social e político para que pudesse, assim como em suas narrativas, escrever a história nacional que buscava, tal como foi em sua atuação no MHN exaltando uma história militar⁵⁹ e sua

⁵⁹ Para saber mais sobre a relação de Barroso com o militarismo e sua atuação no MHN, ver mais em: MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de Doutorado. 2006; CERQUEIRA, Erika Morais. O passado que não deve passar: história

eleição no IHGB pelo mesmo motivo⁶⁰. A recepção da obra é importante como aponta Nicolazzi, contudo, com base nas narrativas e nos estudos sobre as obras de Barroso, a publicação de seu primeiro livro *Terra de Sol* faz com que ganhe visibilidade para além do mundo literato, já sendo atuante na imprensa, alcance outros patamares públicos como a política e o mundo intelectual por meio de instituições. Seu público de recepção não era o popular do qual falava, pois se fosse, não estaria explicando a linguagem popular em nota de rodapé, mas era o mundo letrado sulista do qual fazia parte agora. Não apenas seu discurso sobre a construção do espaço e das pessoas do Norte-Nordeste o fazem alcançar grandes lugares de visibilidade, mas é o começo de sua jornada que ao longo de sua vida reafirma valores expostos nas narrativas trazidas como fonte⁶¹. A escrita em contos o aproxima daquele de quem fala, ganhando legitimidade para expô-los a quem deseja que seu discurso alcance.

Barroso se coloca no lugar do outro que fala do Nordeste, mesmo se reafirmando nortista e saudosista do seu tempo no Ceará. O autor fala de um Nordeste, de um Norte, de sertanejos para outros que não são os próprios sertanejos, constrói em sua escrita um tempo e um espaço para aqueles que leem, fala para seus leitores e sua rede de sociabilidade, fala para as instituições da qual participa, mostrando que aquele que mora lá (Norte) é diferente dos que moram aqui (Sul), pois quando fala do sertanejo, fala que são diferentes de “nós”, assim se incluindo onde está no momento de sua escrita: Rio de Janeiro, o centro político, econômico e social nacional. Barroso não é mais um de lá, mas agora um daqui, um sujeito civilizado, intelectual, erudito, político, protagonista, um homem branco mantenedor da ordem e do progresso, que procura dar soluções e buscar fundos como político (como já exposto brevemente anteriormente sua atividade como Deputado Federal em 1915)⁶² para fazer com que os sertanejos sejam civilizados e se

e historiografia em Gustavo Barroso. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP, Mariana, 2011; e RAMOS, F. R. L.; MAGALHÃES, A. M. A lição da pedra: usos do passado e cultura material. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 6, n. 13, p. 96–113, 2013.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Para saber mais da atuação de Barroso em outros meios ver: QUELUZ, Gilson Leandro., BABINSKI, Karla Souza. Gustavo Barroso: Eugenia e Nacionalismo autoritário. 2017; COUTINHO, David B. Memórias de um chefe da milícia verde: A trajetória de Gustavo Barroso e o integralismo. In: XX encontro Regional de História – ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, Anais eletrônicos, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338316605_ARQUIVO_MemoriadeGustavoBarroso-Completo2.pdf. Acesso em: 30/09/2021; e CALDEIRA NETO, Odilon. Gustavo barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e a escrita de si. *Cadernos do Tempo Presente*. UFS, n 14, p. 44-56, 2013.

⁶² Ver mais em: DANTAS, Elyaldo. DANTAS, Elyaldo Gonçalves. Os (In)Desejáveis: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920). Tese de Doutorado. UFC/Fortaleza. Programa de Pósgraduação em História Social, 2021. MOREIRA, Afonsina. MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. No

desenvolvam, visto que não conseguem fazer isso por si mesmos, devido a sua miscigenação, ao clima e a terra inadequada em que vivem. Ele, como intelectual e erudito, pode mostrar o caminho para as pessoas que não conseguem isso por si mesmas e mesmo que quisessem não conseguiriam devido as suas origens. A anarquia e desobediência seriam vencidas pelo rigor, pelas leis e pelo domínio com o uso da violência sempre que necessário, o que não havia problema, já que era para manutenção da ordem e formalização de uma nação. Não há como o sertanejo se aperfeiçoar porque lhe faltam incentivos, já que sozinhos estão fadados a não conseguirem.

Esse aspecto de iluminado e condutor não era exclusivo de Barroso, mas de seu círculo social e espacial. “Em suma, os intelectuais arrogavam-se o monopólio do saber legítimo necessário para atuar na esfera pública, em detrimento de outras categorias sociais” (BEIRED, 1999, p. 35). Era preciso conhecer o verdadeiro homem nacional, livre do estrangeiro e evocá-lo. No início da República⁶³, os intelectuais pegam para si a “função” de falar em nome da população ignorante e sem discernimento. “Sentindo-se consciência privilegiada do ‘nacional’, ele (intelectual) constantemente reivindicou para si o papel de guia, condutor e arauto” (VELLOSO, 1987, p. 01), já que eram os “iluminados” nacionais, os intelectuais deveriam educar o restante populacional com base na autoridade. O povo era desorganizado e conflituoso, o Estado então deveria ser o exemplo de ordem e progresso e reger a nação nesses moldes. Todas as soluções intelectuais, apesar de diferentes, convergiam a um mesmo ponto: “a solução autoritária e a desmobilização social” (VELLOSO, 1987, p. 03). Intelectuais do século XX atribuíam a si mesmos a missão de construção nacional e a sociedade via eles com esse dever. Vários foram os temas debatidos das mais diversas posições intelectuais. Mas, em um ponto eles

Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo: Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2006. CERQUEIRA, Erika. O passado que não deve passar: história e historiografia em Gustavo Barroso. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP, Mariana, 2011.

⁶³ O período da Primeira República visava um Brasil civilizado, junto a isso se encontravam os homens de letras, conhecidos como historiadores que investiam no conhecimento de um passado, um período que buscava responder as questões sobre a identidade do país e do povo. Os intelectuais assumem para si o papel de construir a identidade nacional, ou desvendá-la. Era preciso modernizar uma nação recém-saída do regime escravocrata e monárquico já que eram tidos como os causadores do atraso. Homens intelectuais que acreditavam na monarquia, muito deles. Entre finais do XIX e início do XX não há uma clara separação entre intelectuais e políticos, mas estavam criando autonomia. O intelectual é um agente político na cultura, está integrado às redes de sociabilidade diversas, com tradições diversas. Nesse debate científico, a história como disciplina e saber cresce, pois ela seria um índice de civilização e progresso. “História, ciência, modernidade e progresso eram termos correlatos de uma mesma equação, nas primeiras décadas do século XX” (GOMES, 2010, p. 12). Não apenas os historiadores ganham destaque, mas as instituições que os englobava como o IHGB. Ver mais em: GOMES, Angela de Castro. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: Alda Heizer e Antônio Augusto Passos Videira. (Org.). Ciência, civilização e República nos trópicos. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad, v. 1, p. 11-29, 2010.

convergiam, que o Brasil até o momento era uma sociedade sem povo e sem consciência, sem também elites que fossem competentes, assim surgem os homens portadores de saber que iluminariam os caminhos a serem traçados, não importando a definição desse saber. “O mundo dos intelectuais que viveram nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX sofre, neste sentido, um grande impacto que se reflete em suas vidas e, naturalmente, em suas concepções e manifestações” (GOMES, FERREIRA, 1989, p. 273). Narrar o passado, sua construção e sua divulgação diziam respeito também a posição de reconhecimento do intelectual e também político. Na república há uma nova forma de fazer história, diferente das do Império. Há uma nova politização do que deve ser narrado e como, há seleções de hierarquias e interpretações que devem ser adotadas⁶⁴. “Uma perspectiva que se afasta da interpretação sustentada por diversificada e ampla literatura, tanto da área da história e das ciências sociais, como da crítica literária e da história da educação” (GOMES, 2010, p. 14).

Por meio dessa exposição de construção do discurso de um sertanejo inerte e conformado ao mesmo tempo de um intelectual que tem autoridade para falar de seu objeto, pertencimento por meio do lugar e do sentimento, e legitimidade através de instituições, ambientes sociais e comunicativos, trago para reflexão a construção do cangaceiro e sua importância e representatividade no sertão de Barroso. Assim, o homem como sujeito ou não do discurso de Barroso é construído por ele e não algo que ele descobre, além de se construir como sujeito ativo perante aquele ao qual fala, por meio das suas relações, do lugar que veio e do lugar que ocupa. Foucault ainda ressalta que o sujeito que se posta como autoridade em qualquer assunto, só é possível devido a um jogo de relações, nas mais variadas formas de enunciar há a dispersão ao invés de uma função unificadora do sujeito “nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou rever quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos, de onde fala” (FOUCAULT, 2008, p. 61). O sujeito não existe por si mesmo, sendo uma construção das relações de poder ao qual pertence e na qual o inserem, por isso destaco com veemência que Barroso não apenas constrói o outro, mas também se constrói a partir do discurso. O visível da região e do homem regional é construído com ajuda do dizer.

⁶⁴ Construções intelectuais e historiográficas da realidade são intervencionistas no estabelecimento de políticas e culturas, que recaem sobre o comportamento do homem, independente de que posição esse homem assumia. Ver mais em: GOMES, Angela de Castro. Primeira República no Brasil: uma história da Historiografia. In: MOURÃO, Alda ; GOMES, Angela de Castro. (Org.). A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal. 1ed.Coimbra/Rio de Janeiro: Imprensa da Universidade de Coimbra/Editora FGV, 2014, v. 1, p. 55-94.2014.

“Falar e ver são formas diversas de dominar este objeto regional, que podem se dirigir ou não no mesmo sentido” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 59). O que orienta o ver e o dizer são as relações estratégicas de poder, segundo Albuquerque Júnior que se baseia em Foucault.

Para observar a construção do sujeito em relação ao cangaceiro, algo importante a ressaltar nas fontes é que na análise dessas há uma indução na escrita de passar o homem como propenso a violência, assim como o é ao ressentimento e melancolia. A violência está no homem sertanejo esperando apenas uma oportunidade para ser demonstrada, por meio da miscigenação, pelo meio e pelo social. Quando o homem sertanejo é violento, não é surpreendente, visto que matar é mais comum do que qualquer outro tipo de crime. Para observar sua construção de arquétipos do cangaço, deve-se compreender que esse cangaceiro ainda é um homem sertanejo, que na escrita, ainda carrega suas propensões. Contudo, o cangaço vai ganhando forma autônoma durante as obras, se separando das causas iniciais que prendem seu surgimento, fazendo com que o cangaceiro seja passado como alguém consciente, livre e resistente, mas não como o sertanejo que resiste ao meio e as intempéries, mas sim, resistente frente ao outro.

Heróis e Bandidos faz uma crítica mais fervorosa ao banditismo e ao cangaço. Em *Terra de Sol* as definições expostas por Barroso ao cangaceiro são quase sempre voltadas ao caráter da miscigenação, já em *Heróis e Bandidos* há para além da miscigenação, acusações no âmbito social e sobre a falta da presença do estado na vida dessa população. Barroso afirma, compactuando com estudos de Stendhal, que quem olha para os crimes sem reflexão alguma se sente apavorado, mas que ao entender suas ancestralidades, o meio em que vivem, as situações e influências que sofre, o bandido é digno de admiração. Eles têm uma energia potencial que acaba refletindo no crime apenas por não poderem ser usadas em outros meios, já que vivem numa terra abandonada. “Heróis e bandidos, certos de que muita vez são mais bandidos que heróis, porém quase sempre mais heróis que bandidos.” (BARROSO, 1931, p. 97). Os sertanejos por si só não sabem onde empregar sua força e acabam se voltando ao crime devido a sua raça, mestiçagem e meio em que vivem.

Barroso termina sua primeira parte do livro demonstrando admiração pelos sertanejos cangaceiros. Admite que eles têm uma força e energia que se destaca, mas como não têm auxílio, acabam se convertendo ao crime, não sendo culpa do sertanejo ser criminoso, a sociedade sertaneja não se desenvolve devido a sua ancestralidade e o meio ao qual vivem, precisam de ajuda externa para conseguirem alcançar o progresso e a

civilização que vem do litoral, além de precisarem de ordenamento social (BARROSO, 1931, p. 96-97). Suas autoridades não são respeitadas porque provém também do sertão, ou seja, são homens incapazes de transcender as suas taras étnicas e acabam se convertendo também ao crime. O homem faz aquilo que pode com os meios que tem, se vinga e defende sua honra frente a falta de justiça e instrução. Para Barroso, a sociedade está presa nos tempos coloniais e age como tal, precisando de alguém de fora que os leve ao progresso, a ordem e a civilização, para que possam empregar a sua energia em algo útil para a sociedade, ou seja, trabalhar, gerar retorno econômico e contribuir como sociedade organizada ao progresso nacional. Mesmo que o sertanejo vivesse pacificamente, em seu interior, Barroso defende que todas as “taras” devido a sua miscigenação apenas esperavam o momento oportuno para se virarem ao crime, apenas esperando agir “impulsivamente, pela força dos desequilíbrios herdados” (BARROSO, 1931, p. 215). Assim na narrativa de Barroso todo homem sertanejo estava propenso a se tornar criminoso.

O intelectual dedica a segunda parte da obra toda aos cangaceiros, traz histórias e nomes pessoais, dá rosto, sentimento, corpo e características próprias a um grupo de 20 pessoas, entre eles famílias cangaceiras e indivíduos, tornando-os arquétipos desse tipo de banditismo. Apesar de ter trazido personagens famosos em *Terra de Sol* como Jesuíno Brilhante e Antonio Silvino, nessa obra Barroso explica a aparição do cangaço, como integraram, seu modo de agir, muitas vezes tentando achar explicações para suas atitudes e acusações do porque agem de determinada forma. Acusações essas que recaem em sua maioria a sua ancestralidade, a fatos de injustiça, a vingança e ao meio, poucos seriam aqueles que entrariam para essa vida de livre e espontânea vontade, mas na verdade, seriam condicionados a agir de determinada forma. “Póde-se dizer que todo o sertanejo é capaz dos crimes de morte, si os exigirem as condições da ocasião” (BARROSO, 1931, p. 93).

Contudo, o cangaceiro em *Heróis e Bandidos* ganha corpo e voz, ganha ambições e desejos, como Antonio Silvino que adora brilhantes e se enfeitar “tinha dois fracos, duas manias pelas quaes era capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias” (BARROSO, 1931, p. 248). Esse homem sertanejo que vem a se tornar cangaceiro ganha na narrativa a liberdade de seguir seu caminho e de deflagrar vingança contra aquele ou aqueles que atentaram contra sua honra, ou contra a honra dos seus; ganha a característica de resistir contra injustiças que acredita sofrer, saindo da inércia e do conformismo; é aquele que burla as regras sociais impostas na tentativa de fazer o seu caminho, seja fugindo, seja

perseguindo, matando ou fazendo alianças para se proteger. Acredito que a partir dessa obra, onde será melhor desenvolvida em *Almas de Lama e de Aço*, a noção do cangaceiro como sujeito vai se construindo. O cangaceiro vai se tornando aquele que primeiro cederia as “taras” da miscigenação “a cangaceiragem não é mais do que um bruxoliar do espírito bellicoso, manifestando-se em gente muito baixa pelo cruzamento e pelas táras.” (BARROSO, 1913, p. 152)⁶⁵, já que suas atitudes vão contra a ordem desejada, mas também é aquele que resiste perante o outro, defendendo a sua liberdade de ser o que quer, seja considerado por Barroso um Herói ou um Bandido. Essa liberdade e o poder da escolha não estão explícitas nas fontes de Barroso, para deixar bem explicado, contudo, a partir da bibliografia e teoria lidas, consigo entender e observar que essas características começam a aparecer na narrativa, mesmo que envoltas pelas teorias deterministas. “Mais commumente, porém, chega a ter voz ativa e exercer pressão. Velho costume dos cangaceiros” (BARROSO, 1931, p. 77).

Como alternativa a situação que coloca como insustentável, em *Almas de Lama e de Aço*, Barroso defende que a polícia do sertão deveria ser os próprios sertanejos, vestidos a sua maneira, montados e armados. Destaco aqui uma comparação interessante de ser realizada, visto que no livro *Heróis e Bandidos*, o autor expressa diversas vezes que as autoridades não têm credibilidade justamente por virem do mesmo lugar que os cangaceiros, ou seja, do sertão, os quais estes não conseguiam suprimir sua ancestralidade que, por causa da miscigenação, tinham tendência a aceitar a violência e agir por ela. “Quando o governo aproveita os jagunços para quaisquer fins ou com elles transigem, fica pessima a impressão entre o povo sertanejo, que toma esse modo de agir como prova de fraqueza, o que contribue ainda mais para o desprestígio das autoridades” (BARROSO, 1931, p. 74). Mas, um pouco mais a frente no livro *Almas de Lama e de Aço*, Barroso afirma que nesse sertão “do criminoso à autoridade e desta àquele a distância é nenhuma” (BARROSO, 1930, p. 78), ou seja, a autoridade e o bandido carregavam a mesma índole, onde o sertão faz intrigas e os causadores disso seriam o meio e a raça.

Para Barroso o cangaceiro não se torna cangaceiro por liberdade de escolha, mas a partir do momento que integra algum bando ou assume essa vida, tem em suas mãos a vida que o cearense intitula como “desregrada”, ou seja, longe da justiça, do conformismo, do estado, de suas leis e da ordem. Na escrita, o homem se torna cangaceiro por meio de alguma fatalidade, seja a miscigenação, o meio ou a injustiça, mas a partir

⁶⁵ Citação já usada no capítulo 2 – página 108.

do momento que se assume cangaceiro veste outra realidade e desta vez ativa. Como exemplo do tornar-se cangaceiro, em *Heróis e Bandidos* o autor fala dos **Cunhas e Patacas – primeira metade do século XIX**, onde os Cunha eram uma família próspera do sertão do Ceará, eram valentes e generosos, mas a aspereza do meio físico, sua ancestralidade, os momentos que passavam e seu meio social os influenciaram a seguir no caminho do cangaço. “O sertão não lhes consentiu viver em paz.” (BARROSO, 1931, p. 103). Outro exemplo é quando fala sobre **O Cabeleira e o Cundurú – século XVIII e XIX respectivamente**, os quais eram considerados como animais, que gostam da violência sem motivo aparente e andam pelo mato, seriam agressivos, não se defendiam ou se vingavam, matavam por diversão (BARROSO, 1931, p. 147).

Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito* questiona que ao remeter que alguém fala a um outro alguém, coloca-se a questão do sujeito, pois ao evocar a atividade da palavra se evoca na sentença o sujeito que a fala e que faz a ação, assim sendo, Barroso que fala ao outro coloca no seu discurso a noção de sujeito, assumindo esse papel do pronunciar. Na fala é possível observar o sujeito da ação e os elementos de que usa para efetuar a ação (FOUCAULT, 2006, p. 55-82). Da mesma forma, Barroso coloca a fala no cangaceiro, diferente do sertanejo, coloca no cangaceiro a vontade de matar, a vontade de se vingar ou simplesmente a vontade de seguir livre, mas coloca a ação de tomar uma atitude. É sujeito aquele que se serve, que se relaciona com o outro, que toma atitudes e ações, deve estar atento a si mesmo. Sujeito “de ações, de comportamentos, de relações, de atitudes” (FOUCAULT, 2006, p. 72).

Gustavo Barroso carrega a noção de certo e errado, herói e bandido, para além da terceira fonte analisada. Na obra de 1930, Barroso quer transformar a imagem do cangaço, não o pondo mais como novidade ou engenhoso, mas sim, um sertanejo revoltado com a situação de sua gente e da sua terra. Gustavo Barroso coloca uma consciência social nos integrantes do grupo do cangaço, como se fossem revoltosos populares que reivindicassem algo coletivo, completamente diferente das outras obras que mesmo que houvesse referência a Antônio Silvino e Jesuíno Brilhante que são tomados como exemplos do que é ser cangaço e até mesmo uma essência de Robin Hood, principalmente referente ao último, há sempre a acusação de outros cangaceiros conhecidos que são facínoras e gostam da ação de matar, e roubar sem reivindicar nada ou usar da vingança como escudo⁶⁶.

⁶⁶ Noção retirada do autor Frederico Pernambucano de Mello.

Nessa última obra, os bandidos para Barroso, tentavam fazer com as próprias mãos a justiça que lhes era negada pela ausência do governo e autoridade. “De mim sei que, na maioria dos casos, prefiro os cangaceiros sem farda aos cangaceiros de farda. Aquelles são muitas vezes almas de aço. Estes raramente não são almas somente de lama” (BARROSO, 1930, p. 69)⁶⁷. E ainda, “todo cangaceiro começa por ser um revoltoso e acaba sendo bandido” (BARROSO, 1930, p. 96)⁶⁸, e Barroso se questiona por que não aproveitar da força deste antes que se revolte. A partir dessa noção de se aproveitar da força do corpo, em uma narrativa que visava uma união nacional e tirar os sertanejos da época colonial, que Barroso acredita que ainda estariam, é uma discussão que permeia também ao controle desses corpos demonstrado no capítulo 2. Contudo, trago algumas considerações importantes, que acredito caber melhor neste capítulo por demonstrar ainda mais a ação de Barroso como sujeito perante esse outro do qual fala.

A partir do século XVII a relação com o corpo se modifica, de acordo com Foucault (1999) há a inserção de novas técnicas frente ao cuidado com o corpo. Em relação ao controle, o corpo é trabalhado de forma detalhada sofrendo coerção constante, seus movimentos, atitudes e rapidez eram controlados; há também o controle econômico, onde é observado e requerido a eficácia do corpo, visando a força. É um controle que realiza ação coercitiva mais sobre os processos do fazer do que propriamente seu resultado, nascente de uma arte do corpo humano que ao mesmo tempo que quer aumentar suas habilidades quer tornar esse corpo mais dócil. Há a construção de uma política de coerção que se torna um trabalho sobre o corpo, há também o nascimento de uma mecânica do poder onde é possível criar possibilidades de controle sobre o corpo do outro, não simplesmente para dominar, mas sim para fazer com que o outro corpo opere como se quer, seguindo as técnicas, a rapidez e a eficácia que buscam aqueles que controlam. A disciplina aumenta a força do corpo na noção econômica e diminui essas forças para haver a docilidade (FOUCAULT, 1999, p. 137-142).

Dessa forma, com base em tudo o que foi apresentado até o momento referente ao controle dos corpos, as políticas de solução e a posição de intelectual assumida por Barroso em sua narrativa, podemos entender que o cearense visava um retorno financeiro viável para esses corpos e para o investimento que se queria fazer a eles. Parte de políticas voltadas ao trabalho e ocupação dessa gente, não visando uma melhoria de vida e dignidade, porque a pobreza e humildade eram muito exaltadas, ou seja, essas políticas

⁶⁷ Citação já usada no capítulo 2 – página 137.

⁶⁸ Ibid., p. 127.

não visavam o luxo e o conforto da população, mas visava coloca-los em ordem, e na ordem específica esperada para o início da República no século XX. Os intelectuais, de acordo com o estudo de Oliveira, Franzini e Gontijo, tinham o objetivo de intervir nos destinos da nação e a política nacional serve como parâmetro às questões coletivas. “Acima de tudo, o uso da ideia de formação favoreceria as narrativas descritivas, sintéticas e, às vezes, normativas, que, supostamente, se direcionaram a um leitor ávido por explicações e prognósticos, senão certezas” (OLIVEIRA, FRANZINI e GONTIJO, 2018, p. 18).

Barroso acusa que os responsáveis pela nação são mais bandidos que os cangaceiros, pois estão convictos da impunidade. Frente a essa impunidade, o intelectual defende que o passo do criminoso para se juntar ao cangaço se dá, primeiramente, em nome da dignidade tão cara ao sertanejo: vai em busca da justiça que não encontra no governo. “Cada qual, para não ficar deshonrado, tem de fazê-la por suas próprias mãos” (BARROSO, 1930, p. 97)⁶⁹. Há uma construção de homogeneização da sociedade, não há referência a individualidade de cada ser, ou até mesmo de desacordos entre grupos da população. Toda a população é posta como propensa à violência, da autoridade ao bandido, que antes de se tornar bandido era um sertanejo “comum”. A violência é remetida a figura do homem valente, corajoso e destemido e o historiador Albuquerque Júnior destaca que a masculinidade como tantos outros é apenas mais um aspecto dessa construção identitária, contudo, se mostra fundamental nessa construção homogênea do nordestino. O homem nordestino como um produto histórico e não seu agente, não sendo analisado como participante de evento, mas um gênero. “Homens sem identidade, mas tão fundamentais na criação de uma identidade para o nordestino” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 205), homens não considerados sujeitos e que ajudam a formar um. Nessa construção do homem, no campo nordestino, onde o ser homem é muito dito, especificado e evidenciado, há várias maneiras de se viver homem, suas práticas são diversas e exercem, em seus cotidianos, as resistências e diferenças, contudo, para Barroso aquele que merece ser registrado é o violento, o resistente, que não demonstra emoções porque não as tem, ou não as reconhece, tem em si a força do sol e da terra sertaneja, chega a não reconhecer as cores devido a sua ignorância herdada e imposta pela falta de políticas públicas, já que “As faculdades espirituais do sertanejo são incompletas e rudimentarias. É a dolorosa verdade.” (BARROSO, 1931, p. 40). Outra maneira de ser

⁶⁹ Ibid., p. 131.

homem em Barroso é aquele que assume em si a vida de violência, desregrada e criminosa. Este homem ganha nome, referência e biografia, ganha voz e ação, se torna um sujeito ativo e é defendido e acusado por Barroso ao mesmo tempo, é tido como efeito dos problemas e não causa da desordem, mas que ajuda a promovê-la. É aquele que assume em si as forças herdadas dos sertanistas que desbravaram a caatinga e o meio áspero, que luta pelos seus ideais e valores, mesmo que para isso tenha que passar por cima do outro, visto que “No sertão, quem se não vinga está moralmente morto.” (BARROSO, 1931, p. 59). Os cangaceiros são “Heroes e bandidos, certos de que muita vez são mais bandidos que heróis, porém quasi sempre mais heróis que bandidos.” (BARROSO, 1931, p. 97).

Defende ainda que era assim que a população contemporânea no espaço e tempo do cangaço o viam, já que era um de lá e tinha autoridade de pertencimento para trazer essa informação, sem qualquer fonte ou referência, ajudando também a construir a imagem do sertanejo que não era cangaceiro, e que era conivente com o movimento e com o que faziam. Remeto aqui a uma parte interessante da fonte que já foi utilizada no capítulo 2 dessa dissertação, mas que cabe para mostrar a afirmação que trago. Para esse sertanejo, o cangaceiro é herói, primeiro pela sua valentia e as mortes que carrega; segundo é um criminoso que merece simpatia por se revoltar contra o governo, já que este deixa no abandono os habitantes do sertão, vindo até eles apenas na forma de imposto e da polícia. Pois, para Barroso, a relação do sertanejo com o governo seria a ação de pagar os impostos e não receber retorno em forma de melhores condições, é votar em quem obrigam. Lampião surge como um revoltoso contra o governo, “como symbolo triunphante da revolta popular” (BARROSO, 1930, p. 92)⁷⁰.

Em uma construção homogênea da sociedade, ao mesmo tempo que enaltece o sertanejo cangaceiro por ser “revoltoso”, encobre e desmerece qualquer outra forma de resistência oriunda da população sertaneja, seja do cotidiano do homem a revoltas populares reais como é o caso da Balaiada retratada na fonte *Heróis e Bandidos*, onde seus líderes seriam apenas “expoentes da ignorância e atraso do meio” (BARROSO, 1931, p. 41) e brutais. O sertanejo é enaltificado enquanto mantenedor de tradições e cultura brasileira, uma cultura que seria pobre, melancólica, do macho, humilde, católica e com costumes europeus (por meio das trovas e romances medievais), não o suficiente para serem exaltados como donos de si e responsáveis pelo seu próprio movimento histórico;

⁷⁰ Ibid., p. 127.

os revoltosos populares que não pregam os valores sertanejos, patriarcais e escravistas de mando do homem, são tidos como ignorantes não sabendo reconhecer o moderno, o progresso e o civilizado quando este aparece. Contudo, essa característica de encobrimento mais uma vez não é única de Barroso, mas sim de seu meio intelectual. No caso da Primeira República foi ignorada ou silenciada várias mobilizações de atores coletivos, vários grupos silenciados que reivindicavam ações junto as autoridades políticas. Esses apagamentos fazem com que se desenvolva um imaginário que o povo brasileiro não teria capacidade de atuação coletiva, não sendo afeita ao modelo liberal-democrático e ainda insolidária. Essa política, além de tudo, estaria fraudada, sendo assim desprezível (GOMES, ABREU, 2009).

Barroso não apenas constrói uma consciência social no sertanejo cangaceiro, mas também na população sertaneja em geral, contudo, uma coisa contínua na obra *Almas de Lama e de Aço* é que a população sertaneja ainda precisaria de algum líder que lutasse por eles. Em todo o momento esse líder é o intelectual, mas principalmente na obra de 1930, essa posição é assumida pelo cangaceiro. O sertanejo ainda é estático, mas o sertanejo cangaceiro não. Este último olha o seu todo, o seu coletivo e é lhe posto o papel de lutar por algo maior, pelos seus, para além de sua própria ambição e desonras pessoais. O cangaceiro também não tem o livre-arbítrio para entrar no movimento, é a somatória e efeito dos fatores. Com o andamento das obras o cangaceiro vai se tornando para além de simples efeito dos malefícios do lugar e clima, para um alguém consciente. O cangaceiro sai da linha do flagelo e da morte certa, para uma vida de liberdade e vingança, que mesmo sendo posto como um dever de se vingar e não uma escolha, escolhem se manter nessa vida “desregrada”. O que compreendo é que mesmo, no início das obras, ser algo forçado e sem escolha do sertanejo se tornar bandido, ele sai do ciclo vicioso de se tornar vaqueiro mandado por alguém ou migrante pobre em busca de melhores condições. O cangaceiro já em *Terra de Sol* ganha nome, desejos e ações, ganha referência.

O cangaço e o messianismo acusados por outras partes do país de terem sido possíveis porque vieram de uma sub-raça ou por serem os nordestinos inferiores, são temas pegos posteriormente pelo regionalismo que mantem a mesma narrativa de Barroso, o qual transformam os bandidos em audazes rebeldes contra a ordem e disciplina impostos, revivendo o tempo das entradas e bandeiras no território brasileiro, o agir do cangaceiro viria da memória das bandeiras que teriam sido extremamente truculentas. “Este (nordestino) ainda visto, muitas vezes, como uma raça inferior foram, em grande parte, intelectuais nordestinos, membros de suas elites, que o construíram assim”

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 164 – parênteses meu). Não só essa ideia da narrativa de Barroso é encontrada posteriormente no discurso regionalista, mas também a noção de que eventos como cangaço, segundo Albuquerque Júnior só floresceram pela psicologia de um povo rural que não tinha incentivo de se civilizar e nem meios para isso devido a ausência de governo para que desse meio aos homens de vencerem as dificuldades. Os intelectuais regionalistas nunca se colocavam ao lado dos governantes que tanto criticavam, mas sim do lado do povo pobre. Barroso como sujeito a partir de sua narrativa, faz com que suas ideias que não são exclusivas de si, mas fazem parte de seu meio social, sejam difundidas e permeadas por tantos outros intelectuais.

A partir dessa análise para observar como Barroso faz do cangaceiro um sujeito em sua escrita, segundo Foucault, o sujeito deve ver-se a si mesmo e compreender-se em sua realidade, identificar a verdade de seu ser e também “o efeito deste saber sobre o sujeito está assegurado pelo fato de que nele o sujeito não apenas descobre sua liberdade, mas encontra em sua liberdade um modo de ser que é o da felicidade e de toda a perfeição de que ele é capaz.” (FOUCAULT, 2006, p. 373). Como demonstrado, Barroso enxerga no cangaceiro, principalmente em *Almas de Lama e de Aço*, que este tem em si uma consciência de si e coletiva, onde assume um lugar de líder revoltoso que luta por uma justiça, por políticas públicas e tudo o que Barroso assume faltar no espaço do qual fala. O cangaceiro em Barroso se torna um exemplo, um arquétipo, do que os sertanejos podem se tornar devido a constante invisibilidade em que vivem seja pelo estado, pela justiça, pela miscigenação ou pelo espaço inabitável. O cangaceiro é o sertanejo ativo, cansado das faltas e pronto a lutar em liberdade e resistir. Mesmo nas outras obras, é possível perceber que o que consiste o cangaço é a liberdade, é não seguir as regras socialmente impostas e não seguir um caminho destinado. Em outros momentos de outras obras o cangaceiro escolheria a si mesmo e seus desejos perante a própria família, como demonstra em *Praias e Varzeas* no conto “O filho de Gurari”:

Criara-o desde quatro meses de nascido [...] educara-o nos rudes misteres da vida da fazenda e da vida do cangaço. [...] Não era seu filho, infelizmente; no entanto, era o filho do homem que mais odiara e cujo corpo palitara com a ponta da faca. [...] Ah! Ele tomasse cuidado, se um dia o menino soubesse da sua origem e da morte dos pais. Então mata-lo-ia, embora fosse ele o seu pai de criação. [...] (BARROSO, 1979, p. 55-59).

Com esse conto, Barroso demonstra o cangaceiro assumindo seus medos, seus receios, mas a sua coragem pra fazer o que for preciso pra defender seus interesses, sendo

assim, tem consciência do que quer, não agindo apenas para sobreviver ou resistir ao meio como é o caso do homem sertanejo “comum”.

Sujeito para Foucault (2006), é aquele que está inscrito nos jogos de verdade, nas relações de poder. Jogos e relações que dependem de instituições que fabricam seus discursos, partindo do discurso proposto por essas relações é possível identificar a quem é caracterizado como algo ou não. Assim compreendo que a noção de sujeito não há uma definição simples e coesa, mas a partir de Foucault o sujeito se forma a partir de relações de poder, aquele que está sujeito a algo, mas ao mesmo tempo, essas relações de poder influem em certa liberdade de resistência, mesmo que pouca, pois senão haverá apenas dominação.

Os discursos são construídos a partir das relações de poder e para haver relação de poder deve existir liberdade. O discurso ajuda a construir os sujeitos e em Barroso, no seu discurso, ele se constrói como sujeito assumindo uma relação de poder que constrói ao reconhecer-se em uma posição de intelectual e civilizado frente ao sertanejo que, a partir desse mesmo discurso que transforma Barroso em sujeito, é posto como dominado, pois não assume qualquer conhecimento de si mesmo, não fala, não resiste e não é posto como alguém que tem liberdade para agir como quer, por não conhecer nem o que quer. Ao mesmo tempo nesse discurso, o cangaceiro surge com essa liberdade de resistir, mesmo que posto agir, inicialmente, de tal modo pela dominação externa a si mesmo. Na relação de poder existente no discurso de Barroso entre o intelectual e o outro, onde um dita como o outro deve ser governado respectivamente, é possível identificar esse outro como atuante dessa relação de poder sendo o sertanejo cangaceiro que vai contra as teorias deterministas de seguir um caminho óbvio de sofrimento, flagelo e decadência, visto que para haver uma relação de poder é preciso haver a liberdade ou o mínimo de resistência. O sertanejo que não se torna cangaceiro não é posto como aquele conhecedor de si, de suas vontades, que segue seus desejos e paixões ou que tem a ambição de resistir ao tempo e ao espaço, sendo levado pela dominação de seu externo e de seus ancestrais. O sertanejo “comum” é tido como alguém não protagonista, que não sabe viver por não conhecer a si mesmo, o outro, e as formas que seriam passíveis de melhorar de vida, é preciso que o outro (intelectual) o guie, sem qualquer observação de liberdade, resistência ou possível ação sobre si.

Essa relação do indivíduo com o outro na instância de poder se cria sob o modo de ação de um em relação ao outro, segundo Foucault (1993). O poder só existe na relação com o outro e não se mede pelo consenso, mesmo que tenha podido surgir a partir de um

acordo. “De fato, aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta ou imediatamente sobre os outros, mas que age sob sua própria ação.” (FOUCAULT, 1993, p. 243) O outro que recebe a força da relação de poder é o sujeito contínuo da ação, o poder se faz um conjunto de ações frente a ações possíveis, operando a possibilidade dentre os sujeitos ativos. Apesar do sertanejo receber essa força do poder, é dominado. Gustavo Barroso não demonstra a voz desse sertanejo, sua resistência frente a essa relação que o quer forçar a se civilizar, a “evoluir” conforme os intelectuais acreditavam ser necessários, ou seja, ao sertanejo não é dado, por meio da escrita, a liberdade de viver conforme acredita ser bom, a liberdade de crer em suas tradições e religião, de ter ações que quer. As ações postas ao sertanejo são todas influídas pelo mundo externo e ancestral, não vindo de si mesmo a vontade e o livre-arbítrio para ser ativo. Esse papel de sujeito ativo liberto, resistente e “desregrado” nas palavras de Barroso é dado ao sertanejo que adere ao cangaço. O cangaceiro tem em si a liberdade de resistir ao destino, as ordens, a justiça, ao meio, criando um caminho diverso com mortes, honras e roubos.

“O exercício poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade”, dessa forma, o poder vem de uma ordem de governo, ou seja, é designar como os grupos devem agir, governar as pessoas, em um geral, em seus modos de agir. “Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros”. Nessa noção de relação de poder como governar o outro e as ações de uns com os outros, incide um termo importante que é a liberdade. Esse poder só se exerceria sob sujeitos livres, e nas palavras de Foucault sujeitos são aqueles que “individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1993, p. 244). A liberdade é uma condição para que o poder exista e se exerça. No centro dessa relação de poder há a resistência do querer e a intolerância/inflexibilidade da liberdade. Essa relação de poder é definida como um combate, mas que exerce relação recíproca de existência.

Tanto os discursos, como os objetos e os sujeitos, no pensamento de Foucault, constroem-se a partir de relações de poder. Pensando inicialmente no sujeito, encontramos sua formação baseada em discursos que são fruto destas relações (de poder) que emanam de diversas instâncias diferentes e produzem discursos atuantes na construção deste sujeito que terá uma denominação, classificação, papel ou posição dentro desses discursos. Porém, esta via de constituição de poderes e discursos não é de mão única e está repleta de polos de micropoderes

e, conseqüentemente, também produtores de discursos (SILVA, MACHADO JÚNIOR, 2016, p. 205).

Pode-se concluir sobre a relação de poder proposta por Foucault que ela se exerce sobre a propensão de um sobre a ação e possibilidade do outro. E apenas por meio dessas relações de poder há a existência do sujeito que depende da liberdade para fazer parte dessas relações. A relação de poder existe a partir de insubmissões e da liberdade que reluta a essa relação, não podendo haver qualquer relação de poder sem lutas (FOUCAULT, 2006). A sujeição do outro muda conforme o discurso e a verdade do tempo, o sujeito para Foucault se forma por meio da sujeição e subjetivação, e interage com essas relações de poder revelando submissão e resistência. Pois, mesmo na relação de poder entre Barroso e o cangaceiro há a submissão deste último ao primeiro, visto as diversas formas de soluções postas por Barroso ao cangaceiro, visando sua extinção e sua adequação a ordem que defende.

Há a permanência da visão de que sofrer engrandece o homem, mais do que o trabalho seja ele físico (principalmente) ou intelectual, a noção de sofrimento, de guerrear contra o perigo para viver exalta o indivíduo tornando-o sujeito, protagonista, resistente, dono de sua fala e articulador entre os outros, o fazem digno de qualquer benefício que receba, de forma meritocrática. Esse sofredor que ganha destaque e é defendido muitas vezes na narrativa de Barroso é o cangaceiro, pois devido as injustiças com seus familiares ou consigo mesmo este não vê outra alternativa a não ser assumir uma vida criminosa para defender seus valores. Assim, aquele que sofre, recebe, ou tem o direito de pegar a força. A narrativa nos traz a percepção de uma visão de que só merece o reconhecimento aquele que passa pelas provações da vida, de Deus, que prova aos olhos do terreno e do submundo que lutou seu bom combate afim de ser merecedor da admiração, das conquistas da vida e das cicatrizes que expõe orgulhosamente para os que ouvem suas aventuras. A ideia de ter que sofrer para conseguir conquistar o que quer que almeja em sua vida, o homem por muito se orgulha e escolhe os caminhos mais difíceis para se sentir merecedor frente aos outros, tal qual uma provação, de que fez jus ao que tem. É preciso provar para seu círculo social, tanto público como privado, que você é testemunha do que diz, do que defende, seja porque você mesmo passou ou seus antepassados passaram por você, é a aprovação do seu social para você ser validado como homem, como sujeito, como uma “mulher guerreira”. Essa defesa que encontramos nos intelectuais do século XX sobre a natureza e o verdadeiro nacional, os valores morais e éticos colocados no cangaço, para além de buscarem por lhes encaixar uma definição, tentam explicá-los para

os outros, esperam a validação do outro sobre seus esforços, sobre seus valores, sobre ter agido e estar agindo em sua época de forma correta, de forma que era visto como correta em seu tempo. Validação do outro sobre si, como intelectual e validação do outro sobre o objeto de seu estudo. Há uma busca pela justificativa de ser merecedor, de ser lembrado, reconhecido, honrado pelo seu círculo social, seja ele público, privado ou ambos. O sujeito se constrói baseado em seu reconhecimento pelo outro, pelo que dizem sobre esta pessoa, sobre as qualidades ou defeitos adjetivados a ele por outrem. O sujeito é lembrado e digno de ser posto como arquétipo (no caso de Barroso em seu livro *Heróis e Bandidos*) quando este é reconhecido por tantos de seu círculo e muitas vezes até de forma nacional. Dessa forma, entendo que, até hoje, o homem é tido e até mesmo se considere como sujeito de sua história, como uma pessoa que faz a diferença, de acordo com a intervenção que tem sobre os assuntos de seu círculo social, assim como nas pessoas que o envolvem, no trabalho que faz e não por si mesmo. O sujeito por ele mesmo só existe quando reconhecido por outro.

A partir da exposição dessa construção de Barroso do cangaço como sujeito ativo de fala de seu tempo e espaço, diferente do sertanejo que estava em estado de dependência com seu meio, com sua miscigenação e com seu outro, busco agora identificar como, ainda na narrativa de Barroso com auxílio da bibliografia mais atual, o cangaço e o homem sertanejo são vistos com ajuda de discursos feitos no século passado que ainda insistem em ser reforçados.

3.2 – Criação de imagens e permanências

Barroso cria a imagem de pessoas a partir das teorias deterministas da miscigenação e do território, não dando a elas, em sua narrativa, qualquer perspectiva de melhora. Não há como o sertanejo querer mudar de vida, pois não conhece outra forma de viver, não tem qualquer ambição mesmo que for rico. O sertanejo na escrita é impedido e fadado a não ter qualquer propensão social, econômica, não reconhece os próprios desejos, vontades e a si mesmo. A narrativa de Barroso nos mostra pessoas aleatórias a si mesmas, sentindo apenas dor e sofrimento, sem ter ao menos conhecimento de que podem fazer algo para mudar sua realidade. Entende-se a partir das obras destacadas que o próprio sertanejo se faz inerte, sem liberdade de querer outros campos, sem resistir ao que lhe desagrada, apenas aceita o que vem, como parte fixa da natureza que sobrevive as intempéries ou cede a elas.

A lucta contra a sêcca inexorável é que lhe dá essa terrível e reflectida tenacidade. Tem uma calma e uma serenidade admiráveis. Não o perturba a maior desgraça, não o apavora a maior catástrophe. Para todas as agruras, para todas as infelicidades, para todos os venenosos espinhos da vida, tem um sorriso calmo, instinctivo, que é mais um esgar do que um sorriso, que é quasi sinistro por ser verdadeiro [...] E' tão grande a sua resignação que já descamba para o fatalismo. Mostra a mais impassível indifferença pelas infelicidades [...] Nunca se queixa. Jámais se lamenta. Narra todas as vicissitudes de uma sêcca, contando do que os outros soffrêram sem falar de si [...]. Não cura os gados doentes de uma peste qualquer, não os isola, não réga suas plantações quando a chuva falta. Se a varíola ou qualquer outra epidemia grassa pela ribeira, entra sem mêdo o humbral dos pestosos, trata-os, cuida delles sem temor. 'Ha de ser o que Deus quizer' [...] Simples, modesto, quasi sem ambições, olha com desprezo e sem curiosidade para tudo que não se relacione directamente com o seu meio [...] Ademais é rotineiro e não gosta de innovações. (BARROSO, 1913, p. 171-174).

Acredito que esse longo excerto com parte de 4 páginas da obra *Terra de Sol*, permite que seja observado como Barroso enxerga o sertanejo, pois demonstra apenas relatar o que vê, trazendo ao outro uma imagem do que acredita real. O sertanejo tem sentimentos “primitivos”, o orgulho e a valentia se sobrepõem a qualquer coisa, não se resigna com nada, não age para ter uma vida confortável, isso lhes é negado. Discurso este ainda proveniente nos dias de hoje e encontrados no autor Frederico Pernambucano de Mello que ressalta que no sertão, se não proviesse de fazendeiros, o menino sertanejo tinha apenas duas opções: ser bandido ou ser policial. Para Albuquerque Júnior, o habitante regionalista que seria criado na década de 1930 estaria entregue e preso ao passado tradicional, rural ou até mesmo escravista. Acredito que Barroso ajuda construir esse discurso do homem preso ao tradicional e rural, assim como escravista com seu conto “Os noruegueses de Sabiaguaba”⁷¹ na fonte *Alma Sertaneja*.

Em *Heróis e Bandidos* há críticas sobre o meio social para além do físico que limitaria o homem, por exemplo, pela falta de transporte Barroso acredita que o sertanejo supre a si mesmo, produzindo tudo que precisa, já que a vida triste e resistente não lhe permite ambições e querer mais do que pode ter. A falta de trocas de conhecimento, comércio e espiritualidade entre um povo e outro também fazem com que o sertanejo permaneça com instinto “bárbaro” (BARROSO, 1931, p. 31-32). As relações que a sociedade sertaneja tinha entre si, com seus comércios, sua população e produtividade

⁷¹ Exposto página 46-47 dessa dissertação.

não eram satisfatórias. A falta que o autor aponta de conhecimento, comércio e espiritualidade não é porque não existia nos sertões nortistas, hoje nordestinos, mas não tinha o conhecimento, o comércio e a espiritualidade que o autor considera como certa, boa e progressista, as trocas sociais e econômicas dos grandes centros urbanos. Essas trocas existentes, mas não consideradas pelo autor, eram justamente o que fazia com que a sociedade fosse por ele lembrada e defendida como o verdadeiro nacional, longe dos estrangeiros, mantenedora dos costumes e tradições que muito vinha da religião cristã, das superstições e lendas, visto que Barroso também é reconhecido por ser um grande folclorista⁷². Contudo, esses costumes e tradições tinham muito da etnia negra e indígena, então o que deveria ser resguardado e mantido eram as lembranças e relíquias do branco colonizador, resistente, que avança no interior matando tudo o que vê pela frente: dos animais selvagens aos indígenas habitantes. O progresso e desenvolvimento é defendido para superar determinadas características dessa população e como não conseguiam superar o que Barroso achava que deveria ser superado por si mesmo, precisavam da intervenção do outro civilizado para que conseguissem se desenvolver no tempo, já que eram considerados atrasados e viventes ainda no tempo colonial.

A arte popular já foi comentada na obra de Barroso no capítulo anterior dessa dissertação, contudo, a menção ao popular não é uma característica apenas de Barroso, mas, segundo a historiadora Moreira, nas primeiras décadas do século XX, o sentimento de buscar pelo verdadeiro nacional rondava a elite intelectual e letrada, onde o foco foi a arte popular e suas tradições. “O popular foi direcionado ao puro e essencial” (MOREIRA, 2006, p. 107). Enquanto a cidade foi o centro de mudança, o sertão era a tradição. O discurso nacional se constrói por meio de intelectuais que unem experiências fragmentadas. “O popular foi tido como colunas da nacionalidade, nessa perspectiva, suas práticas foram tidas como merecedoras de registro” (MOREIRA, 2006, p. 169), pois o sentimento de preservação era comum na contemporaneidade de Barroso.

Segundo o historiador Elynaldo Dantas, o sertão de Barroso é um paradoxo que guarda em si um espaço que se encerra em si mesmo, ou seja, ao mesmo tempo que é um espaço que guarda as tradições e o ser nacional e deve ser preservado, é também um espaço de bárbaros e barbáries que devem ser superados, se o meio se altera, então os homens se alteram. Barroso escreve sobre o sertão morando no Rio, a capital que mudava

⁷² Ver mais em: MOREIRA, Afonsina. Capítulo II de sua tese de doutorado: Saudades do povo. In: No norte da saudade: Esquecimento e memória em Gustavo barroso. Tese de doutorado, PUC/São Paulo: Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2006.

rapidamente com a velocidade do capitalismo e da modernidade. A partir de seu lugar social, quando escrevia sobre o sertão cearense via a imobilidade e inflexibilidade daquela terra, “Sertão, lugar da tradição, congelado no tempo, que só vive estando morto em sua capacidade de mudança, de multiplicidade, de devir” (DANTAS, 2021, p. 139). Barroso faz seu sertão conforme queria sua nação brasileira. O verdadeiro sertanejo, aquele que não tem seu sangue misturado com o do negro ou indígena, era o verdadeiro modelo de progresso: “o progresso da adaptação ao meio natural, progresso esse que guarda as tradições de um tempo-espaço-corpo quase imóvel” (DANTAS, 2021, p. 224). O meio foi responsável por moldar o verdadeiro homem. Quando o homem, por meio do tempo, conseguisse expurgar o sangue indígena e negro de seus descendentes, o espaço-tempo que se seguiria seria o ideal.

Essa é a imagem que Barroso consegue construir do sertanejo para o outro, assumindo a autoridade de pertencimento: alguém que precisa dos recursos de fora, vive isoladamente e não consegue transcender nem a ancestralidade, nem os próprios obstáculos, vai sobrevivendo conforme dá. O sertanejo não tem culpa nem de se tornar bandido, nem de não fazer nada de diferente, pois tudo partiria do seu externo, da sua volta e como o meio já era ruim, não havia como esperar nada dessa população. Não há qualquer indício de protagonismo na vida pacata do homem do sertão, pois mesmo aquele que se torna bandido, o faz por interferências externas a ele. O sertanejo não tem vontade própria, mas instinto, já que não haveria nada que o impulsionasse a ter. É tachado como bicho que vive por instinto e o instinto sertanejo é a sobrevivência. A história de vida é algo dado já pré-determinado, onde há “uma restrição de espaço para a ação do indivíduo”. As decisões tomadas não têm relevância frente a uma história coletiva (nação) da qual faz parte (CERQUEIRA, 2011, p. 102).

Em *Alma Sertaneja* há a criação da imagem do sertanejo migrante, o qual a imagem dos retirantes na capital é retratada onde as redes em que as pessoas dormiam eram precárias e sujas, o cozimento dos alimentos era improvisado e as posses das pessoas ficavam acumuladas no pé das árvores. Homens e mulheres eram miseráveis, com aparência cadavérica e vestidos de forma precária, crianças magras e sem ter o que vestir. Não havia música ou festa dentre aquelas pessoas infelizes (BARROSO, 1923, p. 111-9). Mas, para além de vítimas das intempéries, os retirantes acabaram sendo vítimas também de doenças contagiosas. Neste momento, Barroso ajuda a construir uma imagem tão famosa e ainda mantida sobre os sertões nordestinos secos e que matam. A humanidade é retirada, o desejo do homem e da mulher é apenas sobreviver e quando conseguem

sobreviver, porque muitos morrem no meio do caminho, a situação é precária, como a alma dessas pessoas. Imagem esta que o historiador Frederico Neves também fala sobre, o qual, o retirante vai em busca de novas redes de apadrinhamento, de trabalho, aparece sujo, faminto, doente e viciado em esmolos. “A seca apresenta à opinião pública em formação uma metade bizarra e tosca do país” (NEVES, F., 2012, p. 15).

Barroso, diferente e semelhante com Euclides da Cunha, seguindo uma análise de Fernando Nicolazzi (2010), mesmo demonstrando encantamento pela cultura que presencia com seus costumes, superstições e cantos, não demonstra querer sair da sua posição de civilizado e cientificista. Diferente de Euclides da Cunha que frisa o distanciamento e o exotismo, o intelectual cearense utiliza do popular para reafirmar seu pertencimento e proximidade, mas, ao mesmo tempo, consegue evidenciar a distância entre eles. Barroso se aproxima na empatia para com o povo sertanejo migrante, aquele que resolve ficar e até mesmo com o cangaceiro, porque todos carregam valores exaltados pelo intelectual, mas que este último consegue impor esses valores de forma diferente, age de forma diversa, ocupa lugares de renome e que legitimam sua fala e posição. Barroso é um sertanejo que valoriza os costumes e tradições do colonizador branco, que acredita ter proximidade dos quais fala, assim como tem proximidade com quem fala. E por assim ser, mostra ao outro por meio do seu discurso que constrói a si mesmo como um de “lá”, que o sertanejo tem salvação se encaminhado nos desígnios da civilização e progresso conservador.

Referente a sua construção do cangaço, no final da obra *Heróis e Bandidos*, Barroso afirma que aquele que olha o cangaço deve compreender suas ancestralidades, o meio em que vivem, as situações e interferências que sofre, o bandido então seria digno de admiração. Eles têm uma energia potencial que acaba refletindo no crime apenas por não poderem ser usadas em outros meios, já que vivem numa terra abandonada. Ou seja, o cangaceiro é passado também como uma vítima dos sertões, que deveria ser admirado por sair da inércia e conformismo (BARROSO, 1931, p. 97). Mesmo que vá para um caminho do crime, já que não há outro caminho a seguir, ele vai para algum lugar, age.

Inicialmente os autores que mais escrevem sobre o cangaço são autores da própria região do movimento e contemporâneos a ele, de acordo com os estudos de Wiesebron, tal que Barroso, e incidem na mesma ideia de culpar o externo⁷³. Como eram

⁷³ **Xavier de Oliveira** – Dedicar atenção às causas do banditismo no Norte: “o analfabetismo, a falta de justiça, o desemprego, o salário baixo, a politicagem” (ver página). Comenta algumas personalidades de beatos, mas foca especialmente nos cangaceiros. **Manoel Candido de Pernambuco** – é referenciado a

contemporâneos no espaço e no tempo, esses autores acabavam por ter contato com muitas personalidades que acabam descrevendo. Mesmo estando “lá” ainda havia muita pouca informação sobre o assunto, mas a história popular e oral era vasta, por isso muitos cordéis, testemunhas, poesias são incorporadas na obra.

Ao falar de um episódio de luta e morte no sertão entre famílias no século XIX, no livro *Almas de Lama e de Aço*, o autor indaga se o sertão teria mudado e logo ele mesmo responde que não. No Nordeste ainda se continuaria morrendo e matando da mesma forma cruel, pelos mesmos motivos (BARROSO, 1930, p. 53). Assim, culpa o governo, novamente, pela falta de estrutura e põe o sertanejo como uma força intrínseca que é rude e bárbara, então deve ser direcionada da melhor forma possível por outrem civilizado. Visto que o sertanejo por carregar essa força, viver em um meio inóspito e ser fruto da miscigenação não teria como por si mesmo “evoluir”. Essa crença de Barroso que o sertão seria o mesmo durante anos é corroborada por Frederico Pernambucano de Mello onde o autor acredita que até no século XXI, mesmo que mais amena, essa cultura violenta em defesa da honra ainda persiste em sobreviver. Violência esta que remete a uma “nobreza viril” (MELLO, 2013, p. 106), presente no homem da região e mais especificamente também no sertanejo, a violência não é desonra. O patrimônio do Nordeste seria um povo forte. Desse modo, discursos feitos mais recentemente ainda neste século ou no final do século passado, ainda reverberam uma imagem estagnada e violenta do que é ser sertanejo. Uma conclusão ainda determinista já que o meio não mudou, o homem não mudou também, continuaria o mesmo, mesmo que de forma mais controlada, já que a civilização e o progresso alcançaram essas terras.

Ao analisar a vida de um cangaceiro, Barroso antes de mais nada, observa sua ancestralidade. Isso acontece quando fala novamente sobre Antonio Silvino, como já havia feito em outras obras já analisadas. Ao observar a ascendência do pai e da mãe de Silvino, que tinham famosos bandidos na família, não lhe surpreende o destino que o filho tenha tomado, visto que já estaria em seu sangue a vontade da vida desregrada. Caso o

partir de sua obra *Factores do Cangaço de 1910 a 1930*, se desdobrando sobre os fatos e razões que pudessem levar os cangaceiros mais ilustres, como Lampião e Antonio Silvino a entrarem para essa vida sempre culpando a justiça e a incompetência policial. Ao falar de pe. Cícero não ameniza críticas, aponta-o como um homem culto, inteligente e produtor dos maiores fanatismos entre a população, se aproveitando de sua “imunidade” se torna o comandante do maior exército de “impunes”. “Para Candido, o governo ruim resume todas as razões de existência de cangaço” (ver página). **Graciliano Ramos** – diferencia os tipos de cangaceiros abordando Antonio Silvino como não sendo covarde e não cometendo violência gratuita contrário de Lampião que era tido como cruel e indisciplinado. Ver mais em: WIESEBRON, Marianne L. *Historiografia do Cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional e internacional*. Revista Ciência e Trópico (revista eletrônica). v. 24, n. 2, p. 417- 444, 1996.

meio não despertasse o instinto criminoso, os sertanejos poderiam viver de forma pacífica. “Porém quasi nunca a vida do sertão permite isso” (BARROSO, 1930, p. 77).

Barroso constrói a imagem de pessoas fortes que sem auxílio adequado não sabem por consciência própria escolher o caminho que considera certo. O intelectual faz do homem cangaceiro uma vítima do meio por agir conforme age, mas seus valores e honra devem ser preservados, características de discursos comuns a sua época e posteriormente do regionalismo, onde o historiador Albuquerque Júnior ressalta que à região faltava aquele modelo de homem viril que seria capaz de manter a preponderância da economia e política da região frente ao país. “Por isso, o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, o nordestino vai ser definido como o macho por excelência, capaz de <revirilizar> uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

A resistência no macho na masculinidade, na rusticidade e tradição, ainda na análise do historiador, era a defesa do poder na região Norte, agora Nordeste, que decaía desde o final do século XIX. Era sua imponência diante do resto da nação, como mantenedora do patriarcalismo e dos valores que formam o verdadeiro nacional, proveniente das lutas contra os indígenas, animais e natureza. Mesmo que o nordestino seja caracterizado por diversas formas, algumas se sobressaem como: rural, avesso ao modernismo e a mudanças, representante de um mundo patriarcal quando não até mesmo da escravidão, é um tipo masculino, viril. O nordestino antes de ser considerado homem era visto como macho, ou seja, um antagonismo a mulher. Nasce no seio familiar, onde a autoridade vinha do homem, do pai. “O nordestino é uma figura, um corpo construído por discursos em que a fala encarna o falo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 222).

Barroso em *Almas de Lama e de Aço* escreve sobre a fama de Lampião⁷⁴ já reconhecido de forma nacional e se reconhecido nacionalmente o é também no regional. As cantigas, as trovas, o repente e os cordéis já tinham os cangaceiros como temas reverberando sua maestria com a violência e a coragem. O historiador Marcos Clemente destaca que entre 1920/30 Lampião aparece com suas façanhas nos jornais do Sul e centraliza uma “profusão de imagem sobre o Norte-Nordeste” (CLEMENTE, 2013, p. 103), visto que era raríssimo o Norte ter espaço nos jornais do Sul. As práticas do dizer acerca do cangaço mostra como o próprio sertão era visto na época. Quase no começo da

⁷⁴ Exposto página 126 dessa dissertação.

década de 1930 Lampião era notório, músicas e notícias já circundavam com seu nome e suas experiências eram conhecidas.

Sobre a imprensa que foi e é grande disseminadora de conteúdo, imagens e criações de diversos objetos no imaginário popular, um momento da obra *Almas de Lama e de Aço* que referenciei na subseção anterior quando Barroso fala da imprensa acredito ser importante lembrar rapidamente que Barroso acusa os jornalistas das grandes cidades por relatarem os personagens do sertão de outro ponto de vista que não seja o do próprio sertanejo, já que as ações estavam de acordo com os costumes daqueles homens. “Para elle (jornalista), o cangaceiro é um facínora, um bandido tôrpe. Assim o faz a mentalidade do littoral” (BARROSO, 1930, p. 91 – parênteses meu)⁷⁵. Trouxe novamente este momento já evidenciado anteriormente, pois Durval Muniz de Albuquerque Júnior destaca que a imprensa retira o cangaceiro do lugar de justo e aceito para o colocar em um lugar onde esse heroísmo, violência e valentia não tem discurso muito bem definido. Essa mudança é vista como o fim de uma era gloriosa pelos tradicionalistas. O urbano olha o cangaceiro, assim como outras regiões, como um embate entre litoral civilizado x sertão primitivo. É visto como animal com desejos mais obscuros possíveis, onde gosta de praticar a violência gratuita. Esse cangaço não tem qualquer ligação de efeito e causa com o meio social, diminuindo assim a solidariedade do povo para com essa gente. Assim “o cangaceiro vai marcar o Nordeste e o nordestino com o estereótipo da ‘macheza’, da violência, da valentia, ‘do instinto animal’, do assassino em potencial” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 143-144). O cangaceiro estigma o homem pobre rural nordestino, principalmente se migra ao Sul. Um bárbaro, primitivo, pronto a rebelar o animalesco que carrega. “O Nordeste seria a terra do sangue, das arbitrariedades, região da morte gratuita, o reino da bala, do Parabelum e da faca peixeira” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 144). Ou seja, Barroso acusa os jornalistas de não referenciarem o sertão como ele o é, ou o que Barroso acredita como real, o seu real. Um sertão dominado por líderes revoltosos que participam do movimento do cangaço, que visa a melhoria da população. Mas ao contrário, o que é passado na imprensa é o cangaço como criminoso, uma forma de banditismo que assola os sertões agora já nordestinos, não fazendo com que a região se desenvolva.

Ainda sobre a imprensa da época, o historiador Pedro Lotti Dias afirma que a região já recebia destaque, principalmente pelos jagunços e cangaceiros que saiam

⁷⁵ Citação já utilizada, página 158 dessa dissertação.

impunes das agressões. “O cangaço associado com a impunidade perdurou nos jornais por toda primeira metade do século XX” (DIAS, 2019, p. 231). No Rio de Janeiro todo conflito entre civis e autoridades na década de 30 trazia o cangaço como foco da matéria. Escritos intelectuais postos em jornais de autores como Graciliano Ramos e Rubens Braga exaltam que em todo homem havia de ter a força e coragem sertaneja para se rebelar, onde em cada pessoa rica haveria de ter um Lampião. Os jornais eram uma mistura do que os próprios cangaceiros achavam de si, Lampião sabia que seu nome era um dos mais lidos quando aparecia nas manchetes de jornal e permitia fotos de seu grupo. Contudo, diferente da abordagem do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Dias destaca que os jornais não conseguiam caracterizar Lampião apenas como um simples bandido, pois carregaria virtudes que a sociedade prezava como honroso, amor pelo povo e o amor que o povo demonstrava por ele. Na década de 30, alguns cangaceiros do bando de Lampião deixavam ser fotografados, o que incendiava o imaginário popular. O historiador Clemente ressalta que a fotografia é vestígio de uma realidade que se perde, que carrega também os pontos destacados que o fotógrafo quis destacar, ou seja, não é um vestígio imparcial⁷⁶.

Com essas afirmações o cangaço é visto como um movimento popular que lutava por algo, pelos interesses do povo, contra o “mal” que vinha de cima, o cangaço seria a voz do povo que quer uma vida melhor, que luta pela volta do mando nas mãos do macho, porque nessa época as coisas funcionavam, segundo vários escritores contemporâneos ao movimento no início do século XX. Ainda hoje fotos, memoriais, vídeos e até mesmo museus afloram esse sentimento do cangaço como único e pertencente a dada região, é tido um certo orgulho por onde o bando de Lampião havia passado e por onde havia atuado. O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior traz uma reflexão importante sobre a noção de guardar essas memórias com tanto orgulho, ele destaca que comemorar, memorar são ações que tomam um sentido quase de obrigatoriedade, uma evocação de memória de pessoas, atos e fatos memoráveis que não deveriam ser esquecidos. A comemoração está vinculada a elaboração e produção de memória e aos seus usos

⁷⁶ A disposição das cabeças põe Lampião embaixo de todos, no centro e solitário, enquanto os outros seguem com três ou quatro em cada fileira. Mostra-se um chefe que não é mais chefe, agora sozinho, retirando de seu lado Maria Bonita, aquela que o acompanharia em tudo. Os objetos dos cangaceiros são expostos sem que se identifique a quem pertencem, ou seja, é o material do movimento em si, uma representação arquetipo (CLEMENTE, 2007). Ver mais em: CLEMENTE, Marcos Araújo. Cangaço e cangaceiros: Histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. *Fênix - Revista De História E Estudos Culturais*, p. 1-18, 2007.

políticos, sociais e culturais. Esse ato de comemorar é favorável na formação de versões daquilo a que se comemora e de sua proliferação (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019).

O cangaço é memorado e comemorado por diversas frentes também nas redes sociais, por pessoas que se vestem a caráter e interpretam, com eventos sobre celebração de mortes de cangaceiros, sobre exposições virtuais e físicas, além de várias entrevistas com cangaceiros ainda vivos⁷⁷. A memória do cangaço é constituinte do Nordeste em si, mas não o define, o movimento é tido, em sua maioria, pelas entrevistas que vi e pelas exposições divulgadas, com um caráter de formação da honradez, da coragem e valentia do homem sertanejo que sobrevive frente ao outro que quer impor sua vontade e seu modo de ser, o cangaço é lembrado pela sua iniciativa em enfrentar a caatinga inabitada, as volantes e o outro de fora. As dificuldades das populações sertanejas contemporâneas ao cangaço e que conviviam com o movimento são lembradas, mas o foco desses eventos e comemorações é o protagonismo do sertanejo cangaceiro e sua coragem perante qualquer perigo, revivendo os valores de valentia e inconsequentemente a violência que deveriam carregar para enfrentar seus inimigos, sejam eles pessoas ou não. A lembrança que fica é que o cangaceiro é o ancestral do sertanejo hoje, que carregaria a mesma força para sobreviver caso fosse preciso. Vários trabalhos querem “elucidar” o que realmente foi o cangaço, sabendo que isso é impossível, pois o passado parte de representações daquele que o escreveu e esse passado passa por novas representações daquele que o lê, o que fica é que o cangaço hoje é tido como turismo, uma memória de morte (que apesar de não ser corroborada está presente), lembrada com festa e forró, nos bares, nos museus e interpretações autônomas. Essas comemorações não buscam incentivar ou lembrar com orgulho o banditismo, as mortes, os roubos, os estupros e o terror, mas o cangaço implica não apenas a coragem de enfrentar a caatinga, mas um todo. Dessa forma, uma interpretação interessante feita por Vagner Filho é que há uma busca por um passado em que as pessoas não conseguem absorvê-lo, ou seja, ao mesmo tempo que rememoram um passado, o negam. Com essa efervescência da memória⁷⁸ há uma fragmentação da

⁷⁷ Cariri Cangaço: <http://cariricangaco.blogspot.com/> e Museu do Cangaço – PE: <https://museudocangaco.com.br/>.

⁷⁸ Momentos que contribuem para a expansão da memória, segundo o autor: 1 – descentralização das representações e ações da memória, ou seja, a transmissão de memórias não está mais restrita a determinadas instituições; 2 – “o direito à memória, o desejo de tradição e a política de identidade” (p. slide 04), esse direito a memória relacionado a uma política identitária faz com que grupos marginalizados se movam contra a rejeição de suas memórias em fatos históricos, que se relaciona a um desejo de tradição em relação a luta pelo poder; 3 – expansão do suporte da memória, da comunicação e de sua divulgação. Quanto maior a tecnologia da informação, maior foi a produção de memória realizada por sua facilidade em registro, produção e difusão de conhecimento; 4 – público interessado, aumento de capital intelectual e consumo de cultura. O aumento demográfico proporciona um aumento tanto de instituições que produzem

aparente homogeneidade, visto que vários grupos não se identificavam com a história passada (RAMOS FILHO, 2017). Há uma revisitação aos fatos que redefinem temporalidades, assim, o cangaço rememorado não é o cangaço da morte e do terror, mas o do macho pronto a defender os seus e sobrevivente, sem luxo, sem conforto, aquele que vive, alguns acreditando que por um objetivo coletivo, outros acreditando apenas pela satisfação individual, mas que vive. Contudo, acredito caber um questionamento: é possível haver uma separação entre esses cangaços? Eu acredito que não. Mesmo buscando em Frederico Pernambucano de Mello que defende vários tipos de cangaço, ao qual eu concordo, em todos eles há a morte, em alguns os roubos e em todos, novamente, a aspiração individual.

Vagner Ramos Filho sobre a comemoração do cangaço no Nordeste, reflete que o cangaço, entra na discussão com a grande participação de instituições que rememoram seus tempos, aumentando essa presença no popular, utilizando o cangaço para novos debates, aberturas de entidades e até mesmo como ponto turístico. “Nesse processo, a memória do cangaço consegue se consolidar no cenário público principalmente por conta das apropriações realizadas na dimensão das políticas culturais” (RAMOS FILHO, 2017, p. 09). O historiador comenta que há até uma disputa entre as cidades interioranas nordestinas em relação a memória do cangaço, onde filtram as imagens negativas fortalecendo tradições que geram identificação para o florescimento do turismo. Há uma tentativa de alcançar importância de posição entre as cidades. “Assim, podemos sinalizar que Lampião é marca que, simultaneamente, identifica, ressignifica e vende o Nordeste” (RAMOS FILHO, 2017, p. 10). Há uma mobilização quanto a ressignificação do cangaço por parte dos nordestinos que questionam estigmas, silêncios e exclusões que consideram historicamente impostos na história do cangaço redefinindo o movimento na tradição do país e da região. Não negando que esta é uma memória conflituosa que fez suas vítimas que negam a glorificação do movimento. Não são memórias homogêneas, como mostrado anteriormente. Retomando Frederico Pernambucano de Mello, o historiador defende que a imagem que temos do cangaço é a do seu auge, na década de 20 do século XX, com bandos chegando a quase 150 homens, de armas grandes, de ataques ostensivos contra

memória quanto de seu consumo, relacionado também a sua forma de espetáculo; 5 – o dever de lembrar, o dever com os erros do passado. Cria-se um compromisso com o passado a fim de repará-lo ou extrair dos eventos lições. Ver mais em: RAMOS FILHO, Vagner S. “Lampião: nem bandido, nem herói, ele é história”? – Contradições do cangaço como patrimônio cultural nordestino. III seminário de História do tempo presente. Florianópolis SC: UDESC, 16 f. 2017.

idades inteiras, das matérias jornalísticas, do financeiro, das músicas e da abrangência dos estados. Contudo, o cangaço assim como as memórias não é homogêneo, um exemplo é que quando homens entravam na vida do cangaço apenas por vingança não se tornavam célebres e tinham seu tempo de luta consideravelmente reduzido em comparação a outros que ingressavam na vida. “O escasso período de atividade devia-se ao fato de que, realizada a vingança ou constatada a impossibilidade de levá-la a efeito, tornavam à vida normal, até porque a amargura daquele dia a dia áspero e não desejado bem lhes releva a inadaptação às exigências do cangaço” (MELLO, 2013, p. 116). Há homens que entram para a vida do cangaço pelo gosto da vida e depois assumem uma vingança e o contrário. Dessa forma, aqueles que são lembrados são os reconhecidos, os célebres e são justamente esses que assumem o cangaço como meio de vida.

Para além de compreender se o cangaço foi ou não representante de uma parcela regional, é interessante observar as práticas discursivas e não discursivas que se fez com o movimento depois de seu fim. Transformado naquilo que o historiador Albuquerque Júnior afirma constantemente em sua obra *Invenção do falo*, o cangaço como essência nordestina, é mais um atributo para colocar no tipo regional do Nordeste, que mesmo que nem todo homem fosse cangaceiro, bastava uma centelha para o inflar. Barroso deixa isso muito claro em seus textos, reafirmando a aspereza da vida nordestina como causa do cangaço e também para sua ascendência degenerada, ou seja, não importa o indivíduo, estaria à ele intrínseco a violência, a força do macho (até mesmo nas mulheres), a desobediência e a força de sobrevivência. O cangaço se torna mais um tipificador nordestino, mas uma de suas características para designar esse cangaceiro, se torna exemplo do que o nordestino é capaz de fazer para defender sua gente, sua região, seus interesses, tipificação muito reafirmada pelos próprios nordestinos a partir de espetáculos de teatro, cultura, música, museus, fotografias e exposições que demarcam por onde o cangaço agiu, quantos matou e quantos anos sobreviveu. Cangaceiros que ganham nomes e apelidos, ganham origem que são exaltadas por alguns. O nordestino é construído, por diversos discursos, pela força da violência, do tradicionalismo, da aspereza, do rudimentar. O cangaço seria apenas a afloração desse sentimento, mas essas características estariam tais como essência da personalidade e do ser nordestino, quem não agia dessa forma, quem não honrasse e lutasse pelo seu (tudo que sentia como propriedade: família, mulher, terra, animais) era tido como menos, como fraco, como afeminado, características intrínsecas a cidade e a modernidade, já que Barroso, como tantos intelectuais de seu meio, reafirmava um sertão estático e rural.

Considerações finais

As fontes analisadas e a dissertação visam entender como Barroso coloca o sertanejo e posteriormente o cangaceiro como sujeitos ou não de sua escrita, podendo entender como Barroso constrói a si mesmo. Contudo, seus ideais não acabam e se fixam ao seu objeto de estudo e sim, os acompanha em toda sua trajetória de vida. Gustavo Barroso se constrói e é construído pelos seus pares como intelectual e homem político. É sujeito ativo, protagonista na sua fala, nos seus conhecimentos, no seu pertencimento, na sua consciência e valores militares, tradicionais, rurais, popular, branco e homem. Assume um papel de acusador, de solucionador de problemas, aquele que tem o conhecimento e a ação para levar o outro no caminho certo, ou seja, no caminho do desenvolvimento, da liberdade e da educação nos moldes dos valores que carrega. Liberdade para aqueles que conhecem a si mesmo, que sabem seguir o caminho do progresso conservador, tradicional e hierárquico onde cada qual ocupa seu lugar. A mulher seguindo o caminho que deve seguir de servir ao homem ao seu desejo, de ser mãe e mantenedora da casa, do homem de ser trabalhador braçal, rústico, corajoso e macho. Mas, enquanto não souber o caminho e o lugar a servir, deve ser governado por aquele que saiba, que controle esses corpos para que sustentem seu papel perante a sociedade e assim gerem retorno econômico e exemplar de valores do que é ser nacional.

O sertanejo “comum”, trabalhador, vaqueiro não tem ambições além da sobrevivência, é ignorante no conhecimento e no sentimento, não fala o que incomoda e não age para mudar sua situação. Quando migra ora é tido como desertor, ora como vítima mais uma vez do meio inóspito, não sendo delegado a ele a vontade, o querer e o simples desejo de sair. Suas ações são impostas pelo outro, pelo externo e pelo passado, segue os que vieram antes e ensina os que vieram depois para sobreviverem e não a ambicionar. Diferente seria o cangaceiro que, mesmo sendo a ele imposto essa vida de crime e, não merecendo ser julgado apenas pelo que faz, mas julgar o que o levou a isso, tem a liberdade. Não a liberdade que leva ao desenvolvimento requerido por Barroso, mas a liberdade de sair de um destino imposto pelo outro, pelo externo e pelo passado, segue uma vida desregrada. O cangaceiro é um sertanejo, carrega todos os valores e “defeitos” dele, mas não segue o mesmo caminho, não abaixa a cabeça para um destino pré-disposto ao sertanejo pelo outro, resiste perante o meio, as “taras” e a injustiça que acredita sofrer. O cangaceiro é um dos arquétipos de homem nortista/nordestino em Barroso, aquele que carrega os valores aos quais Barroso exalta e tem a valentia, a coragem, a violência de ditar como querem que as coisas sejam e sejam do seu jeito, impondo-se pelo medo, pela

violência e fazendo sua própria ordem. O cangaceiro gera respeito e obediência entre os seus, impõe medo nas autoridades que estão lá para eliminá-lo e sobrevive a qualquer obstáculo. É um exemplo da força do homem nortista/nordestino que agora impõe a sua visualização, não aceitando mais ser calado. O cangaceiro é sujeito, pois fala e age, e Barroso coloca nele a consciência de saber o que quer e fazer qualquer coisa para alcançá-lo, mesmo que com opiniões divergentes de agir em prol do coletivo ou de si mesmo, o que cabe é que age.

Não apenas o controle dos corpos é visto nas fontes, mas também dos espaços. Dessa forma, tentei demonstrar por meio da dissertação, inicialmente, qual a importância dos espaços no começo da República, visto a necessidade de implementação do novo regime e a criação de um território único e unido, sertão como espaço imaginado como vazio e distante teve um foco especial dos intelectuais. A questão da história nacional como apresentada no capítulo 1 foi importante para demonstrar a importância do espaço dos sertões nas obras de Barroso, qual o interesse do autor em controlar esse espaço e seus habitantes. A busca por uma história nacional e sua legitimação de discurso, assim como sua legitimação como autor, por meio dos discursos que produz, indica que apesar de trazer suas memórias e contos populares querendo mostrar a proximidade e o pertencimento com o lugar do qual fala, também mostra que este era um assunto pertinente ao seu círculo social e aos seus contemporâneos tanto nortistas como os do Rio de Janeiro. O controle do espaço dos sertões era uma temática das primeiras décadas da República e não apenas de Barroso, contudo, ele contribui com seu discurso para mostrar como controlar e porque deveria ser controlado não apenas o espaço, mas também seus habitantes. Essa história nacional baseada nas instituições de saber, carregava seus ideais de progresso, de moderno e de ser civilizado, pessoas e espaços que não cabiam nessas determinações deveriam ser superados.

O Brasil teria sua área civilizada nos litorais, de acordo com Maria Elisa Mäder (2008), ocupado por elites cultas e letradas cultivando a ordem, enquanto sua singularidade, o sertão, se constituía como sinônimo de violência e atraso, vazia de ordem. A população que vive nesses sertões não é considerada cidadã ou formada por homens livres, viviam à margem das regras do Estado, vivendo as próprias leis com sua própria organização. No Brasil o representador de toda essa civilidade seria o Rio de Janeiro, centro intelectual, político e das luzes, por isso, seus interesses deveriam ser representativos dos interesses do Império. Esse atraso é visto em Barroso quando determina o espaço da atuação do cangaço nos livros *Terra de Sol* e *Heróis e Bandidos*,

onde considera a zona meridional do Ceará, o Cariri, que envolve também os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí e Pernambuco como zona do Cangaço, por ser afastado dos centros civilizacionais, dos comércios e sem policiamento. A zona do cangaço iria da chapada do Araripe no Ceará, passando pelo Rio Grande do Norte nas cidades de São Miguel à Pau dos Ferros, pela Paraíba se estende até Souza, Cajazeiras, Piancó e Pombal, indo para Pernambuco, Alagoas e Sergipe (BARROSO, 1913), e também o autor ressalta que entre o Rio São Francisco e o vale do Cariri, há as fronteiras de 7 estados, essa proximidade, o meio, os habitantes e a facilidade de fugir de um estado para o outro faz com que essa região ofereça segurança aos criminosos. No vale do Cariri não há terra ressequida, ou pastagens secas do sol, mas há o verde e sombra, mas os grandes planaltos impedem a vinda da civilização, segundo Barroso, fazendo com que também as perseguições sejam difíceis, em Pernambuco a presença de criminosos também era alta (BARROSO, 1931). “Fica claro, portanto, que as espacialidades, ou as formas de se perceber e significar os espaços, estão relacionadas com as relações sociais em que está inserido quem os observa e os qualifica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 98). Quase todo o nordeste brasileiro como conhecemos hoje estava entregue ao banditismo, sendo necessário estudos e soluções propícias para colocar essa população no caminho da ordem e do controle.

O professor e historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior destaca que seja no discurso intelectual naturalista, na imprensa do Sul ou no discurso da seca, “o Norte aparece como uma área inferior do país pelas próprias condições naturais”, esse “‘Norte’ é o exemplo do que o ‘Sul’ não deveria ser” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 75). O desenvolvimento de São Paulo que se atribuía a superioridade climática e raça, não deixava dúvidas do futuro: o Norte, automaticamente, ficaria para trás. Apenas quando o naturalismo se torna uma questão, com o surgimento de um olhar novo para o espaço da nação, com uma outra sensibilidade, é possível uma reelaboração das imagens por meio da invenção do Nordeste. Da população à geografia o Norte era desprovido do essencial para ser civilizado. E é a partir desse discurso de pessoas e espaços descontrolados, desregrados e inabitáveis que Barroso ajuda a construir a imagem do sertão e dos sertanejos para o outro ao qual fala, para a imprensa do Sul e para seus intelectuais.

Identifico que falo de uma personagem muito ressaltada pela historiografia que se refere aos primeiros anos da República no Brasil que é o do homem branco e intelectual, contudo quis com a minha dissertação refletir sobre esse lugar que nos parece naturalizado, ou seja, observar como Barroso se constrói como sujeito a partir do discurso

que fala do outro, como demonstrando os defeitos e atrasos do outro, mostra-se civilizado, erudito e pertencente a sua época, diferente do sertanejo que estaria vivendo na época colonial. Compreendi como pertinente demonstrar como a história era escrita por meio das instituições, dos homens de letras e “sciência” no período da primeira república para demonstrar como Barroso constrói sua história não dando a liberdade e o livre-arbítrio ao sertanejo em decorrência de ciências deterministas que defendia. Por meio dessa análise social do discurso, é possível entender o que esse discurso nos passa e porque ele transmite essas informações de determinadas formas, por mais que o próprio discurso traga informações por si mesmo. Mais do que identificar a construção de Barroso por meio do seu discurso quis refletir sobre a sua construção do outro, questionar discursos e dizeres que ainda permeiam a nossa imaginação tanto referente ao espaço como das pessoas, assim como observar que, mesmo usando de suas teorias deterministas e raciais, insere no cangaceiro características do que é ser sujeito, e a partir de Foucault podemos caracterizar o seu sujeito, ou seja, seu protagonismo, sua consciência sobre si e sobre o outro, e seus desejos. Por meio dessa dissertação busquei identificar o protagonismo que esse outro ganha no discurso de Barroso, assim como ganha nome, biografia, características, sentimentos, gostos e medos. O intelectual que quer acusar a vida conforme é levado pelos que a vivem, joga luz para essas pessoas e as torna história do espaço e do tempo.

Com isso, uma das funções da escrita histórica, segundo o historiador Evandro dos Santos, é dissociar as demandas de um grupo social abastado, que, em geral, tem destaque na história escrita, das mais variadas carências materiais e afetivas da comunidade, em sentido mais amplo: “Demonstrar que há outros sujeitos históricos que pertenceram e pertencem a determinado lugar e que ajudam a compor as experiências de diferença que a história tem por objetivo examinar” (SANTOS, 2020, p. 373). É preciso uma história dos sertões vista de dentro, uma história que se conecte com tantas outras áreas, fazer uma historiografia do outro. Para além, do mesmo modo identificar porque os sempre falados são falados, para lhes retirar esse lugar naturalizado de protagonistas e de representação de um espaço como um todo. Dessa forma, Barroso não é lido e exaltado nas suas redes de saberes e no seu círculo social por ser um intelectual conhecido, mas se torna conhecido e intelectual por fazer parte dessas redes e se construir como tal por meio delas.

Não quis com essa dissertação defender o papel do cangaceiro em matar ou roubar, estuprar ou agir pelo medo no outro, apenas por ter em si a liberdade de resistir ao que

não considerava certo. Não tenho qualquer intenção de falar o certo e o errado, pois suas atitudes prejudicaram gerações entre a população sertaneja e mesmo assim ainda há várias comemorações, celebrações e rememorações de seus feitos. Nos aeroportos de algumas cidades nordestinas a primeira coisa que vemos ao desembarcar são frases remetendo ao calor “exagerado” e lojas de enfeites que remetem ao cangaço. Não são poucos os bares litorâneos que carregam a imagem cangaceira, com trabalhadores vestidos a caráter, assim como não são poucos os teatros, rememorações e lojas existentes no interior nordestino que remetem a coragem, a violência (ou valentia?), como demonstração do que é ser homem de verdade. Na escrita de Barroso o cangaço é tido por integrantes facínoras aos descendentes de Robin Hood, todos têm em si uma ação ativa, rostos, corpos e a maioria ganha nomes. O cangaço e seus integrantes não são bons ou ruins, heróis ou bandidos, mas carregam sua voz ativa de fazer o que quiserem com suas próprias vidas, seja entrar no cangaço realizar vingança e sair, seja assumir esse estilo de vida que os tira de um destino fadado ao fracasso. Lembro, que essa voz ativa não é significante de fazer o certo, agir na ética e na moral que defendemos, mas é agir.

Segundo o historiador Albuquerque Júnior (2019) a história deve questionar os discursos que sustentam esse ato comemorativo e práticas que o legitimam e foi isso que fiz nessa dissertação. A comemoração apaga o senso crítico querendo heroicizar personagens e a história quer justamente o oposto. As comemorações trazem consigo viés político e parte também dos historiadores além de se questionarem as práticas e os discursos, porque essa comemoração ainda seria relevante socialmente. Memória enquanto reafirmação de um passado como se ainda fosse possível voltar ao que era e história como fomentadora da mutabilidade do tempo, das experiências sociais. E acrescento a reflexão do professor historiador que é uma memória não homogênea e incompleta, onde o que é memorado e lembrado são os valores que acreditam que o cangaceiro carregue e não seu todo.

O sujeito é uma forma que não é idêntica sempre, um mesmo sujeito age de formas diversificadas a depender da relação ao qual está exposto (FOUCAULT, 2004). Por mais que o cangaceiro, principalmente na obra *Terra de Sol e Heróis e Bandidos* ganhe traços e sentimentos diversos, se tornam representantes do homem pelos valores que trazem consigo a ponto de largarem toda uma vida pacífica, cômoda e conformada, pelo desprezo a desonra e o dever de se vingar, sendo violentos frente ao outro que age “mal”, mas sempre em relação a si ou aos seus. Mesmo carregando os valores do sertanejo, visto que é um, o sertanejo que não é cangaceiro não tem a mesma visibilidade, é vítima dessa

injustiça e não consegue agir contrário a ela por não ter condições para tal, precisando que o outro civilizado venha em seu socorro. Aquele que é passado ao Sul como protagonista, como agente e perspicaz é o cangaceiro, com suas táticas de luta, conflitos ganhos, inteligência nos momentos de fazer acordos e alianças que garantam a sua sobrevivência, ou seja, ao Sul, pela imprensa, obras e notícias, é vinculado que a inteligência e sabedoria sertaneja recaem no banditismo.

Por meio da narrativa da violência e de imagens fixas, Barroso consegue também dar voz a personagens que a usam para exercer a sua liberdade de como querem viver, como escolhem seguir o seu caminho. Não há um amplo leque de escolhas, mas a partir do momento que o homem integra o cangaço faz seu nome, é reconhecido e respeitado, é temido e sua voz passa a ser ouvida, mesmo que seja pelo mando. O sertão homogêneo de Barroso não é tão homogêneo assim, aborda os planaltos, as serras, o verde, as chuvas e a movimentação nas fronteiras. Barroso por mais que não busque, tem em sua narrativa diversos sertões: o da queimada e da seca, onde até mesmo as árvores sentem a dor e a espera por dias melhores, mas também o sertão da abundância quando chove, das serras que favorecem os cangaceiros e que alimenta os gados.

Hoje não mais Norte, mas Nordeste, não mais sertão, mas sertões que ainda tem em sua narrativa várias asperezas desse antigo Norte e que nós, como historiadores, devemos rever esses discursos e encontrar neles o além do óbvio para não reforçarmos discursos estagnados, naturalizados e homogêneos.

REFERÊNCIAS

Fontes:

- BARROSO, Gustavo. Alma Sertaneja. 1 ed. Rio de Janeiro, Benjamin Costallat, 1923.
- _____. Almas de Lama e de Aço: Lampião e Outros Cangaceiros. Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de S. Paulo. 1ª ed. 1928.
- _____. Heróis e Bandidos: Os Cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 2ª ed. 1931.
- _____. Praias e Várzeas/Alma Sertaneja. 3 ed. Rio de Janeiro, J. Olympo, 1979.
- _____. Terra de Sol: Natureza e Costumes do Norte. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 3ª ed. 1930.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do “falo”: Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios. 2013.
- _____. A Invenção do Nordeste e outras artes. 5 ed. São Paulo: Cortez, v. 2.000, 376p, 2011.
- _____. As imagens retirantes: A constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. VARIA HISTORIA, v. 33, p. 225-251, 2017.
- _____. Distante e/ou do Instante: 'sertões contemporâneos', atinômias de um enunciado. In: Alberto Freire. (Org.). Culturas dos Sertões. 1 ed. Salvador: EDUFBA, v. 1, p. 41-57, 2014.
- _____. História e política, ou a arte de fazer escolhas. ESTUDOS IBERO-AMERICANOS (PUCRS. IMPRESSO), v. 45, p. 186-191, 2019.
- _____. Introdução. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, p. 19-39, 2007.
- _____. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século. História. Questões e Debates, Curitiba, v. 18, n.34, p. 89-104, 2001.
- _____. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL, v. 25, p. 21-35, 2019.
- _____. O Tecelão dos Tempos. 1ª ed. São Paulo: Intermeios. 2019.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 15, v. 8, p. 145-152, 1995.

ANDRADE, Juciene Batista Félix. Os sertões em debate: fronteiras, secas e instituições. Projeto História, São Paulo, v. 69, p. 275-311, set./dez. 2020.

ANHEZINI, Karina. Como se escreveu a história do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Varia história. [online], vol.21, n.34, p. 474-483, 2005.

ARALDI VAZ, R.; DIAZ DE VIVAR Y SOLER, R. Por uma história malcomportada: a historiografia antidisciplinar de Michel Foucault. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 14, n. 36, p. 465–480, 2021. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1717>. Acesso em: 28/06/2022.

ARAÚJO, Valdei Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. História da Historiografia, n. 12, p. 34-44, 2013.

_____. Sobre o lugar da história da história da historiografia como disciplina autônoma. Locus Revista de História. Juiz de Fora. v.12, n.1, p.79-94, 2006.

ARRUDA, Gilmar. Cidades e Sertões: entre a história e a memória. EDUSC, Bauru SP, 1ª ed., 2000.

BALABAN, Marcelo. Resenha. Reflexões sobre a história da historiografia. Revista História da Historiografia. n. 8, v. 5, p. 217-224, 2012.

BAPTISTA, Francisco das Chagas. *História completa de Antonio Silvino: sua vida de crimes e seu julgamento*. 5 ou 6 ed. Rio de Janeiro: H Antunes e Cia. 1960.

BAPTISTA, Pedro. Cangaceiros do Nordeste. Natal: Sebo Vermelho Edições. Edição fac-similar. 2011.

BEIRED, José Luís B. Os campos intelectuais: autoimagem e configuração. In: Sob o signo da nova ordem – intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BONATO, Tiago. O olhar, a descrição: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagens do final do período colonial (1783-1822). Dissertação de Mestrado. (CEDOPE) Departamento de História – UFPr, Curitiba. Lido: primeira parte p. 8-33, 2010.

CALDEIRA NETO, Odilon. Gustavo barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e a escrita de si. Cadernos do Tempo Presente. UFS, n 14, p. 44-56, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. Viajando o Sertão. 3 ed. Natal, CERN, 1984.

CERQUEIRA, Erika Moraes. O passado que não deve passar: história e historiografia em Gustavo Barroso. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP, Mariana, 2011.

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CLEMENTE, Marcos Araújo. Cangaço e cangaceiros: Histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. *Fênix - Revista De História E Estudos Culturais*, p. 1-18, 2007.
- _____. Ordem e desordem: campanhas de repressão ao cangaço e as formas do poder republicano na década de 1920. *Revista História & Perspectivas*, v. 26, n. 49, p. 135-174, 2014.
- _____. Terra Ignota: Cangaço e representações dos sertões do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. Dossiê. Outros Tempos (revista eletrônica). vol. 10, n.15, p.100 -121. 2013.
- COUTINHO, David B. Memórias de um chefe da milícia verde: A trajetória de Gustavo Barroso e o integralismo. In: XX encontro Regional de História – ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, Anais eletrônicos, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338316605_ARQUIVO_MemoriadeGustavoBarroso-Completo2.pdf. Acesso em: 30/09/2021.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 3 ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Laemmert & C., 1905.
- DANTAS, Elynaldo Gonçalves. Os (In)Desejáveis: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920). Tese de Doutorado. UFC/Fortaleza. Programa de Pósgraduação em História Social, 2021.
- DIAS, Pedro Lotti Carvalho. O intelectual brasileiro e o argumento do cangaço na década de 1930. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 73, p. 228-247, ago. 2019.
- DIEHL, Astor A.. *Do método Histórico*. 2ª ed. Universidade de Passo Fundo – UPF. Rio Grande do Sul. 112p. 2001.
- EL-JAICK ANDRADE, Débora. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. *Revista História & Perspectivas*, v. 1, n. 35, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 7 ed. Forense Universitária: RJ, 2008.
- _____. A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade. In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancaurt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984) *Concórdia Revista Internacional de Filosofia*. N 6. Julho-dezembro de 1984.
- _____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2006.
- _____. *A Ordem do discurso*. Ed. Loyola, São Paulo, 3ª ed. 1996.
- _____. *O governo de si e dos Outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1ª ed. 2010.

_____. O que é um autor? In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ª ed. p. 264-298, 2009.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes. 20ª ed. 1999.

FRAGOSO, João; GOUVEA, Maria de Fátima. *O Brasil Colonial 1443-1580*. 1ª ed., vol. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.

GOMES, Angela de Castro., ABREU, Martha. C. A nova "velha" República: um pouco de história e historiografia. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 13, p. 11-24, 2009.

GOMES, Angela de Castro. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: Alda Heizer e Antônio Augusto Passos Videira. (Org.). *Ciência, civilização e República nos trópicos*. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad, v. 1, p. 11-29, 2010.

_____. População e sociedade: Em Marcha para o Oeste, o Brasil e a utopia da conquista dos sertões. In: Angela de Castro Gomes. (Org.). *Olhando para dentro: 1930-1964*. 1ed. Rio de Janeiro: Objetiva, v. 1, p. 41-90, 2013.

_____. Primeira República no Brasil: uma história da Historiografia. In: MOURÃO, Alda ; GOMES, Angela de Castro. (Org.). *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*. 1ed.Coimbra/Rio de Janeiro: Imprensa da Universidade de Coimbra/Editora FGV, 2014, v. 1, p. 55-94.

GOMES, Angela de Castro., FERREIRA, Marieta de Moraes. Primeira República: um balanço historiográfico. *Estudos Históricos - RJ*. v 2, n 4, p. 244-280, 1989.

GUIMARÃES, Lúcia M. P.. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: Guimarães, L. M. P.; Gonçalves, M. Almeida; Neves, Kucia M. B. P. das; Gontijo, Rebeca. (Org.). *Estudos de historiografia brasileira*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 1, p. 19-35, 2010.

GUIMARÃES, Manoel L. S.. Historiografia e cultura histórica. *Ágora (UNISC)*, v. 11, p. 31- 47. 2005.

LIMA, Nísia Trindade. Capítulo 6: Utopia sociológica substitui utopia higienista. *Um Sertão Chamado Brasil*. 2. ed. Hucitec, v. 1, 2013.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. *História Unisinos*, v. 12, p. 262-270, 2008.

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. *Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais*. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Manuela Editora Ltda (A Girafa), 2013.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um “outro” geográfico. *Terra Brasilis* [Online], 4 – 5. 2003, posto online no dia 05 Novembro 2012. Acesso em: 13/12/2020.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. No Norte da Saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo: Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2006.

_____. Terra de Sol: entre Deus e o Diabo. *Trajetos (UFC)*, v. 4, p. 185-204, 2006.

MURARI, Luciana. Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'Os sertões. 1. ed. São Paulo; Belo Horizonte: Annablume; Fapemig, v. 1, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politeia, Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. Caridade e Controle Social na Primeira República (Fortaleza, 1915). *ESTUDOS HISTORICOS (RIO DE JANEIRO)*, v. 53, p. 115-133, 2014.

_____. O Nordeste e a Historiografia Brasileira. *Ponta de Lança (UFS)*, v. 5, p. 6-24, 2012.

NICOLAZZI, Fernando. História, nação e identidade: alguns comentários. *Diálogos, Maringá/PR*, v. 8, n.1, p. 67-76, 2004.

_____. O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. *Leitura de Os Sertões. Anos 90 (UFRGS. Impresso)*, v. 17, p. 261-285, 2010.

_____. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. *Revista História Hoje*, 8(15), 203–222. 2019.

_____. Representação e distância: naturalismo, linguagem e alteridade na escrita de Os sertões. In: Nicolazzi, Fernando; Peireira, Mateus Henrique de Faria; Silva, Ana Rosa Clochet da. (Org.). *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2014, v. 1, p. 241-283.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A natureza na interpretação do Oeste: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: Silva, Sandro Dutra e; DE SÁ, Dominichi Miranda; Romero Sá, Magali. (Orgs.), *Vastos Sertões: História e Natureza na Ciência e na Literatura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, p. 21-40, 2015.

OLIVEIRA, Maria da Glória; GONTIJO, Rebeca e FRANZINI, Fábio. Ordering time, nationalizing the past: temporality, historiography and Brazil's formation. *Historia*, v. 17, p. 1-37, 2018.

OLIVEIRA, Maria da Glória; GONTIJO, Rebeca. Os protagonistas da História: o indivíduo como problema historiográfico no Brasil, século XIX e início do XX. In: VENANCIO, Giselle., VIANA, Larissa., SECRETO, Maria Verónica (Orgs.). *Sujeitos na História: Perspectivas e abordagens*. Niterói: Eduff, 2018.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Quando será o decolonial? Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo. *CAMINHOS DA HISTÓRIA (UNIMONTES)*, v. 27, p. 58-78, 2022.

ORLANDO, Artur. Zonas Geográficas Brasileiras. *RIHGSP* (acervo eletrônico). (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo). v.13 p. 311-328. 1908.

QUELUZ, Gilson Leandro., BABINSKI, Karla Souza. Gustavo Barroso: Eugenia e Nacionalismo autoritário. *Intellectus – UERJ - RJ*. v 16, n 1, p. 152-176, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Editora CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p. 117-142, 2005.

RABINOW, Paul., DREYFUS, Hubert. Sujeito e o poder. In: *Michel Foucault - Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo da hermenêutica*. SP/RJ: Forense Universitária, 1ªed., 1993.

RAMOS FILHO, Vagner S. “Lampião: nem bandido, nem herói, ele é história”? – Contradições do cangaço como patrimônio cultural nordestino. III seminário de História do tempo presente. Florianópolis SC: UDESC, 16 f. 2017.

RAMOS, Francisco Régis. L.; MAGALHÃES, Aline Montenegro. A lição da pedra: usos do passado e cultura material. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 6, n. 13, p. 96–113, 2013.

REIS JÚNIOR, Darlan; ARAÚJO, Fatiana Carla. As letras e a luta social no século XIX: por uma História Social dos Sertões. In: Darlan Reis Junior; Ana Sara Cortez Irffi; Maria Arleilma de Sousa; Antônio José de Oliveira. (Org.). *História Social dos Sertões*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018, v. 1, p. 85-98.

RIBEIRO, Vinicius Ferreira. A historiografia do cangaço revisitada: três matrizes interpretativas. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Goiás (UEG), Morrinhos – GO, 2021.

RICUPERO, Bernardo. A Nação como problema. In: *O Romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo, Martins Fontes, p. 3-44, 2004.

SANTOS, Evandro. Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e velhas epistemologias. *Saeculum (UFPB)*, v. 24, p. 441- 452, 2019.

_____. Memória, escrita de si e identidade nos sertões: ensaio sobre a busca por novas alteridades nas fronteiras. *PROJETO HISTÓRIA (PUCSP)*, v. 69, p. 347-381, 2020.

SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão; NICODEMO, Thiago Lima; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 30, n. 60, janeiro-abril. p.161-186. 2017.

SANTOS, Rafael M. R. O pensamento de Domingo Sarmiento na formação da nação argentina. *Boletim Historiar*, v 5, n 4, p. 3-12, 2018.

SARAMAGO, Victória. O sertão ao redor do mundo: escritos portugueses do século XVI. In: SILVA, Sandro Dutra; DE SÁ, Dominichi Miranda; ROMERO SÁ, Magali. *Vastos Sertões: História e Natureza na Ciência e na Literatura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, p. 231-245, 2015.

SCHAMA Simon. Introdução. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SCHEIDT, Déborah. Um olhar além: o sertão brasileiro e o outback australiano comparados. *Revista de História Regional* 15(2): Inverno, p. 76-94, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Gislaine F., MACHADO JÚNIOR, Sérgio S. A construção do sujeito em Michel Foucault. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 7, n. 1, p. 200-210, 2016.

SIQUEIRA, Ana Maria A. Gênese do herói bandido na literatura sertaneja. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*. n 31, p. 151-176, 2009.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. Capistrano de Abreu e Friedrich Ratzel na história da ocupação dos sertões brasileiros. In: Silva, Sandro Dutra; de Sá, Dominichi Miranda; Romero Sá, Magali. *Vastos Sertões: História e Natureza na Ciência e na Literatura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, p. 159-176, 2015.

SOUZA, Candice V. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. 1ª ed. Goiania: Ed. Da UFG, p. 35-83 e p. 135-158, 1997.

VASCONCELOS, Claudia P. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia, p. 13, 2006.

VELLOSO, Monica P. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: CPDOC, 1987.

VILLELA, Jorge Mattar. Banditismo Rural e administração da segurança no Brasil da Primeira República. RURIS, v 9, n 2, p. 63-89, 2015.

WIESEBRON, Marianne L. Historiografia do Cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional e internacional. Revista Ciência e Trópico (revista eletrônica). v. 24, n. 2, p. 417- 444, 1996.